

«Um *thriller* absolutamente impossível de largar...»

REESE WITHERSPOON

A CASA ENTRE OS PINHEIROS

ANA REYES

Singular





© Christopher Brown

ANA REYES estudou na Louisiana State University e na University of Massachusetts. Os seus textos têm sido publicados em múltiplas revistas, como a Bodega, *Pear Noir!*, e *The Delta Review*. Vive atualmente no Massachusetts, onde ensina Escrita Criativa.

A Casa entre os Pinheiros

Ana Reyes

Publicado por:

Singular®

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

The house in the pines

© 2023, Ana Reyes

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: © Sarah Oberrender

Imagens da capa: © Paul Sheen / Trevillion Images; Shutterstock.com

1.ª edição em papel: fevereiro de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-023-9

Para Bonk, mãe, pai, Bubba, Brian e Hilda

PRÓLOGO

Nas profundezas do bosque, há uma casa que facilmente passa despercebida.

Na verdade, a maioria das pessoas, após um olhar, insistiria que ela lá não está. E não estariam errados, pelo menos completamente. O que se vê são os restos de uma casa – as fundações desfeitas, cobertas de ervas daninhas. Uma casa há muito abandonada. Mas olhem com mais atenção para o chão, aqui, para este cimento marcado pelo sol e pelo gelo. É onde fica a lareira. Se olharmos com atenção, surgirá uma faísca. E se soprarmos, a faísca transformar-se-á num lume, uma luz quente nesta floresta escura e fria.

Se nos aproximarmos, saindo do frio, o fogo torna-se mais forte e o fumo vai-nos para os olhos, uma nuvem de fumo com cheiro a pinho queimado, que se torna mais doce, um cheiro de perfume, e depois mais suave, o cheiro do casaco da nossa mãe. Ela está a falar baixinho na sala ao lado. Viramo-nos e aqui vêm as paredes, timidamente, como veados a emergir de entre as árvores. O cimento gelado torna-se um tapete. Descalcemo-nos, fiquemos um pouco. Lá fora o vento começa a soprar com mais força e ouve-se um som ritmado, estalidos próximos e rápidos. Devem ser as janelas a bater nos caixilhos. Caem do céu leves flocos de neve, cobrindo esta acolhedora habitação. Aconchegando-a para dormir. «Boa noite, casinha, e boa noite, galinha.» Lembras-te? Por uma vez, não há razão para sair da cama, não há ninguém para perseguir, ninguém de quem fugir. Da cozinha chega-nos o cheiro da casa, os sons de um refogado. O mundo foi assim, em tempos, antes da primeira cólica, do primeiro escaldão, de nos perdermos pela primeira vez. E é por isso que o fazemos. «Boa noite, ninguém, boa noite, assobio. E boa noite para a velhinha que nos diz: “Chiu.”»

É melhor dormirmos bem esta noite, porque, quando acordarmos, a casa já cá não estará.

UM

Maya ainda não sabia, mas o vídeo já começara a circular nas redes sociais. Seis minutos de imagens granuladas, filmadas por uma câmara de segurança, estranhas e perturbadoras o suficiente para acumularem alguns milhares de visualizações no dia em que foram publicadas, mas não tão macabras que se tornassem virais, não horríveis o suficiente para inspirar visualizações repetidas. Pelo menos, para a maioria das pessoas. Para Maya, no entanto, a existência daquele vídeo deitaria por terra tudo o que construía nesses últimos anos, aquela vida por vezes descuidada, mas essencialmente sólida, partilhada com Dan, que ressonava baixinho ao seu lado na cama.

Ela ainda não vira o vídeo porque andava a evitar todos os ecrãs, para que a luz azul não lhe causasse insónias. Tentara tudo para dormir: anti-histamínicos, melatonina, contar para trás de cem até um. Virara o relógio para a parede, tomara um banho e xarope para a tosse, mas nada ajudara. Era a sua terceira noite seguida de insónias. Mudara-se para a casa de Dan no princípio do mês e já conseguiria facilmente desenhar de memória o feitio de todas as manchas de humidade no teto. As linhas bifurcadas de cada racha.

Maya virou-se de lado e pensou que tinha de arranjar umas cortinas. O aquecedor aos pés da cama emitiu estalidos, um som metálico que normalmente lhe agradava, mas que agora a irritou. Afastou as mantas, levantou-se da cama e vestiu uma camisa de flanela por cima da roupa interior. O apartamento estava frio, o aquecimento central era apenas parcialmente eficaz, mas ela tinha a pele húmida de suor.

O chão de madeira fresco soube-lhe bem nos pés descalços ao percorrer o corredor escuro, passando pelo outro quarto, no qual tinham apenas a bicicleta de exercício que ela e Dan haviam comprado na Craigslist. Maya

nunca se esforçara muito por decorar nenhum dos apartamentos que partilhara com os vários colegas de casa que tivera desde a universidade – nem *posters*, nem molduras com fotografias, nem sequer uma almofada decorativa –, mas ultimamente dava por si a passar pelo T.J. Maxx depois de sair do trabalho no centro de jardinagem Kelly, do outro lado do parque de estacionamento, à procura da secção de decoração. A comprar mesinhas de apoio, tapetes, e outras coisas para as quais na realidade não tinha dinheiro.

Maya tinha planos para este apartamento. Estava decidida a torná-lo num lar.

Faltava pouco para o nascer do dia e uma luz cinzenta e invernosa incidiu sobre outras compras recentes na sala de estar: a mesinha baixa para substituir a que o colega de casa de Dan levava consigo ao partir. Novas prateleiras para os muitos livros que ela trouxera, a juntar aos de Dan. Um sofá novo (para eles), de veludo verde-escuro. E na parede por cima do sofá a única peça de decoração que ela trouxera consigo, a única arte a que se agarrara durante os últimos sete anos.

Uma tapeçaria maia, mais ou menos do tamanho de uma toalha de banho. Desenhos vermelhos, amarelos, verdes e azuis, formando filas interligadas de símbolos que pareciam flores e cobras. Para Maya, era mais do que decoração. Não sabia exatamente o que significavam os símbolos, mas sabia que algures, nas montanhas da Guatemala, viviam pessoas que os conseguiam decifrar. Passou pela tapeçaria, às escuras, a caminho da cozinha.

No lava-louça estavam os pratos sujos da noite anterior, salpicados de molho à bolonhesa. Ela adorava cozinhar com Dan na sua nova cozinha, e a comida cheirava deliciosamente, a alho e tomates maduros, mas não lhe soubera muito bem. Ou talvez ela não estivesse com fome.

Ou talvez o seu estômago estivesse apertado como um punho. Dan perguntara-lhe se estava tudo bem e ela respondera-lhe que sim, mas era mentira. Abriu um armário, afastou canecas, copos de água e de vinho e por fim encontrou aquilo que procurava. Um copo de *shot*, de apenas trinta mililitros. Beberia apenas isso, prometeu a si própria, e a sequência de fotografias presa ao congelador com um íman recordou-lhe porquê.

As fotos eram do último Halloween, tiradas numa cabina de fotografias instantâneas no bar onde tinham passado a noite, a dançar com amigos. Maya mascarara-se de «Bruxa Fada», uma personagem que inventara ao vasculhar a Goodwill em busca de uma máscara, em cima da hora. Tinha um par de asas brilhantes, um chapéu preto bicudo, um vestido azul com lantejoulas na gola e, sem saber bem como, conseguira com isso o segundo lugar no concurso de máscaras.

Dan ia de Max, do filme *O Sítio das Coisas Selvagens*. Não fora fácil encontrar um fato inteiro cinzento onde ele conseguisse enfiar a estatura corpulenta, muito menos de produção ética, mas Dan começara à procura com muito tempo de antecedência. Depois cosera uma cauda felpuda ao traseiro e fizera uma coroa de cartolina dourada reciclada.

Eles os dois pareciam opostos, em muitos aspetos; ela era pequena e esguia e surpreendentemente atlética para alguém que nunca praticara qualquer desporto, enquanto ele era alto e parecia uma pessoa que adorava comer – e era. Tinha olhos azuis e tez clara, com uma barba castanho-clara curta e óculos, enquanto ela era morena e de etnicidade ambígua. As pessoas achavam sempre que ela era indiana, turca, mexicana ou arménia. Na realidade, era metade guatemalense, um quarto irlandesa e um quarto italiana. O cabelo preto e denso e as maçãs do rosto altas dos antepassados maias conviviam no seu rosto com o queixo redondo e o nariz arrebitado dos irlandeses. Ela e Dan podiam parecer opostos, mas se uma pessoa olhasse com atenção para as fotografias, veria que havia algo na postura de

ambos – uma ligeira inclinação da parte de Dan em direção a ela, uma tendência para se esticar do lado de Maya, como que para ir ao encontro dele. Pareciam felizes. E ela parecia embriagada – não perdida de bêbada, mas quase.

Tirou uma garrafa de *gin* do congelador. O vapor branco ergueu-se do gargalo num redemoinho quando ela rodou a tampa e encheu o pequeno copo até cima. Ergueu-o – *À nossa!* – para os rostos sorridentes nas fotografias e fez uma promessa a si própria: amanhã de manhã contaria a Dan por que razão andava tão estranha nos últimos dias, porque é que não conseguia dormir nem comer. Dir-lhe-ia que estava a passar pela síndrome de abstinência do clonazepam¹.

O problema era que Dan nem sequer sabia que Maya andava a tomar clonazepam. Quando se tinham conhecido, ela já o tomava todas as noites para dormir. Não era nada de grave – em tempos idos, até tivera uma receita; porque havia de mencionar uma coisa dessas ao namorado?

Antes de Dan, nunca tivera nenhuma relação mais longa do que um mês. Mas depois um mês com Dan estendeu-se a três e, quando deu por ela, tinham passado dois anos e meio.

Como havia de lhe explicar porque esperara tanto tempo? Ou porque começara sequer a tomar os comprimidos?

E o que pensaria Dan quando soubesse que os comprimidos não vinham de uma farmácia, mas sim da sua amiga Wendy?

Maya racionalizara a sua dependência do medicamento de tantas maneiras, dizendo a si própria que não era uma mentira, apenas uma omissão; que tinha os comprimidos num frasco de aspirina na mala por uma questão de conveniência, não para os esconder. Sempre tencionara deixar de os tomar e depois, garantira a si mesma, quando esse hábito tivesse ficado para trás, contaria a Dan.

Mas os pequenos comprimidos amarelos tinham-se acabado e Wendy, uma amiga do tempo da universidade, não estava a atender as chamadas dela. Maya tentara uma dezena de vezes, mandara-lhe SMS, *e-mails*, telefonara. Ela e Wendy tinham continuado próximas durante alguns anos após o fim do curso, em grande medida porque ambas continuavam a viver perto da universidade e ambas gostavam de festas. Raramente se encontravam durante o dia, mas bebiam juntas várias noites por semana. No entanto, agora que Maya reduzira o consumo de álcool, viam-se cada vez menos; em retrospectiva, apercebeu-se de que os seus *brunches* mensais se haviam tornado literalmente um encontro de negócios: cinquenta dólares por noventa miligramas de clonazepam.

Seria por isso que Wendy não lhe retribuía as chamadas?

À medida que os sintomas de abstinência de Maya se agravavam – insónias, um ardor no cérebro, a sensação de formigas a rastejarem-lhe sob a pele –, começou a perguntar-se se Wendy saberia como isso seria horrível.

Maya não sabia. O psiquiatra que lhe receitara a medicação sete anos antes, o doutor Barry, não mencionara nada sobre adição. Dissera-lhe que os comprimidos a ajudariam a dormir, o que de facto acontecera – mas apenas durante algum tempo. À medida que os meses passavam, ela começou a precisar de tomar cada vez mais para obter os mesmos resultados, e o doutor Barry sempre se mostrara disposto a fazer-lhe a vontade, aumentando a dosagem com um gesto da caneta – isto até Maya concluir a universidade e perder o seguro de saúde. Assim que deixou de conseguir pagar as sessões, viu-se privada das receitas e só então se apercebeu de que já não conseguia dormir sem os comprimidos.

Felizmente para ela, Wendy também tinha uma receita e não confiava muito no sistema de saúde mental estabelecido. Não tomava nenhum dos medicamentos que o médico lhe passava, preferindo vendê-los ou trocá-los por outras drogas. Maya comprava clonazepam a Wendy há três anos, desde

que acabara o curso, sempre prometendo a si própria que ia acabar com aquilo. Não esperava que fosse fácil, mas a gravidade da abstinência apanhara-a desprevenida, e procurar os sintomas no Google não ajudara nada. Insónia, ansiedade, tremores, espasmos musculares, paranoia, agitação – com isso, ela conseguia lidar. O que a assustava era a possibilidade de ter alucinações.

Teve de recorrer a toda a sua força de vontade para tapar a garrafa de *gin* e voltar a guardá-la no congelador. Foi à casa de banho e bebeu um trago de xarope para a tosse, fazendo uma careta ao engolir. Sob a luz fraca que entrava pela janela alta de vidro fosco, o seu reflexo fantasmagórico no espelho devolveu-lhe a careta. Estava pálida, com a pele húmida, as órbitas como crateras. A abstinência tirara-lhe a fome e Maya reparou que estava a perder peso, que tinha os ossos das maçãs do rosto e as clavículas mais pronunciados. Fez um esforço para relaxar o maxilar.

Na sala, deixou-se cair no sofá e despiu a camisa de flanela suada. Acendeu o candeeiro de leitura e tentou perder-se num livro, um policial do qual estava a gostar, mas deu por si a reler o mesmo parágrafo. O silêncio parecia estridente. Dentro de pouco tempo a rua lá fora ecoaria com as vozes das pessoas a caminho do comboio da Linha Verde, e com o som de portas a bater, quando elas entravam nos carros estacionados junto do passeio.

Ouviu passos, virou-se e viu Dan emergir das sombras do corredor. Parecia ainda meio a dormir, com o cabelo espetado da almofada. Estivera acordado até tarde, a estudar para os exames do terceiro ano de Direito.

Ambos tinham vinte e cinco anos, mas Dan estava a fazer mais com a sua vida, ou pelo menos assim parecia a Maya. Dentro em breve concluiria o doutoramento, faria o exame da Ordem e começaria à procura de trabalho, tarefas que ela não invejava. O que invejava era a confiança que ele tinha em si próprio. Queria ser advogado ambientalista, um objetivo para o qual

trabalhava desde que ela o conhecia, enquanto ela tinha um emprego no centro de jardinagem, a cuidar dos clientes e das plantas, desde que terminara a licenciatura na Universidade de Boston.

Não que considerasse o seu emprego inferior, mas por vezes receava que Dan pensasse assim, ou que desdenhasse a sua aparente falta de motivação. No início da relação, dissera-lhe que queria ser escritora e ele apoiara-a; de vez em quando abordava o assunto e perguntava-lhe quando é que podia ler o trabalho dela. Mas a verdade era que Maya não escrevia nada desde o último ano da universidade.

E, ultimamente, ele deixara de perguntar, como se já não acreditasse que ela alguma vez daria seguimento a esse plano.

Dan fitou-a de olhos franzidos, na penumbra. Maya estava sentada no sofá em roupa interior, enquanto ele vestia calças de fato de treino, meias de lã e uma camisola de manga comprida.

– Olá... – disse ele, com a voz entaramelada do sono. – Está tudo bem?

Maya fez que sim com a cabeça.

– Não conseguia dormir.

Mas Dan não era estúpido. Era, na verdade, extremamente inteligente – uma das coisas que ela amava nele. Sabia que se passava alguma coisa e ela queria contar-lhe o que era – prometera a si própria que o faria –, mas claro que esta não era a melhor altura. (Outra vez.) Levantou-se do sofá, pôs a camisa de flanela pelos ombros, atravessou a sala e pousou a mão no braço dele.

– Ia agora mesmo voltar para a cama. – Ergueu os olhos para o rosto ensonado de Dan e depois virou-os para o quarto, atrás dele.

Era difícil dizer quando é que o quarto ficara naquele caos. Nenhum dos dois era naturalmente organizado, mas conseguiam manter a sala de estar e a cozinha em condições. No entanto, como as visitas nunca precisavam de entrar no quarto deles, Maya e Dan deixavam as roupas pelo chão, canecas

e copos de vinho sujos por todo o lado e livros espalhados, e ultimamente tinha piorado. A confusão nunca a incomodara, mas agora o quarto, de maneira perturbadora, parecia-lhe o interior da sua cabeça.

Deitou-se, fechou os olhos e Dan emitiu um som, como se fosse dizer alguma coisa. Ela esperou. Esperou até ele adormecer e a sua respiração abrandar.

*

O sonho começou logo. Num momento Maya estava a ouvir a respiração de Dan, no outro dirigia-se para a cabana de Frank. Acordada, esquecera-se do local, mas a dormir sabia o caminho de cor: por um trilho estreito no meio do bosque, depois por cima de uma ponte, até à clareira do outro lado. A cabana ficava na clareira, rodeada por um círculo de árvores. No alpendre estavam duas cadeiras de baloiço vazias. A porta estava trancada, mas, no sonho, Maya tinha sempre a chave.

Entrou, não porque quisesse, mas porque não tinha escolha. Uma parte dela – a parte que sonhava – insistia em ali voltar, noite após noite, como se houvesse alguma coisa que lá tinha de fazer. Algo que tinha de compreender. O lume crepitava alegremente na lareira alta de pedra. A mesa estava posta para dois: duas tigelas, duas colheres, dois copos ainda por encher. O jantar borbulhava num tacho no fogão, um guisado qualquer. Carne e rosmaninho, alho e tomilho – o cheiro era delicioso; e ela sentiu o corpo começar a relaxar, a abrandar, ao mesmo tempo que o terror lhe brotava das entranhas e enrolava as suas gavinhas no coração dela.

Não parecia um sonho.

Sabia que Frank estava ali. Estava lá sempre. O riacho corria suavemente do outro lado da janela, um som sereno, mas Maya sabia que não era bem assim. Havia ali perigo, à espreita por baixo da superfície das

coisas, entretecido no material daquele lugar. Perigo naquele conforto, naquele calor. Perigo até no som do riacho, no seu gorgolejar suave – que estava a tornar-se mais intenso. O som de água a correr sobre as pedras, rítmico e insistente, ficou mais alto e mais nítido, até parecer estar a falar com ela, as palavras a virem à superfície do borbulhar constante, desaparecendo contudo antes que conseguisse apanhá-las.

Maya escutou, tentando compreender, até perceber que não era o rio que falava com ela. Era Frank.

Estava de pé atrás dela, a sussurrar-lhe ao ouvido. Todos os pelos do seu corpo se eriçaram. O coração martelou-lhe no peito e o terror guinchou-lhe aos ouvidos enquanto ela se virava, muito devagar...

Abriu os olhos, encharcada em suor.

Era raro lembrar-se dos sonhos ao acordar e, quando se lembrava, tinha regra geral apenas uma impressão vaga, mas desde que tomara o último clonazepam o seu sono tornara-se cada vez mais fraturado e os sonhos mais vívidos, deixando para trás uma bruma de pavor. Estendeu a mão para o relógio e virou-o para si. 05h49. Com cuidado para não acordar Dan, levantou-se uma vez mais da cama, pegou no computador portátil que estava em cima da secretária e dirigiu-se para a sala de estar em bicos de pés.

Abriu uma *playlist* de sons tranquilizantes da natureza e a receita de bolo de chocolate alemão da sua mãe. Nessa noite, ela e Dan iam fazer uma viagem de carro de duas horas até Amherst, para o aniversário da mãe dele. Normalmente, Maya estaria ansiosa pela ocasião – gostava dos pais de Dan e oferecera-se (antes de se lhe acabarem os comprimidos) para fazer um bolo para a mãe dele –, mas agora perguntou a si própria como aguentaria até ao fim do jantar, onde estariam apenas os quatro, sem que os pais dele se apercebessem de que havia algo errado.

Queria a aprovação deles. Da primeira vez que os conheceu, o pai de Dan achava que seria engraçado falar com ela em espanhol, o que foi embaraçoso porque o espanhol de Maya era uma vergonha. Parecia uma qualquer nativa de inglês que aprendera a língua na escola – as vogais demasiado longas, os verbos nos tempos errados –, enquanto o pai de Dan conseguia enrolar os *r* na perfeição. «Desculpe», pedira-lhe ela em inglês; desde então que tentava redimir-se aos olhos dos pais de Dan.

Tal como o filho, Greta e Carl eram inteligentes. Intelectuais. Ela era fotojornalista, ele era professor do quinto ano e poeta multilingue. Maya queria que eles gostassem dela, mas, sobretudo, queria ser como eles. Não tencionava trabalhar no centro de jardinagem para sempre. Queria dizer-lhes que o seu pai também fora escritor, embora a mãe trabalhasse na cozinha de um centro de reabilitação de luxo, a fazer pão.

Porém, se o fizesse os pais de Dan queriam saber mais sobre o pai dela, que morrera antes de Maya nascer. E sempre que ela contava aquilo a alguém gerava-se um momento constrangedor, enquanto as pessoas procuravam a coisa certa para dizer, e tudo o que não queria nessa noite era mais embaraços.

Diria apenas que andava a sentir-se em baixo. Era verdade. Podia disfarçar as olheiras e tentar não se agitar constantemente. Sorriria, não um sorriso demasiado aberto nem demasiado pequeno, e ninguém saberia quão pouco ela dormira.

Esfregou as têmporas e tentou concentrar-se nos sons da cascata que saíam das colunas. Escreveu os ingredientes de que precisava. Coco ralado, soro de leite, nozes-pecãs. Depois, sem capacidade de concentração para pegar num livro, foi ao YouTube e passou os olhos pelos muitos canais que subscrevia. Precisava de qualquer coisa para se distrair das ânsias que lhe atormentavam o cérebro, algo concebido para lhe captar a atenção e a agarrar.

Maya não estava em nenhuma rede social. Os amigos consideravam isso uma excentricidade, Dan afirmava que era reconfortante, e ela conseguira convencer-se de que se tratava de alguma forma de posição, de uma afirmação que fazia. Talvez fosse, em certa medida, mas a verdade era mais complicada e não o tipo de coisa em que Maya devia estar a pensar nesse momento, quando já tinha a ansiedade a rebentar a escala.

Viu um vídeo curto sobre uma gata que criara sozinha um *beagle* órfão, depois outro de um *Boston terrier* com talento para andar de *skate*. Maya não tinha fotografia de perfil, nem qualquer tipo de informação que a identificasse *online*, mas claro que isso não impedia que recebesse publicidade dirigida e recomendações.

Mais tarde, perguntar-se-ia se fora por isso que o vídeo lhe aparecera no ecrã. «Rapariga morre em vídeo.» Claro que clicou. Segundo a legenda, os seis minutos de imagens granuladas eram uma filmagem de segurança de um restaurante em Pittsfield, Massachusetts, a cidade natal de Maya. Apesar de parecer que era dos anos cinquenta, o restaurante devia ser relativamente novo, já que ela não o reconhecia. Uma fila de mesas com bancos corridos de costas altas, quase todas vazias, encostadas a uma parede de janelas. Parecia ser meio do dia. O vídeo era a cores, mas a qualidade era má e parecia deslavado. O chão aos quadrados pretos e brancos. Imagens de carros clássicos nas paredes. Os únicos clientes eram uma família de quatro e dois homens mais velhos a beber café.

A câmara estava apontada para a porta de entrada, de modo a poder captar um criminoso que entrasse de arma em punho, ou que fugisse com a caixa registadora, mas não foi isso que a câmara apanhou. Em vez disso, quando a porta se abriu, mostrou o que parecia ser um casal vulgar: um homem na casa dos trinta e uma mulher ligeiramente mais nova. A mulher parecia-se um pouco com Maya, rosto redondo, testa alta, olhos grandes e escuros.

O homem era Frank Bellamy.

Quanto a isso, Maya não tinha a mais pequena dúvida. Não o via há sete anos, mas o queixo pequeno e o nariz ligeiramente torto eram inconfundíveis. O passo descontraído e o cabelo revoltado. O vídeo apagava quaisquer sinais de envelhecimento do rosto dele, fazendo com que lhe parecesse exatamente como ela se lembrava. Como se não tivesse passado tempo nenhum. Viu o casal sentar-se numa das mesas e pegar nas ementas plastificadas. Uma empregada aproximou-se com um jarro de água e tomou nota do pedido deles sem precisar de o escrever.

O que aconteceu a seguir parecia ser uma conversa normal entre Frank e a mulher, só que Frank era o único a falar. A mulher ouvia-o. Estava inclinada na direção da câmara, com o rosto visível, enquanto ele pendia ligeiramente para o lado oposto, pelo que a câmara apanhava apenas a sua orelha direita, a face e o olho desse lado, e o canto da boca enquanto ele falava.

Tentáculos gelados apertaram o coração de Maya.

Muitas pessoas provavelmente já teriam parado de ver por essa altura, pois o vídeo ia nos cinco minutos e não acontecera praticamente nada. Nem sequer o *clickbait* do título seria suficiente para manter a atenção da maioria a partir de certo ponto. Quem publicara o vídeo podia ter optado por o editar, deixando de fora aquela longa conversa unilateral que Frank tivera com a mulher, mas talvez isso fosse necessário para mostrar que o que aconteceu a seguir foi realmente inesperado.

Maya inclinou-se mais para o ecrã, para tentar interpretar a expressão no rosto da mulher. Ela parecia apenas vagamente interessada no que Frank dizia, o rosto relaxado, impassível, sem qualquer indicação do que estava a pensar. Frank podia estar a contar-lhe uma história, desprovida de humor, pelos vistos, sem qualquer elemento de surpresa. Ou talvez lhe estivesse a dar instruções. Ou indicações para um lugar distante.

Ela podia bem ser uma aluna ao fundo de uma sala de aulas num dia quente de verão. Ainda com o casaco amarelo vestido, a mulher virou gentilmente os olhos escuros para o rosto dele, com os cotovelos apoiados na mesa. Maya viu na barra do vídeo que faltavam apenas vinte segundos. Foi então que aconteceu.

A mulher baloiçou-se para trás e para a frente no banco. Dobrou-se para a frente pela cintura, com os olhos esbugalhados. Não fez qualquer tentativa de amparar a queda, deixando os antebraços apoiados na mesa enquanto o rosto caía contra o tampo. Foi tão súbito que podia ter sido cómico, noutras circunstâncias, como um palhaço a cair de cara numa tarte de creme de banana, mas não havia tarte nenhuma e ninguém se riu. Houve apenas uma ligeira pausa aturdida antes de Frank correr para o outro lado da mesa, enfiar-se no banco ao lado da mulher e começar a dizer alguma coisa, provavelmente o nome dela. Agora que estava virado para a câmara, era fácil ver-lhe o medo e a surpresa no rosto.

Quando a puxou para si, a mulher caiu-lhe sobre o braço, inerte. O vídeo terminou quando a empregada de mesa se aproximava. Porém, no instante mesmo antes de acabar, Frank ergueu os olhos para a câmara, fitando diretamente a lente, e pareceu a Maya que estava a olhar para ela.

Fechou o computador com mãos trémulas.

O vídeo fora publicado há menos de três dias e já tinha 72 000 visualizações. Frank tinha boas razões para achar que ela o veria, o que significava que ela tinha boas razões para ter medo. Afinal de contas, não era a primeira vez que Maya via alguém morrer na presença dele.

¹ O clonazepam é um medicamento da classe das benzodiazepinas, utilizado primariamente no tratamento de doenças ou transtornos neurológicos e psiquiátricos graças às suas propriedades ansiolíticas, anticonvulsivantes, sedativas, hipnóticas e relaxantes. O seu uso prolongado pode resultar em dependência. (*N. do E.*)

DOIS

Aubrey West, a melhor amiga de Maya no liceu, morrera subitamente num belo dia de verão, pouco antes de Maya partir para a universidade. A morte de Aubrey não ficara gravada em vídeo mas, ainda assim, atraía alguma atenção. Cobertura televisiva, artigos nos jornais, mexericos. Uma jovem saudável de dezassete anos cair para o lado, morta, sem que nada o fizesse prever. *Se lhe aconteceu a ela...*, pensavam as pessoas.

Tal como a jovem no vídeo, Aubrey estava a conversar com Frank na altura. E Maya ficara convencida de que Frank a matara. Não conseguia explicar como ele o fizera (ainda que tivesse uma ideia do porquê) e por fim, à falta de provas (na verdade, não tinha também muita confiança em si própria, na sua perceção, na sua sanidade mental, até), foi obrigada a esquecer o assunto.

Ou a tentar, pelo menos.

Maya sempre gostara da sensação de estar tocada, desde a primeira vez que Aubrey surriprou uma garrafa de vodca à mãe e a beberam, misturada com sumo *Sunny D*. Mas nesse tempo beber era diferente. Ela e Aubrey tinham procurado todo o tipo de moca ao longo da adolescência, mas consideravam-se sempre diferentes dos ganzados da escola, aqueles miúdos que se escapuliam para o parque de estacionamento nos intervalos das aulas e se encostavam aos cacifos, de olhos vermelhos. Maya tinha notas máximas a tudo sem sequer se esforçar, e Aubrey, embora as notas nunca o refletissem, também era inteligente, à sua maneira. Compreendia as pessoas, via para além das suas ações. A família dela mudara muitas vezes de casa e cidade quando ela era pequena, pelo que tinha muita experiência a fazer amigos, embora nunca tivesse aprendido a conservá-los.

Era a miúda nova da escola quando Maya a conheceu, no nono ano, misteriosa e intrigante para todos, especialmente para os rapazes, com os

seus olhos verdes e sorriso malicioso. Maya era apenas uma das muitas novas amigas que Aubrey fizera nas primeiras semanas de escola, mas de todas, a amizade entre elas fora a única que durara. A única que ambas haviam cultivado.

Calhou ficarem juntas para um trabalho sobre Emily Dickinson e formaram uma ligação especial através da poesia. A poesia era parte do que fazia com que a amizade entre elas funcionasse, essa capacidade partilhada de ser arrebatada pela beleza de um verso. Mas havia também o facto de nenhuma delas se integrar completamente – Aubrey, a perpétua miúda nova, Maya com o nariz sempre enfiado num livro. Maya parecia hispânica, mas crescera apenas com a mãe branca e sabia muito pouco da sua família na Guatemala. Não se sentia à vontade com os outros miúdos hispânicos e o facto de não ser branca significava que se destacava em Pittsfield. Passava a maior parte do tempo a ler e a inventar histórias. Era mais popular junto dos professores do que entre os colegas, mas não se importava. Ia ser escritora, tal como o pai. Ia escrever livros e ser famosa. Ia deixar Pittsfield para trás.

Entrou em quase todas as universidades a que se candidatou e escolheu a de Boston por causa do seu curso de escrita criativa e das bolsas de estudo que oferecia. Porém, uma semana antes das aulas começarem, Aubrey morreu.

E a vida de Maya dividiu-se entre o Antes e o Depois.

Perdera a melhor amiga. Vira-o acontecer perante os seus olhos e contudo, passados tantos anos, continuava a sentir que havia mais além daquilo que vira. Como assistir a um truque de magia e compreender que é uma ilusão, mas não saber como é que o mágico o fizera.

Não fazia sentido. Aubrey era saudável, não tinha quaisquer doenças ou problemas anteriores. Os pais pediram uma autópsia que não trouxe respostas, e o médico que a efetuou acabou por declarar que se tratara de uma «morte súbita inexplicada» – o nome que se dá quando alguém cai para

o lado sem razão aparente. Normalmente, as culpas eram colocadas numa arritmia, ou em algum tipo de apoplexia.

Só que Maya tinha a certeza de que fora Frank.

Não havia arma, nem veneno, nem qualquer tipo de contacto. Não havia sangue nem ferimentos no corpo de Aubrey. Maya não conseguia prová-lo – nem sequer explicá-lo –, mas insistira que ele os enganara a todos, de alguma maneira.

Talvez, se houvesse algum vestígio de prova, a Polícia a tivesse levado a sério. Porém, assim, interrogaram Frank e depois, como não encontraram qualquer motivo para o deter, deixaram-no em paz, com um aviso a Maya para ter cuidado com as falsas acusações. Podiam arruinar a vida de um homem, advertiram-na.

A mãe de Maya foi mais paciente com as suspeitas dela, mas, quando estas não se concretizaram de forma nenhuma, começou a ficar preocupada com a saúde mental da filha. As doenças mentais eram como uma praga na família e, aos dezassete anos, Maya estava precisamente na idade em que essas coisas se manifestavam.

Foi assim que ela acabou aos cuidados do doutor Fred Barry, que a mãe encontrara nas Páginas Amarelas.

Uma hora depois de a conhecer, o doutor Barry diagnosticou-lhe um transtorno psicótico breve. Podia ter sido desencadeado pelo desgosto. Disse-lhe que os seus receios em relação a Frank eram paranoicos, mas garantiu-lhe que não era a primeira pessoa que reagia a uma morte tão inesperada com o chamado *pensamento mágico*. Menos de duas em cada cem mil pessoas morria por motivos que uma autópsia não conseguia explicar. Algumas culturas culpavam os espíritos maus desse tipo de morte. A mente tenta sempre explicar aquilo que não compreende – inventa histórias, teorias, sistemas de crenças completos –; e, segundo o doutor Barry, a mente de Maya era do tipo que via caras nas nuvens e mensagens

nas folhas de chá. Padrões, onde as outras pessoas não viam nada. Significava que ela tinha uma boa imaginação – mas que essa imaginação podia enganá-la.

Os antipsicóticos entorpeceram a certeza que lhe ardia nas entranhas, de que Frank os enganara a todos, de alguma maneira, mas a sensação nunca desapareceu por completo. Por vezes ainda se apoderava dela, como uma sombra rastejante. A terrível convicção de que o doutor Barry estava enganado, mesmo que toda a gente acreditasse nele, e que Frank assassinara a sua melhor amiga.

E com essa convicção vinha o medo. Maya era, para Frank, uma ponta solta, uma testemunha do que ele fizera, fosse lá o que fosse. Se ele era um assassino, ela tinha todos os motivos para o temer, e o facto de não saber *como* é que ele matara Aubrey só piorava as coisas, era uma incerteza pavorosa que não a deixava seguir em frente. Porém, com o tempo, aprendeu a não discutir as suas desconfianças com o doutor Barry ou com qualquer outra pessoa, na verdade. Não suportava quando olhavam para ela como se fosse louca. Convencido de que ela já não estava paranoica, o doutor Barry declarou-a curada, embora ainda sofresse de alguma ansiedade, e trocou-lhe os antipsicóticos pelo clonazepam.

E resultou. O clonazepam atenuava-lhe o medo e punha-a a dormir à noite.

O álcool também ajudava. Durante a universidade, Maya embriagava-se até cair para o lado várias noites por semana. Mesmo assim, conseguia ter boas notas, mas apenas porque as cadeiras que estava a tirar eram fáceis; anfiteatros apinhados de alunos, onde ninguém sabia o nome dela e ninguém se importava que estivesse ressecada. Insistia em dizer a si própria que estava a divertir-se, e talvez estivesse; era difícil lembrar-se. Pelo menos havia bastantes fotografias embaraçosas dela *online*, a dançar em

cima das mesas, sempre com uma bebida na mão, a sugerir que tinham sido os melhores dias da sua vida.

Depois da universidade, aceitou de bom grado o emprego no centro de jardinagem. E embora, de longe a longe, se sentasse à secretária para escrever, nunca passara da primeira página de nada. O problema era que já não gostava de estar sozinha com os seus pensamentos. Trabalhava no centro de jardinagem e partilhava um apartamento com a amiga Lana há mais de um ano quando conhecera Dan.

Conheceram-se numa festa, àquela hora em que toda a gente estava ou a dançar num aglomerado de corpos suados, ou aos gritos com voz entaramelada na cozinha, ou refastelada na cama do anfitrião a snifar coca. Maya presumira que ela e Dan estavam ambos pedrados quando começaram a falar na fila para a casa de banho – de que outra forma se explicaria que ainda estivessem a conversar ao pequeno-almoço na manhã seguinte, sentados em frente um do outro no restaurante mexicano preferido de Maya? Enquanto comiam *huevos rancheros* e bebiam *café de olla* aromatizado com canela, falaram sobre tudo, mas aquilo que Maya recordava mais nitidamente era ficar a saber que Dan, tal como ela, lera uma versão para crianças de *A Ilíada* quando era pequeno e desde então que era obcecado por mitologia grega.

Talvez fosse a intimidade de estar com alguém que adorava as mesmas histórias. Ou talvez porque, ao falarem sobre essas histórias, estavam na realidade a falar de si próprios. Há anos que Maya não discutia com ninguém o trauma central da sua vida e, embora não tivesse de modo algum tocado no assunto nessa altura, encontrou algum conforto na ternura que Dan demonstrou em relação a Cassandra, a mulher amaldiçoada a pronunciar uma verdade em que ninguém acreditaria.

Só no terceiro ou quarto encontro é que Maya se apercebeu de que ele praticamente não bebia – no máximo, duas bebidas numa festa – e não

consumia drogas. Isso significava que a primeira conversa entre eles não fora, na realidade, alimentada pela cocaína, pelo menos da parte de Dan, o que lhe pareceu importante.

Significava também que ele estava totalmente lúcido junto dela, ao contrário da maioria dos homens com quem se envolvera e que, em retrospectiva, tinham sido mais companheiros de copos do que outra coisa. Pensar em toda aquela atenção sóbria sobre ela era enervante, mas, com o tempo – ao longo de *brunches* e jantares, de longas conversas e silêncios cada vez mais confortáveis –, Maya deu por si com vontade de também estar lúcida ao pé dele, para não desperdiçar o tempo que passavam juntos. Os passeios de bicicleta à beira do rio Charles. As maratonas do programa de culinária *Iron Chef* no sofá. As refeições complicadas e estapafúrdias que confeccionavam juntos na cozinha dele.

Passar todo esse tempo sóbria não fora fácil para Maya, ao princípio. Às vezes, do nada, as memórias agitavam-se como leviatãs há muito adormecidos, ameaçando erguer-se e devorá-la de uma só vez. Aubrey a cair por terra. O brilho sombrio nos olhos de Frank. O terror de saber que nenhum dos esforços de Maya para não dar nas vistas serviria de alguma coisa se ele decidisse vir à sua procura.

E não era só isso que assombrava Maya. Após quase uma década de embriaguez constante, percebeu que se esquecera de como lidar com as dificuldades quotidianas, como ir a repartições públicas ou relaxar antes de ir para a cama a horas decentes. Era estranho, quando se sentia frustrada, não se embebedar.

Por vezes, dava por si a responder torto a Dan sem qualquer razão e depois odiava-se por isso. Com medo de o afastar, fazia os possíveis para esconder a ansiedade, com o ar à sua volta de súbito rarefeito e cortante, e nunca mencionava os suores frios que a acordavam de madrugada, nem as insónias que não a deixavam adormecer. No entanto, por fim, tudo isso se

foi dissipando, com a ajuda do clonazepam que tomava em vez da vodca ou do *gin* que normalmente usaria para ficar inconsciente.

Às vezes também tomava clonazepam durante o dia, em doses cada vez maiores à medida que a sua tolerância aumentava. O mais importante, para Maya, era que o antigo pavor não se revelou de forma alguma tão constante e intenso como temera. Na maior parte das vezes, os seus pensamentos deixavam-na em paz, ou talvez isso se devesse apenas à passagem do tempo. Comia bem, fazia exercício e raramente consumia mais do que uma bebida por noite (mais alguns comprimidos do frasco de aspirina, que tinha sempre na mala para que Dan nunca tomasse um sem querer, a pensar que se tratava mesmo de aspirina).

E ultimamente, quando Maya pensava em Aubrey ou em Frank, ou sonhava estar de novo na cabana, consolava-se com as palavras do doutor Barry, que lhe garantira que não havia nada que pudesse ter feito por Aubrey. Ninguém podia ter feito nada. Não fora culpa de ninguém. Nem mesmo de Frank.

Era isso que Maya repetia a si mesma de cada vez que o telemóvel tocava e não reconhecia o número, ou quando ouvia passos atrás dela numa rua sombria. Mas como era possível que duas mulheres morressem de repente, sem motivo aparente, enquanto falavam com o mesmo homem?

TRÊS

– Então o que é que estou a ver aqui, afinal? – Dan pusera os óculos, mas mesmo assim parecia confuso com o vídeo no computador de Maya e com a situação em geral. Acordara às sete e encontrara-a a andar de um lado para o outro pela sala, e agora, em vez de se explicar, ela estava a mostrar-lhe um vídeo.

– Frank Bellamy – disse Maya enquanto, no ecrã, o casal entrava no restaurante.

– Quem?

Ela e Dan tinham falado das respetivas relações anteriores logo no início, mas Maya nunca mencionara Frank. Queria afastá-lo da sua mente com o resto desse verão, o verão em que assistira ao assassinato da melhor amiga ou então em que perdera completamente o juízo.

– Conheci-o depois do liceu – explicou. – Namorámos, mais ou menos.

A relação durara um total de três semanas e terminara no dia em que Aubrey morrera – ou, mais precisamente, *mudara* nesse dia, transformando-se em algo diferente, num medo que distorcia todos os aspetos da vida de Maya.

Dan ergueu uma sobrancelha e fitou-a com um sorriso de lado.

– O que é isto, *cyberstalking*? É preciso ficar com ciúmes?

– Continua a ver.

Queria o olhar imparcial de Dan. Ia ser advogado e o curso corria-lhe às mil maravilhas porque era bom a apanhar pormenores que outras pessoas deixariam passar e a compreender como encaixavam numa história.

– Diz-me se reparares em alguma coisa... estranha... no Frank – pediu Maya.

O sorriso de Dan evaporou-se ao ver a expressão dela. Olhou de novo para o vídeo e recostou-se no sofá. Maya estava sentada ao seu lado, com as

pernas nuas dobradas debaixo do corpo. Ainda não acreditava que lhe estava a mostrar aquele vídeo.

Por um lado, queria esquecer Frank, como quase conseguira fazer até há poucas horas. Queria que alguém lhe garantisse que estava a imaginar coisas, a ver ligações onde elas não existiam. Teria sido fácil esconder o vídeo, não apenas de Dan mas de si própria, e continuar a agir como se o seu maior problema fosse a falta do clonazepam.

Mas depois Maya pensou no rosto da mulher morta, não muito diferente do seu, apenas mais jovem e, provavelmente, mais inocente. E em como era improvável que ela e Aubrey, com sete anos de diferença, caíssem as duas mortas na presença de Frank. Tinha de acreditar, ou pelo menos de se agarrar à esperança de que Dan também o acharia suspeito.

– Ela é parecida contigo – disse ele.

Era inegável que Frank tinha um tipo de mulher preferido.

– Muito falador, ele – comentou Dan.

– Gostava muito de contar histórias...

A mulher no ecrã tombou para a frente.

– Mas que raio? – Dan viu Frank sacudir a mulher pelos ombros, gritar sem som. – Espera... Ela não está?...

– Está! – Maya enrolou os braços à volta do corpo e apertou as pontas das mangas nas mãos fechadas. – Procurei mais informações. Cristina Lewis. Tinha vinte e dois anos.

– Não percebo. O que aconteceu?

Maya abanou lentamente a cabeça.

– Não sei. Mas acho que ele... – Quase não o conseguiu dizer, depois de tanto tempo; enterrara as palavras bem fundo. – Acho que foi ele.

Dan arregalou os olhos.

– Foi ele o quê? Que a matou?

Ela acenou afirmativamente.

– Como?

– Não sei.

Dan esperou que ela continuasse. Maya engoliu em seco.

– Lembras-te do que te contei sobre a minha amiga Aubrey?

– Claro que sim. A rapariga que morreu. – Falou com ternura, pois sabia que era um assunto difícil para ela.

Maya falara-lhe sobre Aubrey e dissera-lhe que ela tinha morrido, mas não respondera à pergunta que toda a gente fazia ao saber da morte de alguém: como é que morreu? Maya não quisera falar do assunto na altura, mas agora tinha de o fazer.

– A Aubrey morreu – disse – tal e qual como a Cristina. Simplesmente... caiu para o lado. Eu vi, foi à minha frente.

A incredulidade no rosto de Dan encorajou-a.

– O que disse o médico-legista?

– Que há uma expressão para quando não conseguem descobrir o que matou alguém. *Morte súbita inexplicada*. É extremamente raro e acontece quase sempre quando a pessoa está a dormir. Simplesmente, não volta a acordar.

– Uau... Isso é horrível.

– Mas a questão é que a Aubrey estava acordada quando aconteceu. E estava a falar com o Frank.

Dan aproximou mais o rosto do ecrã e voltou a ver a parte do vídeo em que Cristina morria. Depois viu de novo, enquanto Maya o observava, na esperança de que ele apanhasse alguma coisa que lhe escapara a ela.

Porém, quando ele voltou a falar, parecia perplexo.

– Então como é que o tipo a matou?

«É como se ele tivesse um poder qualquer...» – fora isso que ela declarara à Polícia quando tinha dezassete anos, mas entretanto ganhara mais bom senso. Precisava de soar racional.

– Nunca cheguei a perceber – disse –, mas se alguém fosse capaz de o fazer, seria o Frank.

Dan franziu a testa.

– A Polícia não o interrogou?

– Nunca o detiveram – respondeu ela, com os ombros descaídos.

– Está bem... E quanto à Cristina Lewis? O que sabes sobre a morte dela?

Ouviu a dúvida insinuar-se na voz dele e sentiu uma pontada da antiga raiva que se apoderava de si sempre que alguém – a Polícia, o doutor Barry, a mãe – não acreditava nela.

– Olha – disse, abrindo o artigo do *Berkshire Eagle* no computador. – Foi tudo o que consegui encontrar. – Viu-o ler o artigo, certa de que de nada serviria.

O artigo dizia que Cristina era do Utah, pintora e trabalhava na bilheteira do Museu de Berkshire. Ou a sua morte era verdadeiramente tão inexplicável como parecia, ou nem tudo fora partilhado com a imprensa.

Depois de explicar o que acontecera – um relato que nada acrescentava ao que o vídeo mostrava –, o artigo incluía uma declaração do infeliz namorado, Frank Bellamy: «Ainda não caí em mim. Quem me dera poder ter feito alguma coisa.»

Não eram as palavras dele que perturbavam Maya, mas sim o facto de o artigo o apresentar como uma *testemunha*.

– Diz aqui que o caso não está a ser tratado como morte suspeita – disse Dan. – A Polícia com certeza o interrogou, já que ele estava lá.

Maya soltou um som desdenhoso.

– Foi o que aconteceu da última vez.

Dan fitou-a. Viu a sua postura tensa e a testa húmida. As olheiras fundas debaixo dos olhos.

– Sentes-te bem?

– Sim – disse ela. – Estou apenas frustrada.

Ele parecia pouco convencido. Preocupado.

– O que é que se passa? – perguntou. – Já havia qualquer coisa diferente antes de teres visto o vídeo.

Podia ter-lhe falado do clonazepam. Mas Dan não acreditava nela em relação a Frank. Estava a tentar, mas não acreditava. Se revelasse que estava a passar pela abstinência dos comprimidos, seria ainda pior.

– É só que ver essa rapariga morrer... – disse, sem terminar a frase.

– Imagino. Deve ter sido muito difícil, perderes a tua melhor amiga.

Maya sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Virou a cara. Outra pessoa qualquer podia ter notado como ela estava perturbada e dito o que ela queria ouvir. Porém, ao contrário da própria Maya, Dan não tinha qualquer problema em dizer às pessoas aquilo que elas não gostavam de ouvir. E embora Maya não quisesse que ele fosse de outra maneira, ficara magoada. A opinião dele era aquela em que mais confiava, e se Dan não acreditava que Frank podia ter matado Cristina, então provavelmente tinha razão.

O mais certo era Maya estar a ser paranoica.

QUATRO

Maya sabia que o bolo era delicioso. De chocolate denso, coberto de nozes-pecãs. Ficaria lindo, na base para bolos que comprara propositadamente para a ocasião. Queria impressionar a mãe de Dan, uma fotojornalista aclamada. O bolo tinha de estar perfeito, e estaria, porque Maya aprendera a fazer bolos com a mãe, Brenda Edwards, que aprendera com a sua mãe e assim sucessivamente, uma longa linhagem de mulheres que já faziam guloseimas quando estavam stressadas muitos anos antes de alguém dar um nome a isso.

Brenda tivera uma irmã chamada Lisa cujo comportamento levava à confeção de muitas sobremesas. Em crianças, as duas eram as melhores amigas ou inimigas ferozes, consoante a disposição de Lisa. Ela conseguia moldar o espaço à sua volta de acordo com o estado de espírito em que se encontrava. Era capaz de transformar uma enfadonha ida às compras numa aventura, ou uma ida à praia numa tortura infernal.

Onde quer que Lisa ia, havia portas a bater e vozes erguidas. As únicas constantes na vida dela eram os pais, os três irmãos rapazes e a irmã Brenda, e de todos Brenda era quem a conhecia melhor. E quem acabaria por se sentir responsável pela maior parte do que aconteceu.

Lisa tinha quinze anos quando começou a suspeitar de que as brisas provenientes do lago próximo, que lhe entravam pela janela do quarto, a estavam a envenenar com vapores tóxicos. Brenda, que era dois anos mais nova, acreditou nela, ao princípio. E, a bem da verdade, era conhecimento geral que o lago Silver, que ficava a menos de dois quarteirões da casa delas, estava contaminado há mais de um século. Uma fábrica de algodão fora a primeira a poluir as suas águas, no século dezanove, seguida de uma fábrica de chapéus e dois derramamentos de petróleo. Em 1923, a superfície

do lago irrompera em chamas – e tudo isso antes de a General Electric ter despejado PCB² lá para dentro.

As suspeitas de Lisa não eram completamente infundadas, mas ao longo das semanas seguintes descambaram numa obsessão, a primeira de muitas que ela teria na vida. Deixou de tomar banho, convencida de que as águas tóxicas do lago se tinham infiltrado no depósito de água que abastecia a casa. Ia de máscara de gás para todo o lado, apesar de os pais lhe implorarem que não o fizesse. Passara a vida a lutar com eles, mas, com o passar do tempo, as discussões agravaram-se. Lisa disse aos pais e aos irmãos que morreriam todos a menos que se mudassem para outra casa.

Aos dezasseis anos, parecia óbvio que o problema não era o lago. Havia alguma coisa errada com Lisa, mas ninguém queria dar-lhe um nome. Era uma época em que poucas pessoas falavam de doença mental, já para não mencionar que os pais de Lisa – os avós de Maya – eram especialistas em negação. O único sítio onde qualquer um deles falava abertamente era nas trevas do confessionário, na igreja.

Lisa nunca obteve a ajuda de que precisava e, em vez disso, começou a recorrer à vodca e à erva e, por fim, às anfetaminas, para procurar o equilíbrio. O resto da família aturou-a até ela fazer dezoito anos, altura em que se mudou para a Califórnia com um homem muito mais velho.

Morreu aos vinte e um anos de idade.

Maya era demasiado jovem para a ter conhecido e todavia, mesmo morta, a tia Lisa era uma presença de peso. Uma lição de vida. Um sentimento de culpa que nunca abandonou Brenda. Assim, quando a filha, aos dezassete anos, começou a dizer coisas que não faziam sentido, Brenda ligou a um psiquiatra. Depois obrigou Maya a tomar os antipsicóticos que o doutor Barry receitou, e Maya nunca mais lho perdoou.

Havia mais de um ano que não via a mãe, mas Maya pensava nela sempre que fazia um bolo. Fora a mãe que a ensinara a ser precisa. A

precisão requeria concentração. As medidas exatas de farinha distraíam Brenda dos gritos e ameaças de suicídio da irmã. Ensinara a filha a colocar a sua atenção na massa dos bolos, e foi o que Maya fez agora. Ligou a batedeira na velocidade máxima, pôs os ingredientes a girar e acrescentou três gemas de ovo. Bateu as imagens que insistiam em vir ao de cima.

Dan não acreditara nela, mas Maya não queria ficar ressentida por isso. Preferia rebobinar a vida até antes de ter visto o vídeo, até à altura em que finalmente, depois de quase sete anos, se iludira e quase se convencera de que a mãe tinha razão: talvez ela *fosse* mesmo como a tia Lisa, incapaz de ver para além das suas próprias paranoias. «A mente enferma», dissera o doutor Barry, «raramente consegue reconhecer a própria doença.» As palavras tinham reconfortado Maya ao longo dos anos: se ela estivesse delirante não corria perigo porque, na realidade, Frank não matara Aubrey.

O vídeo estilhara esse conforto e Maya estava de volta aos dezassete anos, quando fora a única testemunha de um crime. A diferença era que, agora, compreendia que não podia fazer nada a esse respeito. Sabia que não valia a pena ir à Polícia – já o tentara. Também tentara falar com Dan. Que mais podia fazer?

Enfiou as formas de bolo no forno e começou a tratar da cobertura, torrando as nozes-pecãs e fervendo o leite. Envolveu o coco ralado, provou e, para variar, não se lambuzou com uma segunda colherada. Depois de preparada a cobertura, não tinha mais nada em que se concentrar até o bolo sair do forno.

Dirigiu-se ao congelador. Andava a portar-se tão bem ultimamente, tão moderada, e aqui estava ela, antes do meio-dia, a servir-se do segundo *shot* do dia. Por outro lado, não era uma espécie de emergência? Aquele vídeo seria sempre uma crise, em quaisquer circunstâncias. Tendo em conta os seus problemas de abstinência e a falta de sono, era intolerável.

E tinha pela frente o jantar com os pais de Dan.

Maya queimou a mão ao tirar as formas do forno. Passou-a por água fria, mas o ardor até lhe soube bem. Fê-la regressar ao próprio corpo. Contou as respirações. Disse a si mesma que não valia a pena continuar a matutar no vídeo ou em Frank. Especialmente enquanto passava pela síndrome de abstinência.

– Meu Deus, que cheiro maravilhoso! – exclamou Dan ao entrar, vindo do frio lá fora. Os seus olhos pousaram nas mãos dela debaixo da torneira aberta. – Queimaste-te?

– Não foi nada.

Ele parecia preocupado, mas não disse nada e ajoelhou-se para desatar os atacadores. Devia estar a ficar cansado de lhe perguntar se estava tudo bem.

– Como está a correr o estudo? – inquiriu ela.

– Vai andando – disse ele em tom sofrido. Era um procrastinador terrível, acumulando semanas de estudo nos últimos três dias antes do exame. Passou o resto do dia com os livros, enquanto Maya arrumava o quarto e regava as plantas. Ela e Dan estavam a pensar arranjar um cão, o que significava que tinham de se ver livres do avelós, uma planta cuja seiva era tóxica. Tirou uma fotografia à succulenta de quase um metro de altura, com os caules de pontas cor de laranja e vermelhas, e mandou-a para alguns amigos, para ver se alguém queria ficar com ela.

Mandou também uma fotografia para a sua tia Carolina, cujo amor pelas plantas inspirara o mesmo sentimento em Maya. A tia Carolina vivia na Cidade da Guatemala e Maya só estivera com ela uma vez, mas tinham mantido o contacto ao longo dos anos. Ela era a única ligação que Maya ainda tinha ao país de origem do pai.

Depois tentou ler um pouco, mas depressa desistiu e saiu de casa, para não ficar a andar de um lado para o outro no apartamento. Assim, caminhou pelo bairro, passando por outros prédios idênticos àquele onde ela e Dan

viviam, com as escadas de incêndio metálicas em ziguezague contra as paredes, e por casas de tijolo com degraus de cimento. Seguiu pela Commonwealth Avenue até à Universidade de Boston, onde tirara o curso, passando por lojas de conveniência e por um café de *shwarma* que costumava frequentar, e seguiu em direção ao rio Charles, agora gelado. A cada passo que dava à beira-rio, com os ciclistas e transeuntes a passarem por ela, tentava não pensar em Frank.

Quando regressou a casa era quase hora de saírem e Dan estava stressado. Concordara com esta visita aos pais há algumas semanas, sem ter noção da quantidade de estudo que deixaria para a última hora. Maya encheu uma chávena de *gin* e bebeu-a na casa de banho. Já banira Frank dos seus pensamentos uma vez, e conseguiria fazê-lo de novo. Não pensaria mais nele, nem em Aubrey, nem em Cristina.

Raramente usava maquilhagem, mas nessa noite usou o corretor de olheiras como uma máscara. Vestiu a sua melhor camisola, de caxemira creme, com calças de bombazina castanhas e botas de salto baixo. Cobriu o bolo com a campânula de vidro da base, enfiou algumas roupas e uma escova de dentes na mochila e esperou por Dan à porta enquanto ele procurava as chaves.

– Encontrei-as! – exclamou ele, saindo a correr, com meias desirmanadas nos pés.

Foi Dan que conduziu. Enquanto saíam da cidade e se embrenhavam pelas florestas do interior do estado, cada um deles ia perdido nas suas preocupações. Amherst ficava a duas horas de carro, para oeste. A cidade natal de Maya, Pittsfield, era apenas uma hora mais além, mas as duas localidades eram muito diferentes. Pittsfield fora em tempos uma metrópole movimentada, mas esses dias haviam chegado ao fim antes de Maya nascer. A cidade nunca mais recuperara da perda da General Electric nos anos setenta e oitenta.

Amherst, por outro lado, fervilhava com os jovens das cinco universidades da área. Mesmo com a maior parte dos estudantes de férias, o centro da cidade era mais animado do que o centro de Pittsfield em qualquer altura. Não se viam montras vazias. Jovens famílias e professores entravam e saíam dos cafés e dos restaurantes locais. A sala de cinema independente anunciava um filme de que Maya nunca ouvira falar.

A casa onde Dan crescera era grande e de aparência contemporânea, com ângulos retos e janelas do chão ao teto, ensombradas por sebes. Havia mais neve do que em Boston, cobrindo o relvado de um fino manto branco. O pai de Dan abriu a porta mal eles saíram do carro.

Carl, uma versão mais pesada e mais loira de Dan, era professor do quinto ano e um poeta famoso a nível local. Ao que parecia, os alunos adoravam-no, e Maya via porquê. Tinha a mesma franqueza e a mesma atitude calorosa de Dan. O seu sorriso, ao cumprimentar o filho único, era enorme. Apertou a mão a Maya e mandou-os entrar para o vestíbulo de teto alto e depois para a cozinha.

– O que querem beber? Nós estamos nos daiquiris, é a bebida preferida da Greta, mas também há vinho e água com gás.

– Um daiquiri parece ótimo – aceitou Dan, enquanto escondia o bolo ao fundo do frigorífico.

– Para mim também – disse Maya. – Obrigada.

Estava a fazer os possíveis por parecer alegre e descontraída enquanto a síndrome de abstinência ampliava a ansiedade enterrada nas suas entranhas, a juntar ao anseio habitual de querer impressionar os pais de Dan. Não era só por amar o filho deles, mas também porque eles pareciam ter tudo aquilo que ela sonhara para si. Tinham uma vida confortável. Ambos eram bem-sucedidos nas suas carreiras. Eram pagos para pensar. Transbordavam satisfação.

Começou a relaxar assim que Carl lhe passou um copo. Sabia, pelas suas pesquisas *online*, que o álcool e o clonazepam agiam sobre muitos dos mesmos recetores no cérebro, o que explicava como eram semelhantes os efeitos. Respirou fundo. Tentou não beber demasiado depressa. A casa estava quente e cheirava a rosmaninho, alho e carne assada. As mobílias eram ecléticas. A arte nas paredes era de todo o mundo: fotografias emolduradas, provavelmente tiradas por Greta num lugar que parecia ser Marrocos, um mosaico de azulejos, várias máscaras.

Greta desceu as escadas, vestida com uma túnica de seda e calças de linho. Alta e elegante, tinha a postura de alguém que praticava muito ioga. Era pelo menos dez anos mais velha do que a mãe de Maya, os caracóis largos mais cinzentos do que negros, mas parecia menos fatigada.

– Danny – disse Greta, beijando o filho na face e abraçando-o com força. Maya levantou-se para a cumprimentar e Greta beijou-a também na face. Cheirava a água de rosas. – Obrigada por terem vindo.

– Feliz aniversário – desejou Maya.

O jantar era perna de borrego assada com rosmaninho, salada e batatinhas. Maya sentou-se ao lado de Dan à mesa e ficou constrangida quando Greta se sentou à sua frente. Greta era perspicaz e absorvia o mundo pelos olhos. Maya encolheu-se perante o olhar dela.

Deu graças quando Carl abriu uma garrafa de *pinot noir*. Tudo o que comera o dia todo fora um restinho de esparguete e uma colher de cobertura de bolo, pelo que o vinho lhe subiu logo à cabeça, especialmente depois do daiquiri. O álcool aliviou o torno que lhe comprimia a mente e suavizou-lhe as arestas dos pensamentos. Sentiu-se quase normal e a conversa entrou numa dinâmica serena, com Greta ao leme. Falaram sobre um eclipse iminente que ela planeava fotografar e sobre eclipses em geral, e como não lhe ocorreu nada para dizer, Maya ouviu, e foi de certa forma um alívio

quando Greta se virou para ela e lhe perguntou, do nada, se já tinha lido alguma coisa de Isabel Allende.

Era algo de que Maya podia falar e que esperava que os pais de Dan considerassem que mostrava que ela era uma pessoa culta, sem terem de partir apenas desse princípio. A noite ia correr melhor do que esperara. Na verdade, há dias que não se sentia tão bem, e por isso, assim que Maya viu alguém reabastecer o copo de vinho, fez o mesmo. E o seu riso tornou-se genuíno em vez de nervoso quando Carl contou uma história engraçada sobre o Halloween de Dan quando tinha quatro anos.

Dan queria ir vestido de abóbora, nesse ano, um fato que os pais não conseguiram encontrar em loja nenhuma, e assim Carl fizera-o ele próprio.

– E é preciso que se diga que era um bom fato – disse Greta. – Muito criativo.

– Ela está só a ser simpática – respondeu Carl. – A armação de arame desmanchou-se a meio da noite e toda a gente pensou que ele fosse uma cenoura!

Maya e Greta riram-se. Dan já ouvira a história. Parecia tenso, pensou Maya, como se estivesse a pensar nos exames. Ou talvez houvesse algo mais a incomodá-lo.

Talvez ela estivesse mais tocada do que pensava.

Lá fora, o vento começou a soprar com mais força e as janelas abanaram nos caixilhos.

– Ainda bem que passam cá a noite – comentou Greta. – Parece que vem aí uma tempestade.

O silêncio abateu-se sobre a mesa e Maya olhou para baixo. Ainda tinha a comida quase toda no prato. Espetou o garfo num pedaço de carne.

– A casa dos pássaros! – exclamou Carl de súbito.

Maya levantou a cabeça, confusa, e viu que estavam os três a olhar para a janela por trás dela, com ar apreensivo. Sentiu um formigueiro no couro

cabeludo quando se virou para ver e, mal o fez (tinha a cabeça demasiado pesada, o movimento foi demasiado rápido), percebeu que cometera um erro.

Aquela última bebida fora uma péssima ideia. Maya só se apercebeu do quão embriagada estava quando se moveu, e a força dos dois copos de *pinot noir*, o daiquiri de rum, e a chávena e os dois *shots* de *gin* a atingiram como um tsunâmi. Os seus olhos esforçaram-se por focar aquilo para onde estavam todos a olhar. A casa dos pássaros. O vento derrubara-a do ramo ao qual estava presa e agora a pequena casa estava apoiada num emaranhado de galhos que a tinham amparado. Mas o vento soprava com força, os galhos estavam a abanar, e a qualquer segundo a casinha de madeira, com as janelas meticulosamente construídas e o telhado inclinado, cairia e partir-se-ia contra o solo.

Maya sentiu-se como se estivesse dentro dela. A sala inclinou-se. O chão ondulou e ela fechou os dedos sobre a beira da cadeira para não cair.

– Vou ver se a consigo salvar – anunciou Carl.

Saiu e ficaram apenas ela, Dan e Greta, com os seus olhos escavadores. Duas pessoas muito inteligentes que provavelmente conseguiam perceber, pela forma como ela oscilava, que tinha a cabeça a andar à roda.

– Está tudo bem? – perguntou Dan baixinho.

Maya acenou e olhou para o prato. Sentia Dan junto de si e Greta do outro lado da mesa, a observá-la. (A julgá-la.) Maya não conseguiu erguer o rosto. A náusea subiu-lhe do estômago, passando pelo peito, até à garganta.

– Queres um copo de água? – perguntou Greta friamente.

Maya abanou a cabeça. Precisava de ir à casa de banho.

– Venho já – disse, ao levantar-se. A perspetiva de vomitar em frente de Greta no seu jantar de aniversário era tão horrível que Maya desatou a correr, atrapalhada, e estava quase fora da sala quando não conseguiu conter um vômito e sentiu o conteúdo do estômago subir-lhe à boca.

Tapou a boca com a mão, mas uma parte do líquido escapou-lhe por entre os dedos e salpicou o chão. Ninguém disse nada enquanto ela corria pelo corredor. A casa de banho ficava ao fundo das escadas. Maya fechou a porta atrás de si, caiu de joelhos e vomitou. Estava a sair tudo. O vinho, o borrego, a cobertura do bolo, tudo o que ela queria manter dentro de si. O corpo de Aubrey a cair nos degraus. Cristina a tombar com a cara na mesa. Frank a erguer os olhos para a câmara. Os seus movimentos sincronizaram-se na mente de Maya enquanto vomitava. Escondera o homicídio de Aubrey numa caixinha dentro da cabeça, mas Frank continuava lá fora, a matar. Enquanto o vinho lhe queimava a garganta ao sair, Maya nunca se sentira tão sóbria.

Gargarejou com água fria e depois ficou paralisada junto do lavatório, demasiado humilhada para voltar para a mesa. O seu rosto pálido devolveu-lhe o olhar no espelho e estremeceu quando o suor lhe brotou do corpo – diferente do suor do exercício. Mais espesso. Frio. O espelho confirmou-lhe que não podia de maneira nenhuma continuar a fingir que estava tudo bem.

² Sigla para policlorobifenilo, designação de diversos compostos químicos utilizados a nível industrial e classificados como poluentes orgânicos persistentes. (*N. do E.*)

CINCO

Maya conduz com as janelas abertas, deixando o ar do verão entrar e roubar-lhes as vozes enquanto cantam em coro com as Tender Wallpaper a sua versão da balada de crime «Duas Irmãs»³. O ar condicionado está avariado, mas o leitor de CD funciona, e ela e Aubrey projetam as vozes como se estivessem a prestar provas para um musical. Vestem fatos de banho por baixo dos calções. Ténis e camisolas de alças, toalhas de praia no banco de trás. Aubrey põe protetor solar no rosto ligeiramente sardento, com o cabelo vermelho-escuro, cor de cereja, a esvoaçar-lhe em torno da cabeça enquanto o mundo passa lá fora, frondoso e em muitos tons de verde.

Quando chegam, Maya encosta o carro da mãe na berma da estrada, atrás de uma *Harley-Davidson*. O ar está mais fresco do que na cidade. Maya e Aubrey seguem um trilho pelo bosque, enxotando os mosquitos.

Geralmente, os seus silêncios são daqueles que bons amigos partilham ao fim de muitos anos – tão naturais como se estivessem sozinhas. Mas o silêncio de hoje parece diferente. Gelado. Maya tem a sensação de que Aubrey está preocupada com alguma coisa, e já anda assim há umas semanas. Notou uma rispidez no tom de voz da amiga, uma maldade ocasional no seu riso. Talvez seja imaginação sua, mas não lhe parece, e irrita-a que Aubrey não diga de uma vez por todas o que se passa.

– Então – pergunta Maya, só para quebrar o silêncio –, para quem é o cachecol?

Aubrey, que vai à frente dela, não olha para trás.

– É segredo.

Até há meia hora, Maya nem sequer imaginava que Aubrey sabia tricotar. Mas quando a fora buscar, encontrara-a sentada no alpendre a

tricotar um cachecol. As suas mãos moviam-se com uma facilidade graciosa e experiente, com as malhas verde-lima a nascerem-lhe das agulhas.

Maya julgava que sabiam tudo uma da outra.

Chegam à cascata minutos depois. O lago profundo e escuro brilha como penas de pavão. Nos borrifos, projetados quando a água bate nas rochas, pairam arco-íris. O local costuma estar apinhado no verão, mas hoje só lá estão elas as duas e um casal de dois motociclistas de meia-idade. A mulher, coberta de tatuagens, está reclinada em cima de uma pedra enquanto o homem chapinha na parte menos funda, com o comprido rabo de cavalo grisalho a tocar na superfície da água quando ele se inclina para molhar os braços.

As raparigas descalçam-se e despem os calções, deixam as coisas na margem rochosa e entram na água até aos joelhos. Está tão fria que corta.

– Um! – diz Aubrey, desafiando Maya a mergulhar com ela.

– Oh, nem pensar!...

– Dois!

Todo o seu corpo lhe implora que não o faça, mas Maya recusa-se a ser a última a entrar na água.

– *Três!* – grita, antes de mergulhar na parte funda do lago, onde a água é ainda mais fria e mais escura, agitada pela cascata.

Tem um formigueiro na pele quando vem à superfície, e quando olha para trás vê Aubrey, ainda em pé à beira do lago, ainda seca. A rir. Maya salpica-a, irritada, e Aubrey grita e deixa-se cair silenciosamente para a frente, desaparecendo com uma leve ondulação.

Quando reaparece, está no meio do lago. Das duas, é a que nada melhor, a que se sente mais à vontade na água. Flutua, de costas, olhos postos no céu, o amuleto de cobre que usa sempre a cintilar-lhe sobre o peito. O amuleto tem gravada a (suposta) palavra mágica *abracadabra*, embora Aubrey

jure que não acredita em magia. Simplesmente adora magia. Gostaria muito que fosse real.

Maya vai ter saudades dela, apesar da sua atitude nos últimos tempos. Aubrey ficará na cidade depois do verão, a trabalhar como empregada de mesa e a ter aulas na Universidade Comunitária de Berkshire, enquanto Maya se vai mudar para Boston e frequentar aí a universidade. Quando se lembra do pouco tempo que lhes resta, Maya suspira, nada até junto de Aubrey e põe-se a boiar ao lado dela.

– Sabes o que é que nunca fizemos? – pergunta Aubrey.

– O quê?

– Nunca saltámos lá de cima, da cascata.

– Porque é que estás a dizer isso dessa maneira? Como se nunca mais tivéssemos oportunidade de o fazer?

– Quem sabe? – Aubrey encolhe os ombros. – Podemos não ter.

– Boston fica, tipo, a três horas daqui. Estarei por cá constantemente.

Aubrey vira-se para Maya, com as pernas e os braços a abanar para se manter à tona de água, e Maya vê que o estado de espírito dela mudou. O seu sorriso é animado e malicioso. Aponta com os olhos para as rochas altas no cimo da cascata.

– Vamos fazer isso agora.

– És doida.

– Toda a gente salta dali. Até crianças.

Maya não pode contradizê-la: da última vez que ali estiveram, todas as crianças de uma grande família tinham saltado, uma a seguir à outra, e a mais pequena não tinha mais de oito anos.

– E se...

– Teremos cuidado.

A mãe de Maya trabalha como socorrista, por isso ela já ouviu histórias de terror sobre pessoas que morreram ou ficaram paralisadas a fazer coisas

como saltar de cascatas.

– Tens medo de quê?

– Não é óbvio?

– Tudo bem. Salto eu sozinha.

Aubrey vira-se e afasta-se, a nadar.

Maya olha rapidamente para a margem. O casal de motociclistas foi-se embora. As rochas aquecidas pelo sol são convidativas, mas a excitação de Aubrey é contagiante e de súbito parece que Maya apenas imaginou que se passava alguma coisa com a amiga. Muitas vezes é acusada de ser demasiado sensível. Vira-se e segue Aubrey.

Os salpicos frios da cascata atingem-lhe o rosto quando se aproxima. Aubrey diz-lhe qualquer coisa, mas a sua voz perde-se por trás do estrondo da água a cair.

– *Não te oiço!* – grita Maya.

Aubrey abana a cabeça – *Esquece!* –, mas Maya não precisa de ouvir as palavras para perceber o tom encorajador. Ali, ao fundo da cascata, vê o caminho natural que sobe entre as rochas, reforçado pelos pés de todas as pessoas que o percorreram. Os nervos transformam-se em entusiasmo enquanto sobe, com a cascata branca ao seu lado como uma criatura monstruosa e mortífera. Já não sente frio. Agarra-se às pedras molhadas.

Tem o coração acelerado quando chega ao cimo. Aubrey sobe para o pedregulho enorme que se projeta, como uma prancha de mergulhos, sobre o lago. Maya fica um pouco mais para trás. Sente-se como uma artista de circo, no cimo de uma escada enorme, a olhar para uma piscina minúscula lá em baixo.

Não consegue. Terá de voltar a descer o trilho e já se virou nessa direção quando Aubrey olha para trás por cima do ombro. O seu rosto é amável. Os olhos brilham de excitação. Estende a mão. A cascata ruge nos ouvidos de

Maya. Não é capaz, mas depois é. Avança com hesitação e pega na mão de Aubrey.

Juntas, olham para a floresta que se estende perante elas, com a água a rugir aos seus pés, e depois uma para a outra. Não é a primeira vez que fazem uma coisa perigosa juntas. Mas pode ser a última.

– *Um!* – conta Aubrey.

– Estás a gozar? Achas que eu caio nessa duas vezes?

Mas o sorriso de Aubrey é genuíno.

– *Dois.* – A sua voz perde-se no clamor da cascata; Maya lê-lhe a palavra nos lábios.

Apertam as mãos uma na outra. Levantam-nas no ar.

– *Três!*

Gritam-no ao mesmo tempo e depois, de mãos dadas, saltam sobre a beira da pedra.

³ «The Twa (Two) Sisters» é uma balada de crime tradicional inglesa, cuja primeira menção data de meados do século xvii. (*N. do E.*)

SEIS

Maya acordou com uma dor de cabeça atroz e um gosto amargo na língua ressequida.

Ao princípio, não percebeu onde estava. A Lua brilhava através das tiras das persianas, iluminando um quarto que parecia pertencer a um adolescente. *Posters* dos Sonic Youth e do filme *Blade Runner*, livros de banda desenhada nas prateleiras. Estrelas fluorescentes no teto. Este era o antigo quarto de Dan. A noite anterior regressou-lhe numa vaga súbita. Ela vomitara. Em frente de Greta. No aniversário dela. Depois ficara na casa de banho vinte minutos, demasiado envergonhada para voltar para a mesa de jantar.

Acabara por decidir dizer-lhes que apanhara qualquer coisa.

«Um vírus qualquer, espero que não seja nada contagioso», dissera ela a Greta, e não havia dúvidas de que parecia doente, de olhos encovados e pálida. Vira a desconfiança no rosto de Dan dar lugar à preocupação. Carl oferecera-lhe *ginger ale* para o estômago – mas era impossível saber o que Greta estava a pensar, por trás daqueles olhos perspicazes, sempre a ter em conta o que era melhor para o filho.

Maya não a censurava por isso. Quase desejava que Dan não tivesse acreditado nela, que a tivesse exposto por beber de mais. Porém, limitara-se a pousar-lhe a mão na testa, para ver se Maya tinha febre. Trouxera-lhe água e *Guronsan*. Encontrava-se agora a dormir ao lado dela, e a sua respiração era o único som que se ouvia no quarto escuro.

Maya prometera que ia ser franca com ele. Agora tinha de ser franca consigo própria. Nunca sofrera de paranoia, e quanto mais tempo estava sem os comprimidos, mais claro lhe parecia que devia ter detido Frank. Mas não o fizera, e Cristina morrera. E não havia álcool suficiente que a fizesse sentir-se melhor quanto a isso.

Se tivesse sido ela a morrer, Aubrey conseguiria provar que Frank a matara. A verdade era que Aubrey sempre fora mais inteligente do que Maya. Podia não se esforçar tanto na escola, mas possuía uma perspicácia invulgar para a idade.

A maioria dos amigos que Maya fizera desde então era como Wendy – gente que não a conhecia muito bem. Pessoas que frequentavam as mesmas festas, mas com quem ela nunca ficara sentada em silêncio. Agora que reduzira na bebida, Maya praticamente não via nenhum deles, e percebeu que não sentia a sua falta.

Mas sentia falta de Aubrey. Tinha saudades do riso dela. Maya pensava em Aubrey sempre que lia um bom poema e o queria partilhar com alguém. De cada vez que tinha vontade de fazer algo arriscado, como ter aulas de trapézio. Aubrey era destemida. Era esperta. Nunca teria deixado que Frank escapasse incólume depois de assassinar a sua melhor amiga.

*

Maya ajoelhou-se ao lado de Dan e murmurou o nome dele.

Vestira-se e enfiara as roupas da véspera na mochila que tinha ao ombro. A luz era débil e azulada, a casa estava silenciosa. Dan pestanejou algumas vezes enquanto despertava.

– Olá – disse ela.

– ... o que se passa?

– Vou passar uns dias a casa.

– O quê? – perguntou ele, meio a dormir.

– A Pittsfield, quero eu dizer, a casa da minha mãe.

Dan esfregou os olhos.

– Está bem... Porquê?

– Preciso de tratar de umas coisas. – Não queria mentir-lhe. – Já comprei bilhete. Vou apanhar o autocarro na estação Peter Pan, ao cimo da rua. Sai daqui a quarenta e cinco minutos.

Durante as cinco horas em que ali estivera deitada às escuras, sem conseguir dormir, com os pensamentos num turbilhão, Maya decidira que era a maneira mais fácil. Era melhor escapulir-se enquanto ainda dormiam todos do que continuar com a farsa do vírus. De qualquer maneira, não conseguiria voltar a adormecer. Já não era só a abstinência que a mantinha acordada. Como podia dormir, sabendo que Frank matara de novo? Comprara o bilhete de autocarro pelo telemóvel e localizara uma estação rodoviária perto da casa dos pais de Dan.

Ele soergueu-se, apoiando-se no cotovelo.

– Já não vais visitar a tua mãe há quê... um ano? – Fitou-a de testa franzida. – O que é que se passa?

Diz-lhe a verdade. Maya baixou os olhos.

– O vídeo.

Dan não acreditara nela na véspera e não esperava que acreditasse nela agora. Previra que ele ficasse impaciente, frustrado com ela, mas em vez disso Dan pegou-lhe na mão e apertou-a contra o peito. Olhou para ela com carinho enquanto orientava as ideias.

– Eu percebo, Maya. Percebo porque é que estás preocupada.

– Ai sim?

– Claro. Duas pessoas morreram ao pé desse tipo. É sinistro como tudo. Quando me falaste no assunto pela primeira vez, o meu instinto foi insistir que tinha de haver uma explicação lógica. Para que não fosse tão assustador.

Maya sentiu os olhos a arder com lágrimas de alívio. Ele acreditava nela.

– Obrigada... – murmurou. Encostou a cabeça à dele, de olhos fechados. Grata. Explicou-lhe o seu plano. – Não consegui encontrar muita coisa *online*, por isso pensei em ir ao restaurante. Falar com as pessoas que lá estavam quando a Cristina morreu... talvez haja alguma coisa que a câmara não apanhou. Podia falar com os colegas dela no museu... se calhar sabem mais sobre a relação dela com o Frank.

Maya podia ter continuado, mas as sobrancelhas de Dan estavam quase no meio da testa. Ele não concordava com nada daquele plano.

– Se eu não o travar – insistiu Maya –, ele vai continuar a fazê-lo.

– A fazer o quê? Desculpa, mas ainda não percebi o que é que tu achas que ele fez.

Os ombros de Maya descaíram. Compreendera mal. Dan não acreditava nela; estava apenas a tentar apoiá-la.

– Também não sei – respondeu. – É o que tenho de descobrir. Preciso de encontrar provas, para poder ir à Polícia.

– Estou preocupado, Maya.

– O que farias – perguntou ela – se alguém matasse o Sean?

Sean era o melhor amigo dele, um robusto alpinista que era impossível imaginar que alguém conseguisse matar.

– Eu digo-te o que não faria – respondeu Dan. – Com base naquilo que me contaste e naquilo que vi no vídeo, não iria à Polícia.

A cabeça de Maya começou a latejar, efeitos do vinho e do azedume.

– Está bem... O que é que *tu* achas que aconteceu?

Dan pensou por um momento. Perante uma morte inexplicada, toda a gente tinha uma teoria; ninguém era imune à necessidade de compreender. Ele matutara mais sobre o caso desde a véspera, quando ela lhe contara; agora, considerava mais provável a hipótese de que Cristina sucumbira a uma *overdose*. O artigo do *Berkshire Eagle* esclarecia que a morte não

estava a ser tratada como suspeita, o que excluía qualquer evidência de crime.

Aquilo que não fora excluído – e o que parecia mais plausível a Dan – era que Cristina tivesse sofrido o mesmo destino que pusera fim a tantas vidas em cidades como Pittsfield. Oxicodona ou heroína, talvez fentanil – isso explicaria a expressão no rosto dela. Não seria a primeira pessoa a perder os sentidos em público devido a uma dose excessiva de drogas: todas as estações de serviço, bares e casas de banho públicas nesta parte do estado tinham avisos afixados com o que fazer em caso de alguém sofrer uma *overdose*. A Polícia trazia sempre o antídoto *Narcan*⁴ consigo.

O que tornava o caso algo estranho, admitiu ele, era a coincidência de tanto Cristina como Aubrey terem morrido ao pé de Frank. Inegavelmente sinistro – mas na verdade a morte de Aubrey, embora inexplicada, também não fora considerada suspeita. Na opinião de Dan – apresentada, pensou Maya, como se ele estivesse a tentar persuadir um júri –, ela devia cancelar o bilhete de autocarro, dormir sobre o assunto alguns dias, recuperar do problema de estômago, cuidar de si.

Teria sido uma boa ocasião para Maya confessar que não tinha problema de estômago nenhum, que apenas bebera demasiado para lidar com o facto de ter ficado sem os comprimidos que ele não sabia que ela tomava. Mas tinha de ir apanhar o autocarro. E a última coisa que queria era Dan a questionar a sua saúde mental.

– Se o Frank não é perigoso – questionou –, que mal tem eu ir lá passar uns dias? Ver a minha mãe? Posso faltar ao trabalho. Ainda não tirei dia nenhum este ano.

Dan fez uma cara triste.

Maya lembrou-se então do cão. Tinham marcado hora num centro de adoção no dia depois dos exames de Dan estarem concluídos, e andavam

entusiasmados com a ideia há semanas. Tinham passado horas a discutir possíveis nomes. Como pudera esquecer-se? Baixou a cabeça.

– Sei que não é a melhor altura – reconheceu –, mas tenho de fazer isto. Estarei de volta a tempo da nossa marcação no canil.

Dan suspirou.

Maya olhou para o relógio. 06h23.

– Cuida de ti – disse ele, num tom resignado que a magoou.

Conteve as lágrimas tempo suficiente para se despedir de Dan com um beijo.

*

O patrão de Maya foi compreensivo quando ela lhe participou que estava doente. Afinal, trabalhava no centro de jardinagem há três anos, e era boa a lidar com as plantas e com os clientes. Até gostaria do emprego, se lhe pagassem melhor e tivesse seguro de saúde, mas assim sendo o patrão era uma das poucas pessoas a quem Maya não se importava de mentir. Consultou o saldo da conta bancária e viu que podia dar-se ao luxo de faltar ao trabalho três dias, quatro se fosse poupada.

Passou as duas horas da viagem de autocarro agarrada ao telemóvel, à procura de Frank. Bebeu água de uma garrafa que comprara na estação, em plena ressaca, com o estômago a dar uma volta de cada vez que o motorista travava. Um músculo por baixo do seu olho esquerdo palpitou. Frank, de alguma forma, conseguira evitar qualquer rasto digital.

A última vez que o vira fora quando Aubrey morrera. Nesse mesmo dia, mais tarde, quando ia a sair da esquadra depois de ter sido interrogada durante quatro horas. O interrogatório de Frank terminara antes do dela – viu-o no parque de estacionamento, a entrar para o carro. Um homem livre. Maya ficara paralisada de terror. A mãe, que caminhava ao lado dela,

perguntara-lhe o que se passava, mas Frank já arrancara quando Maya recuperou a voz. Até hoje, Brenda nunca o vira. Para ela, Frank existia apenas como alvo da obsessão delirante da filha, uma versão humana do lago Silver. Porém, para Maya, ele era real. O seu estômago contraía-se sempre que via alguém parecido com ele, o que era frequente. Frank tinha uma aparência vulgar: esguio, com queixo pequeno, cabelo escuro e pele pálida. Parecia que metade dos homens em Boston conseguiria passar por Frank. E seria tão fácil para ele matá-la – não teria de aparecer em casa dela a meio da noite, nem de fechá-la no porta-bagagens do carro. Podia matá-la em público, em plena luz do dia, e escapar incólume. Aquilo que acontecera a Cristina era precisamente o destino que Maya temera, e era por isso que tinha de se proteger. Tinha de descobrir o segredo dele. Era mais inteligente do que fora aos dezassete anos. Menos vulnerável. Ficaria afastada até perceber como se manter em segurança.

O autocarro embrenhou-se mais na floresta, pela estrada sinuosa. Ela desconfiava que Frank tentara contactá-la ao longo dos anos, mas tal como quase tudo em relação a ele, era impossível ter a certeza. Ela nunca atendia telefonemas de números que não reconhecia, nunca abria *e-mails* de remetentes desconhecidos, e no entanto, mesmo hoje, quando introduzira o seu próprio nome no Google, o primeiro resultado que aparecera fora «Maya Edwards + Aubrey West».

Saía ar quente dos respiradouros do autocarro. Sem conseguir encontrar nada sobre Frank, pesquisou «Cristina Lewis». Tal como Frank, Cristina não tinha perfis nas redes sociais e o seu nome era comum: Maya vasculhou páginas e páginas de resultados até encontrar a Cristina Lewis que procurava, numa lista de artistas que tinham estagiado no Museu de Arte Contemporânea do Massachusetts.

Clicou no nome dela, e foi reencaminhada para o seu *site*. O *design* era minimalista, uma página azul-clara com um dos quadros de Cristina a

ocupar um terço do ecrã. Maya aproximou o telemóvel da cara. O quadro mostrava um vasto deserto branco por baixo de um céu vazio. Um planeta alienígena, um lugar sem vida, com fendas na superfície ressequida, embora o título do quadro – *Deserto de Sal de Bonneville* – sugerisse que ficava, na verdade, no planeta Terra.

O talento de Cristina era inegável. Havia no seu trabalho uma beleza fria e contida. Tinha tudo a ver com a luz, com a forma como incidia na imagem, proveniente de um Sol que não se encontrava no quadro. O nome de Cristina aparecia, em letra minúscula, no fundo da página, junto a um endereço de *e-mail*. Não havia mais nada onde se pudesse clicar.

Maya fez uma pesquisa pela imagem do quadro e encontrou uma página de Facebook pública, dedicada à memória de Cristina e a «manter viva a sua arte ao partilhá-la com o mundo». O grupo tinha onze membros, mas o único que publicava era o administrador, um homem chamado Steven Lang.

A sua fotografia de perfil mostrava um indivíduo corpulento e calvo, de trinta e tal anos. Ao seu lado, num trilho entre uma paisagem de neve, estava Cristina. Era uns bons dois palmos mais baixa do que ele e parecia ainda mais pequena dentro do casaco amarelo acolchoado. Àquela distância, qualquer pessoa a confundiria com Maya.

Ao contrário de Maya, Steven não parecia estar preocupado com a sua privacidade *online*. Rapidamente descobriu que ele trabalhara com Cristina no Museu Berkshire, embora não soubesse o que ele lá fazia. Em poucos minutos encontrou o seu endereço de *e-mail*.

olá. não me conhece, mas o meu nome é maya e vi o vídeo da cristina. lamento muito a sua perda... estou a tentar obter alguma informação sobre o indivíduo que estava com ela quando tudo aconteceu, o frank bellamy. talvez pudéssemos conversar quando tiver oportunidade? Enviou a mensagem, recostou-se no banco e esperou. Fechou os olhos, com esperança de adormecer, mas depressa desistiu e ficou a olhar para as árvores despidas e geladas que passavam a correr do outro lado da janela.

⁴ Medicamento nasal com naloxona, substância utilizada em situações de intoxicação ou sobredosagem de opiáceos. (*N. do E.*)

SETE

Maya, de gatas no quintal, debate-se por ar, perdida de riso. O céu grita azul. O ar sabe a relva. Não se lembra da piada, o que é por si só hilariante, mas não consegue parar, o que é assustador, embora quando Aubrey repete a palavra – aquela que as pôs a rebolar pela relva –, o medo desapareça.

– Pes... pes... – Aubrey não consegue. As lágrimas correm-lhe pelas faces.

O riso brota da garganta de Maya em línguas de fogo.

– Oh, meu Deus! – arqueja. – Oh, meu Deus, oh, meu...

– Pespi...

– Para! – guincha Maya. – Para! – Bate com as mãos na terra dura.

– *Pespineta!*

E caem ambas para o lado.

Há quanto tempo estão a rir? Um minuto? Uma hora? Um ano?

– Pespineta! – grita Maya. – Não acredito, não acredito... – Não acredita em quê? – Não acredito que *isso* é uma palavra.

– Nem eu – diz Aubrey. – Não acredito... – Perde-se a meio da frase, agora já sem rir, e Maya levanta a cabeça húmida do antebraço, espreita por detrás da cortina do cabelo revoltado e vê Aubrey a fazer festas à relva. A acariciá-la como se fosse um casaco de peles. – É tão macia – diz.

Maya vira-se de barriga para cima e aninha-se na relva. Abre os braços e as pernas em câmara lenta, como quem faz um anjo de neve, e sente todas as folhas de relva que lhe roçam na pele.

– Não acredito em *nada* disto – diz. Veste os habituais calções de ganga e uma camisa demasiado grande da Goodwill, em padrão de zebra, que achou que seria divertida para esse dia. – O céu – clama –, o céu! – Os seus óculos escuros, enormes e enfeitados com brilhantes, também são da Goodwill, e ainda bem que os pôs, porque tem as pupilas muito dilatadas e

o sol está a enviar ondas. Vê-as a ondular pelo céu e fazem-lhe lembrar uma aula de ciências de há muito tempo. – Lembras-te do que o professor Murphy disse sobre o Sol e ondas eletromagnéticas? – pergunta.

– Nem por isso.

– Nem eu – acrescenta Maya, embora se lembre. – Mas agora... acho que estou a *perceber*. Sabes? – Vira a cabeça para Aubrey e ela devolve o olhar, de trás dos seus próprios óculos escuros de aviador, com lentes verde-escuras. Costumam ir muitas vezes às compras à Goodwill juntas.

– Estás?

– Sim – diz Maya. – É como se o espaço fosse feito de água, um enorme oceano, e o Sol fosse uma pedrinha atirada para a superfície desse mar... Causa ondinhas na água. – Levanta os braços, agita os dedos e sente as ondas.

– Uau... – diz Aubrey. – O Sage desta vez não nos falhou, pois não?

Maya ri-se, e recorda a última vez que arranjaram ácido através do *hippie* de meia-idade que trabalha como caixa no Big Y, onde Aubrey trabalha também, a ensacar as compras dos clientes. Sage, com o seu rabo de cavalo grisalho, a cheirar a patchuli, está apaixonado por Aubrey, por isso o ácido é sempre de graça, mas a última dose fora tão fraca que tinham ficado a pensar se seria tão falso como o nome dele.

– *Esta* merda – diz Maya – é cem por cento real.

– *Qual* merda? – pergunta a mãe dela.

Os dedos de Maya ficam paralisados no ar. Fecha os olhos com toda a força, como se isso pudesse torná-la invisível.

– Querem dizer-me o que é que se passa aqui?

A mãe vai matá-la. Mas só se descobrir. Maya baixa as mãos, endireita a camisa de zebra e senta-se, com folhas de relva no cabelo. Sorri o mais naturalmente possível.

– Olá, mãe!

A mãe está a um metro delas, à beira do relvado. Sabe-se lá há quanto tempo.

Brenda normalmente não é tão imponente – embora seja grande, quase trinta centímetros mais alta do que a filha, que é de estatura delicada, e musculada –, mas naquele momento parece uma deusa do Sol irada, de braços cruzados no peito, os caracóis revoltos em torno do rosto como chamas douradas. Veste a sua farda de socorrista: camisa branca, calças azul-escuras, ténis pretos. As sobrancelhas realçadas a lápis sublinham o desagrado no seu rosto, os olhos azuis semicerrados.

– Pensava... que estavas no trabalho – diz Maya.

– E estava. Mas agora estou em casa... e é isto que encontro? A cozinha toda desarrumada? A televisão tão alta que se ouve lá fora? E o que é que estão a ver... É *O Cristal Encantado*?

A mãe conhece-as tão bem às duas.

– Olá, Brenda – cumprimenta-a Aubrey, a voz demasiado elevada.

– *Olá*, Aubrey.

Aubrey encolhe-se perante o tom dela.

– O que é que vocês tomaram? Hã? – Brenda olha de uma para a outra, uma vez, duas.

Maya sente que a *trip* está a ir de mal a pior e tenta não entrar em pânico.

– LSD – confessa, ciente de que não vale a pena tentar esconder.

Brenda abana a cabeça.

– Já para dentro, as duas.

A caminhada através do quintal, sobre o relvado, e pelos três degraus que levam à porta da cozinha é, por si só, uma tortura. O solo parece esponjoso, como areia movediça.

– Esperem! – diz a mãe, quando vê que ela e Aubrey estão a sujar o chão da cozinha com terra. Passa um pano húmido a cada uma, com um

olhar indignado para os pés de ambas.

Sentam-se no chão. Estavam a ver *O Cristal Encantado* quando Aubrey teve um desejo súbito de estar em contacto com a natureza, e assim tinham rastejado algum tempo pelo jardim até ela dizer *pespineta* e as fazer perder o controlo.

Maya limpa a terra dos dedos dos pés, dos calcanhares, das reentrâncias nos tornozelos.

– Vai contar ao meu padrasto? – pergunta Aubrey.

Brenda senta-se à mesa.

– Não sei – responde. Parece cansada.

É então que Maya repara na ligadura na mão da mãe.

– O que aconteceu?

– São só uns pontinhos – diz a mãe. – Não te preocupes.

Mas Maya preocupa-se. O trabalho da mãe é assustador – as luzes a piscar, as sirenes a uivar, os gritos das pessoas. Assusta-a ainda mais quando não está a tripar. Olha para a ligadura branca.

– Por favor, não diga nada ao Darren – pede Aubrey, a chorar.

Maya chora também. Ama a mãe, não quer que ela sofra.

– Muito bem, vocês as duas, acalmem-se lá – diz Brenda. Fala em tom bondoso, com a mão no ar para provar que está tudo bem, e não como outros pais poderiam reagir, porque ela sabe como lidar com isto. Farta-se de ver coisas no trabalho: más *trips*, *overdoses* sérias, facadas. – Há quanto tempo é que o tomaram? – pergunta, calmamente.

Maya e Aubrey entreolham-se. Há quanto tempo terá sido? Seis horas? Sete?

Brenda suspira.

– A que *horas* é que o tomaram?

– Esta manhã? – diz Aubrey. – Tipo... por volta das onze?

Brenda olha para o relógio do micro-ondas. É uma e meia.

– Parece que ainda temos um bom bocado pela frente...

*

Veem *O Cristal Encantado* do princípio, as três, Maya e a mãe no sofá, Aubrey refastelada na poltrona. Uma ventoinha ao canto faz circular uma brisa fresca pela sala que é também o vento que sopra nas florestas de Thra. Maya compreende que está metida em sarilhos, que a mãe está apenas à espera de que lhe passe a moca para lhe ralhar severamente e a castigar de alguma forma, mas para já tudo é perfeito. Maya está ali, mas está também no filme, com o mesmo deslumbramento que sentia quando o via em pequena, antes de haver diferença entre realidade e magia.

Sente-se como os crentes se deviam sentir ao contemplar o Paraíso – um anseio por uma época antes de as pessoas saberem que estavam nuas, em que as conversas com Deus eram normais. Maya anseia por esse tempo na sua própria vida, não devido a alguma necessidade de escapar à realidade – a realidade não é má –, mas apenas porque nasceu assim. Nasceu para ansiar, como acontece com algumas pessoas, por tempos mágicos. Esta é a quarta vez que mete ácido, por isso sabe da tristeza que virá depois, a sensação de Deus ter abandonado o Éden. E custa sempre ainda mais a Aubrey.

Aubrey parece abatida quando a mãe de Maya a leva a casa, nessa noite, apesar de Brenda ter concordado em não dizer nada sobre o ácido. Ninguém diz nada quando param em frente da casa de Aubrey.

O lago Silver cintila por trás da casa, obsidiana no crepúsculo. Aubrey vive mais perto do lago. A bem da verdade, foi por isso que Maya quis meter o ácido em sua casa e não na de Aubrey. A verdade é que Maya tem um certo medo do lago. Nunca o admitiria a ninguém porque, se o fizesse, pareceria a tia Lisa.

(No entanto, se pudesse falar livremente, Maya mencionaria as lendas locais que dizem que o lago muda de cor à noite e que se ergue vapor da sua superfície no inverno. Diria que o lago está *mesmo* poluído, e quem sabe o que os PCB podem fazer a uma pessoa?)

– Obrigada pela boleia – diz Aubrey ao sair do carro.

– Se isto voltar a acontecer, conto aos teus pais.

No caminho de regresso a casa, Maya pergunta à mãe quanto tempo vai ficar de castigo sem poder sair.

A mãe não responde logo. Trocou a farda de socorrista por uma *T-shirt*, calções de algodão e sandálias, mas ainda tem a ligadura branca na mão. Maya ficou a saber entretanto que ela se cortou num pedaço de metal ao retirar um rapaz de um acidente de automóvel.

Maya esperava que a mãe estivesse zangada, mas ela parece apenas triste.

– Não quero pôr-te de castigo – diz. – De qualquer maneira, daqui a três meses já não estarás aqui e poderás fazer o que quiseres. Só gostava que... gostava que visses as coisas que eu vejo. Na ambulância. Compreenderias como pode tudo correr mal tão facilmente, tão *depressa*.

– Eu sei, mãe. Terei cuidado. Não íamos conduzir, nem nada.

A mãe estaciona em frente à casa, desliga o motor e vira-se para ela.

– Sabes que não é só isso. Podes acabar como...

– Deixa-me adivinhar. Como a tia Lisa?

– Está nos teus genes. És *suscetível*... porque é que não percebes isso? Uma droga como o LSD pode desencadear algo... um episódio.

Maya suspira teatralmente. Porque é que a mãe não percebe que uma única *trip* de ácido não é nada em comparação com o consumo pesado de metadona de Lisa, além do óbvio problema com a bebida? Vai para a Universidade de Boston, com uma bolsa de estudo que cobre todas as despesas. Tem esperteza suficiente para compreender duas coisas ao mesmo

tempo – que a tia sofria de delírios paranoicos e que o lago Silver é, em certa medida, tóxico. Mas a mãe parece decidida a ver o mundo a preto e branco, por isso tudo o que Maya diz é:

– Está bem, desculpa. Vou ter mais cuidado daqui para a frente.

OITO

Maya apoia a cabeça latejante no vidro da janela do carro da mãe, que a foi buscar à estação rodoviária. Passam pela igreja de São José, que os avós dela frequentavam, e pelo YMCA, onde ela aprendeu a nadar. As ruas do centro de Pittsfield eram ladeadas por edifícios históricos grandiosos. Antigos armazéns. Um teatro de finais do século dezanove, a Era Dourada. Um tribunal em mármore. Quando Brenda era pequena, os adolescentes costumavam andar de carro para cima e para baixo por North Street nas noites de quinta-feira – chamavam-lhe «navegar». Maya não percebia. Se visse alguém a fazer tal coisa hoje, partiria do princípio de que andavam a vender drogas.

O carro virou para a rua onde ela crescera. Conhecia este sítio de cor: as casas grandes divididas em apartamentos, a tinta a descascar, os pratos de satélite, os relvados maltratados. Até as decorações de Natal dos vizinhos – a bengala às riscas gigante e o Pai Natal insuflável – lhe eram familiares. A casa em que crescera era de madeira, com ar pouco firme, como as outras. A tinta era amarelo-limão. Um oleado azul protegia o pequeno jardim da frente dos rigores do inverno. Era a mais pequena da rua, mas, como Brenda gostava de lembrar, pertencia-lhes. Comprara-a quando Maya tinha oito anos.

Brenda já não era tão robusta como nesses tempos, e já não trabalhava como socorrista, mas sim como *sous-chef* e padeira num centro de reabilitação de luxo. Trocara de carreira porque, nas suas palavras, estava velha de mais para trabalhar em ambulâncias. Sofrera maus jeitos nas costas, enxaquecas, tornozelos torcidos. Não suportava ver morrer mais ninguém. Tinha os braços mais magros, o tronco mais largo, e os caracóis loiros estavam a ficar cinzentos, mas Maya gostava de pensar que a mãe parecia mais feliz. Ou, pelo menos, mais relaxada.

A neve derretida infiltrou-se nas solas dos ténis de Maya quando saiu do carro. Era meio-dia de um domingo de inverno, a rua estava sossegada, o dia encoberto. O cinzento no cabelo da mãe parecia mais pronunciado sob esta luz. Ou talvez Maya tivesse estado longe mais tempo do que pensava.

Raramente vinha a casa, agora, e sabia que isso magoava a mãe, mas a verdade era que Maya ainda guardava ressentimentos por causa do passado. Todavia, admiti-lo seria aceitar que alguma parte de si ainda acreditava que Frank assassinara Aubrey – algo que Maya nunca revelaria à mãe. Brenda entraria em pânico, convicta de que a filha estava a ir pelo mesmo caminho da tia Lisa, e em menos de nada estaria ao telefone com o doutor Barry.

– Mal posso esperar para ver o que achas do quarto – disse Brenda, sentando-se no banco baixo ao lado da porta para descalçar as botas. – Vais ser a primeira a dormir na cama nova.

– Livraste-te da minha cama?

A mãe riu-se.

– A *tua* cama? Quando foi a última vez que dormiste nela?

A pergunta estava carregada de culpa.

– O colchão novo tem uma camada de espuma – disse a mãe.

Maya descalçou os ténis e despiu o casaco e entrou para ver o «quarto novo», que era o seu antigo quarto convertido numa divisão para alugar pelo Airbnb. A mãe parecia mais descontraída desde que deixara o antigo trabalho, mas também sofrera um corte nos rendimentos, e só poderia reformar-se daí a uns bons anos.

Maya abriu a porta e mal reconheceu o quarto que lhe pertencera entre os oito e os dezoito anos. Era um santuário ao turismo das Berkshires, os turistas que a mãe esperava atrair. Em vez de *posters* das Tender Wallpaper e do filme *O Labirinto do Fauno*, as paredes estavam agora decoradas com gravuras emolduradas de Norman Rockwell e fotografias de Pittsfield nos seus tempos áureos, quando carros clássicos cheios de cromados percorriam

a movimentada North Street. Um candeeiro em cima da secretária emitia um brilho amarelado, e as cortinas vermelhas e douradas evocavam as cores da folhagem de outono.

Maya esperava, para bem da mãe, que os turistas aparecessem. Mas Pittsfield não era um destino tão procurado como Stockbridge, ou Lenox, ou várias outras cidadezinhas na região das Berkshires. De tantos em tantos anos, uma revista qualquer incluía-a numa lista de cidades em ascensão ou escrevia que a região estava a assistir a um ressurgimento, e Brenda queria muito que isso fosse verdade, que a sua cidade natal voltasse a ser o lugar que lhe parecera quando ela era pequena. Porém, pelo menos para Maya, isso ainda não acontecera.

– Então? O que achas?

– Está ótimo – disse Maya. Mas havia algo de perturbador em ver o seu antigo quarto, tão familiar, ocupado por mobílias que nada lhe diziam. A cama era nova, bem como a cómoda e a pequena televisão de ecrã plano. A única coisa que a mãe mantivera do passado fora a mesa de cabeceira.

– Experimenta lá a cama – disse a mãe, apontando para o colchão despido.

Maya sentou-se e deixou-se cair para trás, afundando-se no colchão.

– Macio.

– Os lençóis estão na máquina de secar. Vou buscá-los.

Ao olhar para o teto, Maya reconheceu a vista – isso não mudara. A mancha de humidade por cima da sua cama era-lhe tão familiar como um sinal de nascença. Sozinha, virou-se de lado e viu que a mãe arrancara os autocolantes que Maya colara à mesa de cabeceira quando era pequena. A sua velha coleção de autocolantes. Ainda se viam alguns vestígios na madeira. Inclinou-se mais, por cima da beira da cama, e viu parte de um autocolante que não saíra completamente. Era de uma banda, preto com

letras roxas. As Tender Wallpaper eram a banda preferida de Aubrey; ela e Maya tinham assistido um concerto delas na noite antes de ela morrer.

Este autocolante viera com os bilhetes que Maya comprara para esse concerto, e vê-lo trouxe-lhe à memória aquela noite (dançar de olhos fechados, com Aubrey ao seu lado), mas também o dia seguinte (Aubrey a cair morta nos degraus).

Ouviu passos.

A mãe percebeu logo que havia algo errado – Maya viu-o no rosto dela quando entrou com os lençóis nos braços: a preocupação de uma mãe pela filha. O instinto de Maya foi contar-lhe – expor tudo à mãe, aliviar-se do fardo de medo e sentimento de culpa que a sobrecarregava –, mas não podia correr o risco de parecer a tia Lisa, porque precisava de ser levada a sério. Porém, como tinha de explicar as lágrimas nas faces, resolveu abrir-se quanto ao outro problema.

– Andava a tomar clonazepam para dormir todas as noites, e a semana passada acabou e não consegui arranjar mais. Praticamente não preguei olho desde então.

A preocupação aprofundou-se no rosto da mãe. Antes de Frank, Maya falava com a mãe sobre tudo. Fizeram a cama juntas, enquanto conversavam, entalando os lençóis no colchão e cobrindo-os com cobertores. Havia um conforto enorme em regressar à forma como as coisas eram antes. Antes de ela ter maus hábitos para esconder.

– Quanto é que estavas a tomar?

– Dois ou três miligramas por noite... e geralmente mais metade durante o dia.

A mãe de Maya parecia desapontada, mas não surpreendida.

– O doutor Barry nunca te receitou tanto, pois não?

Maya abanou a cabeça. Quando a mãe se aproximou, julgou que ia abraçá-la, mas Brenda pegou-lhe no braço para lhe medir a pulsação.

– Não sabes que é perigoso parar de tomar isso de um dia para o outro?

– É por isso que aqui estou. – Não era toda a verdade, mas era factual, pelo menos.

A mãe perscrutou-lhe os olhos, examinou-lhe as pupilas.

Maya afastou-se.

– De qualquer maneira, tenho quase a certeza de que o pior já passou. Só preciso de aguentar mais uns dias, dormir.

Isso era o principal, na verdade – não dormia mais do que poucas horas por noite, há vários dias, e ter-lhe-ia sabido bem aquele abraço, ou qualquer outro gesto de conforto. Mas em vez disso Maya sentiu, como noutras alturas difíceis, que a mãe, na sua preocupação, a tratava como se ela fosse uma paciente.

Brenda encostou a palma da mão à testa da filha.

– Pelo menos não tens febre, mas diz-me se te começares a sentir pior.

– Eu...

– Ou se vires clarões. Ou ouvires alguma coisa que não está lá.

– Está bem, mas...

– Ou se deres por cheiros estranhos.

– Está bem.

Maya já estava arrependida de se ter exposto tanto. Era óbvio que agora a mãe ficaria de olho nela, o que tornaria ainda mais difícil fazer aquilo que tinha de fazer, mas não parecia possível voltar atrás. A mãe passaria a vigiá-la com a atenção de uma socorrista reformada que nunca saíra realmente da ambulância.

NOVE

A avó de Maya morreu um mês antes de Aubrey.

Mais tarde, o doutor Barry apontará para essas duas perdas, tão próximas entre si, como evidência de que Maya se encontrava num estado vulnerável. Daí a psicose. Porém, ainda mais tarde – anos mais tarde –, Maya perceberá que foi a dor que a deixou vulnerável a Frank. Quando olha para trás, para essa época, parecer-lhe-á óbvio: ele decerto sabia que ela estava a sofrer, quando se conheceram. Com certeza apercebeu-se disso. Mesmo que ela própria ainda não o soubesse.

Ao princípio, não sabe bem o que sentir. Nunca conheceu sequer a avó pessoalmente. Não sabe o que dizer quando a mãe bate ao de leve na porta do seu quarto para lhe contar que a Abuela morreu.

Maya estava a começar a fazer as malas. Ainda faltam dois meses para a mudança para a residência universitária, mas está demasiado empolgada para esperar. Começou pelos livros e passou a última hora a inspecionar as centenas de volumes que possui para decidir quais vai levar. Só tem espaço para vinte e tinha acabado de passar o livro *A Coisa* de Stephen King para o monte que ia deixar em casa, de modo a arranjar espaço para *Ponte para Terabithia* de Katherine Paterson, que a mãe lhe lera quando ela tinha dez anos e ficara fechada em casa uma semana por causa de uma laringite. Segurar no livro trazia de volta o som da voz da mãe e a história de duas crianças que inventam o seu próprio mundo. A memória brilha com tal deleite que Maya não consegue separar-se do livro.

À excitação por deixar Pittsfield, junta-se alguma tristeza e um sentimento de culpa persistente por deixar a mãe. Diz a si própria que virá a casa uma vez por mês. É nisso que está a pensar quando a mãe lhe dá a notícia.

– O quê? – diz Maya, erguendo os olhos dos montes de livros que a cercam no chão, embora tenha ouvido perfeitamente as palavras.

A avó morreu de um AVC, em casa, na Cidade da Guatemala. Era uma presença constante, ainda que distante, na vida de Maya. Uma voz ao telefone, várias vezes por ano. Uma fotografia. Postais de aniversário escritos à mão. O pai de Maya também morreu, mas isso sempre foi assim. Ela nunca tinha conhecido mesmo ninguém que morresse.

– Oh, bolachinha – diz a mãe, e entra no quarto enquanto Maya revira as suas memórias em busca da avó que acaba de perder.

E aquilo que Maya percebe é que nunca a conheceu, na verdade. A avó fora tão abstrata como a própria morte até àquele momento – uma ideia, nada mais –, mas de súbito a ausência da Abuela parece muito real, um vazio a crescer-lhe no peito.

A Abuela era um elo de ligação ao pai. A pessoa que melhor o conhecera. Há tantas perguntas que Maya lhe devia ter feito.

A mãe senta-se ao lado dela na carpete, com cuidado para não derrubar as pilhas de livros. Parece quase apologética.

– Não cheguei a responder ao último postal de aniversário que ela me mandou – diz Maya.

A mãe sempre lhe tentara incutir a importância de conhecer a mãe do seu pai, e recordava frequentemente a Maya que escrevesse à avó, que lhe telefonasse. Mas Maya era demasiado jovem para compreender, ou talvez demasiado egoísta, como as crianças são por vezes. Demasiado centrada em si própria. Demasiado envergonhada do seu sotaque horrível quando falava espanhol ao telefone, forçando a avó a fazer todas as despesas da conversa nas raras ocasiões em que tal acontecia.

A mãe pousa-lhe a mão no ombro.

– Não te preocupes com isso – diz. Tem lágrimas na voz.

– Quero ir ao funeral.

A mãe olha para ela.

Maya nunca esteve na Guatemala.

A mãe sempre lhe disse que era demasiado perigoso – e basta recordar o que aconteceu ao pai de Maya: Jairo Ek Basurto foi morto a tiro à porta da casa dos pais, com apenas vinte e dois anos. Corria o ano de 1990. A guerra civil na Guatemala ainda grassava, e o Exército andava a matar quem não concordava com eles.

Maya tinha doze anos quando conseguiu arrancar essa informação à mãe. Fora um choque. Porque é que o Exército mataria o seu próprio povo? Brenda, que estava no país numa viagem de trabalho missionário, organizada pela igreja dos pais, quando conhecera Jairo, explicou-lhe o melhor que podia, tendo em conta a idade dela.

A terra onde os maias viviam há milénios era, por mero acaso, perfeita para cultivar grandes quantidades de bananas. Nos anos quarenta, a empresa Chiquita era a maior proprietária de terras do país. Chamava-se, na altura, Companhia de Fruta Unida, e detinha um forte controlo sobre o governo guatemalense.

Porém, em 1944, o povo da Guatemala expulsou o governo que era leal à empresa de produção de fruta, e elegeu um presidente que queria, entre outras coisas, voltar a comprar parte das terras detidas pela companhia e devolvê-las àqueles que lá viviam. Terras que eram sagradas. As selvas densas e os planaltos brumosos. Vulcões e cenotes.

Esse presidente recém-eleito e o seu sucessor acreditavam que as pessoas valiam mais do que o dinheiro, mais do que bananas baratas. A Companhia de Fruta Unida discordava. Queria ficar com aquelas terras. A companhia era uma antepassada das campanhas de relações públicas modernas, e tal como convencera os americanos a comprar mais bananas, convenceu o presidente dos Estados Unidos da América de que o presidente guatemalense recém-eleito era comunista. Estava-se na década de

cinquenta, e a Guerra Fria começava a ganhar ímpeto. Maya não sabia nada da Guerra Fria, aos doze anos, mas pelo tom de voz da mãe percebeu que as coisas iam complicar-se.

O presidente Eisenhower deu ouvidos à companhia de produção de fruta. Mandou a CIA para a Guatemala, em segredo, com o intuito de fomentar uma pequena rebelião no país. Os Estados Unidos treinaram os revoltosos e deram-lhes armas. E em 1954 essa oposição, com muita ajuda dos Estados Unidos, derrubou o presidente democraticamente eleito. Instalaram no seu lugar um militar, um homem que de boa vontade deixou a companhia de fruta cultivar as suas bananas.

A situação ficou muito difícil para o povo maia nessa altura, especialmente para os camponeses e para todos os que os apoiavam: os estudantes, os professores, os artistas, os escritores, os vizinhos. Todas essas pessoas formavam a maioria no país, mas eram os poucos no topo da hierarquia que detinham todo o poder. Algumas pessoas ficaram tão zangadas que fugiram para as montanhas, para lutar, recrutando crianças esfaimadas para o seu lado. A guerra civil durou trinta e seis anos e morreram duzentas mil pessoas, muitas das quais torturadas, além dos milhares e milhares de *desaparecidos* – uma expressão que Maya, aos doze anos, não compreendeu.

«Significa que a Polícia os prendeu, em segredo», explicara a mãe, «e que nunca mais ninguém os viu.»

Maya, de apenas doze anos, começava já a arrepender-se de ter perguntado.

Desde que se lembrava que andava a massacrar a mãe para lhe contar porque é que o pai morrera. E como. E onde. E quando. Mas quando a mãe começou realmente a contar-lhe tudo, sentiu um nó na garganta.

O pai era estudante universitário de Literatura. Era também escritor – mas essa era outra história, que Maya já conhecia. Esta era a história da sua

morte. Finalmente. (Mas, ao mesmo tempo, demasiado cedo.)

O pai dela pertencia a uma organização estudantil que se deslocou até uma pequena aldeia nas terras altas. O Exército tinha levado recentemente a cabo um massacre nessa aldeia, e o pai de Maya, com outros alunos e alguns professores, ia marchar ao lado dos sobreviventes, exigindo o fim da presença do Exército na aldeia. O coração de Maya inchou de orgulho ao ouvir isso, e depois apertou-se com medo quando a mãe explicou que alguém o fotografara lá.

Naquele tempo, não era preciso mais.

O mundo começava na altura a reparar naquilo que um dia viria a chamar-se o Holocausto Silencioso, mas em 1990 o Exército ainda matava impunemente aqueles que não concordavam com eles.

Pessoas como o pai de Maya.

Esse era o porquê daquilo que lhe acontecera.

O como fora uma bala na cabeça.

O quando, dois meses depois da manifestação de protesto. Jairo fora fotografado nesse dia, a marchar ao lado de um conhecido professor de História que entretanto desaparecera – e não apenas ele, mas também três dos seus amigos. Um padeiro. Um professor. Um padre. Naquele tempo, não era preciso mais do que ser associado àquele professor de História em particular.

O assassino nunca seria identificado, muito menos levado perante a justiça. Podia pertencer ao Exército, ou trabalhar para eles, ou talvez fosse membro de um dos infames esquadrões da morte da Guatemala.

Dirigiu-se à porta de Jairo numa bela manhã de sábado. A mãe de Jairo estava atrás da casa, a lavar uma toalha de mesa às flores encarnadas no tanque. O pai dele estava na sala, a ler o jornal no sofá.

A mãe de Maya estava na cozinha a preparar uma chávena de café instantâneo – uma colher de *Nescafé*, uma de açúcar e duas de leite em pó.

Encontrava-se na Guatemala há pouco mais de um mês, estava grávida, mas ainda não sabia, e aquilo fazia parte da sua rotina: em manhãs assim soalheiras, gostava de subir as escadas metálicas instáveis até ao terraço, no telhado, e beber o café ao ar livre.

(Mas essa também era outra história.)

Estava a despejar água a ferver na chávena de café quando ouviu o tiro. Nunca o esquecerá.

Olha para a filha.

– Quero ir ao funeral – repete Maya, como se se tivesse esquecido de tudo o que a mãe lhe contou quando ela tinha doze anos.

– Sabes que é muito perigoso. – Brenda prometera levá-la um dia, quando fosse seguro, mas esse dia ainda não chegara.

– Eu tenho cuidado – promete Maya.

A mãe abana a cabeça.

– Vou fazer dezoito anos em agosto.

Uma centelha de fúria brilha nos olhos da mãe.

Maya não chegou a conhecer a avó, e agora nunca a conhecerá. E tudo o que tem do pai são algumas fotografias e meia dúzia de histórias – todas elas contadas pela mãe, que só o conheceu um mês antes de ele morrer.

De súbito, Maya é atingida pelo peso de tudo aquilo que desconhece sobre a sua própria família.

– Eu vou – afirma, com os olhos também a chispar.

DEZ

Brenda começa agora a trabalhar às cinco da manhã, a fazer pão, bolos e sobremesas para responder à variedade de restrições dietéticas dos pacientes do Centro Serenidade de Lakeside. Os pacientes eram, nas suas próprias palavras, um monte de «esquisitinhos», e com aquilo que pagavam sentiam-se no direito de ter muitas opções: macrobiótica, vegana, sem glúten. Podiam escolher entre um sortido de aulas de arte e ioga, terapia musical e imersão na floresta. Nadavam na piscina, relaxavam na sauna e faziam acupuntura. O centro ficava a algumas cidades de Pittsfield, aninhado no tipo de paisagem que os turistas imaginavam quando pensavam nas Berkshires: montanhas cobertas de árvores que, no outono, pareciam inflamar-se com a folhagem em tons de vermelho, laranja e dourado.

Brenda acordava todos os dias às quatro da manhã e, geralmente, ia deitar-se às oito da noite – e hoje já eram oito e meia. A cabeça tombou-lhe para a frente, mas levantou-a de novo, lutando para não adormecer enquanto estava sentada com a filha na pequena sala de estar.

Maya esperou, na outra ponta do sofá. Assim que a mãe adormecesse, tencionava tirar-lhe as chaves do carro e conduzir os dez minutos que distavam do restaurante Blue Moon, o do vídeo do YouTube. O artigo do *Berkshire Eagle* mencionava que Cristina morrera num domingo e hoje era domingo, pelo que seria provável apanhar a mesma empregada de serviço.

O radiador ao canto da sala fez um ruído que se ouviu por cima do episódio antigo dos *Simpsons* na televisão. Maya pegou no comando e baixou o volume. Pouco depois, a mãe ressonava baixinho.

Escapulir-se às escondidas de casa, pé ante pé pelo corredor e pela cozinha, agora que era adulta, parecia-lhe ridículo. Era como voltar à adolescência, as paredes entre o passado e o presente a tornarem-se mais finas, pensou, enquanto tirava as chaves do carro da mãe da sua mala

enorme e atafalhada e saía para a noite, tal como antigamente. Lá fora, a noite estava fria e sem estrelas. Nevava um pouco. Maya limpou o para-brisas do carro da mãe com a manga e entrou.

Não sabia exatamente o que esperava descobrir ao falar com a empregada que estava presente quando Cristina morrera, mas talvez houvesse alguma coisa que a câmara não tivesse apanhado, uma *nuance* ou uma expressão no rosto de Cristina, algo tão subtil que só pessoalmente se daria por isso. Ou talvez a empregada tivesse ouvido alguma coisa. Fosse como fosse, Maya tinha de tentar. Steven Lang não lhe respondera. Meteu pela Lincoln, passando por mais casas como as da mãe, por uma antiga fábrica de seda e pela biblioteca pública. A biblioteca fora um dos seus sítios preferidos enquanto crescia. Passava o verão a aproveitar o ar condicionado gratuito, a ler livros ou a apanhar sol no terraço. Mas agora o velho edifício de tijolo causou-lhe uma vaga de pavor. Fora na biblioteca que conhecera Frank.

Passou por cima do rio Housatonic gelado e entrou no parque de estacionamento do Blue Moon. Maya lembrava-se de lá ir quando era pequena, mas na altura era um restaurante da cadeia Friendly's. Já então, tal como agora, o parque de estacionamento estava quase sempre meio vazio. Maya respirou fundo ao sair do carro e reviu o que tencionava dizer à empregada.

Mal entrou no restaurante, viu-se frente a frente com uma estátua de Betty Boop. Uma *jukebox* com luzes de néon tocava «Dream Lover». O chão era aos quadrados pretos e bancos, os bancos de napa vermelha, mas a disposição do espaço não mudara desde que fora um Friendly's. Maya lembrou-se de partilhar um *sundae* com a mãe numa mesa ocupada agora por um homem de meia-idade, que comia sozinho enquanto olhava para o telemóvel.

– Sente-se onde quiser – disse uma empregada adolescente.

Maya levantou a cabeça e localizou a câmara de segurança, usando-a para se orientar e se sentar na mesma mesa onde Cristina estivera com Frank.

– Alguma coisa para beber? – perguntou a empregada.

– Água, por favor. – Abriu a ementa, mas, assim que a empregada se afastou, os seus olhos inspecionaram a sala. Menos de metade das mesas estavam ocupadas. Havia vários comensais sentados ao balcão, sozinhos. Maya reconheceu a decoração do vídeo: os bancos altos cromados, o relógio a imitar o estilo *vintage*. Nada parecia fora do normal. Estava prestes a levantar-se para dar uma volta quando a empregada voltou com a água.

– O que vai ser?

– Chá, por favor.

– Mais alguma coisa?

Nesse momento, atrás do balcão, as portas da cozinha abriram-se e a empregada ruiva do vídeo apareceu e ficou atrás do balcão, a servir cafés. Aparentemente estava num posto diferente esta noite.

– Na verdade – disse Maya –, acho que vou sentar-me ao balcão.

A rapariga fez um ar aborrecido.

Quando se aproximou do balcão, Maya tentou perceber se era realmente a mesma pessoa: a empregada no vídeo parecera-lhe ser mais ou menos da idade dela, enquanto a mulher à sua frente estava de certeza na casa dos cinquenta. Rugas fundas emolduravam-lhe os olhos de pálpebras pesadas e os lábios pintados – mas era possível que a câmara não visse essas coisas. E o cabelo da empregada coincidia – curto e ruivo. A placa ao seu peito dizia barb.

Ela entregou uma ementa a Maya.

– Já sabe o que vai querer?

– Chá, por favor. E asinhas fritas. – Maya estava demasiado atrapalhada para conseguir comer, mas pedir comida parecia ser um passo para cair nas boas graças da empregada.

– «Nas calmas» ou «Deixa a cascavel chocalhar»?

– Desculpe? O quê?

– Quer as asinhas pouco ou muito picantes?

– Oh! Muito.

A empregada virou-se para ir preparar o chá, despejando água quente, e Maya tentou reunir forças. Limpou o rosto com um guardanapo. Havia três outras pessoas sentadas ao balcão, dois homens de idade com jornais e uma mulher com uma farda de hospital.

– Aqui tem – disse a empregada, pousando a caneca no balcão. – Quer mel no chá? Ou leite? – O seu tom era amável, mas cauteloso, como se pressentisse que havia algo estranho em relação a Maya.

– Na verdade, gostava de lhe perguntar uma coisa. O meu nome é Erica. Sou amiga da Cristina Lewis.

– Viu o vídeo, não foi? Aquela porcaria está por todo o lado. – Barb parecia quase orgulhosa. Olhou para a câmara. – Ainda não fazemos ideia de quem o publicou *online*... Como é que disse que se chamava?

– Erica – respondeu Maya, baixando a voz. Apesar de todas as mentiras que dissera nos últimos tempos, sentia-se constrangida. – A Cristina e eu andámos na escola juntas, em Moab. Desde a creche ao liceu.

Pelo canto do olho, Maya viu que toda a gente no balcão se silenciara.

– Os meus sentimentos – disse Barb, e depois perguntou: – Já descobriram o que lhe aconteceu? – A sua voz irradiava curiosidade.

– Que eu saiba, não.

A outra mulher pareceu desapontada.

– Estava com esperança de que me pudesse contar o que viu, naquele dia – disse Maya. – Ou talvez tenha ouvido alguma coisa?

– Hambúrguer, mal passado! – disse uma voz da cozinha, e a empregada virou-se para pegar no prato.

– Quero uma dose de asinhas! Picantes! – respondeu. Serviu o hambúrguer à mulher com a farda hospitalar e virou-se de novo para Maya. – Não ouvi nem uma palavra do que eles disseram. A música estava ligada, como agora. E aquilo que vi foi basicamente o que toda a gente viu no vídeo.

– Basicamente?

– Houve uma coisa que a câmara não apanhou. Eu contei tudo à Polícia, claro.

Todos os clientes sentados ao balcão estavam à escuta e Maya sentiu que a empregada não se importava.

– O que foi?

– Os olhos da Cristina – disse a empregada. – No vídeo parece que ela estava a olhar para o Frank. Mas para quem estava aqui, via-se que na realidade estava a olhar para *além* dele, para qualquer coisa no canto.

– O quê?

– Nada. Literalmente, uma mesa vazia. – Maya seguiu o olhar da empregada até à mesa com bancos de napa vermelha. – Naquele dia também não estava ali ninguém sentado, mas ela não tirava de lá os olhos, como se conseguisse ver alguma coisa que nós não víamos. O meu gato faz a mesma coisa, às vezes. Deixa-me toda arrepiada.

Um pavor gelado espalhou-se pelo peito de Maya.

– E ela parecia... normal?

– Bom, sim, se acha que isso é normal. – A empregada inclinou-se mais para Maya como se fosse contar-lhe um segredo, mas depois falou em voz suficientemente alta para todo o balcão a ouvir. – Aqui entre nós, sempre achei que este sítio está assombrado. Eu sinto estas coisas, e se calhar *havia* mesmo alguma coisa além, naquele dia.

O pavor de Maya transformou-se em ceticismo.

– O quê? Um fantasma?

A empregada fez que sim com a cabeça.

Um dos homens mais velhos inclinou-se para Maya.

– Não a faça falar.

A empregada franziu a testa.

– A conversa não é contigo, Doug. – Serviu-lhe mais café.

– Então acha – perguntou Maya à empregada – que a Cristina viu alguma espécie de fantasma e que isso... a matou?

– Tudo o que sei é que ela viu *de certeza* qualquer coisa mesmo antes de morrer. Alguma coisa que só ela conseguia ver.

– Asinhas picantes! – anunciou a voz da cozinha.

– Está a fazer algum *podcast* ou coisa do género? – inquiriu a empregada, colocando o prato fumegante em frente de Maya.

– Não exatamente – respondeu Maya, e pediu-lhe se podia embalar as asinhas para levar.

A caixa descartável encheu o carro com o aroma salgado do molho das asas. Maya ligou o aquecimento no máximo, mas não conseguia sentir-se quente.

A conversa sobre fantasmas trouxe-lhe à cabeça o que o doutor Barry dissera sobre a ligação entre a morte súbita inexplicada e o pensamento mágico: «Algumas culturas culpam os espíritos maus.» A ideia era que a mente arranja maneiras de explicar as coisas a si própria. A dor pode tornar a imaginação extra criativa. Ela compreendia tudo isso. O doutor Barry diria que a empregada do restaurante estava delirante, e Maya talvez se visse forçada a concordar com ele.

Observar aquele comportamento noutra pessoa dava que pensar. Sentiu uma vaga de empatia ao imaginar Barb a explicar a sua teoria do restaurante assombrado à Polícia, mas desta vez a sua mente estava do lado do doutor

Barry. Talvez fosse esse o problema de Maya, afinal de contas. Talvez a sua mente não conseguisse reconhecer a própria doença.

ONZE

Quatro dias depois da morte da avó, Maya caminha, ao lado da mãe e com dezenas de outras pessoas, pelo Cementerio General na Cidade da Guatemala, atrás do caixão de Emilia Ek Basurto. O cemitério é enorme e labiríntico, ocupando vários quarteirões da cidade, e no entanto parece estar apinhado de gente. Muros altos e grossos ladeiam o trajeto do cortejo fúnebre, cada muro com uma grelha de filas sobre filas daquilo que, a Maya, parecem armários, mas que na realidade são sepulturas. Cada «armário» tem um corpo lá dentro, fechado por uma camada de cimento, na qual, na maioria dos casos, uma placa ostenta o nome da pessoa nele sepultada e os anos do seu nascimento e morte.

Flores em todas as fases de decomposição adornam as sepulturas, cores vivas contra o cimento cinzento e o musgo verde-escuro que se espalha por cima de tudo. É a época das chuvas: os habituais aguaceiros da tarde vêm a caminho, o ar está carregado e a procissão é tão lenta que mais parece que caminham debaixo de água. O suor humedece o vestido preto comprido que Maya escolheu, colando-o às suas costas, e ela respira pela boca, tentando não mostrar o quanto a estão a afetar todos os cheiros que lhe encham o nariz. Primeiro que tudo, as flores – lírios, rosas, margaridas, gladiólos – nos baldes dos vendedores à entrada do cemitério, a derramarem-se das campas, pétalas caídas a tingir de castanho todas as superfícies. Não conseguem contudo disfarçar aquilo que Maya só pode presumir tratar-se do cheiro da morte. Como corpos virados do avesso.

Abutres esvoaçam em círculos por cima deles. São cada vez mais, à medida que o funeral se embrenha pelo cemitério, e Brenda explica à filha, o mais calmamente possível, que as campas aqui são arrendadas, como apartamentos. As famílias têm de pagar as taxas regularmente para que os seus entes queridos permaneçam sepultados. E se falharem um pagamento,

o corpo, qual inquilino, é despejado e atirado para uma vala comum no limiar do cemitério.

As paredes de túmulos dão lugar a um campo de jazigos delapidados. O lote da Abuela é mesmo ao fundo do cemitério, ao lado do filho. O jazigo da família é do tamanho de uma cabina telefónica, com uma porta metálica enferrujada e um crucifixo de pedra em cima. Um abutre está empoleirado num ramo baixo de uma árvore próxima, a ajeitar as penas negras. O cheiro ali, na orla do cemitério, é ainda pior, um odor químico, de pneus queimados, misturado com morte e flores. Paira no ar uma leve neblina.

Maya aperta a mão da mãe.

– É o aterro da cidade – murmura a mãe. – Começa ali, logo a seguir ao cemitério. Vivem lá milhares de pessoas, sempre a remexer no lixo, à procura de qualquer coisa que consigam vender ou comer.

Brenda esteve na Guatemala, depois da universidade, com um grupo de missionários, apesar de não acreditar em Deus, nem na altura nem agora, e de discordar com a premissa do trabalho missionário. No entanto, achara que poderia fazer algum bem com o diploma em cuidados respiratórios que obtivera na Universidade Comunitária de Berkshire. Já para não mencionar que nunca tinha saído dos Estados Unidos.

Passava os dias em trabalho voluntário num orfanato não muito longe do aterro sanitário da cidade. À noite, dedicava-se a conhecer melhor a família que se oferecera para a acolher em sua casa durante três meses. Brenda não esperava apaixonar-se enquanto estava na Guatemala, mas o resto é a história preferida de sempre de Maya – a história dos seus pais. É essa que tenta recordar enquanto ali está, e não a narrativa da morte do pai.

Brenda parece inquieta desde que chegaram à Cidade da Guatemala. Não sabia das coisas no aeroporto, ri-se nervosamente por tudo e por nada. Não deve ter sido fácil para a mãe, apercebe-se Maya pela primeira vez, cultivar uma relação entre a filha e os Basurtos. Todas as cartas e

telefonemas e, mais tarde, *e-mails*, que se foram tornando cada vez menos frequentes ao longo dos anos. Brenda só conhecia Jairo e a família há um mês quando ele foi morto, e deixou o país imediatamente depois. Esta era a primeira vez que voltava, desde então.

Foi ela que ensinou à filha a maior parte do que Maya sabe sobre a Guatemala. Pendurou tapeçarias maias nas paredes e punha CD de música de marimba enquanto ela e Maya faziam bolos. Aprendeu sozinha a fazer *tamales* enrolados em folhas de bananeira, que preparava todos os Natais. Encorajou Maya a aprender espanhol na escola.

Contudo, para a convencer a fazer esta viagem, Maya teve de recorrer a ameaças. Ameaçou – e com intenção de cumprir – comprar um bilhete de avião sozinha com o dinheiro que ganhara a dar explicações e que estava a guardar para a universidade. Declarou que, se não pudesse ir ao funeral da avó, apanharia um avião para a Guatemala, sozinha, mal fizesse os dezoito anos.

Assim, Brenda cedeu e agora ali estavam elas, agarradas uma à outra no meio de tanta morte e flores. À sua volta, todos estavam vestidos de preto, velados de lágrimas. Enquanto caminha em câmara lenta, Maya sabe que é da família de muitas pessoas naquela multidão, apesar de serem apenas estranhos para ela. No entanto, nunca em toda a sua vida foi tratada tão calorosamente. Chegou há menos de vinte e quatro horas, mas a família trata-as, a ela e à mãe, como se ali tivessem vivido toda a vida. Brenda sugeriu que podiam ficar num hotel, mas essa possibilidade foi de imediato posta de parte. Em vez disso, o avô cedeu a Brenda e Maya a cama que partilhara com a mulher durante décadas, enquanto ele dormia no sofá.

– *Mija* – diz uma voz atrás dela, em espanhol. – Toma estas flores.

Maya vira-se e vê a irmã do pai, Carolina. Carolina é exatamente como Maya será dentro de algumas décadas. Têm precisamente a mesma altura. A pele de Carolina é mais escura, mas partilha com a sobrinha as maçãs do

rosto altas e os olhos cor de mogno. Quando a viu pela primeira vez, Maya sentiu uma pontada de familiaridade, como se tivesse de súbito apanhado um vislumbre do seu reflexo num espelho que não sabia que ali estava. Carolina dá-lhe um raminho de rosas amarelas e indica-lhe, por gestos, que as segure junto do nariz para bloquear o cheiro.

– *Gracias* – diz Maya.

Enfia o rosto nas flores e fecha os olhos enquanto os transportadores retiram o caixão da avó dos ombros. Quando o padre começa a falar, o abutre abre as asas, com uma revoada de vento.

*

Um coro de preces sussurradas enche a pequena sala de estar e a casa de jantar na casa do avô de Maya:

– *Santa María, Madre de Dios, ruega por nosotros, pecadores, ahora y en la hora de nuestra muerte. Amén...*

Irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, primos e vizinhos acumulam-se no sofá e nas poltronas e em pé, encostados às paredes. Têm nas mãos rosários que passam lentamente entre os dedos, cada conta uma oração.

Ensanduichada entre a mãe e a tia Carolina, no sofá, Maya dá por si a rezar também, apanhada pela cadência da repetição. A habituar-se à língua. Carolina serve *Nescafé*, feijão preto, tortilhas e banana-da-terra frita depois da novena, a primeira das nove noites de oração que se seguem ao funeral. Ela e o marido, Toño, mudaram-se para o quarto vazio da casa no ano anterior, para ajudar a cuidar da Abuela que, como elas tinham ficado a saber ao chegar, afinal já estava doente há algum tempo.

Maya sempre se interrogará porque é que ninguém lhe disse nada.

O avô, Mario Hernández Basurto, é um homem de poucas palavras. Tem cabelo denso, ondulado, sobrancelhas hirsutas. A mulher é que era a

mais faladora do casal, passando o telefone ao marido para dar os parabéns à neta, ou para a felicitar pelas boas notas. A morte de Emilia deixou-o mudo de desgosto. Naquela pequena casa, com família, amigos e vizinhos sempre a entrar e a sair para prestar homenagem à mulher dele, Mario, sentado na poltrona na sala, nunca está sozinho e no entanto não fala com ninguém.

Maya passa a maior parte dos cinco dias da sua viagem dentro daquelas quatro paredes, uma casa com cerca de cento e dez metros quadrados, rodeada por um muro tão alto que não conseguem ver para o outro lado. Ela julgara que veria mais da Guatemala, ou pelo menos da cidade. Apesar de ser uma ocasião solene, presumira que ela e a mãe visitariam alguns pontos turísticos, tirariam fotografias, experimentariam alguns restaurantes. Porém, em vez disso, ambas passam toda a viagem, exceção feita ao funeral propriamente dito, no interior do alto muro de blocos de cimento que cerca a casa por todos os lados.

É difícil perceber, de dentro daqueles muros, se a Cidade da Guatemala é mesmo assim tão perigosa, mas a mãe garante-lhe que sim. A guerra civil terminou em 1996, mas o seu espírito sangrento sobrevive nos gangues que acolheram alguns dos órfãos que tinham fugido para os Estados Unidos. A administração Reagan negara-lhes o estatuto de refugiados, mas os gangues de Los Angeles haviam recebido de braços abertos esses jovens traumatizados, e só quando os Estados Unidos começaram a deportá-los é que o MS-13 e outras *maras*, como se chamavam, ganharam raízes no sistema estilhaçado pela guerra da Guatemala, e cresceram até se tornarem nas gavinhas estranguladoras que são hoje.

Carolina acena com a cabeça, em sinal de concordância. Ela também raramente sai, a não ser para trabalhar. Não fala muito bem inglês, mas parece compreender perfeitamente, como muitas das pessoas ali. Acende um cigarro, sentada em frente de Maya e da mãe à mesa de vidro no pátio,

com a cabeça meros centímetros abaixo das flores vermelhas e amarelas flamejantes da helicónia plantada atrás dela. O muro é de um amarelo-alaranjado vivo, coberto de azulejos decorativos e vasos de barro de onde transbordam fetos e buganvílias. A noite está fresca, lavada pela chuva do dia, e as preces da novena já terminaram, o que significa que está na hora do cigarro noturno de Carolina.

Maya sabe-o, agora que é a sua última noite ali: a tia fuma exatamente um cigarro por noite e costuma piscar o olho a quem está por perto enquanto o acende, como se fosse uma fumadora a brincar. Carolina, que é professora primária, não tem filhos, mas trata como bebês todas as suas plantas, muitas das quais têm nome. No dia anterior apresentou a Maya uma árvore *figus* que batizou com o nome de Ursula, e a música dos Mano Negra, que é agora uma das bandas preferidas de Maya; Carolina pode muito bem ser a adulta mais fixe que já conheceu.

E a tia cresceu com o pai de Maya. Nestes últimos dias, Carolina contou a Maya como admirava o irmão mais velho. Ele fazia-a rir como ninguém, e era inteligente, sempre a ler qualquer coisa – banda desenhada, romances, mais tarde jornais e poesia. Confidenciara à irmã que sonhava um dia vir a ser escritor.

Estudava História e Literatura na Universidade de San Carlos, especializando-se, contou-lhe Carolina, nos realistas mágicos. Havia qualquer coisa na maneira como entreteciam magia nas vidas das pessoas normais, como se se recusassem a obedecer ao estilo literário obsessivamente realista dos colonizadores.

O Jairo saberia explicar melhor do que eu, dissera Carolina, em espanhol.

Todavia, parte do problema era a limitada capacidade de entendimento de Maya. O sotaque ali era diferente de tudo o que aprendera na escola, e por isso tinha de estar sempre a pedir à tia que falasse mais devagar, que se

repetisse. E mesmo assim Maya não tinha sempre a certeza de ter compreendido.

O cigarro de Carolina arde devagar. Daqui a pouco ela irá para a cama, e ainda há tanto que Maya lhe quer perguntar, tanta coisa que quer dizer. Com o tempo a esgotar-se, opta por fazer uma pergunta que tem há anos.

– *El libro de mi papá...* – diz. *O livro do meu pai*. Sabe que o pai tinha começado a escrever um livro antes de morrer, mas a mãe não sabe grande coisa sobre ele. «Era um mistério», foi tudo o que Brenda lhe pôde dizer.

»– *Qué fue el?*... – acrescenta, mas não se lembra de como dizer «título» em espanhol. Espreme o cérebro e, enquanto o faz, deteta um cheiro invulgar no pátio, uma nota floral etérea por trás do fumo do cigarro da tia. Primeiro, pensa que é apenas a sua imaginação. – *Qué era el nombre* – tenta de novo, envergonhada com o seu mau espanhol – *del libro de mi papá?*

– *Ah, el título...* – diz Carolina. Semicerra os olhos, tenta recordar-se do título do livro inacabado de Jairo. Depois abana a cabeça, frustrada. Explica que não se consegue lembrar; há muito tempo que não pensava na escrita do irmão. Tudo o que recorda é que o título era longo, um verso inteiro de um poema muito antigo que ele adorava.

O cheiro torna-se mais forte quando Carolina o diz, embriagante e doce.

O olfato de Maya é mais apurado do que o da maioria das pessoas – uma vez, detetou uma fuga de gás na cozinha horas antes de a mãe dar por alguma coisa –, e agora está bastante certa de que não é apenas a sua imaginação. Há qualquer coisa de irreal naquele cheiro que se espalha por trás do fumo do cigarro da tia, como se estivesse a infiltrar-se naquele mundo vindo de outro. De um paraíso. De algum lugar intemporal onde as flores desabrocham à noite – um lugar cujo aroma Maya não devia conseguir sentir dali, mas consegue, e é precisamente o oposto, pensa, do cheiro do cemitério. E igualmente real.

– Mãe? – diz.

– Sim, bolachinha?

– Não sentes este cheiro?

A pergunta de Maya põe Brenda e Carolina de nariz no ar.

Carolina esmaga o cigarro no cinzeiro. Uma expressão de assombro invade-lhe o rosto quando o fumo se dissipa e o cheiro fascinante lhe atinge o nariz.

– *No puede ser...*

Levanta-se da mesa e contorna a esquina da casa. Maya e a mãe seguem-na.

Aí, veem que num cato de aspeto vulgar, num simples vaso de plástico, desabrochou uma única flor enorme, do tamanho de um prato. As longas pétalas brancas formam a flor mais fantástica que Maya já viu, como o olho escancarado de algum deus, ou um fogo de artifício paralisado no tempo. Emite o cheiro mais forte que ela já sentiu em qualquer flor.

– *Qué es?* – pergunta à tia.

– *La Reina de la Noche* – responde Carolina.

– *Qué?* – pergunta Brenda.

Carolina explica que cada flor daquela espécie de cato desabrocha apenas durante uma noite. Esta planta em particular não florescia há anos, e Carolina achava que estava morta.

– *No lo puedo creer* – repete Carolina, abanando a cabeça com incredulidade enquanto as lágrimas lhe encham os olhos.

«A Rainha da Noite», diz em espanhol, «era a flor preferida da minha mãe.»

Maya está a dobrar o vestido preto para o guardar na mala quando ouve bater ao de leve na porta aberta e, ao levantar os olhos, vê o avô.

– *Hola!* – cumprimenta.

– Olá, *mija*. – A voz dele é baixa mas calorosa. Estiveram sentados na mesma sala muitas vezes ao longo dos últimos cinco dias, mas as suas trocas de palavras foram breves.

– Por favor, entra – diz Maya, ao perceber que ele está à espera de que ela o convide a entrar no seu próprio quarto.

O avô está no final da casa dos sessenta, mas parece mais velho devido ao passo lento e ao cabelo todo branco. Abre o armário de madeira ao canto e tira uma caixa de cartão que pousa na cama ao lado da mala de Maya. Retira de dentro dela um álbum de fotografias.

– Olha – diz, em inglês, com sotaque carregado. – Foi a tua avó que o fez.

Abre a capa e revela uma fotografia de Maya quando era bebé, sentada ao colo da mãe, depois mais algumas fotografias suas em bebé. À medida que as páginas passam, Maya vê-se a si própria a crescer. Ali está ela no quinto aniversário. Ali está ela a saltar num trampolim com Kayla, a sua melhor amiga no segundo ano. A fazer uma careta para a câmara no dia das fotografias na escola. A sorrir no cimo de Mount Greylock. A mãe, ao que parece, mandara fotografias à Abuela ao longo de toda a vida de Maya.

– A tua avó gostava muito de ti – diz o Abuelo. – E eu também.

– Oh... – diz Maya, momentaneamente aturdida. Depois as palavras saem-lhe numa torrente. – Eu também gosto muito de si, Abuelo. *Te quiero también. Gracias para... para todo.*

Ele acena com a cabeça. Fecha o álbum de fotografias, dá-lhe uma palmadinha.

– Fico com isto – diz. – Mas tenho uma coisa para ti.

Enfia de novo a mão na caixa de cartão e tira um envelope de papel pardo volumoso. Desenrola o pequeno cordel que o fecha. Levanta a aba e retira um monte de folhas de papel amarelecidas. Maya arregala os olhos. Percebe de imediato o que é. O nome do pai está na primeira página, datilografado em tinta desbotada. E por cima do nome dele, o título do livro, o mistério que ele estava a escrever quando morrera: *Olvidé que era hijo de reyes*.

DOZE

Maya nem sempre teve a certeza daquilo em que acreditava, mas sabia que não acreditava em fantasmas nem em espíritos maus. Fora à procura da empregada de mesa ruiva na esperança de ficar a saber algo mais sobre Frank, mas acabara apenas por duvidar de si própria. Outra vez. Estava exausta. Parou no semáforo vermelho em frente de uma loja de bebidas alcoólicas e debateu consigo própria se havia ou não de entrar. Não tinha apetite para as asinhas fritas que arrefeciam no banco ao seu lado, mas não diria que não a um *gin*, só o suficiente para a ajudar a dormir nessa noite.

O semáforo ficou verde e ela seguiu caminho, passando de novo sobre o rio Housatonic. Ainda lhe doía a cabeça do daiquiri e do vinho da noite anterior, e a mãe perceberia logo se ela tivesse bebido. Havia qualquer coisa de sinistro no facto de Cristina, nos últimos momentos da sua vida, parecer fitar algo que mais ninguém via – Maya compreendia que isso levasse os pensamentos de Barb a virarem-se para o sobrenatural. Mas também era possível que Cristina agisse dessa maneira por estar sob o efeito de alguma coisa. Talvez Dan tivesse razão. Uma *overdose* era a resposta mais óbvia e a mais provável.

Cristina podia ter consumido algo mesmo antes de ela e Frank entrarem no restaurante. Isso explicaria que ela parecesse normal ao entrar, perfeitamente estável; as drogas teriam começado a fazer efeito depois de se sentar. Maya conseguia imaginar essa possibilidade. Sabia como era fácil perder a conta aos comprimidos que tomara ou ao que adicionara ao *cocktail*. Perguntou a si própria se seria isso que tinha em comum com a mulher morta, afinal de contas, além do cabelo e dos olhos escuros: a tendência para apanhar uma grande moca, de vez em quando, como se quisesse erguer-se acima do mundo num leito de nuvens.

Fazia sentido que a pessoa que pintara aquelas paisagens tão frias e inóspitas quisesse escapar à sua própria cabeça, uma vez por outra. Quanto mais Maya pensava nisso, mais se identificava com Cristina e mais questionava a sua própria experiência. Talvez Frank fosse culpado apenas de escolher mulheres que às vezes queriam sair deste mundo. Entrou em casa pela cozinha, o mais silenciosamente que conseguiu, com a caixa das asinhas na mão.

Mas a mãe já estava acordada, sentada à mesa da cozinha a fazer *sudoku* em pijama. Tinha o telemóvel em cima da mesa – ao lado do de Maya, que o deixara em casa de propósito.

Levantou a caixa.

– Apeteceu-me asinhas picantes.

– Devias ter-me pedido boleia.

– Não quis acordar-te.

– E se tivesses uma convulsão enquanto conduziás?

– Não é assim tão grave, mãe. Tenho apenas insónias. – Maya sentiu-se recuar no tempo, ouvindo nas próprias palavras o tom dramático de uma adolescente. Acontecia o mesmo sempre que vinha a casa. Pendurou o casaco num cabide ao pé da porta e pousou as chaves do carro da mãe na mesa.

– Ouve o que te digo – insistiu a mãe. – A abstinência das benzodiazepinas deixa as pessoas paranoicas. Confusas. Muitos dos clientes do centro que eram viciados em benzodiazepinas acabam por ter de tomar antipsicóticos.

– Vês isso tudo enquanto fazes pão?

A mãe franziu a testa.

– Trabalho na cozinha. Ouvimos tudo. A questão é que não me parece que devas andar a conduzir.

Maya suspirou. Não lhe apetecia comer, mas achou que tinha de tentar. Gastara mais do que queria nas asas e ainda deixara uma boa gorjeta a Barb. Pôs as asinhas num prato e depois no micro-ondas, e esperou em pé junto da bancada enquanto aqueciam. Sentia a mãe a observá-la e imaginou-a em modo socorrista, de olhos semicerrados, à procura de sintomas.

Mas quando o micro-ondas apitou e ela se virou, viu que a mãe não parecia zangada nem desconfiada. Queria apenas o bem da filha. Era tudo o que sempre quisera, e fora por isso que os anos depois da morte de Aubrey tinham sido tão difíceis para ambas. A luz por cima da mesa realçava todas as novas rugas no rosto de Brenda.

– O que é, bolachinha?

Maya sentiu um ardor nos olhos.

– É o Dan?

Eram tantas coisas. As lágrimas turvaram-lhe a visão.

Brenda adorara Dan assim que o conhecera, porque era óbvio que ele fazia a filha feliz. O problema era que nunca mais o voltara a ver, um facto que já mencionara anteriormente em tom acusador.

– Tenho medo de estar a estragar tudo – confessou Maya.

Enquanto crescia, costumava falar com a mãe sobre tudo, mas grande parte do seu comportamento nos últimos anos – o álcool, as drogas – requeria secretismo. A mudança dera-se tão progressivamente que nem deu por ela, mas agora, enquanto contava à mãe como mentira a Dan e como vomitara em frente dos pais dele, sentiu-se aliviada como há muito não se sentia.

Brenda estava desiludida, mas não culpou a filha. Afinal de contas, o clonazepam tinha sido ideia do doutor Barry. As asinhas arrefeceram de novo no prato de Maya enquanto elas conversavam.

– O que hei de fazer? – perguntou.

Brenda pesou cuidadosamente as palavras. Estendeu o braço por cima da mesa e pegou na mão da filha. Apertou-a.

– Acho que tens de lhe contar tudo.

Maya suspirou, pois sabia que ela tinha razão.

– Tenho medo que ele nunca mais volte a confiar em mim.

– Tenho a certeza de que voltará, mesmo que demore algum tempo.

Mas a mãe não conhecia Dan tão bem como Maya.

– Ele é, literalmente, a pessoa mais honesta que já conheci – disse. – Não sei se conseguirá ultrapassar uma coisa destas.

– Conseguirá, sim – garantiu-lhe a mãe.

Maya tivera várias relações, mas nunca se sentira próxima de ninguém o suficiente para se apaixonar. Depois de Frank, temera deixar outra pessoa entrar. Tinha de estar embriagada ou sob o efeito de drogas, ou ambas as coisas, para baixar a guarda, e esses estados mentais eram, por si só, uma espécie de armadura. Mas depois conhecera Dan e nele tudo era aberto, às claras. O seu rosto dizia tudo o que pensava, e falava sem filtros, e ela amava-o por isso. Demorara um ano a perceber como estava apaixonada; não a atingira como um relâmpago, tendo sido mais o desejo de o ver ao acordar, todas as manhãs, para sempre, mesmo que significasse que Dan também a veria, ali deitada, a olhar para ele. Talvez fosse apenas por Dan ter sido o primeiro por quem se apaixonara que deixava Maya tão determinada a que fosse também o último.

– Não sei – disse à mãe. – Espero mesmo que sim.

*

A escuridão aliviava-lhe os olhos e por isso deitou-se na cama, embora soubesse que não conseguiria dormir. Estava toda tapada com mantas, porque a mãe desligava o aquecimento durante a noite. O colchão novo

moldou-se ao seu corpo. Virou-se de lado, soergueu-se sobre o cotovelo e pegou no telemóvel para ver se Dan lhe mandara alguma mensagem.

Nada.

Recordou a si própria que ele estava a marrar para os exames. «boa sorte para amanhã!», escreveu, seguido de três corações.

Esperou. Na escuridão, o quarto parecia de novo o dela. As mobílias eram novas, mas o cheiro da casa em que crescera não mudara. Era como uma máquina do tempo. A bafio, a café, a sabonete, um toque de canela e mais algumas coisas que não conseguia identificar. Era-lhe tão familiar que só precisou de um instante para perceber que havia algo errado.

Cheirava a fogo.

Não um incêndio, mas um fogo dominado, aconchegante. Lenha a crepitar alegremente. Um cheiro agradável, na maior parte das circunstâncias, mas a casa da mãe não tinha lareira.

Abriu os olhos de repente. Ainda estava deitada de lado, virada para a parede, a pouco mais de meio metro dela. Mas a parede mudara. Agora parecia ser feita de troncos. Quase conseguia ver os nós da madeira à luz tremeluzente da lareira que sentia atrás de si. Queria levantar-se – fugir –, mas não era capaz de se mexer. Estava paralisada. Sentiu uma presença no quarto. Não conseguia ver a pessoa, mas sentia o peso dos seus olhos no pescoço, na parte que as mantas não tapavam.

Depois ouviu passos a aproximarem-se. A fazer ranger o soalho, lentos como um cortejo fúnebre. Maya sentiu a cama abanar quando alguém se enfiou nela ao seu lado. Um grito tapou-lhe os pulmões. Uma respiração leve roçou-lhe no pescoço.

TREZE

No dia em que Maya conhece Frank, está a ler uma passagem particularmente enigmática do romance incompleto do pai, no terraço soalheiro da biblioteca pública, onde foi aquecer os braços e as pernas nus depois de várias horas de abençoado ar condicionado. Costuma lá ir frequentemente no verão, quando a mãe está a trabalhar e Aubrey está ocupada, como nesse dia. Maya não tem outros amigos. Tem pessoas com quem fala ou que a convidariam para uma festa, mas poucas com quem queira manter o contacto agora que o liceu acabou.

E, de qualquer modo, prefere estar sozinha, sentada no banco de madeira, imersa naquelas quarenta e sete páginas. Voltou da Guatemala há duas semanas e, com a ajuda de um dicionário, já traduziu todo o documento para inglês. Ajuda o facto de as folhas serem escritas a dois espaços e de as frases do pai serem claras e diretas. Sabe agora o que cada palavra significa à letra. Mas em certo grau, a linguagem permanece codificada, como se a história que conta fosse simbólica de outra mais profunda, sob a superfície.

É sem dúvida um mistério, tal como a mãe afirmara que seria – tanto em género como na prática, uma vez que tudo o que Maya tem é a abertura do livro e uma cena que parece dar um salto no tempo, como se Jairo tencionasse regressar mais tarde e preencher os capítulos entre uma coisa e outra. Assim, ela faz apenas uma vaga ideia do enredo.

A história começa numa aldeia sem nome, tão alta nas montanhas que os seus habitantes passam o tempo todo nas nuvens. Não há praticamente qualquer descrição da aldeia, uma vez que a personagem principal só consegue ver poucos metros à frente dos olhos, e no entanto nunca colide com nada. Uma luz quente infiltra-se na neblina. Há um toque de magia nessa parte da história. A personagem principal é um rapaz chamado Pixán,

que vive com a mãe e o pai, que o amam muito, numa pequena cabana com telhado de colmo e uma lareira de pedra.

Um dia, a mãe de Pixán diz-lhe que uma familiar distante, uma tia-avó, morreu e lhe deixou uma herança. Não dinheiro, mas outra coisa – uma surpresa! Pixán tem de descer a montanha e ir à cidade buscar a herança, que está com o rabugento marido da tia-avó, que não tem grande vontade de abrir mão do prémio.

A mãe de Pixán explica-lhe que o marido da tia-avó é egoísta e quer ficar com a herança para si, mas ela escreveu o seu testamento a tinta e o nome de Pixán consta claramente dele.

Assim, os pais dão-lhe uma mochila, que afirmam conter tudo aquilo de que ele precisa, e uma bússola. Dizem-lhe para seguir em direção a oeste. Ele parece tão jovem, pensa Maya, para estar a fazer uma coisa daquelas sozinho, mas como a idade dele nunca é mencionada, talvez esteja enganada. As nuvens abrem-se quando ele desce a montanha e é nessa altura que o tom da narrativa muda. Torna-se menos mágica. A Cidade da Guatemala aparece à distância, delineada com um pormenor vincadamente realista.

Pixán tem medo – a cidade é barulhenta e muito luminosa. E mal põe os pés naquelas ruas caóticas é atropelado por um carro. Bate com a cabeça no pavimento. Por um momento parece que ele vai morrer, mas não morre – sobrevive, só que fica com uma amnésia total. Não lhe ocorre procurar a mochila, pois esqueceu-se de que a tinha, tal como esqueceu os pais que lhe deram. Esqueceu-se de casa. Do próprio nome.

Um casal sem filhos acolhe-o e dá-lhe o nome de Héctor. E, por motivos que não ficam bem claros, esse jovem casal inexperiente finge ser os verdadeiros pais dele. Não agem assim por maldade, mas movidos por uma vaga sensação de que é a coisa certa a fazer. Pixán torna-se Héctor. Maya sente o coração apertado ao pensar nos verdadeiros pais de Pixán (e não

consegue deixar de pensar também na sua mãe, em como se sentirá quando Maya partir).

A narrativa salta algumas décadas até um dia nas margens de El Lago de Atitlán. Não há qualquer explicação para este salto no tempo.

Acontece muito pouco nessa última e breve cena do livro, e sem praticamente contexto algum. Héctor, agora um homem, está sentado, descalço, na areia da margem de um lago vasto e profundo, a olhar para o vulcão altaneiro que se ergue do outro lado da água. O cume do vulcão está oculto pela neblina e há qualquer coisa na imagem que o sensibiliza. De súbito, sente um anseio inexplicável de o escalar. De puxar as nuvens por cima dos ombros. Não consegue explicar por que razão a beleza daquele local lhe dá vontade de chorar, fazendo-o desejar algo que não sabe bem o que é.

*

– Alguma vez lá estiveste?

Maya regressa bruscamente à realidade. Está no terraço da biblioteca e provavelmente já apanhou um escaldão. Levanta os olhos franzidos do livro do pai para a pessoa que lhe interrompeu a leitura.

Já o viu algures, mas não o conhece. É mais velho do que ela, terá pelo menos vinte anos. Estatura média e aparência pouco memorável. Tez pálida, cabelo escuro ligeiramente revoltado, e fuma um cigarro numa atitude de desafio indiferente ao sinal de proibido fumar. O cheiro do fumo invade o nariz de Maya.

– Desculpa... o quê? – pergunta ela.

– No lago Atitlán. – Ele aponta com os olhos para o livro de fotografias ao lado dela no banco. Requisitou-o na biblioteca, e é uma coleção de

fotografias do lago mencionado no livro do pai, e das cidades e vulcões circundantes.

»– Já lá estiveste? – repete.

Ela abana a cabeça, aborrecida por ser interrompida na sua leitura.

– Devias lá ir – continua ele. – É deslumbrante.

– Fixe – diz ela, sem entoação. – Obrigada. – É então que se lembra. – Trabalhas aqui – diz. Já o viu sentado atrás do computador no balcão de consulta.

– Em *part-time* – confirma ele –, e só no verão. Tenho tendência para nunca ficar muito tempo no mesmo sítio.

Maya não sabe bem o que responder a isso, pelo que faz um sorriso forçado e volta a olhar para o livro, na esperança de que ele perceba a dica.

– O ano passado – continua ele – andei de mochila às costas pela América Central. Estive na Guatemala durante algum tempo. E visitei esse lago. Um dos sítios mais bonitos que já vi.

Maya tem de concordar com ele. Nunca lá esteve, claro, mas o lago nas fotografias é de facto tão maravilhoso como o pai descreve na cena passada nas suas margens. Os olhos dela movem-se da página que tem na mão para a capa do livro em cima do banco.

– Estive em todas as aldeiazinhas à volta do lago – diz ele. – A maioria dos habitantes é maia, toda a gente veste as roupas mais coloridas que possas imaginar. As mulheres tecem um tecido coberto de padrões e símbolos que transmitem informação a quem os souber decifrar.

Maya levanta os olhos. Já sabia da existência dessas tapeçarias maias, pois lera recentemente outro livro da biblioteca sobre a Guatemala, mas ele é alguém que esteve realmente lá.

Ele sorri-lhe, com o sol a brilhar nas suas costas, e agora que captou a atenção dela, Maya apercebe-se de que gosta daquele sorriso. Fá-la sentir-se como se partilhassem uma piada.

– Enfim – diz ele –, deixo-te continuar a ler. Gostei de falar contigo. –
Vira-se para a deixar.

– O que é que viste mais na Guatemala?

– Queres mesmo saber?

Ela sorri-lhe também. Não sabe ao certo se ele está a namoriscá-la, ou se é apenas ela que gostaria que assim fosse. Mas o rapaz espicaçou-lhe o interesse e por alguma razão é muito fácil falar com ele. Afasta o livro de fotografias e o caderno sarapintado onde escreveu a sua tradução, para ele poder sentar-se ao seu lado no banco.

– Nunca lá estiveste? – pergunta ele.

– Estive, mas... – Como explicar? – Não saí muito durante a minha estada. Fui visitar a família.

O bibliotecário parece interessado nisso, como se quisesse saber mais, mas ao mesmo tempo dá a impressão de compreender e respeitar a resposta vaga que Maya lhe deu.

– A minha melhor memória da Guatemala – diz ele, sentando-se no banco – é a manhã em que acordei antes de o dia nascer e fui de bicicleta desde o *hostel* onde estava até uma antiga pirâmide maia. Templo do Jaguar, é como se chama. Ainda era noite quando lá cheguei, e a selva parecia assustadora, mas eu era a única pessoa no local e percebi que, se queria subir àquela pirâmide, era a minha oportunidade.

– Uau – diz Maya. A sua voz já não soa desinteressada.

– Imagina um templo da altura de um prédio de vinte andares – diz ele –, com uma escadaria íngreme de lado. É proibido subir aquela escadaria... para veres como é perigoso. Mas eu subi. Mesmo até ao topo. Cheguei lá acima quando o Sol estava a nascer. Senti-me como um rei, lá no alto. Vi toda a selva despertar. Os macacos, os pássaros. Foi incrível.

– Uau – repete ela, tão impressionada com a história como por ser tão diferente da sua própria experiência na Guatemala. Imaginar toda aquela

liberdade deixa-a de cabeça à roda, no bom sentido. Fá-la também perguntar-se se não terá sido apenas o medo da mãe que a impediu de ver um pouco mais do país. – Templo do Jaguar – diz. – Vou procurá-lo da próxima vez.

Ele baixa os olhos para as folhas amarelecidas no seu colo.

– O que estás a ler?

– Oh, isto... – Não sabe por que razão o seu instinto é não responder. Não que o livro seja um segredo, mas por um breve instante sente-se como se fosse; como se fosse algo que tem de proteger. – Foi uma coisa que o meu pai escreveu – explica.

– A sério? O teu pai é escritor? – O rapaz parece impressionado. – Escreveu alguma coisa que eu possa conhecer?

– Não, hã... Ele já morreu.

Os olhos amáveis e expressivos do bibliotecário enchem-se de compaixão.

– Lamento muito.

Ela encolhe os ombros. Nunca sabe como reagir naquela situação. Deveria dizer que não faz mal? Que está tudo bem?

– É fixe, teres algum do trabalho dele – observa o bibliotecário. Sorri-lhe calorosamente e Maya não pode deixar de reparar que na verdade ele é bem giro. Sedutor, de uma forma que não é imediata. Tem rugas nos cantos dos olhos, mas há algo juvenil na sua postura. O queixo é pequeno e liso, o olhar aveludado. – Bom, é melhor voltar ao meu posto – diz. – Já deve ter acabado a minha pausa. Gostei mesmo de falar contigo!

– Eu também – responde ela, quando ele se levanta. – Chamo-me Maya, já agora.

– Muito prazer, Maya. Eu sou o Frank.

CATORZE

O toque do telefone despertou Maya do seu sonho. Estendeu a mão para o telemóvel ao seu lado, na cama, mas não era esse que tocava. Sentou-se, a piscar os olhos na escuridão. O mostrador do relógio digital indicava que eram 02h57. Estava encharcada em suor. Respirou fundo enquanto, noutra lugar da casa, o toque continuava.

Porque é que a mãe não atendia o telefone?

Maya levantou-se da cama, com o pavor do pesadelo ainda colado à pele. Percorreu lentamente o corredor escuro e parou em frente da porta fechada do quarto da mãe. O toque não vinha do interior.

Acendeu as luzes da sala de estar, quase se cegando a si própria. Voltou a apagá-las. O som vinha da cozinha, e não era um som a que ela estivesse habituada – havia algo diferente no toque, mas também familiar.

O velho telefone fixo. Um aparelho montado na parede, atrás da mesa da cozinha – Maya esquecera-se de que ali estava e não fazia ideia de quando o utilizara pela última vez. Estava surpreendida por ainda funcionar. Aproximou-se enquanto o telefone continuava a tocar.

Um mau pressentimento rastejou-lhe pelo corpo. Frank devia ter sido a última pessoa que lhe ligara para o telefone fixo de casa da mãe. Quem é que ainda tinha telefone fixo, hoje em dia? Sentiu-se como se ainda sonhasse quando estendeu a mão para o auscultador e o levou ao ouvido.

Silêncio.

Susteve a respiração. Tinha a certeza de que era ele. Frank podia ter calculado que ela vira o vídeo – muitos milhares de pessoas o tinham visto. Podia estar a ligar para a casa da mãe dela para ver se Maya regressara à cidade. Para ver se ela andava à procura dele. Ficou ali, paralisada, com os pensamentos num turbilhão. Seria uma respiração que estava a ouvir do

outro lado da linha? Era difícil perceber alguma coisa por cima do estrondo do bater do seu coração. Tinha os pulmões ávidos por ar.

Estava prestes a desligar quando a cozinha se inundou de luz.

– Maya? – disse a mãe.

Maya olhou para ela.

Um estalido do outro lado da linha.

– Com quem é que estás a falar? – perguntou Brenda. Apercebeu-se da expressão assustada da filha, da sua palidez, da camisola húmida de suor. Ouviu o tom de linha a brotar do auscultador na mão dela. – Está tudo bem?

– O telefone fixo estava a tocar. Não ouviste?

A mãe franziu a testa, preocupada.

– Ligaram três vezes seguidas. Eu atendi, mas... não estava lá ninguém.

Brenda abanou a cabeça.

– Não ouvi nada.

A fúria subiu pela garganta de Maya.

– O que foi? Achas que estou a alucinar?

– Não, não, claro que não – disse Brenda, mas era evidente que estava apenas a tentar apaziguá-la. Encostou a mão à testa da filha. – Estás um bocadinho quente. Como te sentes?

Maya teve vontade de gritar. Apetecia-lhe arrancar o aparelho da parede e atirá-lo ao chão. A mãe não acreditava nela. Outra vez.

– Deves estar a ficar surda – disse Maya com frieza, colocando o auscultador no suporte.

Passou pela mãe e dirigiu-se para o quarto.

– Espera – pediu-lhe Brenda. Seguiu a filha pelo corredor. – Estou só a tentar ajudar-te, bolachinha. Sabes disso, certo?

Maya quase soltou uma gargalhada. Como se a mãe a pudesse ajudar. Se fora realmente Frank que telefonara, sabia agora onde ela estava. Afinal de

contas, que outro motivo poderia Maya ter para regressar a Pittsfield? Não desejara sempre sair dali?

– Não preciso da tua ajuda – disse à mãe, antes de lhe fechar a porta na cara.

QUINZE

– Toma – diz Aubrey –, experimenta esta.

Vira-se de costas para o roupeiro e estende a Maya uma camisola de alças branca com minúsculos colchetes prateados na parte da frente, de cima a baixo.

Maya está em frente do espelho, com os seus calções de ganga. Enfia a camisola pela cabeça. Sabe que é uma das preferidas de Aubrey.

– Fica-te bem – diz Aubrey, e o espelho confirma-o. O branco realça o bronzeado dourado da pele de Maya, embora não lhe assente tão bem como a Aubrey, que tem o peito maior.

– Não sei – confessa Maya. – Não quero que ele ache que eu acho que é um encontro romântico.

– E não é? Quer dizer, não queremos que seja?

Maya sorri.

– Queremos.

– E então?

– Vamos só dar uma volta de carro.

– Pode acontecer muita coisa num passeio de carro.

– Nem sequer sei se o Frank gosta de mim.

– Claro que gosta. Engatou-te na biblioteca, imagine-se.

Riem-se, embora Maya não saiba bem onde está a piada. Sente-se elétrica e nervosa: vai encontrar-se com Frank daí a vinte minutos e ainda não sabe bem porquê. Dentro de três semanas parte para a universidade e tudo o que partilhou com ele foram duas conversas na biblioteca: a primeira quando se conheceram, e a segunda quando Maya lá voltou na esperança de o apanhar a trabalhar.

«Ouve, queres fazer alguma coisa, quando puderes?» Fora ela que o convidara. Já tivera muitas paixonetas na vida, mas era possível que esta

fosse a mais forte, a mais súbita. Não consegue parar de pensar no olhar que ele lhe lançou, cintilante e matreiro, como se fossem cúmplices nalguma partida. Talvez esteja a arranjar maneira de sair magoada desta aventura, mas sente-se impelida a vê-lo de novo. E convidara-o sem se sentir constrangida, o que era novidade para ela. Já curtira com alguns rapazes – três, para ser exata –, mas nunca tivera um namorado.

– Rímel? – diz Aubrey. Aproxima-se, com o rímel em punho, e Maya fecha os olhos. Sente a escova a passar pelas pestanas e o *Jolly Rancher* no hálito de Aubrey e, por trás do reбуçado, o cheiro de um cigarro fumado às escondidas no quintal.

Maya abre os olhos e ali estão elas, lado a lado no espelho: Maya-e-Aubrey – os nomes de ambas tinham-se tornado quase um só desde o nono ano. Um bando de duas. Era difícil imaginar como teria sido o liceu se não tivessem calhado ao lado uma da outra em Inglês.

Os olhos verdes de Aubrey contrastam fortemente com o cabelo pintado de vermelho muito escuro e, como de costume, as suas roupas são muito mais estilosas do que as de Maya. Um colete de homem por cima de um *soutien* rendado e calções pretos justos. Ao seu lado, Maya veste a camisola emprestada com os colchetes prateados e os seus calções de ganga esfiapados. E por trás delas, o caos familiar do quarto de Aubrey. Montes de roupa pelo chão, cadernos, romances, latas de refrigerante de laranja e caixas de CD. Polaroides nas paredes, sendo que Maya está presente em mais de metade delas, e fiadas de luzinhas de Natal. Maya conhece aquele quarto tão bem como o seu. Sabe que não é só com Frank que o seu tempo se está a esgotar. Acredita que ela e Aubrey serão sempre amigas, mas este momento nunca mais voltará.

O relógio digital ao lado da cama de Aubrey indica que são 18h48.

– É melhor ir andando – diz Maya.

– Diverte-te. Não te esqueças de sexta-feira.

– Sexta-feira?

Aubrey franze a testa.

– Oh, sim... as Tender Wallpaper. Que parva.

É a banda preferida de Aubrey. Maya também gosta delas, mas não tanto; gosta mais de música que lhe dê vontade de dançar. Conhece os passos de cada dança nova assim que aparece, embora pratique apenas no quarto.

– Mal posso esperar, a sério – diz, antes de sair.

*

Às sete da tarde, está em frente da biblioteca à espera de que Frank saia do trabalho. O dia ainda está soalheiro e quente, mas não é por isso que tem as mãos a suar. Quando as portas se abrem, faz os possíveis por parecer natural, mas não é ele. Espera. É estranho, pensar em quantas vezes terá passado por Frank sem reparar nele. Quando lhe perguntou há quanto tempo ele trabalhava na biblioteca, Frank respondera há seis semanas. Em quantas ocasiões se teriam cruzado, ela de cabeça nas nuvens?

Maya disse a Aubrey que ele era super giro, mas na realidade não é isso. Ele tem algo mais, uma outra qualidade. Um magnetismo. Frank sai da biblioteca poucos minutos depois das sete, com um sorriso caloroso, mas o abraço que lhe dá parece platónico. Pouco apertado, só com um braço.

– Olá, desculpa o atraso.

– Não faz mal.

O carro dele é grande e quadrado, com bancos de cabedal estalado, e não é mesmo dele, esclarece Frank – pertence ao seu pai. Enquanto faz a manobra para sair do parque de estacionamento, explica a Maya que, embora seja de Pittsfield, há anos que ali não vivia. Os pais tinham-se divorciado quando ele tinha doze anos e a mãe levava-o para Hood River, Oregon, onde Frank vivera até esse verão. A razão para ter regressado, diz-

lhe – a *única* razão que o faria aceitar um emprego em *part-time* na biblioteca –, era o pai estar às portas da morte.

– Oh! – exclama Maya. – Eu... – Tenta imaginar como será ter um pai e perdê-lo. Levanta a mão para pousá-la na de Frank, mas baixa-a de novo. – Lamento muito.

Ele lança-lhe um sorriso triste e muda de assunto. Conduz ao longo do lago Onota, com a sua superfície azul tremeluzente a brilhar através das árvores. Maya pensa que talvez ele tencione estacionar aqui, mas o carro continua a andar e o lago vai ficando para trás no seu espelho lateral. O vento fresco agita-lhes os cabelos. Frank pergunta-lhe qual é o seu livro preferido e ela responde-lhe que tem mais do que um. Diz que *Como Água para Chocolate* foi o melhor que leu esse ano, *Um Atalho no Tempo* era o seu preferido em criança e que, na sua opinião, nada se compara aos mitos gregos. A atenção de Frank nas suas palavras é deliciosa; absorção total, como se Maya fosse a pessoa mais interessante do mundo.

– Sobre o que é o livro do teu pai?

– O livro do meu pai? – Não consegue explicar por que razão a pergunta a deixa abalada, mas é o que acontece, e nesse momento Maya apercebe-se de que não faz ideia de onde se encontram. Estava tão embrenhada na conversa que não reparou quando Frank virou para uma estrada estreita e deserta, pelo meio do bosque. Sente uma vaga de desorientação, seguida de um medo demasiado fugaz para lhe dar nome: um medo de estranhos, da noite, da floresta. Não tardará a anoitecer.

– Onde vamos? – pergunta.

– Já estiveste na Pedra Equilibrada?

Assim que ele o diz, Maya reconhece o local – já ali esteve, há anos. Numa visita de estudo com a escola, no segundo ano, e algumas vezes em caminhadas com a mãe. Quando chegam ao pequeno parque de estacionamento familiar e Frank tira um saquinho de erva do porta-luvas, o

receio de Maya dissolve-se tão depressa como ganhara forma. Espera que Frank não se tenha apercebido do medo na voz dela.

Foram ali só para apanhar uma pedra. Vê-o enrolar um charro, e os seus dedos rápidos fazem-lhe lembrar os mágicos de que Aubrey gosta.

Fumam no parque de estacionamento, no limiar das árvores, Maya atenta à aproximação de outras pessoas enquanto Frank não parece estar preocupado com isso. Fuma tão calmamente como na biblioteca, com uma desfaçatez descontraída e confiante, e ao mesmo tempo, em relação a ela, é tão atencioso, tendo o cuidado de soprar o fumo para cima para não lhe ir para a cara. Ela fica em silêncio enquanto fumam, e ele também, mas não é um silêncio constrangedor; enche-se com o canto das cigarras e o sussurrar do vento a passar entre as folhas das árvores. Um silêncio muito mais confortável do que seria de esperar entre duas pessoas que mal se conhecem.

– Então – diz Frank –, vamos espreitar a rocha?

Maya ri-se, com a erva a subir-lhe à cabeça e a elevar-lhe os cantos da boca.

– Nunca a viste?

– Vi. Mas acho-a fantástica.

Ela sente-se pairar deliciosamente enquanto descem o curto trilho que leva do parque de estacionamento à Rocha Equilibrada. É impressionante, ver aquele calhau do tamanho de uma carrinha, equilibrado de forma tão precária sobre uma pedra muito mais pequena. O aspeto escultural sugere um toque humano – alguma espécie de altar, como Stonehenge –, mas é uma formação natural, um pedregulho deixado para trás por um glaciar, ao recuar durante a última era glacial. Há vários trilhos de caminhada nos bosques em seu redor, mas, por enquanto, Maya e Frank têm o local só para si. Ela tem vontade de se sentar e é o que faz, numa pedra larga e lisa. Frank senta-se ao seu lado.

– Então – começa ele –, qual é a tua história?

A pergunta parece intencional – no bom sentido – e faz com que ela se sinta pesarosa pelo que tem de lhe dizer:

– Vou mudar-me para Boston daqui a algumas semanas.

Ele parece desapontado.

– Calculei que estivesse na universidade – diz.

– Vou para o primeiro ano. E tu?

– Ia começar o curso na Universidade de Portland quando soube que o meu pai estava doente.

– Uau – diz Maya, e abana a cabeça. – Foste muito generoso em ficar.

– Sabia que me arrependeria se não o fizesse.

Dessa vez ela não muda de ideias e pousa mesmo a mão no braço dele.

Frank vira-se para ela, com um olhar suave e franco. Vai beijá-la, ela tem a certeza. O sangue sobe-lhe ao rosto e o momento enche-se de temor e excitação, mas depois, precisamente quando ela se inclina para ir ao encontro dele, Frank diz:

– Seja como for, gosto de aqui estar. Foi onde te conheci, não foi?

Maya paralisa. Sorri para disfarçar a humilhação.

– Gosto de trabalhar na biblioteca – continua ele. – É bom estar rodeado de livros.

– Imagino – diz ela, debilmente.

– E há outra coisa, algo em que tenho estado a trabalhar. – Os olhos dele brilham. – És uma das primeiras pessoas que sabem.

Maya sente-se um pouco mais confiante. O entusiasmo de Frank em relação ao que lhe vai dizer é contagiante.

– Estou a construir uma cabana – diz ele.

– Uma cabana? Onde?

– No bosque, por trás da casa do meu pai. Perto do parque estadual.

Conta-lhe que sempre quis ser arquiteto. Já em pequeno, desenhava casas com lápis de cor e imaginava-se a viver nelas, edifícios com postes de bombeiro em vez de escadas e escorregas nos corredores.

Maya sorri.

Ele diz-lhe que à medida que ia crescendo, adorava ler sobre arquitetos famosos, como Buckminster Fuller. Tal como Maya, Frank passou muito tempo a ler. *É espantoso como somos parecidos*, pensa ela. Repara que estão sentados da mesma maneira, com as pernas esticadas sobre a rocha, o tornozelo direito por cima do esquerdo. Quando repara nisso, Maya muda de posição, embaraçada, como se o tivesse imitado, embora não seja verdade. Pelo menos, não de propósito. Está a sentir o efeito da erva em força e perdeu-se no que Frank está a dizer – qualquer coisa sobre o pai.

Não sabem, diz ele, quanto tempo o pai tem de vida – pode ser uma semana, um mês ou um ano –, por isso Frank decidiu ficar por ali. Em vez de ir estudar Arquitetura, ficará, tomará conta do pai e construirá a sua cabana. Aliás, já a começou. Assentou as fundações, encheu-as de cimento. Afinal, que melhor maneira de aprender a construir casas do que construir uma com as próprias mãos?

– Uau – exclama Maya, pedrada.

Faz os possíveis por acompanhar Frank enquanto ele lhe fala sobre a cabana, mas a sua memória de curto prazo não está a funcionar e esquece-se de imediato do que ele disse. Ainda assim, fica com uma ideia geral, pois as palavras dele conjuram imagens vívidas, embora desconectadas: uma pequena cabana numa clareira do bosque. O vidro curvo da claraboia. Uma lareira de pedra. Ele até lhe mostra a chave, erguendo-a ao luar; a Lua nasceu enquanto conversavam. A chave da cabana dele aparenta ser mais pesada do que as outras no chaveiro, e o corte dos dentes parece ter um certo gume. Talvez seja apenas por causa da moca, mas Maya consegue ver o lugar, através das descrições pormenorizadas e apaixonadas de Frank,

desde a cor de mel das tábuas do soalho à paisagem da floresta que se vê das janelas grandes. Consegue ouvir o riacho que corre nas traseiras.

*

Maya deseja ter um rebuçado de mentol quando chega a casa. Antes de entrar, espera que Frank, que acabou de a deixar, arranque. Não quer que a mãe faça perguntas. Abre a porta silenciosamente.

A sala está vazia e escura. Maya fecha a porta, descalça os chinelos de enfiar no dedo e percorre o corredor em bicos de pés. Está quase a alcançar o quarto quando repara no silêncio da casa.

– Mãe?

Na cozinha, encontra um bilhete da mãe, escrevinhado na sua caligrafia grande e irregular.

Liga-me quando chegares.

Maya abre o telemóvel. Há horas que não olha para ele. Quatro chamadas perdidas da mãe.

– Onde estás? – pergunta a mãe assim que ela atende. A sua voz é baixa e controlada, e Maya ouve os outros socorristas perto dela, apertados dentro da ambulância.

– Em casa – responde Maya.

– Sabias que eu estava de serviço esta noite. Gostava de te ter visto antes de sair.

Maya lembra-se de a mãe o ter mencionado, mas não percebe qual é o problema.

– Mas só entras ao serviço às onze, não é?

A mãe começa a dizer qualquer coisa, mas de súbito ouvem-se vozes elevadas na ambulância, em fundo.

– Merda – diz Brenda. – Falamos depois, está bem?

– Mas...

Do outro lado da linha, uma sirene começa a tocar.

– Amo-te – diz a mãe. – Não te deites muito tarde.

– Amo-te.

Maya desliga e é então que repara nas horas no telemóvel. Meia noite e dois minutos. Não faz sentido. Encontrou-se com Frank às sete. Terá mesmo passado cinco horas com ele na Rocha Equilibrada?

DEZASSEIS

Maya caminhou contra o vento gelado que varria North Street. Por baixo das camadas de maquilhagem, tinha o rosto dormente. Não voltara a adormecer depois daquele telefonema, fosse lá de quem fosse, e agora eram dez da manhã, mas ainda não estava cansada. Sentia-se, quando muito, demasiado desperta, como se tivesse de continuar em movimento. Dormira pouco e estava elétrica, mas ao mesmo tempo há anos que não sentia as ideias tão claras, e a sugestão da mãe, de que imaginara o toque do telefone nessa noite, só aprofundara a sua certeza de que alguém – Frank – ligara.

Depois de passar pela igreja de São José, entrou na área do centro da cidade e encontrou-a enfeitada para as festividades. Havia coroas natalícias nas montras de lojas e restaurantes, e a árvore de Natal gigante, coberta de luzes, estava montada em Park Square. A rua encontrava-se quase vazia, com o vento frio a soprar. Fechou melhor a gola do casaco.

Não contara a ninguém das horas que perdera naquela noite, na Rocha Equilibrada. Não ao início. Na altura, justificara-se com a erva; Frank dissera que era um produto especial do pai. Entre isso e a profunda ligação que sentira a ele, parecia-lhe razoável que tivesse apenas perdido a noção do tempo; não era assim que todas as canções de amor diziam que acontecia? Que as pessoas se perdiam completamente uma na outra? Afinal, ela nunca estivera apaixonada. Dois dos três rapazes com quem tivera alguma coisa eram amigos de tipos que andavam atrás de Aubrey. Rapazes que estavam ali por acaso.

Agora desejava poder recuar no tempo e dar um safanão a si própria. Porque é que confiara tanto em Frank? E o que é que ele lhe teria feito? Maya já tivera brancas, períodos perdidos ao longo dos últimos anos, geralmente por causa do álcool, às vezes do clonazepam, mas nunca com

erva. Havia a possibilidade de Frank ter colocado mais qualquer coisa no charro, mas isso não explicaria a segunda noite que Maya perdera com ele.

Nem a terceira.

Quando finalmente falou nisso a um adulto, Aubrey já tinha morrido e as horas perdidas na Rocha Equilibrada eram apenas mais uma coisa que Maya não conseguia provar. Nem era capaz de explicar por que razão – se é que Frank realmente lhe fizera alguma coisa – não fora imediatamente à Polícia. Ou porque continuara a sair com ele.

Parte dela preferia nunca chegar a saber o que se passara durante essas horas.

Porém, se Frank sabia que ela vira o vídeo, não podia dar-se ao luxo de continuar escondida nas sombras.

À medida que se aproximava do museu, Maya avistou o que parecia ser uma mulher idosa, de postura curvada, cabelo grisalho frisado e um casaco demasiado grande, a caminhar no passeio. Só quando se aproximou mais percebeu que se tratava da mãe de Aubrey.

Elaine West não era velha – era alguns anos mais nova do que Brenda –, mas a morte da filha envelhecera-a. Ela e Maya só se tinham visto uma vez depois do funeral, no corredor dos congelados no Big Y, e Maya ficara com a sensação de que era um sofrimento para Elaine vê-la.

Ou talvez fosse Maya que tornara a situação constrangedora. O sentimento de culpa, a certeza secreta de que Aubrey ainda estaria viva se ela não tivesse trazido Frank para as suas vidas.

O encontro, uma troca de palavras que não demorara mais de dois minutos, parecera interminável.

Maya preparou-se, quando Elaine ergueu a cabeça e os seus olhos encontraram os dela e, por um momento, parecia que se iam cumprimentar. Mas não o fizeram. Ambas olharam para os pés quando se cruzaram no passeio e nenhuma delas disse nada.

O que havia a dizer?

*

O Museu de Berkshire ficava num edifício de tijolo desbotado, com uma rampa de pedra e uma estátua de um dinossauro à frente. Maya não ia lá desde o tempo da escola. Vinha agora à procura de Steven Lang, que ainda não lhe respondera.

O átrio parecia mais pequeno, o chão de mármore menos vasto.

– Bem-vinda – cumprimentou-a o funcionário atrás do balcão, um homem que não era Steven Lang. Este sujeito era magro, com rastas compridas, apanhadas num carrapito no alto da cabeça.

– Olá – correspondeu ela. – O Steven está a trabalhar hoje?

– Steven? O segurança?

Maya assentiu com um aceno.

– Ele está à sua espera?

– Queria só dar-lhe uma palavrinha.

O homem lançou-lhe um olhar desconfiado, ou talvez fosse apenas Maya a ser paranoica.

– Sim, ele está cá. Passou por aqui há pouco tempo. Acho que foi lá para baixo, para o aquário.

– Está bem. Então posso?...

– Tem de comprar bilhete.

Maya pensou no seu emprego enquanto entregava o cartão de crédito, e recordou a si própria que tinha de voltar a ligar e avisar que continuava doente. Não podia correr o risco de ter problemas no trabalho. Pegou no bilhete e desceu umas escadas largas até ao aquário. Era a sua parte preferida do museu em pequena. Uma sala cavernosa, com dezenas de tanques de vidro embutidos nas paredes azuis. Maya atravessou a exposição

de um lado ao outro. Peixes-palhaço cor de laranja espreitavam entre os dedos roxos das anêmonas. Cavalos-marinhos de ar barroco baloiçaram ao lado dela quando passou. Se Steven ali estivera, já seguira para outro lugar qualquer. Provavelmente era o único guarda do museu.

Depois de voltar a subir, encontrou a exposição anual de árvores de Natal decoradas pelas escolas e negócios locais. Maya percorreu as três salas da exposição, uma floresta interior de pinheiros carregados de bugigangas, grinaldas feitas à mão e ornamentos pintados, na sua maioria obra de crianças.

Encontrou Steven encostado à parede na sala dos pássaros embalsamados, mas quando ele a viu endireitou-se rapidamente. Era mais pesado do que parecia na fotografia de perfil, mas Maya reconheceu o rosto redondo e angelical e a cabeça calva. Os seus olhos eram tristes, inchados por ter chorado recentemente ou dormido pouco, mas tinha o uniforme impecavelmente engomado.

– Olá – saudou ela, aproximando-se.

– Olá. – Parecia tímido, pouco feliz por ter sido abordado. – Está à procura da casa de banho?

– Não – respondeu ela, com o seu sorriso mais simpático. – Estava à sua procura. Chamo-me Maya. Mande-lhe uma mensagem ontem, não sei se a viu...

Steven corou.

– Gostava de lhe fazer algumas perguntas.

– Tem a noção de que já é a quinta pessoa que me contacta por causa daquele vídeo? Pelos vistos, sou o único amigo da Cristina que conseguem encontrar *online*.

O desânimo abateu-se sobre Maya. Claro que havia pessoas com teorias sobre a morte de Cristina. Lembrou-se da empregada do restaurante.

– No entanto, você foi a única que me procurou pessoalmente.

– Desculpe. – Maya baixou os olhos. – Percebo que seja desagradável.
Ele ficou à espera de que ela se afastasse.

Mas Maya permaneceu onde estava.

– Também perdi uma amiga, em tempos – disse. – E o que lhe aconteceu foi muito parecido com o que aconteceu à Cristina. É por isso que aqui estou. Só quero compreender.

Steven suspirou.

– Oiça – disse –, percebo que cada pessoa lida com a tristeza à sua maneira. Talvez precise de pôr as culpas em alguém. Mas eu quero lembrar-me da Cristina como ela era enquanto estava viva. Deixo a morte dela para a Polícia e para o médico-legista, não para os detetives amadores que viram o vídeo *online*.

Maya abriu a boca e voltou a fechá-la. Acusar um homem de homicídio era grave.

– Acho – disse, por fim – que o Frank teve alguma coisa a ver com o que lhe aconteceu. Com o que aconteceu a ambas.

– Como?

– Para ser franca, não sei.

Ele acenou lentamente com a cabeça.

– Certo. Eu também não gostava do Frank. Mas a Cristina era uma mulher adulta. E eu também sou adulto. Vi o caminho por onde ela o estava a seguir e não fiz nada. – Os olhos dele brilharam com emoção. – Também sou culpado.

Nesse momento aproximou-se uma mulher com duas crianças pequenas. Steven adotou uma postura profissional enquanto Maya inspecionava um mocho embalsamado. O rosto branco devolveu-lhe o olhar. Esperou, enquanto a mulher e os filhos admiravam a exposição.

Maya apanhou Steven a olhar para ela no reflexo de uma vitrina e perguntou-se o que ele veria. Ela tomara duche, lavara o cabelo e fabricara

uma máscara com a maquilhagem da mãe, mas isso não conseguiria esconder a expressão tresloucada nos seus olhos. O desespero, a possível paranoia.

– Pardal americano – disse a criança mais pequena. Pronunciou as palavras devagar, como se estivesse a aprender a ler. – Corvo.

Quando a mulher e as crianças passaram para a sala seguinte, Steven seguiu-as. Para fugir de Maya.

Ela foi atrás. Aproximou-se e caminhou ao lado dele, passando por uma parede coberta de espécimes reluzentes de quartzo, na galeria de pedras e minerais.

– Você é parecida com ela – observou Steven.

– O Frank tem um tipo preferido.

Steven acenou com a cabeça, encaixando as peças.

– Namorámos quando eu tinha dezassete anos.

Ele parou. Maya tinha-o encurralado ao lado de um meteorito. Steven cruzou os braços sobre o peito e baixou os olhos para ela. Era muito maior do que Maya, mas parecia frágil e não conseguiu manter o contacto visual.

– Também não gostava dele – continuou Maya. – Porquê?

– Porque ele a prejudicava. Acho que parte do que o atraiu para a Cristina foi o facto de ela não ter ninguém. Os pais não falavam com ela desde que deixou a igreja, e os seus únicos amigos eram alguns viciados em metanfetaminas no Utah. E eu.

– Vocês os dois eram próximos, então.

Os lábios dele tremeram. Deixou os braços cair ao lado do corpo.

– Estava tudo ótimo antes de o Frank aparecer. Quando a Cristina começou a trabalhar aqui, tinha terminado o estágio no Museu de Arte Contemporânea do Massachusetts. Foi muito importante para ela. Era completamente autodidata. Estava sóbria e limpa há dois anos.

– Vi o trabalho dela *online* – disse Maya. – Tinha talento.

– Podia ter sido famosa. Quando a conheci, vivia num estúdiozinho arrendado. Pintava todos os dias. Depois conheceu o Frank e ele passou a ser a sua nova droga. Estava obcecada. Começou a cancelar constantemente as coisas comigo.

Maya sentiu um aperto no estômago. Era como se Steven estivesse a falar dela, sete anos antes.

– Alguma vez os viu juntos?

– Andavam sempre sozinhos, e tenho a certeza de que foi ideia dele. Acho que se sentia ameaçado por mim. Queria-a só para si. Só o vi algumas vezes, quando vinha buscar a Cristina ao trabalho, e sempre à distância. Ele nunca saía do carro.

– Ela pareceu-lhe... diferente?

Steven olhou em volta, como se procurasse algum visitante do museu a precisar da sua ajuda, mas ele e Maya eram os únicos na galeria silenciosa. Ela sentiu uma pontada de culpa por estar a deixá-lo tão pouco à vontade, mas quando ele voltou a falar as palavras jorraram-lhe dos lábios como se fossem subitamente libertadas. Parecia uma confissão.

– Sim, ela mudou – admitiu Steven. – Vi-o a acontecer e ia dando cabo de mim, mas não fiz nada. Tinha tanto medo de a afastar ainda mais que quando por fim a confrontei... – Respirou fundo. – Há duas semanas, houve um dia em que ela não veio trabalhar. Não ligou, não disse nada, e não era coisa dela... A Cristina adorava a oportunidade de trabalhar num museu. Passei pelo estúdio dela nessa noite e vi que o carro estava lá, mas ela não, e concluí que só podia estar com o Frank. Ela não voltou no dia seguinte, nem no outro, mas depois na segunda-feira cheguei ao trabalho e aqui estava ela. Como se nunca tivesse estado ausente. E não disse nada sobre as mensagens aflitas que eu lhe deixei.

– Onde é que ela tinha estado?

Steven abanou a cabeça.

– Tudo o que me disse foi que ela e o Frank tinham ido passar o fim de semana fora. Não ficou sem emprego, portanto, deve ter arranjado uma desculpa melhor para a chefia. Ainda não faço ideia de onde ela foi, mas onde quer que tenha sido, fez uma tatuagem enquanto lá esteve. Aqui, no interior do antebraço... – Passou o dedo pela pele macia entre o interior do cotovelo e o pulso.

– Do quê?

– Uma chave.

O sangue de Maya gelou.

– Uma chave?

– Como a chave de um carro, ou coisa parecida – disse ele. – Mas com arestas aguçadas. Não sei o que significava, mas quem me dera ter perguntado. Devia ter feito mais perguntas... – A sua voz tornou-se pesada. – Em vez disso, fiquei zangado. Acusei-a de estar outra vez metida nas drogas. Quando ela negou, chamei-lhe mentirosa.

– Acha que ela andava a consumir drogas?

– A Cristina teve uma *overdose* que quase a matou, há dois anos, e deixou-lhe danos permanentes no coração. Foi o que a fez largar a droga... sabia que se voltasse a consumir, isso a mataria. Nunca teria recomeçado se não fosse ele. – Steven apertou as mãos ao lado do corpo, com uma veia a palpitar no pescoço, e Maya apercebeu-se de como ele gostava de Cristina. – Acho que foi isso que aconteceu – concluiu. – Culpo o Frank por a ter levado a meter-se nas metanfetaminas outra vez, colocando pressão sobre o coração.

Maya comparou essa teoria com a sua e compreendeu que a dele parecia fazer mais sentido.

– Eu sabia que ela estava em sarilhos – disse ele. Os seus grandes olhos castanhos encheram-se de lágrimas. – E a Cristina também sabia. Acho que ela adivinhava que ia morrer.

Ouviram-se vozes a aproximar-se, de algumas salas mais à frente, e Steven falou mais depressa, como se sentisse necessidade de pôr tudo para fora.

– No dia antes de morrer, ela veio ter comigo e pediu-me desculpa pela maneira como andava a agir. Deu-me o seu quadro mais recente. Era lindo, muito diferente do seu trabalho habitual. Perguntei-lhe porque estava a oferecer-me a pintura e ela respondeu que andava a despachar algumas coisas. A limpar a casa. Quando ouvi isso, tive um pressentimento terrível.

As vozes estavam quase junto deles, mas Steven continuou, movido por uma necessidade de confessar tudo.

– Ela sabia o que aconteceria se voltasse à droga. Sabia, e tenho a certeza de que o Frank também sabia.

Um casal de idade entrou na sala dos minerais.

– E eu também sabia – disse Steven, com a voz embargada. – Podia ter impedido que ela morresse, mas não fiz nada. Portanto sim, ponho as culpas nele, e culpo-a também a ela por se ter deixado levar, mas, principalmente, culpo-me a mim próprio.

DEZASSETE

Frank nunca diz a Maya aonde a vai levar e ela gosta disso nele. Prefere surpresas a saber sempre o que vai acontecer a seguir. Nesse dia ele levou-a no carro do pai a Thomas Island, que é na realidade uma península que entra pelas águas do lago Onota. Quase todas as duas dúzias de casas na península estão alinhadas na margem ocidental, cada uma com uma pequena praia relvada e uma doca flutuante, muitas com barcos amarrados. As casas têm alpendres, garagens para dois carros. Ao passar, Maya apercebe-se de que nunca ali esteve, apesar de viver a uns meros cinco quilómetros do local.

Encosta-se no banco, saboreando a brisa do lago enquanto percorrem Shore Drive, com a música «Sweet Jane» a escorrer das colunas. Ela tem os pés no *tablier* e o sol que entra pelas janelas é morno como a água do banho. O ar está vivo. Ela não sabe aonde vão, e não importa. Este é o dia em que Frank a beijará. Tem a certeza disso. E, se ele não o fizer, ela beijá-lo-á a ele.

Chegam ao fim da península e Frank faz inversão de marcha como se fosse voltar para trás, mas em vez de atravessar de novo a ponte de terra enfia o carro numa estradinha estreita pelo bosque, à entrada da qual há um sinal de estrada sem saída. As frondes de um salgueiro chorão roçam o tejadilho do carro enquanto se dirigem para a costa oriental da península. Neste lado o arvoredo é denso. As poucas casas que se veem são grandes, de aspeto caro, afastadas da estrada, entre relvados imaculados. Frank vira para um caminho de terra que se embrenha entre as árvores. Ablanda e para o carro.

– O que estamos a fazer aqui?

Ele abre um sorriso misterioso.

– Já vais ver.

Sai do carro e ela segue-o. Continuam a pé, pelo caminho sombrio, até chegarem a uma casa maior do que as outras, com colunas brancas e um alpendre que a contorna por inteiro. Maya olha de relance para Frank enquanto atravessam o relvado largo, na direção de um maciço de árvores entre a casa e o lago.

– De quem é esta casa? – pergunta ela.

– De um amigo do meu pai.

Conduz Maya por um trilho, até uma doca.

Maya nada no lago Onota desde que se lembra, mas nunca deste lado. Parece um oceano. A água aos seus pés espelha o céu, azul sobre azul, com as nuvens a flutuarem como nenúfares.

Frank levanta a tampa de uma grande caixa de armazenamento perto do fundo da doca. Lá dentro há coletes salva-vidas, pranchas de *bodyboard* e alguns cilindros flutuadores de espuma. Ele enfia a mão na caixa e passa os dedos ao longo da orla interior até encontrar aquilo que procura. Uma chave. Agita-a no porta-chaves de plástico enquanto se dirige para o barco a motor clássico, com painéis de madeira, que flutua ao lado da doca. As tábuas por baixo dos pés dela inclinam-se quando Frank salta para dentro do barco.

Maya fica tensa.

Ele vira-se. Estende-lhe a mão.

– O amigo do teu pai disse que podias usá-lo?

– Sempre que eu quiser.

Ela relaxa e aproxima-se da beira. Pega na mão dele. É excitante tocar-lhe. Ele ajuda-a a passar por cima do intervalo entre a doca e o barco oscilante e por um momento – demasiado curto – agarram-se um ao outro para se equilibrarem. Ele tem um cheiro masculino, a sol, e Maya vê o pescoço dele muito perto dos seus lábios. Cora da cabeça aos pés enquanto

ele se vira para desamarrar o barco da doca. Maya deixa-se cair no banco de cabedal vermelho.

Ele senta-se ao lado dela, roda a chave na ignição e depois fita-a com o sorriso mais sexy que ela jamais viu. Empurra a alavanca. O motor ronca. Começam a movimentar-se e Frank manobra em direção ao centro do lago. Ela lembra-se dos coletes salva-vidas, mas é tarde de mais para falar nisso – o barco está a ganhar velocidade. Sente os borrifos de água na pele, o vento no cabelo.

– *Já conduziste um barco destes?* – pergunta ele, aos gritos para se fazer ouvir por cima do barulho do motor.

– *Não!* – grita ela em resposta.

Frank reduz a velocidade. O barco abranda, o motor silencia-se. Maya vê pessoas à distância, a nadar numa das praias públicas que ela teria frequentado em qualquer outra ocasião.

– Troca de lugar comigo – sugere ele.

Ela abana a cabeça.

– Nunca conduzi um barco.

– Mas sabes guiar um carro, certo?

– Sim, mas...

– Então também consegues manobrar isto.

O barco abana de um lado para o outro quando Frank se levanta para trocarem de lugar. Maya desliza para o banco dele, principalmente para distribuir o peso, mas acaba por ficar sentada atrás do grande volante reluzente. O lago estende-se perante eles como uma estrada sem fim.

– Essa alavanca é como o pedal do acelerador. Empurra-a para a frente para começar a andar.

Ela empurra-a demasiado e o barco dá um solavanco brusco, levantando ondas. Maya grita. Larga a alavanca. O barco baloiça para a frente, depois

para trás, como uma versão na vida real de uma diversão de feira. Maya agarra-se à borda, em pânico.

Ouve Frank a rir. Vira-se para ele, com o coração aos saltos, enquanto os balanços do barco vão abrandando. Ele ri-se, mas não de maneira cruel; a sua voz derrama deleite. Maya solta um suspiro trémulo. O medo dá lugar à excitação e, quando dá por si, está a rir também. Não por haver alguma coisa engraçada, mas porque está bem, e embriagada com o perigo.

Ele aproxima-se, pega-lhe na mão e desta vez Maya tem a certeza de que ele a vai beijar. Engole em seco, olha para os lábios dele, inclina-se. Fecha os olhos, mas, em vez de a beijar, Frank levanta-lhe a mão e pousa-a de novo na alavanca.

– Tens de ser mais gentil – diz. Mantém a mão sobre a dela e empurra a alavanca com cuidado. Começam a avançar, devagar. Maya tem o coração na garganta. Não tira os olhos da água. Estão agora no meio do lago. Ele larga-a e recosta-se no banco.

– Então – diz –, quando é que arrancas para Boston?

A pergunta é como um balde de água fria.

– Daqui a duas semanas. Tenho estado a tentar não pensar nisso.

Frank fica em silêncio ao seu lado. Aproximam-se da margem oposta do lago oblongo, cercada pela floresta. Há folhas a flutuar na água. Maya estava tão convencida de que ele também gostava dela. Ter-se-ia enganado? Ou é porque ela vai partir?

– Tens planos para esta noite? – pergunta-lhe Frank.

– Vou a casa da Aubrey – diz Maya. – Mas amanhã...

– Eh, Gary! – grita alguém.

Maya e Frank viram-se e veem uma mulher num caiaque, uns vinte e tal metros atrás deles. As suas feições tornam-se visíveis quando se aproxima: cabelo branco, braços secos. Boa postura. O sorriso evapora-se quando percebe que não é Gary no barco.

Frank acena à mulher.

– Pronta para voltar? – pergunta a Maya.

Ela não tem tempo de reagir – Frank já está em pé, a fazer-lhe sinal para se chegar para o outro lado. O barco baloiça quando trocam de posição. Ele empurra a alavanca, devagar, ganhando velocidade. Maya olha por cima do ombro para a mulher, que fica mais pequena à medida que se afastam, e que continua a olhar para eles, com os remos parados.

– Quem era?

Frank encolhe os ombros.

– Deve ser uma amiga do Gary.

Abranda para dar a volta e virar o barco na direção de onde vieram. Conduz rente à margem, passando muito ao largo da mulher no caiaque.

Maya olha para Frank. Ele parece calmo, relaxado até, de cabeça inclinada para trás, como se estivesse a apreciar os borrifos de água e o sol. Mas, de súbito, parece-lhe possível que ele tenha trazido o barco sem autorização do dono. Recorda o dia em que se conheceram, o cigarro que ele fumou mesmo por baixo do sinal de proibido fumar no seu local de trabalho, como se não quisesse saber das consequências, do que os outros pensavam. E não consegue deixar de tentar imaginar como será, ter esse tipo de liberdade. Essa confiança. Ele não fez mal a ninguém, portanto, mesmo que seja verdade – ainda que estejam a dar um passeio clandestino no barco de luxo de alguém que ele não conhece –, Maya chega à conclusão de que não se importa.

Deslizam sobre a água, mais depressa do que antes, e ela transborda de excitação, temperada com medo. E se forem apanhados? Está nervosa quando encostam à doca. Frank salta do barco, ágil e rápido, mas não à pressa. Sorri enquanto a ajuda a sair, mas o calor anterior desapareceu. Maya recorda a última meia hora, tenta perceber o que terá feito de errado. Ele amarra o barco à doca e volta a guardar a chave na caixa destrancada.

– Posso perguntar-te uma coisa? – diz ela, quando chegam ao pé do carro, estacionado entre as árvores, como se estivesse escondido. Faz a pergunta com cautela, sem querer ofender. – O Gary é o dono do barco?

– Sim.

– E ele disse-te mesmo que podias usá-lo?

– Ah! – exclama Frank. – Deves estar a gozar. – Entram no carro. – O Gary e o meu pai conhecem-se desde os anos oitenta – explica. – O meu pai ajudou-o, uma vez. – Há um certo peso por trás das palavras, alguma coisa que ele não está a dizer.

Maya não insiste. Inclina-se a acreditar nele, não por um motivo concreto, apenas instintivamente.

– Por falar no meu pai, tenho de voltar para junto dele.

– Claro – diz ela.

Ele não fala na viagem até à casa dela. O seu estado de espírito alterou-se. Olha em frente, de olhos ensombrados, e ela pensa que deve ser por causa do pai. Frank raramente fala no pai – ela ainda não sabe do que é que ele sofre, nem quanto tempo lhe resta – e sempre supôs que fosse por se tratar de um assunto demasiado difícil. Quer perguntar a Frank se está tudo bem, mas sente-lhe agora uma certa dureza na postura do queixo, no maxilar tenso. O silêncio estende-se em volta deles e ela começa a temer ter feito alguma coisa para o irritar.

– Diverti-me muito, hoje – diz.

– Sim, eu também. Olha, porque é que não pões um CD?

Maya sente-se magoada. Só o conhece há duas semanas, mas parece-lhe muito mais tempo, e nunca o viu agir assim. Pega no estojo de CD que está no chão do carro.

– Algum pedido especial?

Ele encolhe os ombros.

– Surpreende-me.

Maya corre o fecho do estojo preto e começa a passar os CD dentro das bolsas de plástico. Vê *The Downward Spiral*, dos Nine Inch Nails, e *There Is Nothing Left to Lose*, dos Foo Fighters, duas bandas que não ouve há muito tempo. Green Day e Rage Against the Machine; pelos vistos, Frank gosta de música de há dez anos. Detém-se quando vê uma compilação. O seu estômago contrai-se ao ler as palavras escritas a marcador preto no CD: *Canções para quando não podemos estar juntos. Amo-te para sempre, Ruby.*

Quem diabo é Ruby?

Maya finge não ter visto a mensagem. Vira a bolsa e escolhe o álbum que vê a seguir, *Mama Said*, de Lenny Kravitz. Frank levanta o som e minutos depois estão em frente da casa dela. Maya hesita ao sair do carro.

– Obrigada pelo passeio de barco – diz. – Foi muito divertido... – *Já agora, tens namorada?* Mas não consegue fazer a pergunta. – Olha, o que fazes amanhã?

– Queria trabalhar um bocado na cabana.

– Fixe – diz ela, como se tanto lhe fizesse. – Vemo-nos por aí, então.

– Sim, e diverte-te com a tua amiga esta noite.

Ele não arranca imediatamente e, por um momento, Maya pensa que vai chamá-la, que mudou de ideias em relação à noite seguinte, mas a esperança desvanece-se quando continua a andar e Frank não diz nada. Está apenas a ser um cavalheiro, ao que parece, à espera de que ela entre em casa. A porta abre-se e a mãe dela enfia a cabeça de fora e cumprimenta a filha com um sorriso.

– Aqui estás tu – diz, e olha de relance por cima do ombro de Maya, a tempo apenas de ver as luzes da traseira do carro de Frank a afastar-se.

DEZOITO

Maya percorreu a cozinha, de um lado para o outro. Doía-lhe o corpo da caminhada dessa manhã, mas os seus pés continuavam a mover-se como se quisesse fugir aos pensamentos. Tinha os nervos em franja. A chaleira apitou. Fez chá de camomila, quando aquilo que realmente queria era a garrafa de meio litro de *gin* que comprara no caminho para casa, depois de sair do museu – mas prometera a si própria que não beberia nada antes das cinco da tarde. O ruído da colher a bater na chávena quando mexeu o chá, para dissolver o mel, pareceu-lhe muito alto.

Quase se esquecera da estranha chave que Frank lhe mostrara, a chave da cabana, mas ouvir falar sobre a tatuagem de Cristina trouxera-lhe à memória aquela ocasião na Rocha Equilibrada e, embora não tivesse a certeza, tinha a impressão de que essa não fora a única vez que vira a tal chave.

Ouviu a notificação de uma mensagem no telemóvel. Maya entornou chá quente nos dedos com a pressa de largar tudo para ir buscar o aparelho ao quarto. *Deus queira que seja o Dan, Deus queira que seja o Dan*. Ele ainda não respondera à mensagem dela da noite anterior, mas Maya estava a fazer um esforço por não se preocupar.

Era a mãe: chili para o jantar?

Brenda estava nitidamente a tentar redimir-se – chili era o prato preferido de Maya –, mas não chegava para a compensar da sua atitude na noite anterior.

pode ser, respondeu Maya. Não estava à espera de um pedido de desculpa, mas também não tinha qualquer intenção de ser ela a desculpar-se. Sabia que tinha razão. A chave. A cabana. As chamadas a meio da noite para o telefone fixo. Tudo isso apontava para a mesma verdade que existia por trás dos espaços em branco na sua memória.

O problema da teoria de Steven em relação ao coração frágil de Cristina era que não explicava o que acontecera a Aubrey. Steven nunca conhecera Frank. Ele não compreendia. O que Maya precisava era de falar com alguém que o conhecesse como Cristina e ela o tinham conhecido.

Lembrou-se de Ruby.

Tudo o que Maya sabia em relação a Ruby era que ela declarara em tempos o seu amor por Frank a marcador preto num CD por ela gravado. Na altura, Maya ficara com ciúmes, mas nunca chegara a saber quem era Ruby e quatro dias depois Aubrey morrera. Maya nunca mais pensara em Ruby depois disso, mas agora lembrou-se daquele CD – *Canções para quando não podemos estar juntos* – e perguntou-se se Ruby amara Frank ao ponto de conhecer o segredo dele.

A bateria do telemóvel estava em baixo e Maya ajoelhou-se para ligar o carregador. Ao fazê-lo, apanhou um vislumbre do seu reflexo na janela. Não se apercebera de que estava a ranger os dentes. Tinha os lábios pálidos, os olhos afundados nas órbitas, e o quintal fundiu-se com o seu reflexo, a relva espalhada no seu peito, as árvores a atravessarem-lhe a cabeça.

DEZANOVE

Imaginar Frank com outra tira-lhe o apetite.

Não sente o sabor do manjeriço que ajudou a mãe a plantar no jardim quando era pequena, nem o gosto da limonada. Não sente a brisa que entra pela porta aberta da cozinha nem ouve o familiar som do espanta-espíritos à entrada, porque ao longo de todo o jantar Maya só pensa em Ruby. Não pensou noutra coisa nestas últimas horas, desde que viu aquele CD. Acha que finalmente sabe por que razão Frank não a beijou.

– A Sheila perguntou se precisas de alguma coisa para o teu quarto na residência universitária – diz a mãe. Sheila é uma amiga que vive ao fundo da rua.

– Não me lembro de nada.

– A sério? Não queres uma daquelas coisas para o banho? Um suporte para os teus produtos?

Maya abana a cabeça.

A mãe franze a testa.

– Pensava que ias estar mais empolgada. Viver na residência, ter aulas de escrita. Não é o que sempre quiseste?

– Sim... – diz Maya. Leva à boca uma garfada de esparguete com molho *pesto*.

A mãe fita-a com ar desconfiado do outro lado da mesa.

– Estava a pensar – sugere – que se calhar era simpático convidar o Frank para jantar. Gostava de o conhecer.

– Não sei... – Maya enrola e desenrola o esparguete no garfo.

– Está tudo bem?

– Nem por isso.

A mãe espera.

– Acho que ele tem uma namorada em Hood River.

- Uma namorada?
- Ou isso, ou se calhar... não olha para mim dessa maneira.
- Então são só... amigos?

Maya confirma com um aceno e a confusão da mãe dá lugar ao alívio. Não lhe agradava nada a ideia de Maya andar a passar tanto tempo com um desconhecido, mas vê como a filha parece abatida.

– Oh, bolachinha – diz. – Serem amigos é melhor, de qualquer maneira. As amizades nunca têm de acabar.

Maya suspira.

– Pensa só... daqui a menos de duas semanas estarás na universidade. Trabalhaste tanto por isso!

A mãe está a tentar ajudar, Maya sabe-o, mas não quer pensar na mudança. Há tanto tempo que sonha com esse momento, com o seu futuro na universidade, mas ultimamente essa perspetiva começou a assustá-la.

– Vais conhecer tantas pessoas novas – diz a mãe. – Num instante te esquecerás dele.

*

«Então quando é que posso conhecer esse homem misterioso?», perguntara Aubrey a Maya ao telefone, na noite antes de Frank a ter levado a andar de barco. Ela e Aubrey tinham combinado encontrar-se nessa noite, mas Maya cancelara, o que não era habitual nela. Normalmente, é a mais fiável das duas – mas Frank fizera-lhe uma surpresa: aparecera com bilhetes para o cinema, e ela não foi capaz de recusar.

Então quando é que Aubrey o poderia conhecer? A pergunta dava que pensar a Maya. Tem a impressão de que Frank prefere passar tempo a sós com ela, embora nunca o tenha dito diretamente. Foi só nesse momento, enquanto Aubrey esperava que ela respondesse, que Maya reconheceu a sua

própria relutância em lhe apresentar Frank. Odiava admitir, ainda que apenas a si própria, que era porque todas as cabeças se viravam para Aubrey quando ela aparecia, como girassóis para o Sol, e percebeu então que se calhar era ela – e não Frank – que preferia que estivessem os dois sozinhos.

«Alô?», insistira Aubrey.

Agora, Maya diz a si própria que não pode atrasar-se nessa noite. Não tem sido uma boa amiga, ultimamente. Sente-se mal por causa disso, mas não tanto como se sente em relação a Ruby. Será bom conversar com Aubrey: a amiga é boa a decodificar as pessoas. Se há alguém capaz de interpretar os sinais contraditórios que Frank lhe envia – os presentes, as saídas românticas e, ao mesmo tempo, estranhamente platônicas, o CD gravado – é ela.

Às oito horas, a mãe de Maya sai, pois está de serviço nessa noite. Os horários dela são complicados, alternando entre dias seguidos com turnos concentrados e dias de folga. Normalmente tem um serviço noturno por semana e, nessas noites, Maya dorme em casa de Aubrey. Não o faz por ter medo de estar sozinha – não tem –, nem porque isso deixa a mãe mais descansada – embora deixe –, mas porque adora estar com Aubrey no quarto dela, a conversar e a ouvir música ou a ver filmes, a fumar erva quando têm, a beber cervejas surripiadas ao padraço dela. Enquanto Maya enfia num saco a escova de dentes, uma camisola para dormir e roupa interior lavada, ocorre-lhe que esta pode ser a última vez que o faz antes de se mudar para Boston.

Dissera a Aubrey que chegaria por volta das nove, mas a mãe saiu mais cedo do que era costume e, assim, por volta das oito Maya decide pegar na bicicleta e ir andando. Põe o capacete e está a preparar-se para sair quando ouve bater à porta. Já anoiteceu, por isso põe-se em bicos de pés para

espreitar pelo óculo. Um sorriso abre-se-lhe no rosto. Um choque elétrico. É ele.

Frank sorri-lhe também, como se a conseguisse ver, olhando diretamente para o orifício na porta.

Ela abre, radiante.

– Tive de ir comprar umas pastilhas para a tosse para o meu pai, e como estava por perto... – Olha para o capacete que ela se esqueceu que tinha posto. – Ias sair?

– Ia a casa da Aubrey...

– É verdade! Esqueci-me completamente que me tinhas dito...

– Mas não preciso de ir já, ainda tenho uns quarenta minutos. Queres entrar? – Abre mais a porta.

– Não quero que te atrases por minha causa.

– Não te preocupes.

Ele olha para o saco da farmácia que tem na mão.

– Está bem – diz.

É a primeira vez que Frank entra em casa dela. Maya dirige-se para o sofá e repara, depois de ele passar, que as botas dele sujaram a carpete de terra. Terá de a limpar antes de a mãe voltar, mas não fica aborrecida com Frank – ela é que o devia ter avisado da regra de não usar sapatos em casa. Ele veste a mesma *T-shirt* branca e calças de ganga escuras que tinha antes, e, quando se senta ao lado dela, Maya sente o cheiro a sol e a terra, e àquele tipo de suor causado pelo trabalho árduo. Deve ter estado a trabalhar na cabana.

Frank põe o braço sobre as costas do sofá, quase a tocar-lhe nos ombros, e Maya quer chegar-se para trás e encostar-se a ele, mas pensa em Ruby e isso detém-na.

– Então – diz ele com naturalidade –, o que é que se faz?

O mau humor que se apoderara dele antes desaparecera. Sorri.

– Nada de especial... – responde Maya, mas não olha para ele.

Frank ergue as sobrancelhas, intrigado com o tom dela. Maya pondera dizer alguma coisa sobre o CD, mas opta por não o fazer.

– Está tudo bem? – pergunta ele em tom suave.

Ela devia pura e simplesmente dizer-lhe como se sente. O sangue aflui-lhe ao rosto.

Ele pega-lhe nas mãos, puxa-a carinhosamente para si. Fita-a nos olhos.

– Fala comigo – pede.

– Gosto mesmo muito de andar contigo, Frank. Gosto... gosto de *ti*. Se calhar, mais do que como um amigo.

– Meu Deus, é tão bom ouvir-te dizer isso.

– A sério?

Ele parece prestes a desatar a rir, mas os seus olhos fitam-na com ternura.

– Não me digas que não sabias.

– Não sabia o quê?

– Quer dizer... eu passo este tempo todo contigo porque não há ninguém com quem preferisse estar.

Ela arregala os olhos, o seu coração torna-se mais leve. Derrete-se toda. Tem vontade de fazer uma pirueta.

– Eu sinto o mesmo.

Ele sorri, mas é um sorriso triste e Maya prepara-se para cair de novo na Terra.

– Só gostava que não estivesses para te ir embora – diz ele. – Tenho de estar sempre a recordar-me disso, a dizer a mim próprio que não posso aproximar-me demasiado de ti, que vou acabar por sofrer. Mas depois, de cada vez que estamos juntos, eu só...

Ela beija-o.

Ao princípio, Frank é apanhado de surpresa, com os lábios entreabertos a meio da frase, mas depois devolve o beijo. Um beijo longo e profundo que deixa bem claro, de uma vez por todas, aquilo que sente por ela. Maya também não quer sofrer, mas porque haviam de sofrer? De boa vontade virá passar todos os fins de semana a casa, há autocarros. Fecha os braços em torno do pescoço dele.

Depois lembra-se de Aubrey.

Maya afasta-se um pouco, mas sem o largar. Encosta a testa à dele.

– Quem me dera não ter de ir ter com a Aubrey – diz.

Ele faz beicinho.

– Não podes ir ter com ela outra noite qualquer?

Maya abana a cabeça.

– Porque não?

– É a minha melhor amiga. E ultimamente tenho andado a ignorá-la.

– Aposto que ela compreenderia.

Maya fica lisonjeada com a persistência dele, e com o vislumbre de ressentimento que vê no seu rosto.

– Desculpa, a sério – pede-lhe. – Mas não posso mesmo.

– Eu percebo. Então é melhor ires andando, não?

Maya olha para o relógio; ainda tem dez minutos.

– Na verdade, eu queria dizer-te uma coisa – diz ele, de súbito.

Maya não consegue perceber pelo tom de voz se são boas ou más notícias, mas as palavras carregam um certo peso que desperta nela a mesma mistura de júbilo e medo que sentiu no barco.

– Terminei a minha cabana – anuncia Frank.

Ela olha para ele.

– Isso é fantástico.

– Ainda não tem nada lá dentro, claro, e tal como te disse, não é luxuosa, mas trabalhei nela um bocadinho todos os dias e agora terminei.

– Uau, já?

Um sorriso espalha-se no rosto dele. Faz que sim com a cabeça.

– Adorava vê-la.

– A sério? – pergunta ele, e fita-a com ar pensativo.

– Claro que sim! Não pensava que já estivesses tão perto de terminar. –

Maya pergunta a si própria como é que ele arranjou tempo, entre os cuidados do pai e o tempo que passou com ela.

– Gostava muito que a visses – diz ele. – Serias a primeira.

– Seria uma honra.

– Que tal amanhã?

– Ótimo.

– É melhor calçares ténis. A única maneira de lá chegar é por um caminho abandonado que descobri na orla da propriedade do meu pai, quando era pequeno.

– Uau, parece giro.

– Sim, bom... Na altura não foi assim tão giro. – Suspira, como se fosse uma pessoa muito mais velha.

Maya quer saber mais, mas pergunta apenas com os olhos, e Frank fita-a como se estivesse a tentar decidir se deve contar-lhe. E depois conta-lhe. Enquanto fala, brinca distraidamente com qualquer coisa entre os dedos. É a chave da cabana – Maya reconhece as arestas pontiagudas. O objeto parece dar-lhe algum conforto. Maya fica comovida com a vulnerabilidade dele, quando se abre e partilha com ela algo que lhe aconteceu quando tinha dez anos.

Frank diz-lhe que estava no bosque atrás da casa dos pais. Era para onde ia quando eles discutiam, e naquele tempo as discussões eram frequentes. Aquele bosque tinha quilómetros e quilómetros. Um dia, nas suas deambulações, deu com uma estrada abandonada. Já estava a ficar tarde, mas teve curiosidade e decidiu ver onde levava. A estrada estava coberta de

vegetação, e por vezes desaparecia durante alguns metros por baixo de fetos e musgo e folhas mortas. Por fim, desapareceu completamente e Frank não conseguiu segui-la nem mais um passo – porém, quando deu meia-volta, também não encontrou a estrada atrás de si. Estava perdido. Tinha só dez anos, estava a escurecer e viu-se rodeado por um mar interminável de árvores, como naquele sonho em que uma pessoa está debaixo de água e não sabe para que lado fica a superfície.

Não sabe quanto tempo passou até que se cansou de gritar e chorar. Só se recorda que era noite e que havia apenas o luar a brilhar por entre os ramos, quando finalmente se calou tempo suficiente para ouvir o riacho. Aquele gorgolejar reconfortante e salvador pareceu-lhe um autêntico milagre, quando seguiu o som que o conduziu não só ao riacho, mas também de volta à estrada, que seguiu, expectante.

Viu uma velha ponte e uma clareira do outro lado da ponte e decidiu atravessá-la, na esperança de lá encontrar alguma coisa. Uma casa. Ajuda. Entrou na clareira, mas encontrou apenas os escombros do que fora em tempos um edifício: os alicerces de cimento, que a floresta ia reivindicando. Frank sentou-se no chão duro e puxou os joelhos para o peito. Rezou para que os pais o encontrassem. Mas não encontraram. Esperou a noite inteira, a tremer de medo e frio.

Então, já perto do nascer do dia, fechou os olhos e imaginou que havia de facto paredes à sua volta e um teto por cima dele. Um lume aconchegante. Comida quente no fogão. Imaginou com todas as suas forças, até sentir o cheiro de carne cozinhada e de lenha a arder. Deve ter adormecido então, pois sonhou que o lugar era real e, pela primeira vez em meses, sentiu-se seguro. Mais seguro do que alguma vez se sentira em casa. E de manhã já não tinha medo. Sobrevivera a uma noite sozinho na floresta e sonhara com a sua própria casa. A casa que prometeu a si próprio que construiria um dia, ali, na clareira do outro lado da ponte.

*

Conhecer a história por detrás da cabana, saber o que ela significava para Frank, só fez com que Maya a quisesse ver ainda mais. Diz-lhe que seria uma honra ser a primeira. Está condoída do menino perdido no bosque, que se agarrou ao conforto de um lar imaginário, e também do homem profundo e carinhoso que tem ao seu lado, que tem medo de sofrer. Admira-o por ter transformado o seu sonho em realidade e por o ter feito sem um curso universitário.

– Esquerda ou direita? – pergunta ele.

A pergunta apanha-a desprevenida. Olha pela janela do carro para a rua escura lá fora. Não estava a prestar atenção, mas encontram-se em Grove Street, depois de passarem por Stoddard Avenue.

– Esquerda – diz. Estão quase a chegar à casa de Aubrey, um destino tão familiar que Maya fica envergonhada ao perceber que deixou Frank passar pela rua dela e conduzir vários quarteirões em sentido contrário. Agora terão de dar meia-volta, mas ele não parece importar-se. Conduz como se não tivesse mais lado nenhum onde estar.

Mas Maya tem. Esqueceu-se de estar com atenção às horas. O relógio no *tablier* do carro de Frank indica a meia-noite; por isso ela procura a mochila para confirmar as horas no telemóvel, mas apercebe-se de que se esqueceu dele. Não só do telemóvel, mas da mochila toda, com o pijama e a escova de dentes. Não quer acreditar em como tem andado distraída. Tenta lembrar-se se trancou a porta, mas agora que pensa nisso não se recorda sequer de ter saído de casa, nem de ter entrado no carro de Frank.

– Sabes que horas são? – pergunta.

Frank abana a cabeça.

– Não, desculpa.

– Vira aqui. É a quarta casa à direita.

A maior parte das janelas na rua está às escuras. Maya tem um mau pressentimento. Sabe, quando Frank a deixa em frente da casa de dois pisos onde Aubrey mora, que seria uma atitude cortês apresentá-los um ao outro. Mas tem a certeza de que já vem atrasada. Terá de pedir desculpa por isso e, se Frank lá estiver, será ainda mais embaraçoso.

– Ainda bem que apareceste esta noite – diz ela.

Ele inclina-se para a beijar. Apenas um beijo ao de leve nos lábios, mas basta para Maya sentir o calor da respiração dele, que a deixa toda arrepiada.

VINTE

Da última vez que Maya tentara descobrir Ruby – antes de o doutor Barry a convencer a parar de procurar – encontrara apenas duas páginas no MySpace. Agora, no entanto, Maya descobriu mais de uma dúzia de Rubys nas redes sociais com residência em Hood River, Oregon. Depois de excluir as muito jovens e as muito velhas, sobram-lhe sete mulheres com esse nome, e qualquer uma delas podia ser a autora do CD para Frank.

Eram quase todas hispânicas e duas pareciam ser o tipo dele: maçãs do rosto altas, cabelo preto e liso, olhos escuros. Como Maya. Ou talvez fosse apenas imaginação sua. Andava a dormir mal e os sonhos pareciam-lhe demasiado próximos. Enviou mensagens às sete, pedindo-lhes que a contactassem se por acaso conhecessem um Frank Bellamy.

E ficou à espera.

Faltavam apenas duas horas para poder abrir a garrafa de *gin*. Sentia-se como se tivesse uma luz negra a pulsar dentro do crânio, captando os seus pensamentos em posições bizarras. A chave com os dentes pontiagudos. Um jovem Frank perdido no bosque, à procura de ajuda, de uma porta à qual bater.

Ouviu a mãe entrar em casa, mas não foi cumprimentá-la.

Doíam-lhe os olhos de tanto fixar o ecrã do telemóvel. Uma pesquisa no Google por «Ruby» e «Hood River» produziu muitos resultados: vídeos com animais de estimação, uma agente imobiliária, a vencedora de um concurso de ortografia, um artigo de 1901 sobre uma rapariga projetada de uma caleche. Maya não podia limitar mais a busca. Tudo o que tinha era um nome próprio e a cidade onde Frank vivera com a mãe depois de os pais se terem divorciado.

Quando encontrou o obituário de uma mulher de oitenta anos, um pensamento sombrio passou pela mente de Maya, e acrescentou «morte» à

pesquisa. Isto resultou em mais obituários e vários artigos. Hood River tinha uma população de menos de oito mil pessoas, pelo que não demorou muito a encontrar um artigo sobre uma mulher chamada Ruby Garza que morrera num incêndio, sete anos antes. Tinha na altura dezanove anos de idade, estava no primeiro ano da Universidade Comunitária de Columbia Gorge e mudara-se recentemente para um apartamento perto do centro. Ruby adormecera sem apagar uma vela ao lado da cama e nunca chegou a acordar. Estava sozinha. Tinha cabelo preto, olhos castanhos e um rosto ainda infantil na fotografia granulosa a preto e branco. Morrera menos de dois meses antes de Maya conhecer Frank na biblioteca. Precisamente na altura em que ele deixara Hood River e se mudara para Pittsfield.

VINTE E UM

Aubrey abre a porta vestida com a *T-shirt* enorme do Tweety que usa para dormir, mas não parece que estava a dormir.

– Olá, desculpa lá.

Aubrey vê Frank arrancar, apanhando-lhe apenas um vislumbre do rosto.

– Não faz mal – diz. Mas a sua voz é gelada, o seu olhar frio. – Não me quis vir conhecer, ele?

– Oh, eu... – Se calhar teria sido melhor apresentá-los. – Não me pareceu a altura indicada.

Entra e segue Aubrey. As luzes estão apagadas, a sala às escuras, exceto pelo brilho da televisão, na qual passa um episódio antigo de *Lei & Ordem*. Passam sem fazer barulho pelo padraço de Aubrey, que está a dormir na poltrona reclinável, com uma cerveja no suporte para copos. Maya fica surpreendida por ele estar a dormir; por Eric, o irmão de dez anos de Aubrey, não estar deitado no chão a jogar no seu *Game Boy*; por não se ouvir a voz da mãe de Aubrey a falar ao telefone, ou a fazer exercício com um vídeo na cave. A casa geralmente é muito mais barulhenta do que a de Maya. Sente-se horrível por se ter atrasado tanto.

Aubrey continua em silêncio enquanto entram no quarto dela. Ouve-se uma canção das Tender Wallpaper, indistinta, a sair dos auscultadores em cima da cama; Maya reconhece o ritmo lento da bateria. Há uma lata de refrigerante de laranja na mesa de cabeceira. O fumo de um cigarro acabado de fumar ainda paira no ar, mas toda a casa cheira a cigarros, por isso ninguém dará conta. Luzes de Natal emolduram a janela aberta. Maya abre a boca de espanto ao ver as horas no despertador de Aubrey: 23h42. Está três horas atrasada.

– Uau, desculpa, a sério – diz. – Estava a preparar-me para pegar na bicicleta e vir andando quando o Frank apareceu em minha casa. Era para ter ficado só alguns minutos, mas começámos a conversar e...

Aubrey fita-a atentamente.

– O que é que meteste?

– Hã? Nada!

Aubrey semicerra os olhos. Senta-se na cama, põe o CD no *discman* em pausa.

– Então o que aconteceu?

Maya senta-se ao lado dela, de pernas cruzadas. Um vento suave entra pela janela, com a frescura da noite. O seu desconforto diminui à medida que conta a Aubrey do beijo e da conversa que o antecedeu. Maya desejava que acontecesse há muito tempo (ou assim lhe parece), mas Aubrey parece pouco impressionada. Desinteressada, mesmo.

– Foi por isso que chegaste tão tarde? – pergunta. – Porque estiveste a curtir com o Frank?

– Não, também conversámos. Ele falou-me mais sobre a cabana.

Um sorriso fugaz passa pelo rosto de Aubrey.

– A que está a construir no quintal do pai?

– Não é no quintal – esclarece Maya, ligeiramente aborrecida. – A propriedade do pai dele pega com a floresta estadual. A cabana fica no bosque, e o Frank já a terminou. Vai mostrar-ma amanhã, à uma.

– Vai levar-te a uma cabana no meio da floresta? Mas isto é algum filme de terror?

– Não dirias isso se o conhecesses.

– A sério?

– Ouve, já pedi desculpa. E lamento mesmo muito. Devia ter chegado às nove.

A expressão de Aubrey suaviza-se, mas tem dúvidas a nadar-lhe nos olhos. Maya pergunta-se se Aubrey terá ciúmes. Nunca lhe ocorreu antes, mas as suspeitas aumentam quando Aubrey parece perder interesse no tema de Frank e sugere que vejam um filme de terror dos anos oitenta no qual um homem de máscara persegue adolescentes.

Veem o filme numa televisão antiga com leitor de cassetes de vídeo incluído que Aubrey comprou numa venda de garagem. O filme veio também de uma venda de garagem, comprado com o dinheiro que ela ganhou a ensacar compras no Big Y. É uma película sangrenta e terrível. Normalmente, passariam o tempo todo a fazer piadas, mas nessa noite, depois de Maya fazer alguns comentários sarcásticos, limitam-se a assistir em silêncio e, a cada homicídio, a escolha de filme de Aubrey parece mais passiva-agressiva. Ela fica tão calada quando o filme acaba que Maya pensa que a amiga adormeceu, por isso desliga a televisão e deita-se ao lado dela na cama. O dia esteve quente, mas a noite arrefeceu e Maya enfia-se debaixo da manta. Fecha os olhos.

– O que vai acontecer quando fores para a universidade? – pergunta Aubrey.

– Hã?

– Com o Frank. O que é que acontece quando te fores embora?

– Não sei – diz Maya. – Talvez eu adie o curso um ano. – Só quando as palavras lhe saem da boca é que se apercebe de estar a ponderar essa hipótese, mas agora que o disse sabe que é verdade.

– Estás a gozar?

– Há muitas pessoas que fazem um ano de pausa nos estudos antes da universidade – diz Maya, surpreendida por tal coisa não lhe ter ocorrido antes. Que importância tem, se começar a universidade para o ano, em vez de ser para a semana?

– Que raio se passa contigo? – pergunta Aubrey.

Maya não sabe como responder. Não se passa nada com ela. E quem é Aubrey para a criticar por querer ficar? Aubrey também aqui estará, ainda a trabalhar no Big Y enquanto frequenta a Universidade Comunitária de Berkshire. Alegara que não valia a pena estar a endividar-se com empréstimos para ir para outro lado, que a universidade comunitária era suficiente, mais longe do que qualquer outra pessoa da sua família alguma vez chegara.

– Pensei que ficasses contente – diz Maya – por saberes que vou ficar por cá.

– Uau! – exclama Aubrey, com sarcasmo. Depois faz uma pausa e parece que vai acrescentar algo, mas por fim diz apenas: – Boa noite.

*

Maya está a escovar o cabelo ao espelho, depois de experimentar várias camisolas e se decidir finalmente por um *top* de alças às riscas azuis e brancas, quando ouve bater à porta. Ainda não é bem uma hora e a mãe dela está a dormir, depois de ter estado de serviço a noite toda, por isso, Maya corre para a porta antes que Frank volte a bater e a acorde. Ele chegou alguns minutos mais cedo. Maya já tem um sorriso radiante no rosto quando abre a porta. Mas não é Frank.

É Aubrey. E está fantástica. Traz aquele vestido que usou na noite em que se enrolou com o baterista dos Screaming Mimis. Maya vira-o a controlar a amiga a noite toda, enquanto ela dançava perto do palco, com o vestido a escorregar-lhe de vez em quando nos ombros, colado às ancas ondulantes. Aubrey também sabia que o baterista estava a olhar para ela. O objetivo era esse. O vestido é vermelho, vermelho como sangue.

– Olá – cumprimenta-a Aubrey.

Como é que ela se atreve?

Todo o sentimento de culpa de Maya, toda a compreensão por Aubrey, evaporam-se como gotas de água numa frigideira quente. Sai e fecha a porta atrás de si para poder falar com ela sem ter de sussurrar.

– Sabias que ele vinha à uma hora.

Aubrey sorri e encolhe os ombros como se não fosse nada de especial.

– Disseste que querias apresentar-nos, portanto aqui estou eu.

– Ouve, nós temos planos, está bem? Não podes simplesmente...

– Não te preocupes, não vou ficar. A minha mãe tem uma reunião da Avon, por isso tive de sair de casa. Lembrei-me de passar por cá para conhecer o Frank.

Maya abana a cabeça. Está prestes a pedir a Aubrey para se ir embora quando o carro de Frank entra no caminho de acesso. Ele sai do carro. Aproxima-se com um sorriso.

– Olá – diz Aubrey, e estende-lhe a mão. – Sou a...

– Aubrey – interrompe ele. Dá-lhe um aperto de mão caloroso.

– Deves ser o Frank. – A voz dela é alegre, mas fixa-lhe os olhos como se estivesse a tentar decifrá-lo. – Ouvi falar muito em ti – acrescenta.

– Igualmente. E só coisas boas. – Frank parece à vontade, e Maya pergunta-se se estaria enganada quando presumiu que ele preferia estar a sós com ela.

Quase morre quando o olhar dele percorre rapidamente o corpo de Aubrey.

– Bem – diz, em tom algo forçado –, foi bom ver-te, Aubrey. Mas como estava a dizer, o Frank e eu temos planos hoje...

Aubrey olha para ele, à espera de ser convidada.

Para imenso alívio de Maya, ele não se mete na conversa. Não está propriamente a sorrir, a sua expressão não é bem divertida, mas quase. E Maya tenta adivinhar o que ele pensará ele daquela tensão evidente no ar.

Do tom de voz de Maya. Por um momento, tem a certeza de que ele deduziu tudo o que se passa.

– Bom, está bem... Vemo-nos por aí, então – diz Aubrey a Maya, e parece quase triste, mas Maya não tem pena nenhuma dela. Nunca fizeram nada assim para magoar a outra. Não desta forma, que quase parece crueldade.

»– Muito gosto em conhecer-te, Frank – despede-se Aubrey. – E parabéns.

Ele imobiliza-se.

– Parabéns?

– Pela cabana. A Maya disse-me que a terminaste.

O ar divertido desaparece-lhe do rosto. Frank lança um olhar fulminante a Maya.

– Contaste-lhe da minha cabana?

– Eu... disse-lhe só que a construístes. Era segredo?

Frank está furioso. Maya quase não o reconhece.

– Desculpa ter falado nisso – diz Aubrey. – Vou andando.

– Não faz mal – diz ele de súbito, quando ela começa a afastar-se. – A sério. Fico contente por saberes, Aubrey. – Um sorriso acende-se-lhe nos olhos e espalha-se pelo rosto, iluminando-o tão depressa como antes se ensombrara. – Talvez queiras vê-la também!

Não!, quer Maya gritar.

– Mas terá de ficar para outro dia – continua ele. – Na verdade, hoje tenho de ir para junto do meu pai. Ele teve uma manhã complicada. Era o que vinha dizer-te, Maya. Hoje já não podemos lá ir. Desculpa.

Maya não acredita. Ele ia levá-la à cabana, e ela ia contar-lhe dos seus planos de adiar a universidade, mas Aubrey estragou tudo.

– Desculpa – pede-lhe.

– Porquê? – Frank despede-se dela com um abraço, mas é rígido, frio. Até o rosto dele finge que nada mudou. – Prazer em conhecer-te – diz a Aubrey. Baixa de novo os olhos para o corpo dela e Maya sente-se como se tivesse levado um soco no estômago. – Vieste a pé?

Aubrey diz que sim com a cabeça.

– Queres boleia?

Aubrey olha para Maya, depois para Frank. Pensa no assunto.

– Pode ser – responde.

Sem respirar, Maya vê Frank abrir a porta do carro a Aubrey. Ela entra. Evita fazer contacto visual com Maya através do para-brisas.

VINTE E DOIS

Maya estava a beber desde as cinco da tarde, o chá na caneca substituído por sumo de laranja e pelo *gin* barato que comprara no regresso do museu. Quatro horas depois, a garrafa de meio litro estava quase vazia e ela sentia-se mais calma, mas não embriagada, como era suposto. Noutra altura qualquer estaria já a tropeçar, mas era como se o seu corpo não o permitisse, como se cada uma das suas células estivesse decidida a manter-se vigilante.

O cheiro a chili chegou-lhe através das paredes. Cominhos e alho tostados, carne de vaca picada frita. Era um dos pratos que Brenda fazia melhor, mas Maya não lhe tocara. Sabia que estava a ser cruel, mas a mãe questionara uma vez mais a sua sanidade mental.

Não a teria incomodado tanto se não estivesse tentada a sucumbir aos receios da mãe. Se simplesmente admitisse estar doida, dar-lhe-iam remédios que a poriam a dormir doze horas seguidas. Deitou mais *gin* na caneca. Estava sentada às escuras em cima da cama, de pernas cruzadas, com o telemóvel numa mão. Horas à procura de informações sobre Ruby Garza não tinham produzido nada de novo. E mesmo que tivessem – mesmo que Maya pudesse estabelecer uma ligação entre Frank e uma terceira mulher morta –, continuaria sem saber *como é* que ele o fizera.

Entretanto, Dan não lhe respondera.

Fora identificado no Instagram por alguém com o nome @nina_borealis. A fotografia mostrava-o sentado a uma mesa no Silhouette Lounge, a beber aquilo que seria provavelmente um rum com cola, juntamente com o colega do curso, Sean, e a namorada de Sean, Ellie. Os três estavam sentados encostados uns aos outros, presumivelmente com a Nina que tirara a fotografia. Uma pesquisa rápida revelou que Nina era uma bonita arquiteta filipina que adorava viajar.

Maya nunca se sentira insegura na sua relação com Dan, mas ele nunca ignorara as mensagens dela. Seria Nina solteira? Provocadora?

Maya recordou a si própria que não tinha motivo algum para desconfiar de Dan – enquanto ele tinha todos os motivos e mais alguns para desconfiar dela. Ele devia saber que Maya estava a esconder alguma coisa, devia tê-lo pressentido, e provavelmente era por isso que não lhe respondera. Dan preocupava-se com a verdade. Tanto secretismo fora muito pior do que se lhe tivesse contado do clonazepam: sabia que ele não a teria julgado por isso. Metade das pessoas que conheciam estava a tomar medicação para a ansiedade, ou para a depressão ou outra coisa qualquer. À medida que a noite ia avançando sem ter notícias dele, a possibilidade de o perder começou a parecer-lhe real.

Ao pensar nisso, sentiu um aperto no peito. Estava numa situação tão complicada quando o conhecera, a arrastar-se pelos dias, a esquecer a maior parte das noites, e fora Dan que conseguira romper esse nevoeiro. Ele era o seu Orfeu que nunca olhava para trás, ajudando-a a regressar ao mundo dos vivos. Fizera com que esse mundo se tornasse um sítio onde ela queria estar. Dan era o tipo de pessoa que se recusava a comprar molho de tomate em frasco porque o caseiro era muito melhor e ele gostava de o fazer. Tinham cozinhado juntos quase todas as noites desde que Maya fora viver com ele, e agora não havia lugar nenhum onde ela preferisse estar do que ao lado dele, a picar ervas aromáticas e a ouvir música e a provar a comida mais vezes do que era realmente necessário porque tudo o que faziam era delicioso.

Se pelo menos pudesse rebobinar o tempo até há uma semana, antes de ter visto o vídeo. Tinham posto a tocar uma *playlist* de *reggaeton* e dançado na cozinha enquanto a panela de *minestrone* borbulhava no fogão. Dan gostava de dançar, quase tanto como ela.

Agora, Maya imaginou-se a cozinhar sozinha.

Nenhum dos apartamentos em que vivera desde que saíra da casa da mãe lhe tinha parecido um lar, porque ela nunca tentara transformá-los num. Mas viver com Dan era diferente. Desejou tê-lo ali ao seu lado na cama, mas por outro lado ainda bem que ele não conseguia vê-la a beber *gin* sozinha, às escuras.

Recebeu uma mensagem. Era de Steven.

Maya perguntara-lhe se tinha alguma fotografia do último quadro de Cristina, o que ele dissera ser diferente do seu trabalho anterior. Talvez o quadro desse algum vislumbre da mente da mulher que quisera tatuar no antebraço a chave da cabana de Frank.

Steven concordara em tirar uma fotografia ao quadro quando chegasse a casa e enviar-lha. E ali estava. O quadro era de facto diferente das outras obras no *website* de Cristina. *O Deserto de Sal de Bonneville* marcara-a pela sua beleza quase alienígena, aquele vasto vazio de terra e céu, a luz fria e cristalina.

O novo quadro era quente. Mostrava a divisão central da cabana de Frank. Um espaço amplo, com a cozinha de um lado e a sala de estar do outro, com o sofá gordo, o tapete felpudo e a lareira alta de pedra. Estava tudo pintado com um pormenor fotorrealista, exceto o lume na lareira. Havia algo no seu brilho, uma qualidade intensificada na luz. Com pinceladas de laranja, rosa e dourado, as chamas eram mais belas do que a luz natural. Mais belas, pensou Maya, do que a luz no quadro do deserto de sal que Cristina pintara – mas produzindo o efeito oposto. Este quadro transbordava daquilo que faltava nos seus trabalhos anteriores. Satisfação. Bem-estar. Aquela sensação do calor da lareira no rosto. Devia ser assim que ela se sentia quando lá estava.

Tal como a aldeia brumosa no livro do pai de Maya, o verdadeiro lar de Pixán, a cabana no quadro de Cristina parecia ao mesmo tempo real e mágica.

O doutor Barry teria rotulado os seus pensamentos de *apofenia* – a falsa convicção de que coisas não relacionadas entre si estão, de alguma forma, ligadas. Era a ilusão que se encontrava por detrás de muitas teorias da conspiração, explicara ele.

«Se olharmos com atenção, seja para o que for, começam sempre a surgir padrões.»

Mas o doutor Barry falava sempre mais do que ouvia. Que sabia ele? O quadro fazia-lhe lembrar a história porque tanto o pai dela como Cristina estavam a descrever o mesmo lugar: o lar perfeito.

Maya pousou o telemóvel virado para baixo na cama. O quadro perturbava-a. Apoiou a cabeça nas mãos. Tinha uma razão para não olhar para o livro do pai há anos. Uma razão pela qual raramente pensava no livro e nunca o mencionara a Dan, mas na verdade ela própria nunca colocara essa razão em palavras. Em vez disso, tomara comprimidos e bebera demasiado para esquecer. A única forma de viver com o que acontecera, descobrira ela, era agir como se não tivesse acontecido – mas isso exigia esforço. Era preciso evitar diligentemente tudo o que pudesse recordar-lhe a morte de Aubrey. O que incluía o livro do pai. Não fora uma decisão consciente que conduzira o seu comportamento nesse sentido, mas uma de muitas crenças subconscientes. O livro era demasiado perturbador. Maya deixara-o para trás ao partir para a universidade, enfiado dentro do seu envelope castanho e arrumado na estante. Mas agora que tinham passado anos desde que se lembrara dele, e muitos dias desde o seu último clonazepam, era evidente que a história do pai a lembrava demasiado da mentira que andava a dizer a si própria.

Apercebera-se disso cerca de um ano depois da morte de Aubrey. Maya estava em casa há alguns dias, fortemente medicada e a tentar avançar com a sua vida, quando decidiu tirar o livro da estante. Uma sensação de pânico ergueu-se dentro de si assim que começou a ler a tradução na sua própria

caligrafia. Sentira-se a sufocar. E algo lhe disse que, se continuasse, se revisitasse aquela história, com o seu significado oculto, libertaria verdades que não suportaria conhecer.

Assim, voltara a arrumá-lo na prateleira.

Mas o quadro de Cristina recordara-a disso. Tal como o livro do pai, tinha a certeza de que guardava a chave para o segredo de Frank.

E a chave era de uma porta no interior da cabeça de Maya. Quanto mais procurava Frank, quanto mais pessoas interrogava, mais óbvio se tornava que Maya nunca encontraria a resposta fora de si própria. Estava trancada dentro de si, escondida naquelas horas perdidas. O doutor Barry diria que ela estava à beira da psicose, mas Maya sentia, pela primeira vez desde que vira o vídeo, que começava a chegar a algum lado. Levantou-se da cama e aproximou-se da estante, estendeu a mão para o velho envelope – mas encontrou apenas um espaço vazio.

Lembrou-se de que aquele já não era o seu quarto. Devia ter-se esquecido, às escuras. Acendeu a luz e percebeu que não fazia ideia de onde é que o livro se encontrava. Procurou no roupeiro, na secretária, nas gavetas vazias da sua antiga mesa de cabeceira. Despira as roupas algum tempo antes por estarem suadas, mas agora voltou a vesti-las, enfiando as *leggings* húmidas e a camisola de manga comprida. Procurou em todas as prateleiras da sala de estar. Sabia que a mãe não teria deitado fora o livro do pai.

A menos que... e se o tivesse doado à Goodwill, sem querer?

A mãe pedira-lhe que viesse a casa buscar as suas coisas antes de transformar o antigo quarto num Airbnb. Mas Maya não viera. Adiará semanas, depois meses, até que Brenda anunciara que ia levar tudo para a Goodwill, e Maya, ainda alegremente medicada na altura, não se importara.

– Não – murmurou agora. – Não, não, não...

Lembrou-se do rosto do avô quando lhe entregou o livro. A preciosa tinta. As palavras do pai. Andou de um lado para o outro algumas vezes,

passando as mãos pelo cabelo.

Depois lembrou-se da cave. Talvez a mãe estivesse só a ameaçá-la quando falara na Goodwill; talvez quisesse apenas obrigar a filha a vir a casa. Maya desceu apressadamente as escadas pé ante pé, para não acordar a mãe.

A cave costumava meter-lhe medo, quando era pequena. Era mais fria do que o resto da casa e bafienta. Uma divisão comprida que se tornava cada vez mais escura à medida que se ia avançando por ela. Logo à entrada tinha as máquinas de lavar e secar roupa e uma cómoda como mesa de apoio. Depois uma prateleira com pequenos eletrodomésticos e os restos de alguns projetos de «faça você mesmo». Um frasco com berlindes. Latas de tinta, uma máquina de fazer gelados. A seguir, caixas de livros, mas não aquele que ela procurava. Avançou mais. Vasculhou em caixas de roupas. *Por favor, que esteja aqui, por favor.* Agora de gatas, abriu uma caixa e encontrou um serviço de chá com uma grossa camada de pó. Noutro caixote, os jogos que jogava em pequena: *Sorry!*, *Batalha Naval*, *Cluedo*. Estava ali tudo – a mãe guardara tudo. Uma vaga de gratidão encheu o peito de Maya. Encontrou o livro do pai numa caixa com outras histórias que adorava, as que costumava ter na mesma prateleira.

Levou-o para cima e começou a ler.

VINTE E TRÊS

Esqueci-me de que era filho de reis.

Era o título do livro do pai. Maya escrevera-o em inglês na primeira página do caderno sarapintado que continha a tradução. O caderno fora enfiado dentro do envelope original, com as quarenta e sete páginas datilografadas pelo pai.

Estava contente por ter a sua tradução, pois significava que não tinha de se debater agora com o espanhol. Traduzi-lo fora uma empreitada de monta para ela, aos dezassete anos de idade, difícil ao início, tornando-se mais fácil à medida que Maya ia apanhando o jeito – ou talvez estivesse apenas tão embrenhada na história que se desenrolava nas suas mãos que as horas haviam passado como minutos. Trabalhara na tradução, na biblioteca, todos os dias durante quase duas semanas, e estava a terminar a última página no dia em que conheceria Frank.

Trabalhara meticulosamente, à procura de pistas sobre o destino da história. Esse era o grande mistério da sua vida na altura – e continuara a sê-lo. Ter o velho caderno nas mãos trouxe ao de cima as antigas perguntas. Héctor lembrar-se-ia de que era, na verdade, Pixán? Pixán conseguiria reivindicar a sua herança? Chegaria algum dia a regressar a casa? Reencontraria os pais?

Esqueci-me de que era filho de reis.

Algo encaixou na sua mente quando passou os olhos pelo título.

O título!

Talvez precisasse de ter guardado a distância do livro durante sete anos para conseguir ver a pista mais óbvia, a que se encontrava datilografada logo na primeira página. Quando era mais nova, concentrara-se de tal forma na história, no enredo incompleto e no seu significado, que se esquecera da poesia do título. A tia dissera-lhe tratar-se de um verso de um poema muito

antigo que Jairo adorava. Porque é que Maya não se lembrara disso mais cedo? O pai adorava poesia – decerto o poema de onde retirara aquele verso lhe daria alguma pista sobre o tema do romance. Sobre o seu significado. Sobre aquilo que ele pretendia dizer.

A cama dela tornara-se num ninho de mantas, almofadas e folhas espalhadas. Remexeu nas coisas, à procura do telemóvel, e encontrou-o entalado entre a cabeceira e o colchão. Introduziu o título do livro, entre aspas, na barra de pesquisa.

O poema surgiu de imediato – tinha uma página da Wikipédia só para ele. E não era propriamente um poema, afinal, pelo menos como Maya esperava, mas sim um hino. «O Hino da Pérola.» Carolina não exagerara quando lhe dissera que era antigo. Era mesmo muito antigo, e o seu autor era desconhecido. Segundo a Wikipédia, o hino aparecia nos *Atos de Tomé*, algo que Maya achava estar relacionado com a Bíblia.

Os *Atos de Tomé*, leu ela, eram do século terceiro – mas, ao que parecia, o hino era ainda mais antigo. Aparecia *dentro* dos Atos, cantado por Tomé, presumivelmente a personagem principal, enquanto cumpria uma pena de prisão. O hino contava uma história que existia há pelo menos uns duzentos anos antes de os *Atos* serem escritos, uma história dentro de uma história. Ninguém sabia de onde viera, apesar de ter sinais de contos populares arcaicos.

Maya perguntou-se onde teria o pai conhecido esse hino tão antigo, e se teria de facto alguma coisa a ver com o romance que ele começara a escrever. Avançou até à secção «Excertos do texto» e leu:

*Quando eu era criancinha,
e morava no Reino da Casa de meu Pai,
deleitando-me na riqueza e no esplendor
daqueles que me nutriam,*

*meus Pais me enviaram do Oriente, nosso lar,
numa missão,
equipado com suprimentos para a jornada.*

[...]

*E fizeram um pacto comigo,
gravando-o em meu coração para que
eu não pudesse esquecê-lo:*

*«Se fores ao Egito
e dali trouxeres a pérola
que se encontra no meio do mar,
envolta na serpente sibilante,
então envergarás de novo a veste cravejada de joias
e, por cima, o manto que tanto aprecias
e serás um herdeiro de nosso reino, juntamente com teu irmão,
o segundo em nossa hierarquia.*

[...]

*De imediato procurei a serpente,
estabelecendo-me próximo de sua morada,
aguardando a ocasião em que ficasse sonolenta e fosse dormir,
para então lhe tirar a pérola.*

*Como estava sozinho e me mantinha à parte,
tornei-me um estranho para meus companheiros de hospedagem.*

[...]

*Mas de alguma maneira
eles souberam que eu não era de seu país.
Com artimanhas, apresentaram-se diante de mim
e ofereceram-me alimentos para comer.
Ao prová-los, esqueci-me de que era filho de reis,
e tornei-me um servo do rei deles.*

*Esqueci completamente a pérola
para a qual meus Pais me haviam enviado
e, com o peso de seus incitamentos,
mergulhei num sono profundo.*

Maya pousou o telemóvel. Pegou no caderno e leu as palavras tão cuidadosamente traduzidas para inglês na sua caligrafia grande, sete anos antes. Abriu a boca ao reler a história que nunca esquecera realmente, notando os paralelos: Pixán era claramente a «criancinha» do hino. E a «pérola» era a herança que os pais o tinham mandado buscar, enquanto a «serpente sibilante» era o marido complicado da tia-avó, que não queria abrir mão do tesouro. Num ápice, Maya compreendeu o que o pai estava a fazer. Não era muito diferente daquilo que Tomé, ou a pessoa que escrevera os seus *Atos*, fizera ao incluir o antigo hino no *seu* livro.

Porém, enquanto Tomé deixara claro que era um hino a ser recitado, o pai de Maya optara por o esconder no enredo. Transportara a velha história como uma herança preciosa e, para a trazer até ao presente, abrandara-a e pintara-a com momentos da vida de um rapaz a crescer na Cidade da Guatemala. Entretecera-a como um segredo. Alongara o hino de maneira que, se tivesse vivido tempo suficiente para o acabar, o seu romance seria uma longa prece. Uma risada surpreendida brotou do peito de Maya. Levou a mão à boca, com os olhos cheios de lágrimas. Resolvera o mistério, ou pelo menos um deles (embora sentisse que, caso olhasse com mais atenção, até esse mistério se revelaria um símbolo de outro ainda mais profundo, uma verdade a deslizar logo abaixo da superfície). Abriu no telemóvel o texto completo do «Hino da Pérola» e leu-o do princípio ao fim. E, enquanto lia, os contornos da história do pai foram-se revelando. E compreendeu finalmente como acabava.

VINTE E QUATRO

Maya não quer falar com Aubrey, mas precisa de saber exatamente o que aconteceu no dia anterior, quando Frank a levou a casa. Uma viagem de carro de cinco minutos. Tempo suficiente para terem falado, rido, namoriscado. Maya nunca desconfiara de Aubrey, mas viu os olhos de Frank a deslizarem pelo corpo dela. Aquele raio daquele vestido estúpido! Fora apenas um relance, menos de um segundo, mas o olhar que Frank deitara a Aubrey expandira-se para preencher horas da vida de Maya.

Não pensou em muito mais desde então. Nem enquanto jantava com a mãe, nem enquanto via televisão, nem enquanto tentava dormir. Duas semanas antes, não acreditaria se lhe dissessem que ficaria tão aflita por causa de um tipo qualquer em quem nunca reparara na biblioteca.

Nunca acreditaria que alguém conseguiria intrometer-se entre ela e Aubrey. Quem têm elas, se não for uma à outra? Maya ainda tem a mãe, mas Aubrey não se dá bem com a sua há anos e não suporta estar sequer na mesma sala que o padrasto. Tem rapazes que a levariam a sair, que provavelmente fariam tudo o que ela quisesse, mas só tem uma melhor amiga. Apenas uma pessoa que a conhece por dentro e por fora. Não faz sentido nenhum que ela tentasse afastar Maya.

E no entanto, quanto mais pensa nisso – não andaria Aubrey a preparar-se para isto há semanas? Maya recorda a frieza que já observara na amiga. A raiva mal contida de Aubrey quando ela chegou três horas atrasada à sua casa. O cachecol que estava a tricotar para alguém que se recusou a identificar. O facto de saber sequer tricotar. Até recentemente, Maya tinha a certeza de saber tudo sobre a melhor amiga. Mas, evidentemente, estava enganada.

Aubrey não devolveu a chamada e já se passou um dia inteiro, o que pode significar várias coisas, e Maya ponderou cada uma delas. Aubrey

pode estar ocupada, pode estar zangada ou, por alguma razão, pode não ter visto que Maya telefonara.

Ou então está a evitar Maya – porque talvez *tenha* acontecido alguma coisa durante a boleia. Esse pensamento é tão estranho, tão paranoico, que quase podia ter saído da mente de outra pessoa. E, contudo, cresce: e se Aubrey e Frank decidiram estar juntos depois de ele a ter ido levar a casa? E se Aubrey o convidou a entrar?

Não ajuda nada o facto de Maya não ter conseguido entrar em contacto com Frank. Ligou para o número que ele lhe deu há algum tempo, mas ninguém atendeu – o que não é de admirar. Ele disse que o número é do telefone fixo da casa do pai, onde o mesmo está a viver os seus últimos dias. Frank avisou-a de que costumam desligar o som do telefone. E ele não tem telemóvel.

Frank, apercebe-se Maya, é bastante difícil de contactar. Só percebeu isso agora porque nunca tivera de o procurar antes. Frank viera sempre ao encontro dela, ligando-lhe da biblioteca ou da casa do pai para combinar coisas, ou simplesmente aparecendo-lhe à porta. Mas Maya não o vê desde que ele arrancou com Aubrey, e não faz sentido – foi apenas anteontem à noite que se beijaram, que disseram um ao outro aquilo que sentiam. Aubrey estragou tudo.

Maya vai a caminho da biblioteca, por First Street, e passa por outra igreja. Chegará lá mesmo à hora em que Frank sai. Sabe que ir ter com ele ao trabalho pode parecer um ato desesperado, mas que outra maneira tem de o contactar? Ainda não compreendeu por que razão ele ficou aborrecido por ela ter falado a Aubrey na cabana. Porém, sejam quais forem os seus motivos, Maya quer esclarecer as coisas. Serenar os ânimos.

Afinal de contas, já pediu os impressos para requisitar o adiamento à universidade. A mãe não sabe, claro, e Maya só lhe dirá depois de estar tudo tratado.

Caminha rapidamente. O Sol está baixo, mas a humidade mantém o calor do dia e o suor humedece-lhe a nuca. Sabe que o mais certo é que esteja a fazer uma tempestade num copo de água – Frank provavelmente tem andado ocupado, e Aubrey provavelmente está apenas a ser uma estúpida sem consideração nenhuma. Decerto não tem nada com que se preocupar, e contudo Maya não consegue parar de rever a imagem dos dois a afastarem-se no carro de Frank.

Deve ser por isso que lhe parece vê-los agora, sentados juntos a uma mesa perto da montra do Dunkin' Donuts, enquanto se dirige para a biblioteca. Deve ser por ter passado o dia obcecada com eles que projetou os seus rostos em dois desconhecidos. Abranda o passo.

Será possível que sejam mesmo eles os dois, a conversar enquanto bebem cafés gelados? Maya só consegue ver as costas da rapariga, mas reconhece o cabelo escuro, os ombros pálidos.

É sem dúvida Aubrey. E Frank.

Ele sorri, o mesmo sorriso que conquistou Maya, caloroso, mas malicioso e tão estranhamente íntimo.

O coração de Maya bate-lhe na garganta enquanto se dirige para a entrada. Ela sabia, e tinha razão. Se Frank a vê quando estende a mão para as portas de vidro do Dunkin' Donuts, não reage.

Aubrey só a vê quando está quase ao pé deles. Entreabre os lábios. Abre mais os olhos.

Só então é que Frank parece aperceber-se do que está a acontecer. Tal como Aubrey, parece surpreendido, mas não culpado.

– Olá! – diz.

Aubrey empalideceu.

Frank levanta-se do banco de plástico para cumprimentar Maya. Sorri, inclina-se para um abraço. Mas Maya não o deixa tocar-lhe.

Recua, evitando-o – e isso surpreende Frank. Parece magoado. Tenta procurar-lhe os olhos, mas ela está a fitar a sua suposta melhor amiga por cima do ombro dele, furibunda.

– Vim só buscar um livro – diz Aubrey. – Ele recomendou-mo ontem... disse-me para o vir levantar hoje. – Mostra o livro, de capa dura, com um daguerreótipo do que parece ser um mágico na capa. O mágico veste um casaco preto de abas compridas.

– Isso mesmo – diz Frank. – Falei-lhe de um livro que achei que ela ia gostar e requisitei-o. Trabalho numa biblioteca. É o que eu faço. E como eu estava a sair, viemos beber um café.

– Tanto faz – diz Maya. – Não me interessa. – Mas as palavras saem-lhe azedas e Aubrey afasta o olhar.

O Dunkin' Donuts está sossegado; os únicos outros clientes são uma enfermeira que vem levantar uma grande encomenda e um velhote a dormir numa mesa perto da porta.

Frank suspira.

– Lamento muito se te aborreci, Maya. Estava só a tentar ser simpático com a tua amiga.

– Não estou aborrecida – diz ela. Mas a sua voz eleva-se ligeiramente, a sua postura é demasiado rígida. Aubrey baixa os olhos para a mesa. Ninguém diz nada, e Maya pergunta a si própria se terá reagido de modo exagerado.

Estará a ser pouco razoável?

Quando Frank fala de novo, o tom é fatigado. Desapontado.

– Sabes que praticamente não conheço aqui ninguém – lembra-lhe. – Passo o tempo todo contigo ou com o meu pai. Um homem às portas da morte e uma rapariga prestes a mudar-se para longe. Preferias que eu não fizesse amigos? – Aponta para Aubrey, que continua de cabeça baixa como se quisesse desaparecer.

– Claro que não – responde Maya. Será possível que seja ela a vilã naquela situação? – Mas... A minha melhor amiga?

– Ambos gostamos de magia – diz ele. – Ilusões, mentalismo, esse tipo de coisas. É agradável ter alguém com quem conversar sobre esse assunto.
– Os seus olhos viram-se rapidamente para Aubrey em busca de confirmação, mas ela mantém os seus postos no chão.

Maya sente que deve pedir desculpa. Mas não pede, recusa-se a fazê-lo.

– Seja como for – diz Frank –, tenho de ir buscar o meu pai ao grupo de apoio. Vemo-nos por aí, Maya. – E depois vira-se para Aubrey. – Espero que gostes do livro.

Leva o café consigo, deixando um anel de humidade na mesa.

Com o rosto a arder, Maya vê-o afastar-se.

Assim que ele sai, vira-se para Aubrey.

– Fizeste isto de propósito.

Aubrey abana a cabeça. Há uma certa relutância na sua postura.

– Sei o que parece – diz –, mas não se passa nada entre mim e o Frank.

– De quem foi a ideia de vir aqui?

– Dele. Sem qualquer dúvida, dele.

Maya tenta disfarçar a desilusão.

– Começou a fazer-me perguntas sobre mim assim que entrei no carro ontem – diz Aubrey. – E mal mencionei que gostava de magia, disse-me que havia um livro que eu tinha de ler. – Os seus olhos procuram o livro, cuja encadernação está perigosamente perto da poça deixada pelo copo de Frank. – Disse-me para o vir buscar hoje à biblioteca às sete.

– Sim, mas... isso não significa que eras obrigada a fazê-lo.

– Fiquei curiosa. Pensei que vinha só levantar o livro. Sei o aspeto que dá, da maneira que o Frank o disse... como se eu tivesse aparecido *por acaso* quando ele estava a sair do trabalho. Mas é treta dele, Maya. Foi tudo

preparado. O livro da biblioteca não passou de uma desculpa para me voltar a ver.

Maya contrai o maxilar.

Vê que Aubrey não gosta de lhe estar a dizer aquilo. Não o disse para a magoar, e aquela expressão no seu rosto – que Maya confundiu com remorsos – é, na realidade, pena. Aubrey tem pena dela. E isso é muito pior. Já tiveram discórdias ao longo dos anos, mas, até este momento, nenhuma magoara verdadeiramente a outra.

– Oh, por favor – cospe Maya. – Apareceste em minha casa toda... – como dizê-lo? – ... *produzida*, quando sabias que ele lá estaria.

Aubrey não tenta defender-se.

– Queria saber qual era a cena dele – diz. – Andas esquisita desde que o conheceste, e agora vejo porquê. *Ele* é esquisito, Maya. É controlador. E se tivesse de adivinhar, aposto que foi ele que sugeriu que adiasse a entrada na universidade, não foi?

Maya não responde. Porque havia de responder? Seja como for, tem quase a certeza de que o adiamento da universidade foi ideia sua. Pergunta-se se Aubrey estará a gostar disto, se lhe dará gozo mostrar-lhe a facilidade com que captou o interesse de Frank.

– Ouve – insiste Aubrey. – Não sou eu a vilã desta história. Não quero roubar-te o namorado.

– Porque não? O Frank não é melhor do que o miserável provinciano com quem acabará por ficar?

Aubrey levanta-se, pega no livro e olha para o seu *Dunkaccino* gelado. O copo está quase cheio, mas a bebida já não está fria. Fita o copo por um instante, depois abana a cabeça e deita-o fora. A caminho da porta, pergunta a Maya:

– Não percebes, pois não?

VINTE E CINCO

A luz da alvorada irrompeu pelas janelas como leões a saltar. Brenda saíra para o trabalho às quatro e meia da madrugada, por isso Maya não precisava de se preocupar em não a acordar e percorreu livremente o corredor em frente do seu antigo quarto, de um lado para o outro, vestida com uma *T-shirt* e umas calças de fato de treino roxas que encontrara na cave. O movimento ajudava-a a pensar. Compreendia agora a história do pai, mas não o que significava em relação a Frank. Seria possível que Maya, tal como Pixán, se esquecera de algo importante?

Ou seria outra coisa? Algo mais óbvio?

Olhar para si própria com dezassete anos era quase penoso. Na época, Maya passava dia após dia na biblioteca, tão absorvida no mistério do livro do pai – traduzi-lo, fazer apontamentos, folhear cuidadosamente as páginas frágeis – que nem reparara no sinistro bibliotecário em *part-time* que a devia observar de trás do balcão.

Enquanto ela lia o livro, Frank lera-a a ela. Deve ter sido fácil. Qualquer pessoa perceberia que ela dava muita importância àquelas páginas. Claro que Frank as usara para a ficar a conhecer melhor. Além do mais, como funcionário da biblioteca, tinha acesso ao historial de livros requisitados por Maya e vira que ela se interessava pela Guatemala. O Frank que ela conhecia poderia facilmente ter inventado aquela história sobre escalar uma pirâmide maia à socapa, ao nascer do dia. Duvidava agora muito de que tal coisa tivesse acontecido, ou de que ele alguma vez tivesse estado na Guatemala, sequer. Ele devia ter calculado que ela ficaria impressionada com a história, e acertara em cheio.

Mas não se ficara por aí. Ao saber que o livro fora escrito pelo falecido pai de Maya, o interesse de Frank cresceu. Maya interrogou-se agora se teria sido, em parte, a razão para ele a ter escolhido. Tal como Cristina, que

não se dava com os pais, havia um vazio na vida de Maya – e Frank vira isso como uma oportunidade.

Queria ocupar espaço na vida de Maya, ser a pessoa mais importante para ela – e queria-o imediatamente. Se ela não estivesse disponível quando ele queria que estivesse – se tinha planos com Aubrey, por exemplo –, então ele faria com que ela se atrasasse, castigá-la-ia de alguma forma.

A primeira vez que ele pediu a Maya para lhe falar sobre o pai foi num dia quente e ocioso, enquanto estavam sentados na relva no parque da cidade, a beber granizados de cereja.

«O que queres saber?», perguntara ela.

«A história dele», respondera Frank.

Ele sabia que histórias era tudo o que Maya tinha do pai.

A que partilhara com ele nesse dia era a sua preferida, uma que a mãe lhe contara quando ela era pequena. Brenda repetia-a muitas vezes e, tal como tantas histórias transmitidas dessa maneira, de pais para filhos, assumira uma qualidade de conto de fadas ao longo dos anos, polida até reluzir por tantas vezes que fora partilhada. Alguns pormenores haviam-se desvanecido, enquanto outros ganhavam um destaque exagerado, mas o essencial da história permanecera sempre o mesmo.

*

Dizia a história que a mãe de Maya não sabia praticamente nada sobre a Guatemala e que fora isso, em parte, o que a atraíra no país. Ela tinha vinte e dois anos de idade e nunca pusera os pés fora dos Estados Unidos. Os seus três irmãos tinham-se mudado para outros estados, deixando-a sozinha a cuidar dos pais envelhecidos, que ainda choravam a morte da filha mais velha. Parte de Brenda sempre soubera que nunca deixaria Pittsfield de vez, e talvez fosse por isso que outra parte dela, menos submissa, estava

desesperada por sair dali. E a Guatemala parecia-lhe o mais longe de Pittsfield que conseguiria chegar.

A viagem fora organizada por um grupo afiliado à igreja que ela deixara de frequentar assim que teve essa opção. Não que não fosse uma pessoa espiritual; simplesmente não comprava aquilo que a igreja vendia. Foi para a Guatemala, não para pregar a palavra de Cristo, mas para ver o que conseguiria aprender. Como é que essa experiência a poderia modificar. Foi, por outras palavras, para fazer precisamente o oposto de trabalho missionário, o que era típico de Brenda. Era uma pessoa contraditória. Sempre fora, à sua maneira discreta.

Brenda foi para ficar três meses. Instalaram-na com uma família anfitriã na Cidade da Guatemala, um casal de meia-idade com dois filhos: uma rapariga que já não vivia na casa e um rapaz, estudante universitário, que ainda lá residia.

O casal de meia-idade eram os avós de Maya.

O filho era Jairo.

Brenda sentia-se envergonhada quando estava com ele, desde o princípio. Ele também ficava tímido ao pé dela, o que significava que praticamente não trocaram uma palavra durante os primeiros dias em que ela lá esteve, apesar de passarem muito tempo na sala, juntos. Aprenderam a conhecer-se um ao outro assim, devagar, entre olhares roubados e espanhol macarrónico e silêncios que se foram tornando cada vez mais confortáveis. Depressa se tornou evidente que sentiam algo um pelo outro, mas parecia que nunca daria em nada. Eram de mundos diferentes. E nunca estavam sozinhos.

Depois, uma noite, Brenda acordou com um ruído estranho do outro lado da janela. Uma espécie de bicar rápido, intercalado com momentos de silêncio, como um pica-pau, mas com uma cadência estranha, um som mecânico. Era alto o bastante para a ter acordado, mas não tão alto que não

a deixasse voltar a adormecer. Apesar da curiosidade, pouco depois dormia de novo.

Esqueceu-se do assunto até à noite seguinte, quando voltou a acontecer. Dessa vez, Brenda levantou-se da cama e aproximou-se da janela. Enfiou a cabeça de fora – não havia redes – e pôs-se à escuta. O som vinha do telhado. Olhou para cima, mas não conseguia ver nada, portanto voltou para a cama e adormeceu a ouvir aquele som. Sonhou com um pássaro mecânico com penas de cobre e engrenagens em vez de coração, que dava bicadas num ramo, a tentar dizer-lhe algo naquele código estranho e ritmado. Quando erguia as asas para levantar voo, ouviam-se dobradiças a chiar.

De manhã, tentou explicar o som à família que a recebera, mas o seu espanhol não era bom e ninguém a conseguiu ajudar. Na terceira noite, assim que ouviu o ruído, Brenda levantou-se, saiu em bicos de pés e subiu as escadas enferrujadas que levavam ao terraço por cima da casa.

O ar era diferente lá em cima, mais livre e aberto do que em baixo, onde a casa era cercada por todos os lados por um muro alto de blocos de cimento. Brenda olhou em volta, assustada, sem fazer ideia do que ia encontrar, mas o seu medo dissolveu-se quando viu que era ele. Jairo.

Estava sentado à beira do terraço, de costas para ela, com as pernas penduradas. Tinha algo no colo. A origem do som. Quando Brenda se aproximou, viu que não era um pássaro mecânico que fazia aquele barulho todo, mas sim uma velha máquina de escrever. Os dedos dele voavam sobre as teclas.

Jairo esperava que toda a gente adormecesse e trazia a sua máquina de escrever para o terraço, onde o barulho não acordaria ninguém. Ou assim pensava.

Pediu desculpa a Brenda por a ter acordado, mas ela não se importava. Ficou, e conversaram até as estrelas se desvanecerem e o Sol nascer, e depois disso ela começou a juntar-se a ele lá em cima várias vezes por

semana. Foi assim que se apaixonaram. No telhado de uma casa na Cidade da Guatemala, a olhar para a paisagem por cima de um muro encimado de arame farpado. Falavam sobre tudo e mais alguma coisa, e toda a gente elogiava Brenda porque o seu espanhol melhorara muito.

Ainda ninguém sabia da relação, mas tencionavam informar a família dele em breve. Queriam estar juntos e teriam ficado noivos se Jairo não tivesse sido morto, três semanas depois de Brenda o encontrar a escrever no terraço.

Brenda não sabia que estava grávida quando fez as malas e se despediu, entre lágrimas, da família que a acolhera. Só semanas mais tarde, quando começou a vomitar todas as manhãs, é que soube.

Sempre quisera ter filhos, mas não imaginara as coisas assim. Sabia que seria difícil criar um filho sozinha, já para não mencionar que os seus pais católicos demorariam anos a perdoar-lhe, mas nunca teve qualquer dúvida de que o seu filho nasceria. A história terminava com aquilo a que a mãe chamava o dia mais feliz da sua vida. O dia em que Maya nasceria.

«Compreendo por que razão esse livro é tão importante para ti», dissera Frank.

Frank parecia ser tão bom ouvinte, mas Maya compreendia agora que ele simplesmente sabia o valor das histórias de uma pessoa. As histórias que nos dizem quem somos e de onde viemos. Os nossos mitos de criação pessoais, aqueles pelos quais sopramos as velas todos os anos. Foi como se Maya tivesse entregado a Frank a chave do seu coração e da sua mente no dia em que lhe contou a história do pai morto.

Compreendia-o agora claramente, à luz limpa da manhã, quando parou para beber água na cozinha. Disse a si própria que era preciso manter a concentração. Tivera esperança de que reler o livro soltasse alguma coisa, alguma memória – e soltara, embora fosse algo muito indistinto. Pousou o copo, fechou os olhos e pressionou as palmas das mãos sobre as pálpebras.

Conseguia convocar o cheiro de uma lareira aconchegante e o som de um riacho, mas quando tentava recordar o que é que realmente *vira* naquela noite – o que acontecera depois de ir à procura da cabana –, a única imagem que o seu cérebro lhe dava era a da chave de Frank.

VINTE E SEIS

«Não percebes, pois não?»

As palavras de Aubrey ficam às voltas na cabeça de Maya enquanto regressa a casa. Está tão distraída que se atravessa à frente de um carro que sai de uma estação de serviço. O condutor buzina. O ar cheira a gasolina. O seu plano era resolver as coisas com Frank, mas em vez disso aconteceu o oposto. Frank ia aborrecido com ela ao sair do Dunkin' Donuts, mas na verdade ele é que fizera questão de voltar a ver Aubrey.

Porquê?

A mãe levanta a cabeça quando Maya entra em casa. Está sentada no sofá, com os pés em cima da mesinha, a pintar de amarelo as unhas dos pés. Na televisão, um documentário sobre a natureza.

– O que foi? – pergunta ela.

– Nada. – Maya não quer ouvir outra vez que Frank não terá qualquer importância mal ela chegue à universidade. Vai para o quarto.

A mãe bate levemente à porta.

– Olá. – Enfia a cabeça na fresta. – É alguma coisa com o Frank?

Maya começa a chorar. Nunca foi capaz de guardar as coisas para si. Conta à mãe que apanhou Aubrey com Frank no Dunkin' Donuts.

– Mas estás a falar da Aubrey, filha – lembra a mãe. – Desde quando é que vocês as duas se chateiam por causa de um tipo qualquer?

As palavras ferem porque Maya sabe que são verdadeiras.

– Conhece-lo há quê?... Duas semanas?

– E então? – pergunta Maya, embora compreenda onde a mãe quer chegar. – E depois?

– Não achas que se calhar estás a começar a fixar-te demasiado nele? Quando é que pegaste pela última vez no livro do teu pai?

Maya não pode negar, por isso não diz nada, e a mãe desiste e regressa à sala e ao seu documentário.

Ainda bem que ela não sabe, pensa Maya, do potencial adiamento da universidade, porque não quer nada que a mãe partilhe a sua horrível incerteza quanto ao futuro. Nunca foi uma daquelas adolescentes que mal podem esperar por deixar a família. Talvez porque a sua família parece tão pequena: a mãe anda frequentemente zangada com os pais, que continuam a encontrar motivos para estar desapontados com ela, mesmo depois de lhe terem perdoado por ter tido Maya. Sempre foram só as duas, ela e a mãe contra o mundo. Essas últimas noites em casa teriam sido emocionais em qualquer circunstância, mas em vez de tentar apreciar esse tempo, enquanto ajuda a mãe a fazer o jantar e se senta a comer com ela, Maya só pensa em Frank. Mal dá pelo aroma do manjerição fresco no salteado de beringela, ou do leite de coco no arroz.

Em vez disso, revê uma e outra vez o sorriso que apanhou Frank a lançar a Aubrey, como se fosse o condutor do carro de fuga dela em algum golpe romântico. Maya achava que esse sorriso era exclusivo para ela; agora não sabe o que pensar. Frank fora tão vulnerável com ela há duas noites, quando lhe contara episódios difíceis da sua infância, e parecera tão sincero ao confessar os seus sentimentos. «Passo este tempo todo contigo porque não há ninguém com quem preferisse estar.» Ela memorizara as palavras assim que lhe tinham saído da boca. Mas teriam afinal sido sinceras?

«Não percebes, pois não?», dissera Aubrey, e estava certa. Maya não faz a mínima ideia. Porém, depois de matutar no assunto durante todo o jantar com a mãe, no jardim, ao cair da noite, Maya decide que precisa de uma resposta. Porque se Frank pensa que pode beijá-la e trocá-la pela amiga (mais bonita), terá de lho dizer na cara. Maya não deixará a cidade enquanto

não souber. Se a biblioteca estivesse aberta no dia seguinte, esperaria até lá, mas assim sendo terá de ir a casa de Frank para lhe perguntar.

Tem uma ideia geral da localização (na orla da floresta) e provavelmente conseguirá encontrar a morada exata na lista telefónica. O único problema é como lá chegar. É longe de mais para ir de bicicleta. Terá de pedir o carro emprestado à mãe – mas será que ela lho empresta, sabendo quais são os seus planos?

– Sentiste isto? – pergunta a mãe.

– O quê?

Uma gota de chuva na cara. Maya ergue os olhos para o céu. Está ligeiramente encoberto.

– Achas que é melhor irmos para dentro?

Esperam um pouco. Não caem mais gotas. Trouxeram para o quintal uma mesa de abrir, um jarro de limonada e copos.

– Acho que já passou – diz a mãe.

Maya tem uma ideia.

– Olha, se eu te for deixar ao trabalho esta noite, empresta-me o carro depois?

A mãe olha para ela.

– É que parece que vai chover – explica Maya. – Estava a pensar passar por casa da Aubrey.

– Claro – acede a mãe, sem desconfiar de nada.

Outra gota de chuva cai no ombro de Maya. Sente o rosto a ficar quente.

*

O tempo aguenta-se sem chover enquanto Maya passa pelo lago Onotá, onde as casas vão ficando cada vez mais espaçadas e as árvores, mais juntas. Não se vê praticamente luz nenhuma naquelas estradas estreitas.

Encontrou a morada do pai de Frank na lista telefónica e confirmou se o número era o mesmo que Frank lhe dera – o do telefone fixo que nunca ninguém atende.

Quase deixa passar a entrada para Cascade Street. Paralela à orla da floresta estadual, parece mais um trilho alcatroado do que uma estrada. De ambos os lados o arvoredo é denso. Maya está nervosa. Frank nunca lhe disse qual é o problema do pai. Usou palavras como *maligno* e *terminal*, mas nunca deu nome à doença e ela nunca o pressionou. Que direito tem, afinal, de o obrigar a falar de algo que lhe custa tanto?

Agora, pensa que gostava de saber mais sobre a situação para onde se dirige. Ali, naquela estrada escura, no meio do bosque, sente-se menos motivada do que em casa. Pensa nos problemas a que Frank aludiu, que o fizeram embrenhar-se pela floresta em criança. Há tanta coisa que Maya não sabe sobre ele, tantos aspetos da situação que ele mencionou apenas de forma vaga.

Está a ponderar voltar para trás quando a caixa de correio aparece à sua direita. Vê o número, mas a casa propriamente dita é invisível da estrada, aninhada entre as árvores ao fundo de um longo caminho. Qualquer pessoa que queira viver ali decerto dá muito valor à privacidade – e Maya aparecer assim, sem aviso, pode ser visto como uma intrusão.

No entanto, já ali está. E Frank nunca teve qualquer problema em bater à porta *dela*.

Diz a si própria que baterá baixinho, para não acordar o pai de Frank se ele estiver a dormir. Se ninguém abrir, dará meia-volta e regressará a casa.

A casa é maior e mais impressionante do que ela esperava. Viu as roupas coçadas de Frank e o seu emprego em *part-time* como sinais de que ele e, por arrasto, o pai, não viviam muito à vontade. Mas agora repara que eles residem numa imponente mansão colonial com janelas altas e telhado

de empena. O carro de Frank está estacionado em frente da casa e todas as luzes no rés do chão estão acesas.

Maya estaciona à beira do caminho e enfia o telemóvel no bolso de trás das calças antes de sair do carro. Agora que ali está, mal acredita no que vai fazer. Apesar de estarem zangadas, gostava que Aubrey estivesse ali.

As ervas altas roçam-lhe na barriga das pernas quando atravessa o relvado. Ninguém corta aquela relva há muito tempo. Ouve grilos. O vento nas folhas. A Lua está cheia, mas encoberta, e o ar parece pesado. Respira fundo antes de bater.

Os passos ouvem-se de imediato. Aproximam-se rapidamente da porta e depois param. *Deus queira que seja o Frank, Deus queira que seja o Frank.*

É o pai de Frank que abre a porta, uma versão mais velha, mais corpulenta e mais pálida do filho. Cabelo grisalho e barriga proeminente, mas com o mesmo queixo pequeno. Os mesmos lábios finos. Semicerra os olhos enquanto tenta reconhecê-la, sem sucesso.

– Quem és tu?

– Olá, sou a Maya. Seria possível?...

– O que estás aqui a fazer? – Fala em voz baixa, mas o tom é urgente.

– Vim à procura do Frank.

O pai mostra-se perplexo.

– O Frank? Estás aqui por causa do Frank?

– Sim, mas... se for má altura...

Não percebe o que se passa com ele. Parece nervoso e estranho, mas não doente.

– Ele não está cá. Eu digo-lhe que o vieste procurar.

Mas o carro de Frank, pensa ela. Está ali mesmo, à porta.

– Posso perguntar onde é que ele foi?

Ele acena com a mão distraidamente na direção do bosque.

– Oh, anda lá para trás.

Lá para trás?

– Está na cabana?

A pergunta parece apanhá-lo desprevenido. Depois a surpresa dá lugar a um sorriso que é igual ao do filho, de forma assustadora, mas sem qualquer calor, e é como a diferença entre rir *com* alguém e rir *de* alguém.

– Sim – diz ele. – É capaz de lá estar.

– Como é que posso lá chegar? – Tenta soar confiante, mas o pai de Frank deixa-a nervosa.

– À cabana? Tens de ir a pé, e está escuro.

– Eu sei – diz ela. No entanto, embora parcialmente encoberta, a lua cheia dá alguma luz, e a mãe tem uma pequena lanterna no porta-chaves do carro.

– O caminho começa ali atrás – diz ele, com um estranho regozijo na voz que não agrada nada a Maya. Aponta para a parte lateral da casa. – Segue-o até chegares a um riacho, e atravessa-o. Encontrarás o meu filho do outro lado. Não é longe, mas devias mesmo ter uma luz qualquer. Tens?

Ela levanta a lanterna do porta-chaves.

– Isso não chega. Espera aí.

Enquanto o homem não volta, Maya espreita pela porta entreaberta para o vestíbulo apinhado. Uma pequena secretária ao fundo de uma escadaria larga e sem luz, coberta de correspondência por abrir. Encostados às paredes há montes de jornais e o que parecem ser revistas ou publicações profissionais. Maya tem um mau pressentimento. Sabe que devia ir-se embora, mas sente-se dominada por algo mais sombrio do que curiosidade, algum outro impulso que não tenta identificar.

Uma luz acende-se – um raio branco e forte – diretamente contra os olhos dela. Encandeada, recua, aos tropeções, e levanta as mãos para proteger o rosto.

– Desculpa – diz o pai de Frank, mesmo em frente dela. – Estava só a ver se funcionava.

A luz apaga-se, mas o clarão fica-lhe gravado nas retinas. Ele coloca-lhe a pesada lanterna na mão. Maya está desorientada enquanto ele a acompanha até à parte de trás da casa e lhe indica a velha estrada abandonada. Um antigo caminho de madeireiros, reclamado pela floresta, mas que ainda mantém o traçado. O cheiro da chuva está no ar, denso, pesado. Ninguém conduz por aquela estrada há muito tempo e o antigo asfalto está atapetado com folhas mortas e coisas vivas. Rebentos, fetos, musgo. Maya dá graças pela lanterna à medida que as árvores se adensam em torno dela. Aponta a luz para diante. Um coelho atravessa a correr e ela sobressalta-se. Existem ali outros perigos além da possibilidade de se perder, e no entanto não consegue dar meia-volta.

Tenta antecipar como Frank reagirá quando ela aparecer sem aviso. Porque é que o local está envolto em tanto secretismo?

«Não percebes, pois não?»

Maya caminha mais depressa. Ouve o riacho antes de o ver, um ligeiro gorgolejar à sua frente, e isso fá-la lembrar da história de Frank, de como foi aquele som que o conduziu de volta ao caminho quando estava perdido. A maneira como ele lhe descreveu o som da água era tão vívida que Maya sente uma espécie de reconhecimento enquanto se dirige à ponte.

Uma nuvem encobre a Lua. A luz da lanterna fraqueja na sua mão.

*

A porta fecha-se nas costas dela.

– Uau – diz.

Frank acabou de a mandar entrar e, embora Maya soubesse o que a espera, nada a podia ter preparado para aquilo. A quantidade de trabalho e

amor que ele deve ter colocado naquele lugar. O grau de perícia. É difícil acreditar que foi a primeira cabana que Frank construiu. Inclina a cabeça para trás, olha para cima e recorda que ele usou a expressão *tetos de catedral* e que ela não percebeu o que ele queria dizer com isso, mas agora compreende como um teto pode fazer com que um espaço pareça sagrado. A altura, as vigas, tudo feito de pinho, de um tom rosa-dourado à claridade das chamas. Entre a luz da lareira e as muitas velinhas acesas a tremeluzir nos parapeitos e nas bancadas, e o luar que se derrama pelas janelas, Maya consegue ver tudo, e é maravilhoso.

– O que achas?

– É... – Vira-se para ele. – Assombroso. – Não queria estar a falar tão devagar. Momentos antes, quase correria até ali pelo bosque, toda incomodada pelo facto de Frank e Aubrey terem tomado um café juntos. (E depois? Porque é que não se lembra de atravessar a ponte? Nem de bater à porta, nem de Frank a mandar entrar? É como se tivesse saltado os últimos minutos de uma faixa num CD.) No entanto, agora, isso não parece ter importância nenhuma. Tudo o que Maya sabe é que se sente melhor por ali estar. Em segurança. Está pronta para esquecer tudo o resto.

Sente-se tão feliz por estar ali com ele.

– Anda – diz Frank, estendendo-lhe a mão. – Deixa-me mostrar-te o resto.

Maya sente a mão estranhamente pesada, quase não a consegue levantar, e Frank inclina-se e pega-lhe. Entrelaça os dedos nos dela. Os passos de Maya são vacilantes enquanto ele a conduz pelo espaço amplo e arejado. Sente-se pesada. Agradavelmente ensonada. Deve ser por causa da lareira.

A lareira de pedra está embutida na parede. As pedras cinzentas sobem até ao teto, lisas e redondas, variando em tamanho desde um punho fechado a uma meloa. Maya e Frank param, deleitando-se com aquele conforto. Ela fecha os olhos, sente o calor no rosto. Cheira a lenha.

Ele leva-a por uma escada de madeira que se ergue no centro da divisão. A escada é feita do mesmo pinho cor de mel das paredes. Ela sente os degraus sólidos sob as mãos, polidos e reluzentes, mas tal como no resto da casa a irregularidade natural da madeira foi preservada. Os degraus são como ramos.

O sótão faz lembrar a casa na árvore com que qualquer criança sonharia. O teto é inclinado, descendo ao encontro do chão de ambos os lados de uma cama enorme, coberta de almofadas e mantas. O sítio perfeito para uma pessoa se deitar a olhar para as estrelas através da claraboia redonda e curva no telhado. Frank também acendeu velas aqui em cima e ela vê flores numa jarra de vidro sobre a mesa de madeira junto da cama. Ele devia saber que ela viria.

Quando sente a mão dele no ombro, pensa que ele a vai levar para a cama. E sabe que irá. Mas em vez disso ele ajuda-a a descer novamente as escadas e diz-lhe que tem uma coisa ao lume.

Está a fazer o jantar para eles e, quando levanta a tampa do tacho, liberta-se uma nuvem de vapor fragrante. Cheira a carne e ervas aromáticas, vegetais e especiarias. Salva. Alho. Maya sente a água a crescer-lhe na boca, apesar de já ter jantado. Frank põe duas tigelas na mesa. É um guisado, mas ela não consegue identificar de quê. Uma variedade qualquer de carne e legumes.

– Lembras-te – diz ele, antes de pegar na colher – quando te disse que nunca tinha mostrado este sítio a ninguém?

Ela faz que sim com a cabeça. Quer começar a comer, mas acha que tem de esperar, por uma questão de educação.

– Bom, é verdade – diz ele. Fita-a do outro lado da mesa, com a luz das velas a refletir-se nos seus olhos. – És a única que alguma vez aqui estive.

– Oh... eu... fico lisonjeada.

– Não convido qualquer um – continua ele. – Esta cabana... significa muito para mim. É o único sítio onde o meu pai não consegue encontrar-me.

Ela lembra-se agora do pai dele. Dos seus olhos ansiosos. Da sua aparente saúde. Não consegue explicar por que razão o pai de Frank lhe causou aquele mau pressentimento.

Frank inclina-se para a frente. Apoia os braços na mesa.

– Pus tudo o que tinha neste lugar. Pensava que tinha tudo aquilo de que precisava. Mas sabes que mais? Parece-me vazio, solitário. Tinha de trazer aqui outra pessoa, mas não seria qualquer uma que o conseguiria encontrar. Mas tu, Maya... Assim que te vi, soube que te traria aqui, um dia.

– Porquê... – pergunta ela. Tem a mão sobre a colher, mas não lhe pega.

– Porquê? – repete ele. – Pela forma como te vi ler o livro do teu pai, dia após dia. Como se não existisse mais nada. Acho que nem sequer sabias onde estavas.

Maya inclina a cabeça.

– E, claro – acrescenta ele –, escolhi-te porque... bom, olha para ti, Maya. És linda.

Isto fá-la corar. Já lhe chamaram gira, até bonita uma vez ou outra, mas a única pessoa que lhe disse que era linda foi a mãe.

Frank parece prestes a dizer mais qualquer coisa – algo importante, como *amo-te*. Parece vulnerável. Repleto de esperança.

– Acho que devias ficar – diz ele.

Maya pisca os olhos.

– O quê?

– Fica.

Sorri e recosta-se na cadeira, relaxado. Pega na colher e começa a comer.

– Estás a... a convidar-me para vir viver contigo?

– Hã-hã – diz ele, com a boca cheia de guisado. – Estou a pedir-te que penses nisso. Imagina como seria fácil. Não precisarias de pagar renda, nem de lidar com uma colega de quarto qualquer que não conheces. Sem qualquer preocupação. Não terias de lutar pelo sucesso numa cidade grande e cheia de gente, nem de procurar emprego. Aqui... – abre os braços, como se lhe desse as boas-vindas. – Terias tudo isto.

– Frank, eu...

Há decididamente algo errado. Ela praticamente voou para ali esta noite, num acesso de ciúmes, e agora está a ponderar a possibilidade de ir viver com ele.

O vapor aromático que se ergue da tigela faz-lhe cócegas no nariz, distraíndo-a, sedutor, e ela pensa que de qualquer modo *estava* a pensar em adiar a universidade. A mãe não gostaria que ela fosse viver com Frank, mas Maya está quase a fazer dezoito anos e depois poderá fazer o que quiser. Estar com Frank. Viver nesta linda cabana que ele construiu.

Tem água na boca. O seu estômago ronca.

– Não precisas de decidir já – diz ele. – Vamos apreciar o jantar. Ainda nem provaste.

Maya enfia a colher na tigela, mas não a leva à boca.

Há qualquer coisa na imagem dele, do outro lado da mesa, com o rosto oculto pelo vapor. Uma imagem meio formada de pessoas a caminhar através das nuvens. De rostos a emergirem da neblina. Onde é que terá visto isso? Em algum filme?

– Maya?

Fita-o, incapaz de explicar a inquietação crescente. Essa imagem, recordar de onde é, parece-lhe urgente, como saber que deixou um fogão a gás aceso por acidente. Uma coisa que ela tem de articular, com a qual tem de lidar antes que aconteça algo de mal.

– Em que é que estás a pensar?

– Há algo... errado.

– Oh, querida... – Ele sorri-lhe com ternura. – Não há nada errado.

Ela fecha os olhos e a inquietação transforma-se em pavor.

Caras en la niebla. As palavras ocorrem-lhe em espanhol, embora não saiba porquê. *La niebla* – só há pouco tempo, ao traduzir o livro do pai, é que aprendeu a palavra para «neblina».

O livro do pai! A aldeia nas nuvens. É o que isto lhe faz lembrar – o verdadeiro lar de Pixán, o lugar pelo qual ele anseia. Abre os olhos e vê Frank a fitá-la fixamente. Sente uma vaga de tonturas.

– Ouve-me – diz ele. – Não há nada errado, resolveremos tudo juntos. Não precisas de te preocupar.

Mas a história parece um aviso. Tal como Pixán, Maya esqueceu-se de alguma coisa. O seu coração bate mais depressa enquanto regressa ao último momento que recorda antes de ali ter chegado: o som da água quando se aproximava da ponte. A luz da lanterna a fraquejar-lhe na mão.

– Porquê... – diz, com um formigueiro no rosto. – Porque é que não me lembro?

Frank pousa a colher. Levanta-se, contorna lentamente a mesa, sem nunca desviar os olhos dos dela, com o rosto calmo.

Maya começa a tremer.

Ele ajoelha-se ao lado dela, olhos nos olhos, como se a fosse pedir em casamento.

Maya tiritia cada vez com mais intensidade. Sente o frio nos ossos.

– Relaxa – pede-lhe Frank. – Estás a ter um ataque de pânico.

Pega-lhe na mão esquerda, que ela fechou num punho, e abre-a, dedo a dedo. Coloca-lhe algo pequeno e duro na palma da mão. Ela sabe o que é antes de olhar. Sente os dentes metálicos.

A chuva atinge-lhe o rosto, os braços, o peito. Sustém a respiração, sobressaltada. As gotas são como se alguém lhe despejasse inesperadamente um balde de água gelada em cima. Aperta os cotovelos, com passo inseguro.

Frank está ali, a ampará-la. Caminha ao seu lado, com o braço por cima dos ombros dela, a lanterna do pai na outra mão. Aponta a luz para o chão, mesmo à frente de Maya, para que ela não tropece em nada enquanto percorrem a estrada abandonada. A floresta está escura.

– O que... o que aconteceu? – pergunta ela, mas a sua voz perde-se sob o tamborilar da chuva nas folhas, nos ramos, no solo. A chuva ensopa-lhe as roupas, escorrendo em fios da bainha esfiapada dos calções.

Sente as mãos doridas e quando olha para elas vê terra. Tem as palmas das mãos e os joelhos sujos de terra. Detém-se, escapa-se ao peso do braço de Frank. Vira-se para ele.

Frank parece preocupado.

– O que é? – pergunta em tom comedido, mas tem o maxilar contraído, como se estivesse mais perturbado do que quer dar a entender. Não tenta proteger-se da chuva que lhe cola o cabelo ao crânio.

– Que raio se passa? – questiona ela.

Frank parece confuso.

Maya não consegue parar de tremer.

Ele abre os braços, oferecendo-lhe calor, mas ela encolhe-se sob o toque dele e Frank aparenta ficar magoado. Mas desta vez ela tem a certeza. Desta vez tem as mãos e os joelhos sujos de terra e o facto de não saber como isso aconteceu deixa-a mais gelada do que a chuva fria.

– O que é que me fizeste?

A pergunta choca-o. Levanta as mãos, como que para mostrar que estão vazias, que não lhe quer fazer mal.

– Disseste que querias ir embora – diz ele. – Pediste-me para te acompanhar até ao carro, e é o que estou a fazer.

Desconcertada, ela olha para trás por cima do ombro, como se o caminho por onde vieram pudesse dar-lhe alguma pista quanto aos últimos minutos, mas vê apenas a estrada coberta de vegetação a desaparecer entre o bosque escuro.

– Porque é que não me lembro? – pergunta. O vento cresce de intensidade, a chuva fustiga-a. Ela não devia estar ali.

Aubrey tinha razão – Frank é estranho –, e pela primeira vez pressente que ele pode ser perigoso.

Vira-se e continua a andar, na esperança de que este seja, de facto, o caminho até ao carro.

– Espera, Maya. – Mas o tom suplicante na voz dele fá-la apenas apressar-se. Frank segue-a, iluminando-lhe o caminho enquanto ela tenta afastar-se dele. Maya desata a correr assim que avista os contornos da casa do pai dele, debaixo de chuva, com os ténis a levantarem salpicos de lama. Está molhada até aos ossos e sem fôlego quando atravessa o jardim maltratado até à rua onde deixou o carro, e abre a porta com as mãos a tremer. Vira-se, à espera de ver Frank, mas ele desapareceu e os únicos sons que ouve são a chuva, a sua respiração ofegante e o bater do seu coração.

VINTE E SETE

obrigada pela fotografia, dizia a mensagem que Maya enviou a Steven logo às nove da manhã. Antes dessa hora não lhe pareceu ser apropriado mandar mensagens a uma pessoa que não conhecia muito bem.

é lindo, acrescentou, referindo-se tanto ao quadro de Cristina como ao lar caloroso que o quadro retratava. Maya esquecera-se. Ultimamente, sempre que pensava na cabana de Frank, era só no tempo que perdera, nas mãos e joelhos sujos de terra, no medo enquanto corria pelo bosque até ao carro.

No entanto, esquecera-se do deslumbramento que sentira ao entrar na cabana de Frank pela primeira vez, mas o quadro de Cristina, com os pormenores encantadores da lareira, as traves de madeira natural, recordou-lho. Por alguma razão, embora sonhasse frequentemente com o local, Maya mal se lembrava (quando acordada) da aparência do mesmo, e de todos os pensamentos que lhe tinham passado pela cabeça ao admirá-lo pela primeira vez. Agora, a mesa no quadro ressuscitou a memória de estar sentada em frente a Frank, com as tigelas de uma sopa qualquer que ele fizera. Aquele cheiro sedutor, a sua fome súbita – era como se o sítio a tivesse enfeitiçado.

Mas Maya não chegara a provar a sopa, pois não?

Porque naquela ocasião – tal como agora – lhe viera à mente a história do pai.

Desta vez, na forma do hino. *Com artimanhas, apresentaram-se diante de mim e ofereceram-me alimentos para comer. Ao prová-los, esqueci-me de que era filho de reis.*

A história pareceu-lhe novamente um aviso. De que se esquecera ela? A última memória que tinha dessa noite – antes de dar por si debaixo da chuva – era pensar no verdadeiro lar de Pixán e sentir estar à beira de alguma descoberta que nunca se concretizara porque Frank a interrompera.

O telemóvel apitou, perturbando-lhe o fio do pensamento.

Era Steven; respondera às mensagens dela com um polegar para cima.

por acaso não está disponível para conversar mais sobre o assunto?, respondeu ela. talvez possa oferecer-lhe uma bebida?

Esperou.

Ainda não dormira nada. Percorrera o bairro até ficar com as pernas a doer, numa tentativa de se cansar, e sem dúvida que o corpo estava exausto, mas a sua mente e o seu coração continuavam a galope. As ruas estavam frias e silenciosas. A neve nas sarjetas derretera e voltara a congelar, cinzenta como o céu.

Dan não lhe respondera e já tinham passado dois dias. Maya estaria preocupada se as redes sociais dele não fossem públicas; ou melhor, sentiria outro tipo de preocupação. Disse a si própria que pelo menos sabia que ele estava bem e tentou pôr o assunto de lado. Porque não podia pôr-se a pensar muito no silêncio dele e no que isso significaria. Pelo menos, para já. Depois de voltar para casa, sentou-se no chão do chuveiro, debaixo da água quente, a tremer, envolta em vapor, mas não conseguia aquecer. Disse a si mesma que aquela seria decerto a fase pior. Os sintomas da abstinência com certeza só podiam começar a melhorar, daí em diante. Enfiou-se na cama e dormiu quarenta e cinco minutos, acordando sobressaltada com o toque do telemóvel.

pode ser, respondera Steven.

Maya desenredou-se dos lençóis e escreveu: ótimo! a que horas?

saio do trabalho às cinco. que tal no patrick's?

O Patrick's era o *pub* ao pé do museu.

combinado!, respondeu Maya. obrigada!

Aventurou-se para fora do quarto sombrio e encontrou a mãe a montar uma árvore de Natal na sala.

– Aí estás tu! – exclamou Brenda com um sorriso. – Mesmo a tempo de ajudares com os enfeites.

Maya franziu a testa.

A mãe baixou a cabeça. Costumavam enfeitar a árvore juntas, quando Maya era pequena. No chão, estava um caixote com os adornos natalícios, as fitas brilhantes a escapulirem-se por entre as ripas. Brenda estava a fazer tudo o que podia para fazer as pazes com a filha. Exceto, ao que parecia, pedir desculpa.

Maya ainda estava zangada, mas não lhe apetecia continuar a discutir. A mãe não era a única pessoa capaz de fingir que não se passava nada.

– Tenho planos – disse. – Vou encontrar-me com a Erica O’Rourke.

– A Erica do jornal da escola? Não sabia que tinham mantido o contacto.

Não tinham. Maya não falava com ninguém do tempo da escola, tirando um *e-mail* de longe a longe, mas Erica era uma rapariga com quem se dera bem e que ainda vivia na cidade, portanto era uma mentira plausível.

– Vamos beber café. Pôr a escrita em dia.

A mãe fitou-a por cima dos óculos de leitura com armações azuis.

Maya lavara o cabelo e a roupa e maquilhara-se. Sentia-se quase retemperada, depois da sua breve sesta.

– Queres que te dê boleia?

– Não – respondeu Maya, um pouco depressa de mais. Se a mãe fizesse alguma ideia do que ela andava a tramar, não demoraria um segundo a ligar para o doutor Barry.

Brenda semicerrou os olhos.

– Vai saber-me bem uma caminhada, só isso. Vamos encontrar-nos naquele café novo em North Street... é pouco mais de um quilómetro. – Não esperou que a mãe a tentasse demover. – Não venho muito tarde – prometeu, enquanto saía porta fora.

*

O Patrick's era um *pub* irlandês que existia desde que Maya se lembrava. Agradavelmente sombrio no interior, com paredes de tijolo exposto e uma longa fila de torneiras de cerveja à pressão. Cheirava a cebola frita. Maya chegou alguns minutos mais cedo e pediu um martíni extrasseco, apesar de ainda estar de ressaca por causa do *gin* da véspera. O álcool era a única coisa que sabia que aliviaria o aperto na cabeça causado pela abstinência. Levou o martíni para uma pequena mesa ao canto e bebeu-o quase todo em alguns goles. A bebida ardeu ao descer, mas depois o ardor dissipou-se num calor agradável. O bar estava sossegado, quase vazio. Nas colunas, passava *rock* clássico. Levantou a mão quando viu Steven entrar.

Ele pediu uma cerveja ao balcão e depois aproximou-se. Parecia menos reticente do que quando se tinham conhecido, mas ainda reservado, ou talvez fosse apenas tímido. Era pelo menos dez anos mais velho do que Cristina e vinha ofegante da caminhada desde o museu, mas tinha uma *Fitbit* no pulso e um casaco de lã bom por cima da farda de segurança. Tirou respeitosamente o gorro de lã ao entrar, revelando a cabeça calva e reluzente. Maya pressentira, pela intensidade da reação dele às suas perguntas, que Steven estava apaixonado por Cristina, e perguntou a si própria o que a jovem pintora teria sentido por ele.

– Olá. Obrigada por se encontrar comigo – disse.

– Não há problema, tenho todo o gosto em falar sobre o trabalho da Cristina. Quero que mais pessoas o vejam. – Pousou o telemóvel na mesa e procurou nele uma imagem. – Trouxe outra fotografia para lhe mostrar.

Era um quadro de uma paisagem fria e sombria, talvez o mesmo deserto de sal, mas alagada, com a água cinzenta a refletir o céu inóspito.

– Este é o meu preferido – disse Steven. – É melhor ao vivo, mas mesmo na fotografia consegue ver-se como é fantástico.

– Muito bonito. Ela era mesmo talentosa.

– Estou a tentar ter acesso à obra completa dela, mas tem sido complicado porque não sou da família. Os quadros dela deviam estar num museu.

– Concordo – disse Maya cautelosamente. – Especialmente o último. É interessante ver como é diferente dos restantes.

– Não é?

Maya acenou com ar pensativo e bebeu um gole.

– Ela alguma vez falou consigo sobre a cabana do Frank?

Steven pareceu ficar desanimado ao perceber sobre o que Maya queria realmente conversar, e ela perguntou-se o que o teria trazido até ali. Seria para falar do trabalho de Cristina – para o manter vivo no mundo – ou teria pensado que Maya o estava a convidar para um encontro? Afinal de contas, ao que parecia, ela era o tipo dele.

– Sim – respondeu Steve. – Falou-me nisso.

Maya esperou.

Ele bebeu um gole de cerveja, com uma expressão azeda.

Maya teve pena dele, e teria desistido do interrogatório se não fosse a vida dela que estava em perigo.

– A Cristina devia gostar muito de lá estar – incentivou –, para a ter pintado daquela maneira...

Steven suspirou, resignado.

– Pode dizer-se que sim – disse. – A cabana foi uma das primeiras coisas de que ela me falou, em relação ao Frank. Lembro-me que a impressionou e, para ser franco, também fiquei impressionado. Quer dizer, quem é que já tem casa própria com a nossa idade? Ainda por cima tendo sido ele a construí-la? Mas quanto mais ouvia falar nele, menos impressionado estava. Francamente, o tipo é um falhado.

– Porquê? – quis saber ela, ocultando a sua concordância.

Steven franziu os lábios numa expressão de desagrado. Bebeu um gole de cerveja.

– Bom, para começar, não trabalhava. A Cristina não sabia como é que ele ganhava a vida, mas pelos vistos tinha algum tipo de clientela.

– Clientela?

– Sim, mas não me pergunte o que é que fazia por esses clientes. O meu palpite é que ele na realidade vivia da herança. O pai dele foi um professor importante em Williams. Morreu há uns anos.

Maya não ficou surpreendida por saber que o pai de Frank morrera – embora isso lhe recordasse que não chegara a saber do que é que ele sofria.

– Já para não mencionar – acrescentou Steven – que o Frank basicamente passava as noites num bar. O Whistling Pig. A Cristina ia lá com ele, às vezes. Antes do Frank, nunca me lembro de ela andar em bares.

Maya arquivou a informação para depois. Olhou para o copo, onde uma azeitona reluzente marinava no último gole de martíni.

– Ela nunca mencionou nada... alguma coisa estranha na cabana?

Steven parecia aborrecido.

– Que me lembre, não. Porquê?

– Mais uma rodada? – perguntou a empregada.

– Sim, por favor – disse Maya, ao mesmo tempo que Steven recusava:

– Não, obrigado.

Ainda não bebera sequer metade da cerveja. Maya viu-o a observá-la através do fundo do copo de martíni quando o levantou para tomar o último gole.

– Pergunto apenas porque o Frank também me levou lá – disse. – Só uma vez, mas fez-me alguma coisa enquanto eu lá estava. Perdi os sentidos.

– *O quê?*

– Tanto à chegada como à saída – acrescentou Maya. Ela nunca chegara a ver a ponte ou o exterior da cabana. – A seguir, tinha as mãos e os joelhos

sujos de terra e ainda hoje não sei porquê.

– Céus, isso é... Não sei o que lhe dizer. Lamento muito. – Parecia sincero. – O que acha que ele lhe fez?

– É isso que estou a tentar descobrir.

A empregada voltou com o martíni de Maya e ela bebeu um gole para ganhar coragem, antes de continuar.

– O Frank fazia um grande secretismo em torno da cabana. Nunca percebi porquê. Disse que eu era a única pessoa que alguma vez lá levava, e agora sabemos que a Cristina também lá esteve. E não consigo deixar de pensar que aquilo que ele me fez a mim... o que quer que tenha sido... provavelmente também o fez a ela.

Isto deixou obviamente Steven perturbado. A sua cabeça calva ficou vermelha.

Maya inclinou-se mais para ele.

– O que quer que o Frank esteja a esconder – disse – está lá, na cabana. É por isso que preciso de lá ir... é a única forma. Mas tenho medo. Não quero ir sozinha.

– Está a pedir-me para ir consigo? – Ele parecia ao mesmo tempo chocado e nada surpreendido pelo rogo de Maya.

Ela fez que sim com a cabeça.

Steven ficou em silêncio durante muito tempo. O bar começara a encher-se e alguém levantara o volume da música. Por fim, parecendo ter chegado a alguma conclusão, abriu no telemóvel o quadro que Cristina pintara da cabana.

– Olhe – disse –, não duvido que o Frank lhe fez mal. Tive um mau pressentimento em relação a ele desde o princípio. Mas não acredito que a Cristina tivesse pintado *isto* se ele... se ele lhe tivesse feito alguma coisa. Tal como me disse, parece que ela gostava mesmo de lá estar.

Os olhos de Maya encheram-se de lágrimas, mas conseguiu impedi-las de cair.

– E eu sei que gostava – continuou Steven, agora em tom mais suave –, porque ela me deu outra coisa antes de morrer. Deu-me várias coisas, na verdade... tal como lhe contei, disse-me que estava a livrar-se de alguma tralha. Lembrou-se de que a minha máquina de café se tinha avariado e deu-me a dela.

Agora era ele que estava à beira das lágrimas.

Maya baixou a cabeça.

– Parece que era uma pessoa atenciosa.

– Só a liguei para fazer café na manhã seguinte – disse ele. – E quando a liguei, quando fui enchê-la de água, encontrei um bilhete que ela me tinha deixado dentro do depósito. – Os lábios tremeram-lhe. – Não vou contar-lhe tudo o que lá estava escrito. Mas posso dizer-lhe que ela me pedia desculpa pela maneira como andava a agir. Agradeceu-me por ser seu amigo. E disse que ia viver com o Frank na cabana dele.

O sangue de Maya gelou.

– Pode não fazer sentido para si, ou para mim, mas ela amava aquele tipo. – Steven parecia ressentido. Bebeu um pouco de cerveja e pousou o resto perto da beira da mesa, como se tivesse terminado.

Maya levou a mão ao seu copo, mas encontrou-o vazio.

– Vim ter consigo – disse Steven – porque me disse que queria falar sobre o quadro da Cristina. A arte dela. Mas acho que não é bom para mim estar a especular quanto ao que pode ter acontecido entre ela e o Frank. Não posso fazer nada a esse respeito, de qualquer maneira.

– Compreendo – disse Maya, e pegou na mala. – Desculpe. – Deixou cair a carteira no chão.

– Sente-se bem? – Ele parecia cansado, como se só tivesse perguntado por obrigação.

– Sim.

– Veio de carro?

Ela abanou a cabeça. A empregada regressou com a conta.

– Eu pago – disse Maya.

– De certeza que não quer boleia?

– Não, obrigada. Faz-me bem andar.

– Tenha cuidado – disse ele.

– Não é longe – tranquilizou-o Maya.

– Quero dizer, se for à cabana do Frank. Sei que não pediu a minha opinião, mas se fosse a si não me aproximaria do lugar.

VINTE E OITO

Maya acorda retemperada, com os pássaros a cantarem do outro lado da janela. O relógio indica que são 10h42, muito mais tarde do que a hora a que costuma acordar. Boceja e vira-se na cama, disposta a dormir mais um bocadinho – porque não? É verão –, mas depois vê as roupas molhadas e amarrotadas no chão do quarto e lembra-se da noite anterior.

Levanta-se de supetão. Tinha planeado contar à mãe sobre o tempo que perdera no bosque, com Frank. Levanta-se da cama e corre pelo corredor. A casa está silenciosa, a mãe tem a porta do quarto fechada.

Precisamente quando está prestes a bater, Maya lembra-se que Brenda trabalhou dois turnos seguidos à noite. Ela precisa de dormir e, agora que tem um momento para pensar, Maya pergunta a si própria o que lhe vai dizer, afinal.

Hoje não se sente tão segura do que aconteceu, e a noite passada começa a parecer-lhe algo indistinto, deixando apenas uma impressão vaga, quase como se Frank a tivesse drogado; mas como poderia tê-lo feito? Ela não chegou a provar a sopa e não ingeriu mais nada na cabana. Não bebeu, não fumou. Sim, tem algumas brancas de minutos, aqui e ali – será realmente uma coisa tão invulgar nela? Afinal de contas, sempre foi conhecida por se distrair a olhar para a janela em vez de ouvir os professores, e muitas vezes deixou passar a sua paragem de autocarro por ir perdida em fantasias. Já era assim muito antes de ter conhecido Frank.

Como é que alguém como ela podia culpar Frank pelo tempo perdido?

Volta para o quarto. Talvez conte à mãe mais tarde.

Maya começara a preparar as coisas para levar consigo para a universidade várias semanas antes, mas parara depois de conhecer Frank. Que estranho era pensar nisso agora – que ponderara realmente a possibilidade de congelar a matrícula. Depois de todo o trabalho que tivera para conseguir uma bolsa de estudos completa para a Universidade de Boston.

Que raio lhe teria passado pela cabeça?

Recomeça a fazer as malas para se distrair da inquietação, e resulta. Os seus pensamentos viram-se para a residência universitária. As Warren Towers alojam mais de mil e oitocentos estudantes; dentro de três dias, Maya será um deles e estará rodeada de pessoas da sua idade, vindas de todo o país e dos quatro cantos do mundo. A sua futura colega de quarto chama-se Gina, é de São Francisco, e Maya mal pode esperar por a conhecer.

Cada uma delas terá, na sua metade do quarto, uma cama de solteiro, uma secretária, uma cómoda e um roupeiro estreito. Não é muito espaço, mas Maya tem planos para o lado que lhe pertence. Vai pôr na parede o seu *poster* de Salvador Dalí, o dos elefantes com pernas altas como andas, e o quadro de cortiça coberto de fotografias, na sua maioria de Maya e Aubrey. Maya só terá espaço para as suas coisas preferidas de cada categoria no quarto da residência universitária: CD, roupas, decorações e livros, incluindo, claro, o que o pai escreveu.

Tem o livro do pai em cima da secretária. Não lhe dedicou muita atenção desde que conheceu Frank. Quando lhe pega, vem-lhe à mente uma memória da noite anterior: o vapor a erguer-se das tigelas deles, à mesa. O livro do pai é a última coisa em que se lembra de pensar antes de dar por si a caminhar à chuva com Frank.

Antes, aquelas páginas faziam-na pensar no pai, mas agora trazem-lhe à memória o cheiro da cabana de Frank – a sopa, o lume, o ar frio da noite –,

por isso resolve deixá-las ficar. Diz a si própria que também não terá tempo para o ler depois de as aulas começarem.

Aproxima-se do roupeiro e tira uma camisola grossa que será boa para o outono, e os seus pensamentos viram-se para Boston. Dias frescos e noites frias e cintilantes. As folhas a mudarem de cor na cidade. Festas de Halloween. É como se toda a excitação que devia ter sentido nas últimas semanas a estivesse finalmente a apanhar, e agora mal pode esperar. Estranho, pensa, como praticamente só pensou em Frank desde o dia em que se conheceram e, contudo, hoje é como se todos esses sentimentos exagerados relacionados com ele – o anseio, os ciúmes – fossem um castelo de cartas que de súbito desabou.

Aubrey tinha razão. Ela desconfiara de Frank desde o princípio. E provavelmente foi por isso – compreende Maya de repente – que vestiu aquele vestido vermelho: para trazer ao de cima o que pressentira em Frank antes mesmo de o conhecer, que ele era mau para a sua melhor amiga. Maya não consegue explicar, muito menos justificar a forma como tem agido nos últimos dias, mas pode pedir desculpa. Já discutiram sobre coisas pequenas antes, como que DVD alugar no clube de vídeo, mas nunca sobre nada assim.

Pedir-lhe-á desculpa antes do concerto das Tender Wallpaper nessa noite. Tem o bilhete preso ao quadro de cortiça na parede, e o autocolante da banda que acompanhava o bilhete colado na mesa de cabeceira. Por volta do meio-dia, vai à cozinha preparar cereais e um copo de sumo de laranja. A luz vermelha do telefone na cozinha está a piscar, sinal de chamadas perdidas – o som está no mínimo, como é habitual quando a mãe trabalhou no turno da noite.

Tem um mau pressentimento antes mesmo de ver de quem são os dezassete telefonemas.

Quando se aproxima, o ecrã ilumina-se com outra chamada.

É ele.

Reconhece o número do telefone fixo do pai de Frank no ecrã e larga o auscultador como se estivesse vivo. Não quer atender, mas sabe que se não o fizer ele continuará a tentar até alguém atender – e Maya não quer que essa pessoa seja a mãe.

– Olá – diz.

– Olá, Maya... – Ele sempre foi tão confiante, tão fixe, mas agora parece ansioso, com os nervos à flor da pele. – Como estás?

– Bem.

Devia ter pensado melhor no que ia dizer. Em como lhe ia dizer.

– Parecias muito aflita ontem à noite. Fiquei preocupado.

Ela pensa em explicar-lhe por que razão estava aflita, mas não o faz, porque de que adiantaria? Frank é um mentiroso. Só precisa de o fazer parar.

– Maya?

– Estou aqui. – Leva o auscultador sem fios para o alpendre, para não acordar a mãe.

– O que vais fazer hoje?

– Hoje por acaso estou muito ocupada... – responde, no tom mais gentil de que é capaz. – Tenho muito para fazer antes de ir... Ouve, acho que não devíamos voltar a ver-nos.

Parece ser a saída mais fácil – rápida e direta. E é verdade que quer passar o pouco tempo que lhe resta antes de partir com as pessoas cuja falta vai sentir mais: a mãe e Aubrey. Maya só tem pena de não se ter apercebido disso mais cedo.

Frank fica em silêncio muito tempo.

– Está bem – diz. – Fixe. Não há problema.

Ela solta a respiração.

– Oh, o outro motivo pelo qual estava a ligar – acrescenta ele –, e espero que não seja estranho, mas será que podes dar-me o número de telefone da Aubrey?

Uma pontada reflexa de ciúmes é inevitável – ainda na véspera essa pergunta a teria trespassado como uma faca –, mas hoje é difícil não se rir da patética tentativa de Frank lhe fazer ciúmes.

– Claro que sim – diz com uma indiferença premeditada e afável. – Tens uma caneta?

– Hã-hã. – Um sim entre dentes cerrados.

– Quatro, um, três... – começa. Mas depois ocorre-lhe que Aubrey não deve querer que Frank lhe ligue.

– Estou?

– Sabes que mais – diz Maya –, se calhar é melhor perguntar-lhe antes de te dar o número dela.

Frank solta uma risada sarcástica e venenosa.

– Como é possível – diz ele – que tenhas ciúmes da Aubrey ao mesmo tempo que a consideras tão obviamente inferior a ti?

– Não faço ideia do que queres dizer – responde ela, zangada. – Ouve, Frank, tenho de...

– Sabes muito bem o que estou a dizer. Não queres que eu lhe ligue, pois não?

Maya aperta mais o telefone.

– Sinceramente, não me interessa aquilo que fazes, Frank.

– Não queres que eu lhe ligue, mas também não lhe queres ligar. Já vi como a tratas: é como se ela não tivesse qualquer importância. Como se fosse uma provinciana qualquer, e tu não. Como se tu fosses mais inteligente, com um futuro pela frente, e ela fosse uma falhada por ficar aqui.

– O quê?! Mas eu...

– E agora estás a fazer o mesmo comigo. A dar-me com os pés porque eu não sou suficientemente bom para ti, tal como já te vi fazeres à tua melhor amiga e à tua própria mãe quando tens coisas melhores para fazer.

Maya sente as lágrimas a arderem-lhe nos olhos.

– Quer dizer, há *alguém* a quem sejas leal?

– Vai à merda, Frank. Não voltes a ligar-me.

Desliga.

Mas Frank volta a ligar. Uma vez, e outra, e outra.

Por fim, tem de contar à mãe, que tirou o dia de folga e fica aliviada por saber que a relação terminara.

– Tiramos o som do telefone – sugere Brenda. – Com certeza que ele há de perceber. Vamos sair de casa, fazer qualquer coisa.

Maya sente a sua partida iminente no ar enquanto caminham por Bousquet Mountain nessa tarde. Lembra-se de quando era pequena e a mãe tinha de a levar ao colo parte do caminho. Agora sobem a rua íngreme sem parar, passando sob as sombras das cabinas do teleférico paradas. A mãe canta à tirolesa quando chegam ao cimo, como de costume, algo que normalmente deixa Maya envergonhada, mas que hoje a faz sorrir; e quando olha para o mar de pinheiros e abetos e vê a sua cidade natal à distância, parece-lhe mais bela do que os Alpes. Não consegue explicar a ternura que sente nesse dia, não só em relação à mãe, mas também a Pittsfield. Ser natural dali é conhecer o rio Housatonic, ter caminhado à sua beira, talvez atravessá-lo todos os dias a caminho da escola, mas sem nunca poder nadar nele porque a General Electric contaminou o rio com químicos. É ter crescido *antes* de a GE ter partido – nos dias das montras natalícias nos armazéns England Brothers, da carrinha das pipocas em Park Square, de «navegar» por North Street nas noites de quinta-feira – ou *depois*. Há muito tempo que Maya deseja deixar Pittsfield, mas agora, ainda antes de partir, é como se a visse pelos olhos de alguém que já lá não está.

*

O dia de verão está a chegar ao fim numa luz tingida de laranja, e pela primeira vez em algum tempo não está demasiado calor na rua quando Maya estaciona em frente da casa de Aubrey. Já é tarde o suficiente para que a maior parte dos pássaros se tenha silenciado, mas ainda há um a cantar num abeto ali em frente.

Aubrey está outra vez a tricotar no alpendre, com os pés descalços em cima do corrimão de madeira. Veste calções de ganga e uma camisola que diz d.a.r.e. Ainda não está vestida para o concerto, mas na verdade Maya chegou cedo.

– Olá – diz. O alpendre range quando o atravessa e se senta na outra cadeira de plástico.

– Olá – responde Aubrey. Pousa o tricô. Ainda está a trabalhar no cachecol que começou no dia em que foram a Wahconah Falls, o dia em que Maya descobrira que Aubrey sabia tricotar. Agora o cachecol está quase terminado e já se percebe bem o padrão. Riscas verde-lima e verde-escuro.

– Cores bonitas – diz Maya.

– Ainda bem que gostas. – Aubrey relaxa e abre um sorriso genuíno. – É para ti. Um presente de despedida.

E, uma vez mais, Maya tem vontade de chorar. Trouxe as palavras de Frank consigo o dia todo, cada uma delas como uma pedra pesada que carrega à laia de castigo, porque a verdade é que sempre teve inveja da beleza de Aubrey e, embora nunca se tivesse apercebido disso antes de Frank lho atirar à cara, uma pequena parte de si desdenhava da opção da amiga de ficar em Pittsfield.

– Uau – murmura. – Obrigada. Desculpa ter sido tão estúpida nestas últimas semanas.

Aubrey não diz nada durante algum tempo.

– Não diria estúpida, mas sim, tens sido uma idiota. – O seu tom é ligeiro. Bebe um gole da lata de refrigerante de laranja que tem em cima da mesa de plástico e oferece-a a Maya, que a aceita de boa vontade.

«Quer dizer, há *alguém* a quem sejas leal?»

– Mas – continua Aubrey –, para te ser franca, eu também não fui a melhor amiga do mundo.

É verdade, pensa Maya, ainda que uma parte ainda maior de si sempre tenha sabido que Aubrey é assim. Nunca teve uma amiga durante muito tempo. E não será mais fácil dizer adeus a alguém que mal podemos esperar por ver pelas costas?

– Portanto, sim – remata Aubrey. – Eu também peço desculpa.

Os pedidos de desculpa ficam suspensos entre elas. Maya nem sequer pensa em mencionar o vestido vermelho.

Aubrey solta uma risada.

– Somos tão parvas.

Maya ri-se também e o riso expande-se até não restar qualquer constrangimento.

O irmão mais novo de Aubrey, Eric, aproxima-se de casa quando o Sol se põe, com um baralho de cartas na mão.

– Olá – diz ele, demorando-se no alpendre. Ergue os olhos para a irmã adolescente, ciente de que ela o pode enxotar a qualquer momento. – Adivinha? Recuperei o meu Charizard!

– Não me digas! – exclama Aubrey. – Boa, puto!

Eric abre um sorriso radiante e mostra-lhes uma carta Pokémon, com um pequeno monstro cor de laranja na parte da frente. Maya conhece-o desde que ele tinha seis anos, com os olhos azuis sempre arregalados de curiosidade com o que a irmã mais velha e a amiga estavam a fazer. Maya ao princípio achava-o irritante, mas agora tem vontade de o abraçar.

- Boa! – diz, em relação à carta.
- Há macarrão com queijo no forno – diz Aubrey ao irmão.
- O que é que vocês estão a fazer? – pergunta ele.
- Estamos só na conversa, minorca. Vai para dentro e come.

Ele parece desapontado, mas obedece.

Maya está prestes a falar-lhe sobre Frank quando Aubrey diz:

- Decidi candidatar-me à Universidade Estatal do Luisiana. Não este ano, obviamente, mas para o próximo.
- O quê? Oh, meu Deus!
- Eu sei!
- Porquê essa universidade?

Aubrey acha o Luisiana um sítio fixe, com todos os *bayous* e o musgo barbas-de-velho e o Mardi Gras em Nova Orleães. Quer apanhar contas coloridas num desfile barulhento. O outro motivo é que arranjou um esquema para pagar menos propinas, como residente do estado.

– A minha mãe tem uma prima, a Justina, que vive em Lafayette – explica ela –, e a partir de hoje toda a minha correspondência irá para a casa dela. Para o mês que vem vou visitá-la e registar-me para votar lá, e pedir um cartão da biblioteca local. Também tenho andado na Craigslist à procura de um trabalho temporário que possa fazer enquanto lá estiver de visita, a envelopar circulares ou coisa do género, só para ter um historial de emprego.

- Achas que isso vai resultar?

Aubrey parece esperançosa.

- Talvez...
- Aposto que consegues entrar.
- Têm uma taxa de aceitação elevada. Setenta e cinco por cento, ou coisa parecida. Ainda tenho de decidir o que quero estudar.
- Não faz mal. Muitas pessoas não sabem logo o que querem.

– Tu sabes.

Maya encolhe os ombros. Claro que ela ia estudar Inglês para poder debruçar-se sobre os realistas mágicos, como o pai fizera, e tornar-se a escritora famosa que ele devia ter sido.

– Tu escreves poesia – diz. – Se calhar podias também ir para Escrita Criativa.

– Estava a pensar mais em qualquer coisa na linha da Psicologia. Sempre me interessei pelos motivos de as pessoas agirem como agem. E também há Filosofia... Francamente, não sei nada sobre o tema, mas *gostava* de saber, percebes? Parece-me ser algo de que eu havia de gostar.

– De certeza – concorda Maya. – És *tão* filosófica.

Aubrey sorri, e Maya pensa que ainda não a tinha visto tão feliz nesse verão.

– E – acrescenta ela com ar despreocupado – caso não entre nessa, vou candidatar-me também à UMass Amherst, à UMass Lowell e... hã... à Universidade de Boston.

Maya apressa-se a reforçar a autoconfiança da amiga. Aubrey detestaria que alguém, mesmo Maya, pensasse que queria ir atrás dela.

– Boa ideia... mas tenho a certeza de que acabarás por entrar na Universidade do Luisiana. E será fantástico e eu posso ir visitar-te e...

– Podemos ir a Nova Orleães!

– Sim!

Sorriem uma à outra. O céu está a escurecer.

– Sabes – diz Aubrey –, acho que não faria isto, se não fosses tu.

– Oh, não sei...

– A sério. A universidade sempre me pareceu algo que as outras pessoas fazem. Nunca pensei que queria ir, mas depois tu entraste, e foste visitar a residência e começaste a falar sobre as aulas e os cursos que querias fazer... fiquei com tanta inveja que nem sabia o que fazer. E isso fez-me

compreender... *duh...* que na verdade *quero* ir para a universidade. Porque não?

Pirilampos piscam no jardim, uma constelação inconstante que Maya e Aubrey admiram durante algum tempo antes de entrarem para se começarem a preparar. Quando Aubrey pergunta por Frank, Maya pondera contar-lhe tudo – sobre aquela bela e sinistra cabana no bosque e o tempo que lá deu como perdido –, mas a cada hora que passa, mais tudo isso lhe parece improvável. Mais vaga é a sua convicção. Já para não mencionar que essa noite é para se divertirem, e não quer que Frank interfira. Não quer revisitar aquilo que ele lhe disse ao telefone.

– Tinhas razão – é tudo o que diz a Aubrey, para já. – É uma longa história, mas sim... o Frank é decididamente estranho.

*

A banda Tender Wallpaper é um trio de irmãs que possuem uma harmonia de vozes que só irmãs poderiam ter, acompanhadas por sintetizadores e percussão. Tal como a sua música, elas são melancólicas e teatrais, subindo ao palco envoltas em lantejoulas, com uma iluminação aquática. O seu som é também vagamente aquático, a fazer lembrar sereias, um naufrágio tocado ao piano. Maya e Aubrey já as viram em concerto uma vez, e nessa ocasião a banda aproveitara o facto de serem irmãs para se vestirem como as Três Parcas. Uma bobina gigante de fio prateado fazia parte da coreografia: uma irmã desenrolava-o, outra media-o e a terceira cortava-o com uma tesoura enorme.

Mas hoje Maya não consegue identificar o tema. Ela e Aubrey abriram caminho mesmo até à parte da frente no recinto, que não é muito grande, e estão ao pé do palco, a dançar ao ritmo da música. As irmãs envergam

vestidos compridos e colados ao corpo, com capas, uma toda vestida de verde, outra de vermelho, outra de azul.

– Quem é que elas são hoje? – pergunta Maya a Aubrey entre canções.

Aubrey sorri.

– A sério? Não consegues perceber?

Uma nova canção começa enquanto Maya tenta decifrar o tema do concerto, mas não lhe ocorre nenhum outro trio famoso que as irmãs possam estar a imitar, e começa a pensar que se calhar Aubrey está a gozar com ela. Seria muito típico dela.

Para o final do concerto, as irmãs começam a agitar os dedos na direção do público, como se lançassem feitiços, e as luzes ficam tresloucadas, com raios de verde, azul e vermelho a cruzar-se, em tonalidades mais sombrias, enquanto as vozes se erguem num crescendo que, mais do que harmonia, faz lembrar a voz de alguma criatura enorme, divina, não completamente humana.

– Diz-me lá – pede Maya quando a canção acaba.

Aubrey põe a mão em concha junto do ouvido da amiga e diz:

– Flora, Fauna e Primavera.

Claro! As fadas-madrinhas de *A Bela Adormecida*. Maya não vê o filme desde que era criança, mas agora recorda-se: os feitiços coloridos a saírem, ondulantes, das varinhas mágicas. Um bolo mágico. Um vestido mágico. Claro que Aubrey se lembraria melhor. Ela adora contos de fadas e magia. E canções tristes. A última canção da noite é a sua preferida, e quando começa a tocar ela fecha os olhos e perde-se na música.

VINTE E NOVE

Maya esperou uma vez mais que a mãe adormecesse antes de pegar nas chaves do carro para ir à procura da cabana de Frank. Não era ideal ir à noite, mas Brenda nunca lhe emprestaria o carro se a visse naquele estado, febril, nervosa, tomada de uma urgência que não sabe explicar. Só esperava que Frank estivesse no bar habitual nessa noite, e não em casa. O seu plano era ir até lá, dar uma vista de olhos na área, espreitar pelas janelas se parecesse não estar ninguém. No mínimo, esperava que estar ali a deixasse mais perto da verdade, uma vez que o quadro de Cristina, uma mera imagem, trouxera ao de cima memórias que ela julgara perdidas.

Conduziu depressa depois de deixar para trás o centro da cidade, com os semáforos e as outras viaturas. Tinham passado duas horas desde o seu último martíni no *pub* Patrick's – certificara-se disso antes de pegar no carro, e até fizera um esforço por comer uma tigela de chili enquanto garantia à mãe, entre colheradas, que estava tão delicioso como sempre. Só não tinha fome.

Sete anos atrás, Maya quase deixara passar a entrada para Cascade Street, mas desta vez o telemóvel pousado no banco do passageiro facilitou-lhe a vida, fornecendo-lhe as indicações necessárias – pelo menos, enquanto ainda tinha rede. As árvores adensaram-se. A floresta estadual, tão verdejante no verão, era esquelética nesta época do ano, e Maya não teve qualquer dificuldade em ver a caixa de correio à sua esquerda, à medida que se aproximava. Afinal, parecia que se lembrava de mais do que julgava.

Estacionou ao fundo do longo caminho sinuoso e foi a pé o resto do trajeto, até à casa que pertencera em tempos ao pai de Frank. Talvez tivesse sido comprada por outras pessoas, entretanto, embora lhe parecesse possível que Frank tivesse ficado com ela se, de facto, recebera uma herança considerável. O seu coração bateu mais depressa quando se aproximou e

viu luz acesa numa das janelas do primeiro andar. A casa não era tão bonita como ela recordava, ou talvez se tivesse deteriorado nos últimos sete anos. O alpendre estava abaulado, a tinta, descascada, e faltavam duas portadas nas janelas.

Abrandou o passo e caminhou levemente, como se alguém no interior da casa pudesse ouvir o rangido dos seus ténis sobre a neve. No verão, talvez tivesse tentado baixar-se ao atravessar o jardim, escondendo-se entre as ervas altas, mas se alguém olhasse pela janela naquele momento vê-la-ia claramente, em contraste com o manto branco. A Lua emitia um brilho azulado. Um antigo choupo erguia-se à entrada da estrada abandonada, com a massa arredondada de ramos entrelaçados a fazer lembrar um cérebro.

Passou por baixo, com os galhos a bifurcarem-se como artérias nos lobos cerebrais, e entrou na floresta. Desta vez Maya trouxera uma lanterna da mãe, mas descobriu que não precisava dela. A neve cintilava e, se estava frio, não deu conta. A adrenalina mantinha-a quente. Pensou em todo o esforço que fizera para reprimir as memórias da última vez que ali estivera, todos os comprimidos que tomara, enquanto a verdade continuava a borbulhar por baixo daquele consolo falso que nunca lhe serviu completamente. Devia estar aterrorizada, e estava, mas havia também o alívio de sentir que ia finalmente chegar ao fundo do segredo de Frank – e sentia que estava perto, que quase podia estender a mão e tocar-lhe com os dedos.

Desta vez não ouviu o riacho ao aproximar-se da ponte – devia estar congelado –, mas isso não importava. A estrada, embora claramente abandonada, era fácil de seguir. Um caminho a direito pelo meio do bosque.

No entanto, agora que ali se encontrava de novo, havia algo *estranho* naquela estrada – na sua mera existência. De súbito, pareceu-lhe incrível que tal nunca lhe tivesse ocorrido antes. Como podia ter sido tão obtusa aos dezassete anos?

Era óbvio – tanto agora como então – que nenhum veículo passava por ali há anos.

«Tens de ir a pé», dissera-lhe o pai de Frank.

E, de repente, compreendeu a crueldade do sorriso dele. Na verdade, estava a rir-se dela. Era impossível que Frank tivesse transportado os materiais necessários para construir uma cabana – a madeira, o fogão, dois lavatórios, todas as pedras da chaminé – por aquele caminho, a pé.

Mas, na verdade, Maya não era realmente obtusa, pois não?

Ela *percebera* isso antes – e estava a recordar-se. Veio tudo ao de cima mal viu a ponte.

TRINTA

Maya estaca abruptamente quando a avista, uma ponte pela qual nem uma bicicleta conseguiria atravessar em segurança. A luz da lanterna do pai de Frank fraqueja-lhe na mão. Um vento fresco desliza através das folhas, dispersando o resto do calor do dia, enquanto ela está ali parada, a juntar as peças.

Um arrepio rasteja-lhe pela espinha.

A ponte à sua frente não está apenas abandonada – está em ruínas. Perdida para a história: uma ponte de ossos enferrujados, os torreões expostos como a caixa torácica de um gigante. Grandes blocos de betão caíram, deixando apenas uma estreita faixa de estrada transitável pelo meio.

Está prestes a voltar para trás, profundamente abalada, quando repara numa luz do outro lado do riacho. Semicerra os olhos. A luz é maior, mais firme e mais difusa do que a de uma lanterna. Aproxima-se alguns passos e agora tem a certeza. Está ali alguém, do outro lado da ponte destruída. Presume que seja Frank, embora não o consiga ver.

Todos os seus instintos lhe dizem para se ir embora dali, mas não vai. A curiosidade, que parece quase uma compulsão, tornara-se mais forte a cada passo, como se algum fio invisível a tivesse puxado até ali esta noite. Além do mais, se Frank atravessou, é porque a ponte é segura o suficiente. Transpõe-na com extremo cuidado, como se caminhasse sobre uma corda suspensa, em particular na parte central, onde a estrada desabou de ambos os lados.

A ponte nesse local não tem mais de um metro de largura e a água lá em baixo é escura e veloz. Parece profunda. Maya está a tremer quando chega ao outro lado. Atravessa um último maciço de árvores e entra numa clareira. Já percebeu por que razão Frank é tão misterioso em relação à cabana, mas aquilo que vê deixa-a sem ar, apesar disso.

Não há cabana nenhuma. Apenas as fundações de cimento, desgastadas pelos elementos, um retângulo largo e fendido no meio da clareira. É aí que encontra Frank, deitado num saco-cama grosso e vermelho, em frente do local onde parece ter existido em tempos uma lareira, e onde ele colocou um candeeiro a pilhas. Foi esse o brilho laranja que ela viu do outro lado da ponte, uma réplica grosseira dos lumes aconchegantes que talvez ali tenham ardido no passado, no tempo em que aquela casa ainda existia.

Frank franze os olhos sob o clarão da lanterna de Maya quando ela se aproxima, mas não parece surpreendido por a ver. Oferece-lhe um sorriso débil, quase apologético, sem alterar a posição confortável em que se encontra, enquanto ela observa o que a rodeia. O candeeiro portátil e o saco-cama, um jarro de água, a mochila dele e uma laranja meio descascada.

Frank veste uma camisa de flanela e calças de ganga, mas está descalço. Os seus sapatos encontram-se a vários metros dele, na orla dos alicerces de cimento, como se os tivesse deixado à porta, como se não quisesse sujar o chão; e imaginá-lo a brincar ao faz de conta ali no meio do bosque, como se a casa fosse real, é tão absurdo e triste e estranho que uma risada de surpresa lhe sobe pela garganta, e Maya leva a mão à boca como se quisesse contê-la.

– Olá – diz ele. Parece envergonhado, ou cansado, ou ambas as coisas.

– Frank...

– Eu sei... Desculpa, Maya.

Mas ela está demasiado perplexa para ficar zangada.

– Porque é que me mentiste em relação a uma coisa destas?

Ele solta um longo suspiro.

– Suponho que não há justificação possível, pois não?

Talvez não, mas ela quer uma resposta, ainda assim. Olha para ele, à espera, com a lanterna ao seu lado a apontar para as rachas do cimento.

– A verdade – diz ele – é que eu sou apenas um tipo qualquer que nunca saiu de casa e que toma conta do pai. Nem sequer tenho o meu próprio carro e o meu emprego é embaraçoso. E tu... bom, evidentemente, tu podias arranjar melhor.

Outra gargalhada chocada sobe aos lábios de Maya.

– Estás a dizer que inventaste a cabana... para me impressionar?

Ele baixa a cabeça.

– Só podes estar a brincar.

– Desculpa – repete Frank.

Mas é como Dorothy a afastar a cortina para revelar um homem a fingir ser um feiticeiro.

– Não precisavas de ter feito isso, *mesmo* – diz ela. – Eu estava caidinha por ti.

Não planeou usar o verbo no passado, mas ambos se apercebem de que o fez. O vento sopra com mais força, redemoinhando as folhas secas, e quando Frank volta a falar, é num tom tão baixo que Maya tem de se aproximar para o conseguir ouvir. Agora está de pé ao lado do saco-cama, a olhar para baixo, para os olhos tristes de Frank.

– Tu vais para a Universidade de Boston – diz ele. – Não queria que pensasses em mim como um provinciano qualquer sem nada a seu favor. Tenho vinte anos e ainda moro na casa do meu pai.

– Nunca pensei em ti dessa maneira – assegura-lhe ela.

No entanto, agora não sabe o que pensar. Correu para aqui movida pelos ciúmes e pela paixão, desesperada para saber porque é que ele estava com Aubrey, mas ao vê-lo agora – descalço e sozinho no meio do bosque –, o feitiço desfez-se. Ainda que tenha mentido sobre a cabana para a impressionar, isso não explica o que ele está a fazer ali naquele momento. Não explica o saco-cama, os sapatos junto da porta imaginária.

– Está tudo bem contigo? Há quanto tempo é que estás aqui fora?

– Não muito – murmura ele, virando o rosto.

– E porque é que...

Ele solta um suspiro trémulo.

– Porque, aqui, me sinto a salvo.

– A salvo? De quê?

– Do meu pai.

Maya recorda a referência que Frank fez a problemas em casa quando era pequeno.

– Ele fez alguma coisa?

Frank solta o ar. Talvez um suspiro de desgosto, ou uma manifestação de desdém – tem a cabeça virada para baixo, por isso ela não consegue perceber.

– Fez muitas coisas. A mim... à minha mãe... e a perfeitos desconhecidos. Foi por causa dele que a minha mãe me levou para longe daqui, quando eu tinha doze anos. Ele é perigoso.

Maya olha para trás por cima do ombro, como se o pai de Frank a tivesse seguido. Sabe agora, como já devia ter percebido antes, que é possível que Frank esteja a mentir. Por outro lado, o pai dele *deixara-a* nervosa.

– Então porque é que vives com ele? – pergunta. – Se ele é perigoso, devias ir à Polícia.

Frank abana a cabeça.

– Eles não compreenderiam. O meu pai nunca tocou com um dedo em ninguém. Magoa as pessoas de outras maneiras. É manipulador. Controlador. Foi professor de Psicologia, mas depois meteu-se em sarilhos e perdeu o emprego, a licença de psicólogo, tudo. Ficou arruinado. E descarregou em cima de mim e da minha mãe.

– Lamento muito saber disso, Frank... – Mas apercebe-se de que ele está a passar por cima da situação em que se encontram, da estranheza, e

tenta puxá-lo de volta. Não se deixará sugar por outra das histórias dele. – Ainda não percebo o que estás a fazer aqui – insiste.

Frank dobra as pernas, encosta os joelhos ao peito, dobrado sobre si próprio. Fala tão baixinho que ela não ouve e tem de se aproximar mais ainda, até estar mesmo encostada a ele. Visto de cima, Frank parece pequeno. Indefeso.

– O que é que disseste? – pergunta, em voz gentil.

– Disse que era real para mim. Quando tinha dez anos, naquela noite em que me perdi. Pensei que ia morrer sozinho no bosque, e sei que parece uma loucura, mas a cabana... salvou-me. Eu precisava dela aqui, para mim. E estava aqui.

»Imaginei-a tão claramente, até ao mais pequeno pormenor, e quando fechei os olhos foi como se lá estivesse. Como se tivesse chegado a casa. Um lar mais seguro e mais carinhoso do que aquele que eu deixara. Sem o meu pai. Voltei muitas vezes depois disso, em dias e noites em que sentia que tinha de escapar. Era para aqui que vinha, o lar mais verdadeiro que já conheci. Sentava-me aqui, como hoje, e imaginava a porta da minha cabana. Tinha de a ver mesmo, antes de poder entrar. A cor do pinho, a maçaneta de bronze. Tinha de sentir a maçaneta na mão, mas se conseguisse fazer isso, então conseguia rodá-la e estaria tudo à minha espera do outro lado. Um lar. Qualquer coisa boa a cozinhar no fogão, o lume aceso na lareira. O grande sofá confortável.

Maya acena com a cabeça. Consegue facilmente imaginar o que ele está a descrever – já o fez antes, e deixa-se levar de novo pela imaginação.

É triste descobrir que não é real, mas ainda mais triste é compreender como é que Frank conseguiu fazer com que parecesse real. A razão pela qual a cabana parecia real a Maya era porque Frank passara horas e horas a construí-la dentro da cabeça dele. Aqui, nesta clareira. Sozinho. Ele conhece cada tábuia do soalho e cada armário como se os tivesse pregado

com as próprias mãos; conhece todos os nós da madeira. Conhece-a tão bem que quando fala desse lugar, como neste momento, o local ganha vida. O calor da lareira. O cheiro. Maya não sabe porque é que ele lhe está a dizer aquilo, agora que ela já sabe que não é verdadeiro. No entanto, é relaxante ouvi-lo. Ela compreende. Não leva a mal nada daquilo que Frank fez. Toda a gente precisa de ter um sítio ao qual regressar.

Perdeu o fio ao que ele estava a dizer e, entretanto, Frank calou-se.

Maya ouve o que parece ser uma porta a fechar-se atrás de si. Um som que não faz sentido algum neste lugar e, contudo, é inconfundível – o ranger das dobradiças, seguido do baque suave de uma porta a encaixar na ombreira diretamente atrás dela. Algo lhe diz para não se virar, mas tem de o fazer. Precisa de saber. Vira-se lentamente e vê Frank em pé atrás dela.

Estão dentro de casa, ao pé da porta – deve ter sido o vento que a fechou.

Abre a boca de espanto enquanto admira o trabalho dele. Frank foi demasiado modesto ao falar da cabana. É perfeita. Com os dedos entrelaçados nos dela, ele mostra-lhe tudo e Maya não consegue parar de sorrir. Depois aparece a sopa de aroma tentador, que ela não chega a provar porque se lembra subitamente do livro do pai, e isso ameaça estilhaçar a ilusão.

E Frank não quer deixá-la partir. Frank acha que ela devia vir viver ali com ele.

Ele diz-lhe para relaxar, para comer a sopa, e quando ela não o faz, pousa a colher ruidosamente em cima da mesa. Ajoelha-se como se fosse pedi-la em casamento, mas há raiva a ferver-lhe nos olhos, e em vez de um anel põe-lhe na mão algo um pouco maior. Ela sente os dentes metálicos contra a palma e, quando olha para baixo, vê a chave da cabana. Por um breve instante, fica confusa.

Porque precisaria Maya da chave se já se encontra dentro da cabana?

Porém, assim que pensa nisso, o pensamento escapa-se e o que acontece nos minutos seguintes ficará sepultado sob o chão da cave mais profunda da sua mente durante sete anos.

*

Maya relaxa.

A sua respiração abranda.

E o seu coração. Sabe tão bem estar ali. Afunda-se mais, escorregando pela cadeira, ainda à mesa.

– Muito bem – diz Frank. – Muito bem. – Levanta-se e sorri-lhe de cima. – Agora sentes-te melhor – diz ele. – Mais calma.

Ela sente-se melhor. Mais calma.

– Talvez prefiras sentar-te junto da lareira? – Da maneira como o diz, não parece uma pergunta. – Põe-te confortável – sugere. – Relaxa essas pernas cansadas.

Não há nada que Maya quisesse mais do que sentar-se ao pé da lareira, pôr-se confortável e relaxar as pernas cansadas.

– Aqui sentes-te em segurança – diz ele.

O corpo dela reage com um movimento indolente ao sentir algo frio e molhado a atingi-lhe a nuca. Franze a testa.

– Aqui sentes-te em segurança – repete ele.

Uma segunda gota fria atinge-lhe o joelho. O líquido desliza-lhe pela perna e Maya concentra-se na sensação. Uma gota a progredir em direção ao tornozelo. Depois outra gota, e outra – no ombro, na testa, no pulso – conduzem-na de volta a si própria. A chuva corta o som da voz de Frank, apenas o suficiente para ela compreender que tem de fugir.

Ele está parado.

– Anda comigo.

Ela não tenciona obedecer, mas (*oh, céus!*) é o que faz. Levanta-se da mesa como se as pernas e os pés pertencessem a outra pessoa. Não consegue impedir-se de o seguir enquanto ele a conduz para mais perto da lareira, com a luz laranja a tremeluzir-lhe no rosto. Maya sente o cheiro doce de lenha a arder.

Olha para a luz, pensa que o ouve dizer, ou talvez seja o rio, o som abafado da água a puxá-la para mais perto, cada vez mais fundo, até ver unicamente as chamas. Saboreia-as, sente-as. E a sensação é como entrar num sítio quente vinda do frio, como conseguir alcançar subitamente tudo aquilo que sempre procurou. Confiança. Aprovação. Amor. A luz enche-a de satisfação, é como o sol no rosto, e cheira a neve derretida. Canta como sinos. *Agora estás em segurança*, diz o rio. *Estás em casa*. E é precisamente assim que ela se sente, como se tivesse chegado a casa. No entanto, sabe. Mesmo enquanto anseia pelo calor do lume, pelas chamas que brilham em tons de vermelho, laranja, azul e dourado, parte dela sabe que *casa* não é a palavra certa para descrever aquele local.

Tal como na história. Tal como Pixán, acolhido por impostores, de olhos perdidos na neblina, Maya sabe que a sua verdadeira casa é noutro lado.

– Tu... – murmura, embora a sua intenção fosse gritar.

Uma gota de chuva na face!

Cada parte dela quer dissolver-se naquela luz. Mas arranca o olhar do lume e vira-o para Frank, furiosa.

– Enganaste-me.

– Relaxa – diz ele. Mas a sua voz já não parece tão confiante.

Maya abana a cabeça, com a raiva a crescer, ameaçando quebrar o feitiço que ele lhe lançou.

– O que é que me fizeste?

– Ouve, Maya, tens de te acalmar...

– Eu *sei* – diz ela.

E, num instante, os troncos grosseiros que formam a parede por trás dele começam a parecer ainda mais rústicos. A assemelhar-se a árvores. Ervas brotam entre as tábuas do soalho e não é o teto que Maya vê agora por cima de si, mas o abismo infindável do céu noturno, e é como olhar para baixo e ver-se a si própria à beira de um desfiladeiro no Grand Canyon. Um terror imenso e tumultuoso. Uma vastidão esmagadora.

– *Maya* – implora Frank.

Fita-o no rosto. Ele tem estado a falar com ela, constantemente, enquanto ela se distraía a olhar para o céu, ou para a parede, ou para o lume, ou para a sopa.

Mas Maya não tem de o ouvir. Agora sabe-o. Frank suplica-lhe com os olhos que não o diga, mas isso só torna ainda mais doces as palavras na língua dela.

– Não existe nenhuma cabana – declara e, como que aproveitando a sua deixa, o que resta da cabana dissolve-se e o teto volta a ser céu e o chão a ser terra.

Desorientada, tenta correr. As suas pernas não funcionam, ou esqueceu-se de como as usar. Com as forças que lhe restam, atira-se para a frente, mas a metade inferior do seu corpo parece estar presa, numa posição desconfortável.

O problema revela-se assim que olha para baixo. Porque, na realidade, Maya não está de pé em frente da lareira, mas sentada na noite, debaixo de chuva. Não admira que não consiga correr – tem as pernas cruzadas.

Ela e Frank estão sentados em cima do saco-cama, à luz fraca do candeeiro a pilhas, cada vez mais ensopados. Todos os membros de Maya estão dormentes; atrapalhada, ela tenta levantar-se, com o saco-cama a escorregar-lhe nas mãos.

– *Maya*, espera...

Uma vaga de tonturas turva-lhe a visão, mas resiste-lhe e avança, quase tropeçando na laranja que Frank estava a descascar quando ela chegou. Desce do cimento para a terra molhada e desata a correr. A Lua está agora encoberta pelas nuvens. Esqueceu-se da lanterna e vê pouco mais do que um metro à sua frente quando se embrenha nas árvores em torno da clareira.

Corre para a ponte, embora não lhe distinga os contornos.

– Para!

Ela ignora-o. O chão está molhado e coberto de cascalho. Campainhas de alarme ecoam-lhe no peito e algo lhe diz para abrandar quando se aproxima do meio da ponte, mas ignora a intuição, na ânsia de fugir a Frank. Ouve os passos dele perto, atrás de si, por cima do som da água corrente.

– Cuidado! – grita ele.

A lanterna acende-se nas costas de Maya e revela a secção destruída da ponte, mesmo à sua frente – um abismo negro para onde estava prestes a lançar-se.

Maya grita, agita os braços. Cambaleia para trás e cai diretamente nos braços de Frank.

– Chiu... – diz ele, apertando-a contra si. – Está tudo bem, relaxa. Não há nada de que ter medo.

Mas Maya não acreditará nele duas vezes. Contorce-se para se libertar e está prestes a correr pela faixa estreita de ponte ainda intacta, quando Frank apaga a lanterna do pai.

As trevas são absolutas.

O vento sopra com mais força, a chuva cai com maior intensidade. Aquilo que começou por ser aguaceiros dispersos transformou-se num dilúvio, o tipo de precipitação que obriga uma pessoa a gritar para se fazer ouvir. Sem a lanterna, as margens da estrada desaparecem na escuridão; se tentasse atravessar agora aquela faixa estreita, cada passo podia deixá-la

mais perto da segurança, do carro, da mãe, de casa... ou atirá-la para o rio furioso, que já não era o riacho sereno que lhe parecera antes.

Assim, baixa-se para o chão e tenta atravessar com a ajuda do tato. Passa as palmas das mãos ao longo da beira, sentindo o betão quebrado e áspero sob as mãos e os joelhos. Sabe que facilmente podia cair e nunca foi boa nadadora, embora isso não fizesse qualquer diferença se aterrasse de cabeça num pedregulho.

Move-se com cuidado, mas depressa, pois Frank continua atrás de si – percebe que ele está a falar, mas esforça-se por não o ouvir; escuta apenas a chuva a cair com força sobre a ponte e o rio, transformando a terra por baixo dela em lama. Por fim, a faixa de estrada alarga de novo. Levanta-se de imediato, sem conseguir ver grande coisa, mas sabe que só precisa de continuar e acabará por chegar ao carro.

Desata a correr e Frank segue-a – Maya ouve-lhe os passos pesados –, sem abrandar mesmo quando a estrada volta a embrenhar-se pela floresta.

Mas depois ouve as chaves a chocalhar atrás de si.

O seu coração afunda-se. Os seus pés abrandam e Frank aproxima-se até ela conseguir sentir o calor do corpo dele encostado ao seu.

– Esqueceste-te das chaves – diz-lhe ele ao ouvido.

Ela não se vira. Pensa que conseguiria correr mais depressa do que ele, mas de nada serviria, claro, se Frank tem as chaves do carro dela.

– Dá-me as chaves. – Fala em tom determinado, mas a chuva faz com que a sua voz pareça pequenina.

– Claro que sim – diz ele, ligeiramente indignado.

Maya estende a mão para receber o porta-chaves volumoso, carregado com as muitas chaves da mãe – de casa, do carro, do cacifo no trabalho, do telheiro do jardim – e com a mini-lanterna, mas não é isso que Frank lhe deixa cair na palma da mão estendida.

A única chave que ele lhe dá é a cabana.

TRINTA E UM

As lágrimas de Maya derreteram buracos na neve azulada pelo luar enquanto caminhava da ponte abandonada até ao carro da mãe. Pensou na última vez em que ali estivera, com o braço de Frank sobre os ombros, enquanto ela tentava perceber o que faziam à chuva. Lembrava-se de ter olhado para trás, sem conseguir ver a ponte, sem ter qualquer memória dela ou de como a atravessara, vendo apenas a estrada ladeada de árvores a desaparecer na escuridão.

Frank tentara fazê-la crer que ela é que estava a agir de forma estranha, que ia apenas acompanhá-la até ao carro como ela lhe pedira, mas Maya fugiu dele assim que percebeu onde estava, certa de que Frank lhe tinha feito alguma coisa, determinada a contar tudo à mãe mal chegasse a casa.

Mas depois – contar o quê à mãe, exatamente?

Brenda tinha estado a trabalhar nessa noite e Maya, encharcada até aos ossos, esgotada e confusa depois do tempo que passara na cabana, decidira dormir sobre o assunto e tentar explicar-lhe de manhã. Porém, as dúvidas estavam lá quando acordou. Como uma semente que Frank tivesse plantado, crescendo nela durante a noite, e o seu entendimento daquilo que sucedera era agora vago.

Maya chorou por essa jovem versão de si, tão célere a duvidar da sua própria experiência. Claro que Frank lhe fizera alguma coisa! Convencera-a de um lugar que não existia e, de alguma forma, levara-a a acreditar que lá estivera. Entrara na cabeça dela, manipulara-a. As lágrimas devolveram-lhe a sensibilidade ao rosto, embora o resto do corpo continuasse dormente, com a neve a derreter e a infiltrar-se-lhe nos sapatos quando atravessou de novo o jardim branco da casa que pertencera ao pai de Frank. Parecia agora óbvio quem é que lá vivia.

Porque, se assim não fosse, onde é que Frank dormiria? Como encontraria abrigo sob um teto que só existia na sua cabeça? A luz na janela já não estava acesa; e ao entrar no carro, Maya imaginou-o a dormir no seu quarto de criança, na casa do pai, indefeso, sozinho, tão vulnerável naquele momento como ela fora aos dezassete anos.

Imaginou-se de pé ao lado da cama dele, com uma faca na mão.

*

Maya perseguiu a palavra para aquilo que Frank lhe fizera como um cão a correr atrás da cauda, em círculos entontecedores, com a resposta tão perto e, ao mesmo tempo, sempre enfurecedoramente fora do seu alcance. Apertou o volante com ambas as mãos e travou antes de cada curva. Tinha de ter cuidado na estrada, tendo em conta a época do ano e o facto de estar exausta.

O dilúvio de memórias deixara-a exaurida, prestes a cair para o lado, mas sabia que, quando se deitasse, não conseguiria dormir. Era essa a crueldade da abstinência das benzodiazepinas. A garrafa de meio litro de *gin* que comprara no caminho para casa era puramente medicinal. Precisava de pensar, mas os seus pensamentos iam-se enredando em nós que não conseguia desfazer, e calculou que isso se devia ao facto de não andar a dormir o suficiente.

Foi um alívio perceber, ao chegar a casa, que a mãe não acordara nas duas horas, mais ou menos, desde que Maya saíra com o carro dela sem autorização. Encheu um copo de sumo de laranja, pela vitamina C, e depois adicionou metade do *gin*, para a ajudar a dormir. Levou a bebida para a cama consigo, bebeu-a silenciosamente e afundou-se no colchão fofo. Sentiu o formigueiro nos pés e nas mãos à medida que o sangue os aquecia e, pouco depois, começou a mergulhar na inconsciência.

Sentiu-se tentada a ignorar o telefone quando tocou, a deixar que fosse para o atendedor de chamadas, a deixar o *gin* puxá-la para as profundezas, mas depois ocorreu-lhe que não ligara para o trabalho nessa manhã, para informar de que ainda estava doente. Se fosse o patrão a ligar-lhe, Maya tinha de atender – não podia dar-se ao luxo, ainda por cima, de ser despedida. Tirou a mão de debaixo das mantas.

Quando viu quem estava a telefonar, o alívio atingiu-a com tanta força como o *gin*.

– *Dan!* – exclamou.

– Olá.

– Como... como estás?

– Bem... A meio dos exames.

Não parecia tão rejubilante ou aliviado como ela se sentia.

– Tenho a certeza de que vão correr bem – disse ela, em voz fraca.

– Ouve, desculpa não ter respondido à tua mensagem.

Maya sentiu o peito apertado.

– Não faz mal, sei que andas ocupado.

Ele não disse nada.

Ela não conseguia respirar. Talvez, se nenhum dos dois falasse, a conversa terminasse e pudessem voltar às coisas como elas eram antes.

– O que é que se passa contigo, Maya?

Ela queria contar-lhe aquilo que recordara nessa noite – há demasiado tempo que carregava tudo sozinha. Mas se lhe contasse agora corria o risco de parecer tão louca como sete anos antes, como se estivesse a sugerir que Frank lhe lançara algum tipo de feitiço para a levar a ver coisas que não existiam.

Continuava a ser verdade: aquilo que ele lhe fizera parecia magia.

– Estás a ver? – disse Dan. – Não queres dizer-me, pois não?

– Por favor – suplicou ela, com a voz a encher-se de lágrimas. – Quero! É só que...

– Claro – interrompeu ele secamente. – Imagino que tens os teus motivos, e ouve... respeito isso. Mas, francamente, não é aquilo que procuro. Não quero ter uma relação em que sentimos necessidade de esconder coisas um do...

– Estou a passar pela síndrome de abstinência do clonazepam.

– Desculpa, o quê?

Ela andava à procura da altura certa para lhe contar, sempre um momento qualquer no futuro, mas esse momento nunca chegara e, embora a palavra para aquilo que Frank lhe fizera permanecesse atolada num estranho pântano brumoso, o resto do que se passava na sua mente pareceu-lhe surpreendentemente claro, enquanto as palavras lhe brotavam dos lábios.

– Meu Deus – disse Dan, quando ela terminou. – Não percebo. Porque é que me escondeste uma coisa dessas?

– Não sei – respondeu ela. – Quando nos conhecemos, não parecia importante, por isso não o mencionei, e depois... continuei a não o mencionar até que começou a parecer estranho ter esperado tanto tempo para te dizer.

Dan suspirou.

– Quem me dera que pudéssemos falar sobre isto em pessoa – disse ela, morta por o abraçar, mas contente por ele não a poder ver assim.

– Então foi por isso que ficaste maldisposta em casa dos meus pais.

– Sim.

Ele calou-se novamente.

– Desculpa...

– Eu podia ter-te ajudado.

– A questão é que eu estava também a mentir a mim própria. Não *queria* continuar a tomar os comprimidos da Wendy. Sabia que me estavam a toldar o raciocínio, a deixar-me esquecida. Sabia que era perigoso misturá-los com álcool, mas é o que tenho vindo a fazer praticamente todas as noites, há anos. E não queria que essa realidade fosse verdadeira, por isso fingi que não era.

– Oh, Maya...

– Desculpa.

– Estiveste a beber hoje, não estiveste?

A desilusão na voz dele magoou-a. Claro que ele conseguia perceber na sua voz os quatro *shots* de *gin* que acabara de emborcar. Pensou em explicar-lhe que precisava disso para dormir, mas sentia-se lúcida o suficiente para ver que era uma fraca justificação.

– Sim – murmurou.

Dessa vez ele ficou tanto tempo calado que ela teve tempo para pensar nos dois caminhos que Dan podia seguir. Ao ver como era óbvio que ela precisava de ajuda, ele podia, por um lado, optar por ficar ao lado dela, apesar de tudo, ajudá-la a ultrapassar a situação.

Ou podia dizer que era tudo demasiado, que *ela* era demasiado, levantar as mãos e virar-lhe costas.

– Tens um problema – disse ele por fim, lentamente. – O que vais fazer em relação a isso?

Maya chorava agora abundantemente, com as lágrimas a deslizarem-lhe pelo rosto e o ranho a escorrer do nariz, mas o seu peito encheu-se de gratidão porque havia bondade na voz dele.

– Vou procurar ajuda – respondeu. – A sério que vou. Assim que voltar para Boston.

– Que tipo de ajuda?

– Não sei, um psiquiatra? Ou um psicólogo. Um médico qualquer.

– Tenho um tio que anda nos Alcoólicos Anónimos. Acho que é isso que deves fazer.

– Mas eu não sou alcoólica – respondeu ela, instintivamente na defensiva.

– A sério? Embebedaste-te no aniversário da minha mãe. E estiveste a beber hoje.

Ela não podia negar.

– E esta semana toda... Claro que eu sabia que se passava alguma coisa. E tu... escondeste-o de mim. Andas a tomar comprimidos nas minhas costas, a beber ao ponto de ficares doente. Estás a magoar-te a ti própria, Maya. Não podes continuar a escondê-lo.

Maya enrolou-se numa bola, com os joelhos contra o peito.

– De qualquer maneira – continuou ele –, esses programas não são só para alcoólicos. Há para todo o tipo de viciados.

A palavra fê-la encolher-se com um esgar. O primeiro passo de uma viagem que Maya não tinha interesse algum em fazer. Não queria ir a reuniões nem encontrar Deus, e, quando pensava em estar constantemente sóbria, não sabia se valeria a pena continuar a viver uma vida assim. Teve vontade de recordar a Dan que fora um *médico* que lhe passara a primeira receita de clonazepam – que isto tudo era culpa *dele*. E que, até há alguns dias, ela tinha reduzido drasticamente a bebida. E que era capaz de se endireitar sozinha – e fá-lo-ia –, sem necessidade de nada tão dramático como um programa de desintoxicação anónimo.

No entanto, o que disse foi:

– Está bem. Eu vou.

*

O problema da palavra *viciado* era que implicava a necessidade de fazer alguma coisa a esse respeito, como se Maya não tivesse já muito com que se preocupar. Mas prometera a Dan que o faria e assim, depois de ficar algum tempo deitada às escuras, já sem sono, pegou no telemóvel e procurou reuniões dos AA. Encontrou um grupo relativamente perto do seu apartamento em Boston e mandou uma mensagem a Dan para o informar. Ele respondeu com um coração e ela enviou-lhe de volta dez corações, dizendo a si própria que iria às reuniões se isso o deixasse feliz.

Faria muita coisa por ele, embora não estivesse ainda disposta a admitir que era viciada. Tinha uma dependência física de um medicamento. Não haveria uma diferença?

A noite era longa e ela não conseguia esquecer-se do resto do *gin* na garrafa em cima da mesa de cabeceira. Despejou-o para o lava-louça na cozinha. Não ia ser fácil, mas era pelo melhor. Tinha de manter a cabeça limpa. Sentou-se em frente da escrivaninha antiga no seu velho quarto, com uma caneta e o bloco de capa florida que a mãe deixara para os futuros hóspedes, e começou a fazer uma lista daquilo que descobrira nessa noite, começando com o que Steven lhe contara no Patrick's.

1. A Cristina estava a planear mudar-se para a cabana do Frank.

Um pensamento arrepiante, agora que Maya sabia que o local não existia.

2. Ele tem algum tipo de clientes.

Estremeceu ao pensar nos serviços que ele poderia fornecer. Tinha de investigar melhor esse assunto.

3. O pai dele fora professor em Williams.

Ainda não sabia praticamente nada sobre o pai de Frank além do nome, que era Oren. Procurara-o *online* há sete anos, mas não encontrara nada e desistira depois de o doutor Barry a convencer a esquecer o assunto. Não voltara a pensar em Oren Bellamy desde então.

4. O Oren...

Recordou o aparente regozijo dele, na noite em que o conhecera, ao indicar-lhe o caminho para uma cabana que sabia não ser real.

E depois Frank não lhe dissera qualquer coisa sobre o pai, na clareira? Maya franziu a testa. O seu domínio dessas memórias recém-recuperadas era ainda ténue, mais imperfeito do que seria de esperar, tendo em conta que essa noite tivera lugar há sete anos. No entanto, de alguma forma, escrever ajudava-a a pensar, a içar o passado submerso de novo para a superfície. *O Oren... escreveu, foi a razão pela qual o Frank construiu a cabana.*

Lembrava-se agora. Frank construíra a cabana para fugir do pai.

Pegou no telemóvel. Ao adicionar «Universidade de Williams» à sua busca sobre «Oren Bellamy» não encontrou nada, mas por fim lá descobriu referências a dois artigos que ele publicara nos anos oitenta. Um intitulava-se «Traços de personalidade observáveis associados a elevadas taxas de absorção na TAS»; porém, quando Maya clicou no artigo, este já não estava *online*.

O outro artigo que o pai de Frank publicara também estava *offline*, mas os exemplares passados do jornal encontravam-se disponíveis, em papel, através do *website*. O jornal chamava-se *Neuropsicologia Experimental* e o seu *website* não era atualizado há mais de uma década. Maya pegou no cartão de crédito e comprou o volume 17, de outubro de 1983, o exemplar

em que fora publicado o artigo do doutor Bellamy, introduzindo as informações do cartão numa página bege que parecia quase *vintage*.

Ou Oren fora psicólogo e a Universidade de Williams eliminara todas as suas ligações a ele, ou ele nunca lá dera realmente aulas.

Procurou por «Dr. Oren Bellamy» e «psicólogo», e, após um olhar para a sua lista, acrescentou a palavra «clientes». Ali estava – «Dr. Oren Bellamy, THC». Não só o nome, mas também o rosto, um grande plano dele num *blazer* de xadrez, a sorrir, sentado à secretária, com uma estante de livros por trás. Na fotografia, parecia rondar os cinquenta anos, mais novo do que quando ela o conhecera.

Era o *website* de um local chamado Centro de Bem-Estar Horizontes Claros. O *website* parecia atual, embora não muito profissional. O *design* era atamancado, a letra, berrante, e o logótipo – um sol laranja contra um horizonte azul – parecia feito no *clip art*. Era difícil perceber exatamente quais eram os serviços oferecidos pelo centro.

Ler a secção «Sobre» não ajudou muito. O «método terapêutico exclusivo» do doutor Oren Bellamy tinha, aparentemente, uma taxa de cem por cento de sucesso na cura de uma longa lista de «maleitas incapacitantes», tais como dependências, fobias, ansiedade e depressão, além de ajudar com a perda de peso, cessação tabágica e «ultrapassar a perda».

Vários clientes testemunhavam: «Não é exagero dizer que o Horizontes Claros me salvou a vida.» – Carol M. «Finalmente, uma coisa que resulta!» – Mike R. «Nunca pensei que conseguiria ultrapassar a perda da minha irmã, mas depois conheci o Dr. Hart!» – Susan P.

O último testemunho era um vídeo. Maya abriu-o e um homem de idade começou a falar. Estava sentado no que parecia ser o gabinete de um terapeuta, em frente de uma janela com vista para uma floresta. Uma música serena tocava em fundo.

– Quando a minha Diane morreu – começou ele –, *julguei que morreria também. Não via o sentido de continuar por cá.* – O homem sorriu, com um olhar sonhador e desfocado. Maya sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. – *Não estaria aqui se não fosse o doutor Hart* – concluiu o homem. – *O doutor Hart ajudou-me a continuar a viver.*

Mais nada no *website* ajudava a esclarecer a identidade do doutor Hart – embora Maya tivesse as suas suspeitas – ou a natureza do tratamento oferecido. Tudo o que ficou a saber foi que o método terapêutico exclusivo do doutor Oren Bellamy continuava a ser aplicado no Centro de Bem-Estar Horizontes Claros – e apenas aí. Não aceitavam seguros de saúde.

Maya leu todas as páginas do *site*, embora sem saber bem o que esperava encontrar. Na secção «Sobre», estudou as iniciais a seguir ao nome de Oren e apercebeu-se de que não sabia o significado de «THC». Procurou no Google e a maioria dos resultados fazia referência à substância tetra-hidrocanabinol.

Tratamento com drogas? Poderia ser?

Acrescentou «psicologia» à pesquisa.

O que aconteceu a seguir fez com que Maya questionasse se haveria algum problema com o seu telemóvel. Uma falha no ecrã. Havia uma certa expressão que aparecia entre os resultados da pesquisa – duas ou três palavras, um título profissional – que ela não conseguia ler.

«Terapeuta de ... certificado.»

Não conseguia ler a parte do meio. Não conseguia focar a palavra, como se as letras se desfizessem perante os seus olhos. Mesmo que virasse e revirasse o ecrã, clicasse onde clicasse, não conseguia ler o que vinha antes de «certificado».

A visão de Maya tropeçara em certas palavras de longe a longe, nos últimos anos, mas era uma ocorrência rara, que ela atribuía à vista cansada e esquecia.

No entanto, agora era evidente que se tratava apenas de uma palavra específica que ela não conseguia ler. Saiu da cama, acendeu as luzes e olhou em volta. Não havia problema nenhum com a sua visão, tanto quanto conseguia perceber. Não via pontos negros, nada estava desfocado. Contudo, quando voltou a olhar para o ecrã, o problema mantinha-se. «Terapeuta de ... certificado.» Era como uma ilusão de ótica. Algo a impedia de ver. Sentiu-se agoniada. Nada daquilo parecia possível. Talvez estivesse realmente louca.

Deixou-se cair na beira da cama. Apoiou a cabeça nas mãos. Depois teve uma ideia e pegou de novo no telemóvel.

Criou um documento *online*. Copiou «Terapeuta de ... certificado» e colou as palavras no documento.

Selecionou a opção «Ler em voz alta».

Aquilo que ouviu transformou-lhe o sangue em gelo. O meio da frase soava distorcido. Não conseguia compreender a palavra, tal como não a conseguira ler no ecrã. «Terapeuta de *#@^=% certificado.» A distorção era subtil – talvez nem tivesse dado por isso se tentasse ouvir apenas uma vez –, mas repetia-se. «Terapeuta de *#@^=% certificado.» Maya sentiu o coração bater mais depressa. Abrandou a velocidade de leitura. Encostou o telemóvel ao ouvido, fechou os olhos e escutou uma vez, e outra e outra e outra. Ouviu até conseguir perceber o que era dito. E um sol negro nasceu-lhe no peito.

Oren Bellamy fora um terapeuta de hipnose certificado.

TRINTA E DOIS

Maya ainda não disse nada a Aubrey sobre os momentos perdidos. A cada hora que passa, sente-se menos segura de si própria, e a bem da verdade não consegue indicar qualquer ferimento, nem dizer com toda a certeza que a culpa não foi dela, portanto não mencionou Frank depois do concerto dos Tender Wallpaper na noite anterior, nem quando voltaram para casa de Maya e foram dormir.

Mas sonhara com a cabana. Não aconteceu grande coisa no sonho – Frank estava sentado à sua frente, a mesa estava posta, via as tigelas –, e contudo o terror vibrava no ar e ela não conseguia mexer-se, não conseguia abrir a boca para soltar o grito que tinha preso na garganta. O sonho perturbou-a de tal maneira que, pela segunda manhã seguida, não conseguiu voltar a adormecer depois.

Dirige-se silenciosamente para a cozinha. A mãe e Aubrey ainda dormem. A janela por cima do lava-louça ficou aberta. A cozinha está fresca com o ar matinal. Serve-se de um copo de sumo de laranja e tenta afastar o pavor deixado pelo sonho, mas depois vê o número a piscar no ecrã do telefone sem fios. Oito. Oito telefonemas perdidos, e ela sabe de quem são. O registo de chamadas confirma-o – Frank passou a manhã a ligar-lhe.

O medo turvo que tem conseguido conter abate-se sobre ela. Ocorre-lhe que não faz ideia de quem Frank realmente é.

– Acordaste cedo.

Maya dá um salto, sobressaltada.

A mãe entra na sala, numa camisa de dormir florida, com os caracóis loiros revoltos no ar.

– Não quis assustar-te.

Maya leva o dedo aos lábios.

– A Aubrey ainda está a dormir.

– Ela está cá? – A mãe parece repousada, depois de uma noite inteira de sono, um luxo na sua profissão. Anda de quarto em quarto a abrir cortinas, enchendo a casa de luz. – Aubrey! É tão bom ver-te.

Maya ouve-as no corredor. Aubrey devia ir a caminho da casa de banho, provavelmente com intenção de voltar para a cama depois, mas foi apanhada a pé.

– Olá, Brenda – cumprimenta Aubrey, com voz ensonada mas carinhosa. Passou muito tempo naquela casa ao longo dos anos, incluindo um mês inteiro, no ano anterior, depois de a mãe a ter expulsado de casa por ter metido um rapaz no quarto às escondidas.

Brenda faz fatias douradas para todas e serve-as com xarope de ácer local, por ser uma ocasião especial. As fatias douradas estão estaladiças por fora e macias por dentro. A casa cheira a fritos e ao café que Maya começou recentemente a beber com a mãe ao pequeno-almoço. Começou, em grande medida, porque não tinha autorização para o beber quando era mais nova, mas gosta de como o café a faz sentir e depressa aprendeu a apreciar o sabor amargo.

A seguir, Maya lava a loiça e Aubrey seca-a. Falam enquanto a água corre, entre o cheiro do detergente *Palmolive*.

– Então, em relação ao Frank...

– Até que enfim! – exclama Aubrey. – Pensava que nunca mais me ias contar.

Maya não quisera pensar muito nisso na noite anterior, mas agora precisa de saber até que ponto deve realmente estar assustada.

– Tinhas razão. Ele é totalmente sinistro.

Aubrey nunca lhe diria *Eu bem te avisei*. Faz um beicinho de solidariedade.

– O que é que ele fez?

Maya esfrega o garfo e conta a Aubrey das três vezes em que lhe pareceu perder a consciência junto de Frank. Da primeira vez, na Rocha Equilibrada, pusera as culpas na marijuana médica do pai dele; era sabido que costumava ser forte. Da segunda vez, na noite em que beijara Frank, estava tão esfuziante que nem dera grande importância às horas perdidas.

– *Horas?*

Maya, embaraçada, mantém os olhos nas mãos cobertas de espuma.

– Mas como?...

– Não faço ideia... – Está à espera de que Aubrey diga que não pode ser e, quando ela não o faz, Maya conta-lhe o que se lembra da noite anterior. A cabana no meio do bosque. Os minutos perdidos à chegada e à saída. Dar por si a caminhar à chuva sem fazer ideia de como ali fora parar. Os telefonemas. Sentir que Frank lhe estava a entrar na cabeça.

– Vou dar uma corridinha – anuncia a mãe, aparecendo de súbito atrás delas, em calções e com uma camisola onde se lê triatlo febre da abóbora.

Aubrey quase deixa cair o prato que está a limpar há dois minutos.

– Credo, que assustadiças que vocês as duas estão hoje. – A mãe deixa a porta da cozinha aberta ao sair.

Maya não ficaria aborrecida com Aubrey se ela se mostrasse cética. Mas quando consegue por fim olhar para ela, não vê qualquer sinal de dúvida no rosto da amiga. Nem de crítica. Ela acredita em Maya, e isso nota-se; está com um ar assustado. Mais do que Maya se sentiu até esse momento, até ver o medo nos olhos da sua corajosa amiga e a sua postura tensa ali em frente do lava-louça.

– Eu sabia – diz Aubrey baixinho. – Acho que ele me fez o mesmo.

Maya olha para ela.

– No Dunkin’ Donuts, mesmo antes de nos encontrares. Senti que tinha acontecido qualquer coisa estranha nesse dia, mas depois pensei... – Abana a cabeça. – Pensei que era imaginação minha.

– Oh, meu Deus! Eu também!

Agora parecem ambas assustadas.

– Foi depois de ele ter requisitado aquele livro para mim... – Aubrey parece estar a dar a volta a qualquer coisa na cabeça. – Uma biografia de um médico que viveu em Londres na era vitoriana. Um mesmerista...

– Um quê?

– Mesmerismo... Era uma prática médica no século dezanove. Basicamente lactose. Esse médico ficou famoso por a apresentar em palco. Tinha uma paciente, uma criada, e tratava-a enquanto as pessoas assistiam. Uma espécie de espetáculo de magia, só que em vez de truques as pessoas pagavam para o ver humilhar a pobre rapariga, que provavelmente estava inconsciente o tempo todo.

Maya franze a testa, ainda a pensar em *lactose*.

– Desculpa... O quê?

– Que parte?

– Lactose?

– Sim, *lactose* – insiste Aubrey. – Tu sabes, heroísmo.

Maya quase desata a rir. Fecha a torneira e a cozinha fica silenciosa.

– Disseste?...

Aubrey começa a parecer irritada.

– A sério?

Maya não lhe pede que repita. Não interessa, de qualquer maneira, que livro Frank emprestou a Aubrey – precisa apenas de saber o que ele lhe fez, o que fez a ambas. Abana a cabeça como que para organizar as ideias.

– O que aconteceu no Dunkin' Donuts?

– Falámos de magia – explica Aubrey. – Ele disse-me que também fazia umas coisas: prestidigitação, truques com moedas, por aí. Como se achasse que isso me ia impressionar.

Maya sente-se corar. Ela deixou-se impressionar facilmente.

– Perguntou-me se eu queria ver um truque – continua Aubrey. – E apresentou-o de uma forma mesmo interessante, sabes?

Maya sabia.

– Disse-me que era um truque muito antigo e que muito poucas pessoas alguma vez o veriam. Bom, claro que eu quis vê-lo. Concordei e ele tirou uma *chave* do bolso e pousou-a em cima da mesa.

– A chave era estranha? Tipo... parecia afiada?

– Ele mostrou-te o truque?

Maya fez que não com a cabeça.

– O que é que ele fez com a chave?

– Disse que ia fazê-la levitar. Pediu-me para concentrar toda a minha atenção nela e que assim veria a chave erguer-se da mesa.

– E viste?

– Não chegou a essa parte. Primeiro, contou-me *tudo* sobre o truque: que nunca tinha sido escrito em lado nenhum, que os mágicos o passavam de boca em boca há gerações, *blá, blá, blá*. Eu sabia que nada daquilo era verdade. Os truques de magia começam geralmente com uma história qualquer. Mas a dele nunca mais acabava; ele falou, e falou, e falou... – Uma expressão estranha passa-lhe pelo rosto. – E eu ia ouvindo, à espera de que acontecesse alguma coisa. Mas não chegou a acontecer nada. A chave ficou onde estava e eu... só olhava para ela... e depois tu entraste.

Maya acaba de lavar os pratos e fecha a torneira.

– A seguir fui para casa – diz Aubrey – e, quando lá cheguei, apercebi-me de que tinha estado no Dunkin' Donuts mais de uma hora.

– Truz-truz – diz Frank à porta.

Elas viram-se, os olhos arregalados de medo.

Não fazem ideia de há quanto tempo ele ali está. Do que terá ouvido.

Maya pega instintivamente numa faca pousada ao lado do lava-louça.

– O que estás a fazer aqui?

Frank olha para a faca afiada. Maya não sabe dizer porque lhe pegou e parece-lhe uma reação excessiva, embora tente empunhá-la com confiança.

Ele ergue as mãos num gesto de rendição.

– Só quero falar.

– Já te disse que não te quero ver mais.

– Quero só esclarecer as coisas em relação à outra noite.

Aubrey, que está mais perto da porta, olha para Frank através da portada de rede. É alguns centímetros mais alta do que ele e, ao contrário de Maya, não parece assustada.

– Tens de sair daqui, Frank. Já.

– Isto não tem nada a ver contigo, Aubrey. Não te metas.

– Ou então o quê? – Aubrey não afasta o olhar. – Eu *sei* – diz.

Uma expressão de medo no rosto dele, rapidamente seguida de fúria. A sua voz permanece calma.

– Não sei do que é que estás a falar.

– Sei o que nos fizeste.

Maya não tem a certeza se é verdade ou se ela está a fazer *bluff*.

Frank avança sobre Aubrey e para a dois centímetros da cara dela.

– Tal como já disse, não sei do que é que estás a falar. – Há um tom de advertência por trás das palavras.

Campainhas de alarme soam no peito de Maya. Pergunta-se se Aubrey estará a dizer a verdade.

Seja como for, é evidente que Frank se sente ameaçado.

– Desaparece – diz Maya –, ou chamo a Polícia.

– Chama a Polícia – incita-a Aubrey.

Ninguém se mexe.

Os olhos de Maya viram-se para o telefone na parede da cozinha, mas alguém se esqueceu de voltar a colocar o auscultador sem fios na sua base. Olha para a sala, ainda com a faca na mão. Não vê o telefone, por isso corre

a buscar o telemóvel. Encontra-o no quarto, no bolso de trás das calças de ganga que levava ao concerto a noite passada. Abre-o e está prestes a marcar o número das emergências quando hesita e pergunta a si própria se é mesmo o que quer fazer.

O que tenciona dizer-lhes, exatamente? Qual é a sua emergência? Um homem que ela conhece está a falar com a sua amiga à porta da cozinha? Frank não está armado e não fez nada que as ameaçasse. Maya aproxima-se da janela com o telemóvel na mão e abre a cortina. Quando encosta a cara ao vidro e olha para baixo, consegue ver Frank a falar com Aubrey através da porta de rede. Não vê Aubrey, que está dentro da casa, mas parecem estar a conversar calmamente. Depois, ele tira uma coisa do bolso e levanta-a para lhe mostrar.

A chave.

Maya não tem qualquer motivo para achar que ele vai fazer mal a Aubrey, e, contudo, o seu corpo reage como se ele tivesse sacado de uma arma e estivesse a apontá-la à cabeça dela. Maya aperta mais a faca. Recua, afastando-se da janela. Tem de trazer Aubrey para junto de si. Embora ela pareça estar bem. Apesar de Maya não ter mais do que um mau pressentimento. Tem de tentar. Desce a correr, mas abrandando o passo ao entrar na cozinha.

Vê-os através da porta de rede, Aubrey e Frank. Parecem descontraídos, lado a lado, mas sem se tocarem. O céu está azul e os pássaros cantam. Maya tem as mãos caídas ao lado do corpo, a faca numa, o telemóvel na outra. Conforme se aproxima, ouve o murmúrio da voz dele. Não consegue distinguir as palavras, mas deteta um estranho ritmo musical. Está quase a chegar à porta quando Aubrey tomba para o lado. Não faz qualquer tentativa de amparar a queda. Bate com o ombro no cimento, depois com a cabeça.

Frank vira-se para ela com uma expressão chocada.

A porta de rede abre-se de rompante. Maya sai a correr.

– Mas que merda? – diz Frank. – O que é que lhe aconteceu?

Maya larga a faca e o telemóvel e cai de joelhos ao lado da amiga.

– Aubrey? Aubrey! Acorda!

– Ela sofre de alguma coisa?

Maya ignora-o.

Os olhos de Aubrey estão abertos quando Maya agarra nela pelos ombros e a sacode.

– Oh, meu Deus, meu Deus!

A cabeça de Aubrey tomba sobre o cimento, tão inerte como uma boneca de trapos.

Maya ergue os olhos para Frank.

– O que é que lhe fizeste?

Frank parece aturdido.

– O que queres dizer? Estávamos só a falar e ela... ela... – Gesticula na direção do corpo caído no degrau, dobrado pela cintura de forma pouco natural, os olhos verdes a recusarem o olhar de Maya apesar de estarem virados para ela.

»– Não podes pôr as culpas em mim – diz Frank, com o pânico a crescer-lhe na voz. – Não podes!

– *Aubrey! Acorda! Acorda!* – grita Maya, com o rosto molhado de lágrimas, enquanto Frank recua lentamente.

TRINTA E TRÊS

Mais do que não ver nem ouvir a palavra *hipnose* há anos, Maya também não pensara nela, nem no seu significado: induzir um estado altamente sugestionável, semelhante a um transe. Era como se o próprio conceito tivesse sido apagado da sua mente. Mas agora que ouvira a palavra, o resto acontece de imediato. E afinal parecia óbvio.

Frank hipnotizara-a, não apenas uma vez, mas repetidamente, e escondera essas memórias dentro da mente dela. Em retrospectiva, Maya sentia-se a andar à volta desta revelação há já muito tempo, mas era como se a própria ideia tivesse ficado distorcida, e agora, finalmente, decifrara-a. Ao ler sobre hipnotismo *online* tomou conhecimento de novas pesquisas na área da neurociência, novos desenvolvimentos no entendimento de como aquilo que acontece na mente pode ter efeitos reais sobre o corpo.

Quando encontrou um artigo sobre sugestão pós-hipnótica, sentiu-se tonta. Ajeitou melhor o edredão à volta dos ombros. Sentira calor, por isso despira-se, mas depois ficara com frio e enrolara-se em mantas. Tinha o cabelo comprido colado às costas húmidas de suor.

As sugestões feitas durante a hipnose, leu, podiam afetar o paciente na sua vida normal. O hipnotista podia dizer a uma pessoa que quisesse deixar de fumar, por exemplo, que o próximo cigarro lhe saberia tão mal como a pior coisa que já havia provado. Para algumas pessoas, isso resultava – uma sugestão feita sob hipnose, ao que parecia, tinha a capacidade de alterar a percepção do paciente no futuro.

Seria por isso que os olhos de Maya pareciam passar por cima da palavra *hipnose* e que os seus ouvidos não a conseguiam ouvir? Teria Frank implantado na sua mente uma sugestão pós-hipnótica com intenção de não a deixar perceber aquilo que fizera? Maya quase conseguia senti-la ali,

alienígena, invasiva. Uma semente que desabrochava e estendera as suas gavinhas pálidas pelo cérebro dela.

Maya deixou cair o telemóvel na mesa. Não suportava continuar a olhar para ele.

Queria poder esfregar o interior do crânio; quase conseguia sentir as palavras dele a rastejarem dentro de si. Agora tinha uma palavra para aquilo que Frank lhe fizera.

Mas poderia a hipnose matar pessoas? Seria possível? Apesar de todas as pesquisas recentes que encontrara *online*, a palavra continuava a fazê-la pensar em truques de palco, um homem de fato a pôr voluntários incautos a grasnar como patos. Lembrava-lhe os espetáculos de magia de que Aubrey tanto gostava e que Maya sempre achara pirosos. Mas esse não era claramente o tipo de hipnose que o pai de Frank praticava. Steven dissera que ele tinha dado aulas na Universidade de Williams e, se isso fosse verdade, tanto a universidade como ambos os jornais que tinham publicado a investigação dele haviam eliminado todos os sinais de qualquer ligação a Oren Bellamy.

E, no entanto – segundo o *website* do Horizontes Claros –, ele desenvolvera sozinho um «método terapêutico exclusivo» para tratar pacientes, método esse que se vangloriava de ter «uma taxa de sucesso de cem por cento». Frank dissera a Maya que o pai era brilhante mas perigoso, que magoara pessoas embora não fisicamente. Maya finalmente compreendia. Oren não precisava de tocar em ninguém para lhe fazer mal. Fazia-o com palavras, tal como o filho. Frank aprendera com o pai.

Maya tinha de contar a alguém. À mãe. A Dan. À Polícia. Acendeu a luz e voltou a vestir a camisola e as calças de fato de treino.

A mãe não acordou quando Maya enfiou a cabeça no quarto dela. Estava a dormir de barriga para cima, de boca aberta, com as mantas puxadas até aos ombros. O relógio indicava 09h17. Maya hesitou.

Afirmar que Frank a hipnotizara faria com que parecesse tão paranoica como sete anos antes. «É como se ele tivesse um poder qualquer.» Ninguém acreditara nela na altura e ninguém acreditaria nela agora, a menos que arranjasse provas.

Regressou ao quarto pé ante pé, com os pensamentos num turbilhão. Apagou as luzes, voltou a acendê-las. Baloçou-se para trás e para a frente na cama, com os braços apertados à volta do corpo. Não bastava argumentar que o pai de Frank fora especialista em hipnose. Tinha de provar que Frank também o era, e que o hipnotismo que eles praticavam era, de alguma forma, mortífero. Desatou a chorar. Era como se um animal enjaulado se tivesse libertado do seu peito. A verdade, que não a deixava dormir e se ocultara fora do seu alcance durante sete anos, saía finalmente para a luz do dia.

Ou então ela perdera de novo o juízo.

A única pessoa que sabia, com toda a certeza, era Frank.

Steven dissera-lhe que podia encontrá-lo no Whistling Pig na maioria das noites. O bar ficava a pouco mais de um quilómetro. Descarregou uma aplicação de gravação de voz para o telemóvel e testou-a, falando mais alto e mais baixo para o aparelho enfiado no cós das calças, tapado pela camisola, e depois ao seu lado, escondido dentro da mala. O som era melhor quando o tinha dentro da mala. Encontrou, enfiada na mochila, a camisola de caxemira creme que usara no jantar com os pais de Dan; sempre era melhor do que a camisola desbotada que tinha vestida. Aparentaria estar na cidade por acaso, diria que resolvera ir beber um copo. Fingir-se-ia contente por o rever. Como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça que Frank matara a melhor amiga, nem que fora ele que lhe ligara na outra noite, talvez receoso de que ela estivesse a começar a recordar-se.

Foi à casa de banho, com intenção de usar de novo a maquilhagem da mãe, mas o espelho disse-lhe que não havia muito que pudesse fazer. Tinha

os olhos afundados nas órbitas, os lábios exangues e gretados. Maya parecia doente, mas há anos que não se sentia tão forte. Tinha finalmente palavras para aquilo que lhe sucedera. Frank hipnotizara-a, plantara as suas sugestões e depois fizera-a esquecer, levando-a a pensar que perdera a consciência. Podia nunca vir a saber exatamente o que ele lhe dissera durante esse tempo, mas agora tinha a certeza de que a sua paixão quase instantânea por ele, a cegueira aos sinais de aviso tão evidentes para Aubrey, tudo isso fazia parte do plano dele. Cultivara nela a companheira perfeita para si próprio, alguém com quem viver na cabana que só existia na mente dele.

Ou, pelo menos, tentara. No entanto, parecia ter sido bem-sucedido com Cristina, que, afinal de contas, nunca o deixaria, nunca o magoaria, nunca o deixaria ficar mal. Maya molhou o rosto com água fria e cerrou os dentes para os impedir de baterem. Aparentava estar destruída e fraca, ainda mais vulnerável do que devia parecer quando ele a seduzira na biblioteca.

Mas não estava.

Desta vez, a sua vulnerabilidade seria uma armadilha. Na altura, devia ter sido um alvo fácil para ele, uma jovem suspensa de todas as suas palavras. Mas já não era bem assim. Não se deixaria arrastar pelas histórias dele.

Escreveu um recado para a mãe nas costas de um envelope. *Mãe, se encontrares isto, significa que eu preciso de ajuda. Estou no Whistling Pig.* Colocou o bilhete em cima do despertador, no seu quarto, e programou-o para tocar à meia-noite.

Tirou uma faca do suporte na cozinha. Enrolou um pano na lâmina reluzente e enfiou-a na mala.

Fechou a porta muito silenciosamente ao sair.

O Whistling Pig ficava no piso térreo da antiga Companhia de Seguros de Vida de Berkshire, um edifício cinzento e imponente do século dezanove. O bar estava entre um restaurante e uma loja de fotocópias. Maya fora a pé, para que a mãe tivesse o carro consigo caso ela precisasse de ser salva. Fez uma pausa para recuperar o fôlego antes de abrir a pesada porta vermelha.

O bar era estreito e cheirava a cerveja. Nas colunas, ouvia-se uma música dos Weezer. Três homens ergueram os olhos da mesa quando Maya entrou. Os homens eram mais ou menos da idade dela, de aparência irlandesa, tipos com quem provavelmente andara na escola. O único outro cliente era um homem de cara vermelha, já com mais de quarenta anos, sentado sozinho ao balcão.

A ementa, escrita a giz num quadro negro, indicava cervejas e uísques artesanais.

– Olá – cumprimentou-a o empregado, mais um fã local do carrapito masculino.

– Uma *lager* – pediu ela. Era o artigo mais barato da ementa. Há mais de uma semana que Maya não punha os pés no trabalho, o dia de pagar a renda aproximava-se e não devia mesmo estar a gastar dinheiro naquela cerveja que nem tencionava beber, mas não queria dar ainda mais nas vistas do que já dava, sendo a única mulher presente no estabelecimento. Estendeu o cartão ao empregado.

O homem sentado ao balcão olhou para ela. Parecia embriagado, com um brilho desafiador nos olhos desfocados. Maya ignorou-o.

– Quer que deixe a conta em aberto?

– Não, obrigada.

Levou a cerveja para uma mesa ao fundo da sala e sentou-se virada para a frente, para conseguir ver qualquer pessoa que entrasse. Rasgou o guardanapo enrolado à cerveja em pedacinhos enquanto o homem bêbado

ao balcão continuava a fitá-la. Fingiu não reparar. Olhou para os nomes e frases que os clientes tinham escrito nas paredes, a giz, para o monte de jogos de tabuleiro disponíveis. Para a decoração aconchegante, estilo chique informal.

Baixou os olhos para as imagens coladas com verniz à mesa, entre os seus cotovelos, e viu que eram todas de mulheres seminuas. Recortes de revista de mulheres em *lingerie*, em biquíni; grandes planos de partes do corpo, alteradas, depiladas; rostos cobertos pelos corpos de outras mulheres. Maya olhou para a montagem durante um instante e depois ergueu os olhos e viu o homem sentado ao balcão a rir-se para ela.

Um sorriso passou pelos lábios do empregado.

Maya percebeu por que razão Frank gostava daquele bar. Devia sentir-se em casa.

Virou os olhos para a porta quando esta se abriu. Entrou um homem com um casaco escuro, de capuz, o rosto oculto nas sombras. Cumprimentou o empregado com um aceno e o empregado retribuiu e começou a tirar-lhe uma cerveja.

O homem com o capuz sentou-se ao balcão e trocou um aceno com o tipo que se rira dela. Era mais ou menos do tamanho de Frank, mas a sua postura não era a dele. Este homem estava curvado, com uma aparência cansada, mas endireitou-se um pouco assim que se viu com uma cerveja na mão. Baixou o capuz.

Era ele.

Frank parecia cansado. Mais magro. Velho. Mais velho do que era suposto – olhando para ele agora, pareceu óbvio a Maya que ele lhe mentira em relação à idade. Dissera-lhe que tinha vinte anos, mas as contas não batiam certo: este homem de olheiras e cabelo salpicado de fios grisalhos tinha seguramente pelo menos quarenta. Não admirava que nunca se tivesse mostrado interessado em conhecer a mãe dela.

Maya viera sem ter a certeza de que seria capaz de o enfrentar, com medo de perder a coragem quando ele realmente aparecesse, mas, ao vê-lo, uma vaga incandescente de raiva apoderou-se dela e pensou na faca que tinha na mala. Imaginou-se a cravá-la no pescoço dele. Aquele homenzinho patético dera cabo da vida dela.

Enfiou a mão na mala e carregou no botão de gravação no telemóvel, pousando depois a mala sobre a mesa.

Aproximou-se do balcão.

– Frank? És mesmo tu?

Ele arregalou os olhos quando se virou e a viu. Uma expressão de choque perpassou-lhe pelo rosto. Desta vez, não trazia uma história preparada.

– Uau! – Maya sorriu. – És *mesmo* tu!

– Maya! Que bom ver-te. O que fazes aqui?

– Vim passar o Natal a casa e apeteceu-me sair para beber um copo. Olha, porque não me fazes companhia?

Ele fitou-a.

– Estás sozinha?

Maya confirmou com um aceno e viu-o a analisá-la, reparar nos sete anos adicionados ao rosto dela, nos papos debaixo dos olhos, na palidez. Provavelmente tinha tão mau ar como ele.

– Pode ser – aceitou, por fim.

Seguiu-a até à mesa.

Sentaram-se frente a frente.

– À nossa! – disse ela.

– Há quanto tempo...

Brindaram e ficaram uns instantes em silêncio, como que numa atitude de respeito. A última vez em que tinham estado juntos fora no dia da morte de Aubrey. De certa forma, Maya nunca deixara esse dia para trás, atolada

no seu medo denso e brumoso; porém, ao ver agora Frank compreendia que, por outro lado, se tornara uma pessoa diferente. Era uma adulta, capaz de perceber que aquele homem defronte de si não passava de um fracassado, desesperado por amor, convencido de que podia enganar as pessoas para o obter.

– Costumas vir aqui muitas vezes? – perguntou Maya.

– De vez em quando. – Ele encolheu os ombros. – Onde é que estás a viver agora?

– Em Boston. Fiquei por lá depois da universidade.

– Que bom para ti.

– Boston não é tão fantástica como dizem – respondeu ela. – Na verdade... – Arvorou uma expressão sofrida. – A verdade é que já não vivo lá. Separei-me recentemente do meu noivo. Vivíamos juntos e ele ficou com o apartamento, por isso... enfim. Foi por isso que voltei, para ser franca. Estou a viver com a minha mãe. – Sorriu tristemente.

O tom de voz de Frank suavizou-se.

– Lamento muito. Porque é que o deixaste?

– É uma longa história... Mas fala-me sobre ti. Como tens estado?

Frank bebeu um gole de cerveja.

– Por incrível que pareça, estou no mesmo barco que tu. Acabo de sair de uma relação séria.

– Oh, não me digas. Lamento muito. – Sentiu-o a estudá-la, mas manteve o rosto impassível. – O que é que aconteceu?

– É uma longa história – respondeu ele, com a sombra de um sorriso a elevar-lhe os cantos da boca.

– Deve andar por aí algum vírus – brincou ela.

Frank riu-se, como alguém cuja namorada não acabara de morrer, e, por um momento, fez lembrar a Maya o Frank que ela conhecera. Magnético, divertido. Percorreu-a com os olhos.

– Custa a crer que passaram sete anos.

– Eu sei. – Ela inclinou a cabeça. – Pensei tantas vezes naquele dia...

– Também eu.

– A sério?

– Claro que sim – respondeu ele. – Vi uma rapariga morrer à minha frente. Não a conhecia tão bem como tu, claro, mas mesmo assim... Fiquei sempre a pensar se poderia ter feito alguma coisa para a ajudar.

Os olhos de Maya brilharam de emoção quando se debruçou sobre a mesa. Já não era uma adolescente.

– Oh, Frank... Temia que te culpasses a ti próprio. Depois daquilo que eu disse...

– Perguntaste-me o que é que eu lhe tinha feito. – Parecia magoado, como se ele é que tivesse sido prejudicado. – Como se pensasses que eu...

– Estava enganada. Agora sei disso. – Tocou nos dedos dele, fechados sobre a cerveja. – Estava assustada, não estava a pensar como deve ser.

Ele aproximou a mão da dela.

– Há muito tempo que queria pedir-te desculpa – continuou Maya.

– Obrigado. É importante para mim ouvir isso.

Ela sorriu.

Frank recostou-se na cadeira e Maya fez o mesmo. Ele parecia ter acreditado nela e estar relaxado. Maya tentou relaxar também, mas a adrenalina corria-lhe nas veias e o seu coração batia como um tambor de guerra. Outra canção dos Weezer começou a tocar.

– O que é que fazes agora? – perguntou ela.

Ele bebeu um longo trago da cerveja.

– O que é que faço?

– Sim, em que é que estás a trabalhar?

– Ajudo pessoas.

– Quem me dera poder dizer o mesmo – lamentou-se ela –, mas trabalho num centro de jardinagem. Apoio aos clientes.

– Ainda escreves?

Ela fez que não com a cabeça.

– Porque não?

– Sei lá. Preguiça, se calhar.

– Devias voltar a tentar. Aposto que és boa.

Ela sorriu.

– Como é que sabes?

– Tens uma grande imaginação. – Pegou no copo. Bebeu. Estava quase vazio.

Maya deu um pequeno gole da sua cerveja. Tinha de manter o controlo, mas parecia suspeito se não bebesse pelo menos um pouco.

– Por falar em ajudar pessoas – disse, em tom deliberadamente afetuoso –, o teu pai... Lembro-me de que estavas a tomar conta dele. Ele está?...

– Morreu.

– Oh, Frank, lamento muito ouvir isso...

Ele não parecia demasiado desgostoso.

– Tinha chegado a hora dele.

– Só o vi daquela vez – continuou Maya –, na noite em que te fui visitar à cabana, mas recordo-me de ter pensado que ele parecia boa pessoa.

Um esgar disfarçado de sorriso curvou os lábios de Frank.

Maya insistiu.

– O que é que ele fazia, mesmo?

Ele fitou-a com uma expressão dura como aço.

– O que é que ele *fazia*?

– Sim, o trabalho dele. Não mencionaste que era professor?

Frank contraiu os maxilares.

– Queres saber coisas sobre o meu pai.

– Sim, quer dizer... É mera curiosidade. – Uma gota de suor deslizou-lhe sobre as costelas. Apercebeu-se de movimento, pelo canto do olho, mas continuou concentrada no rosto de Frank.

– Bom, já que estás mesmo interessada – respondeu ele –, o meu pai era professor de Psicologia e investigador. Um homem brilhante. Ensinou-me tudo o que sei.

– Uau... isso é maravilhoso.

Os olhos dele chisparam.

– De maravilhoso não tem nada. – Falou calmamente, mas a raiva fervilhava por detrás das palavras. – A intenção do meu pai nunca foi ensinar-me o que quer que seja.

Maya inclinou a cabeça. Olhou pelo canto do olho para a origem do movimento na orla da sua visão e viu que era a mão de Frank em cima da mesa, pousada sobre a colagem de corpos femininos. Segurava algo pequeno, que virava e revirava na palma direita, como um mágico prestes a fazer um truque com uma moeda.

A chave – só podia ser. Maya não olhou, propositadamente. A chave da cabana de Frank era uma incógnita – ela ainda não sabia que papel tinha no método dele, se é que havia alguma ligação.

– Então, como é que aprendeste? – perguntou.

– Da maneira mais difícil. De dentro para fora.

As palavras confundiram-na; a mão dele continuava em movimento no limiar da sua visão, mas Maya não se deixou distrair.

– Como assim, de dentro para fora?

– Eu era a cobaia dele.

Maya engoliu em seco. Todos os seus instintos lhe diziam para fugir.

– Ele desenvolveu um método – continuou Frank –, um sistema de sugestões, na sua maioria subperceptuais.

Maya reconheceu o sorriso dele, o mesmo que a conquistara aos dezassete anos de idade. Havia perigo logo abaixo da superfície.

– Essas sugestões – explicou ele – induziam uma espécie de transe em certos indivíduos mais vulneráveis. O tipo de personalidade que se perde num livro, ou num programa de televisão... O tipo de pessoa que precisa de saber como é que uma história acaba. Que consegue bloquear tudo o resto até obter a resposta. – O seu sorriso tornou-se triste. – Pessoas como eu.

Maya estava arrepiada.

– O meu pai nunca me dizia o que ia fazer – continuou ele –, mas eu percebi sozinho. Tinha dez anos quando começou. Ele punha-se a falar comigo e de repente, quando dava por mim, tinham passado horas e eu estava a ver televisão ou a jantar. E via acontecer o mesmo com a minha mãe. Ela sempre fora tão inteligente, tão alegre, mas por volta dessa mesma altura começou a andar confusa e a ficar estranhamente passiva. Deixou de sair de casa, não fazia mais nada senão o que o meu pai lhe dizia. Depois, um dia, reparei que ele lhe estava a sussurrar qualquer coisa ao ouvido. A falar sem parar, enquanto ela olhava para a parede...

A mão de Frank em cima da mesa começou a mover-se mais depressa, como se ele estivesse a ficar agitado.

– Comecei a entrar no escritório dele às escondidas, durante a noite – disse ele. – Procurava os apontamentos dele, lia tudo. Comecei a compreender o que o meu pai estava a fazer-me. O seu método. Com o tempo, aprendi a fazer o mesmo. Era a única maneira que tinha de me defender.

Não podia ser bom sinal que Frank lhe estivesse a contar isto, pensou Maya. Mas não o interrompeu.

– Eu era melhor do que ele – afirmou Frank, com um sorriso a insinuar-se-lhe na voz. – Mais intuitivo, muito mais subtil... Quando o usava nele, o meu pai era completamente impotente contra o seu próprio método.

De súbito, a mão dele imobilizou-se. Abriu os dedos pálidos e Maya soube o que veria quando olhasse para baixo. Sabia, mas chegara longe de mais para virar costas, e ela também era o tipo de pessoa que queria saber como acabava a história.

Todos os seus nervos estavam tensos como uma corda de piano desde que entrara no bar – e mesmo antes disso. Desde que ficara sem comprimidos. Porém, ao ver a chave de Frank, todo o seu corpo relaxou e um calor delicioso espalhou-se através dela, uma sensação de certa forma semelhante a uma dose elevada de clonazepam. O conforto. Os membros pesados. A sensação de que ia ficar tudo bem, independentemente das evidências que tinha perante si.

– Ganhei – disse ele.

Ela quase riu. Quase chorou. Mas faltava-lhe a convicção para fazer uma coisa ou outra. Olhou para a chave, para os seus dentes afiados, e soube que corria perigo, mas não conseguia importar-se com isso. O bar silenciara-se e a mesa por baixo da mão de Frank mudara. Em vez de corpos de mulheres, Maya viu pinho.

As únicas partes de si própria que conseguia mover eram os olhos. Levantou-os.

Estava na cabana. Ali estava a lareira de pedra alta. O teto de catedral. As paredes rústicas de madeira. Em vez do cheiro a cerveja, cheirou-lhe a lenha, e em vez dos Weezer, ouviu o som do riacho.

Frank estava sentado à sua frente, a porta atrás dele.

– Fala agora, se quiseres – disse.

Uma voz dentro dela gritou, mas a sua boca obedeceu a Frank.

– Tu... – Até a língua lhe parecia pesada. Até os pensamentos. – Hipnotizaste-me.

Ele parecia quase orgulhoso dela.

Maya pensou na faca que tinha na mala. Mas a sua mala já não estava em cima da mesa. Teria sido ele que a tirara? (Ou tê-la-ia tirado a *ela* do bar? E, nesse caso, para onde a levaria?) A voz dentro de si gritou, mas a sua boca encheu-se de saliva quando sentiu o aroma do que Frank estava a cozinhar no fogão. Cheiro a alho. Ervas frescas. Carne.

– Muito bem, percebeste tudo – disse ele. – Tal como eu acabei por perceber.

– Tu... mataste-os.

Ele ergueu uma sobrancelha ao escutar o plural.

– Era ele ou eu.

Maya percebeu que ele se referia ao pai. Frank também o matara. Ela tinha a boca aberta, o maxilar solto. E sabia-lhe bem; era como soltar a respiração contida, como o alívio pelo qual ansiava desde que fora forçada a parar de tomar o clonazepam – ou melhor, desde que o começara a tomar. Esta expiração tentadora, este afrouxamento celestial, era tudo aquilo que desejava desde que vira Frank matar a sua melhor amiga. No entanto, lutou contra a sensação com todas as suas forças.

– Aubrey – conseguiu enunciar.

O sorriso dele desvaneceu-se.

– Achas que a queria matar? Não queria. Mas ela descobriu tudo. Imagina! Cometi o erro de lhe recomendar um livro sobre um mesmerista famoso, e ela fez a ligação à hipnose. Encaixou as peças todas no último minuto. A Aubrey era esperta, tenho de admitir. Fiz apenas aquilo porque fui obrigado.

– E a Ruby?

Frank olhou para ela como se Maya o tivesse esbofeteado.

– Não fales nela. Não sabes nada sobre a Ruby.

Maya esperava que o seu telefone, onde quer que estivesse, continuasse a gravar.

– A Cristina – disse.

– Então sempre viste o vídeo. – Os seus lábios contorceram-se num esgar maldoso.

– Falei com o Steven.

– Estúpido de merda. Ele não a conhecia tão bem como eu.

– Ela escreveu-lhe uma carta antes de morrer.

O esgar desvaneceu-se quando uma expressão preocupada lhe invadiu o rosto.

– Uma carta?

– Ela... contou-lhe tudo.

Frank parecia agora inseguro.

– O que é que isso significa?

Maya tentou pôr-se em pé, mas parecia que as suas pernas eram feitas de cimento. Não conseguiria sair dali; o controlo de Frank sobre ela era absoluto.

Ele inclinou-se mais para a frente.

– Diz-me o que dizia a carta.

Maya queria responder com evasivas, arrastar a situação. Mantê-lo na dúvida.

Em vez disso, para seu horror, a verdade marchou-lhe obedientemente dos lábios. Era uma observadora no seu próprio corpo.

– A Cristina pediu desculpa ao Steven por ter sido uma má amiga. Disse-lhe que ia viver contigo, na tua cabana. Ele diz que lhe pareceu uma despedida.

Frank relaxou. Recostou-se e Maya fez o mesmo. Tinham estado o tempo todo sentados na mesma posição, mas só nesse momento ela deu por isso.

– Isso deve dizer-te tudo o que precisas de saber – disse ele.

– Ela... – No estado mental em que se encontrava, a resposta surgiu-lhe facilmente. – Ela sabia que ia morrer.

– Era o que a Cristina queria. Eu trouxe-a muitas vezes à minha cabana e, tal como tu, ela acabou por perceber. Sabia exatamente o que era este lugar.

A voz dele era rouca, repleta de amor, embora não fosse claro se era amor por Cristina ou pela cabana. Ou por si mesmo.

– Apenas lhe dei aquilo que ela queria – concluiu.

Maya sentiu que se afundava, que os seus ossos derretiam sobre a cadeira, que a cadeira derretia sobre a terra.

– Ela não queria voltar ao mundo real. Passara a vida inteira a tentar fugir de lá. Primeiro, através da pintura... aprendeu a pintar sozinha, quando era criança. Dizia que, quando pintava, a tela se transformava num alçapão de fuga. Agora que penso nisso – disse Frank, como se só nesse momento lhe tivesse ocorrido –, ela fazia-me lembrar de ti, nesse aspeto. A maneira como tu desaparecias no livro do teu pai.

– Não o metas nisto.

Frank continuou como se ela não tivesse falado, o que levou Maya a questionar se realmente proferira as palavras em voz alta ou se apenas as pensara.

– Depois, a Cristina descobriu as drogas – disse ele. – E drogar-se era um escape mais fácil. Mais divertido. Ou pelo menos, é o que dizem...

Lá estava aquele sorriso de novo, o tal que a fazia sentir-se como se os dois partilhassem uma piada muito engraçada, mas sabia agora que tal nunca fora verdade. Ela é que fora sempre o alvo dessa piada. Ter-se-ia rido, se não estivesse a esforçar-se tanto por manter a cabeça levantada.

– O problema – continuou ele – é que o efeito das drogas não dura para sempre. E essa era a parte com que a Cristina não conseguia lidar. O seu coração. A sua cabeça. Sentia tudo com demasiada intensidade... era isso

que aquele imbecil do Steven não compreendia. A Cristina ia andar *sempre* à procura de um escape, até encontrar a fuga derradeira. Nunca se sentiu em casa no mundo. De todas as vezes em que aqui esteve, implorava-me que não a forçasse a regressar à realidade, por isso pedi-lhe que me provasse. Que me mostrasse que queria cá ficar para sempre. – Inclinou-se sobre a mesa. – E foi o que ela fez. – Passou o dedo pelo interior do pulso de Maya. – Tatuou a chave deste lugar... aqui... mesmo. Fê-lo ela própria, à minha frente.

– Não acredito – disse Maya. Mas parte dela acreditava.

– Foi ela que teve a ideia de morrer no restaurante, em frente da câmara – explicou ele –, para que o mundo inteiro soubesse que eu nunca lhe tocara com um dedo. Porque ela sabia como é importante o meu trabalho, o quanto os meus pacientes precisam de mim. Eu guio-os de regresso aos seus lares, que guardam dentro de si. Ajudo-os a construir esse espaço das fundações ao telhado.

Maya reconheceu as palavras do *website* do Horizontes Claros e compreendeu que o doutor Hart era, na verdade, Frank. Pensou nos testemunhos do *site* e sentiu uma centelha de esperança – muitas pessoas tinham sobrevivido ao «tratamento» dele. Diziam mesmo que ele as ajudara.

– A Cristina sabia-o – continuou. – Não queria que eu tivesse problemas. Ouve, não tenho de te dizer isto, e muito menos devo qualquer explicação ao Steven. Mas quero que saibas que aquilo que aconteceu no restaurante foi o último desejo dela. Dei-lhe apenas aquilo que ela queria.

A cabeça de Maya tombou para a frente e não lhe restava energia para a voltar a erguer.

– Por favor – murmurou. A sua voz parecia muito distante. – Eu não conto nada a ninguém, prometo.

– É tarde de mais. Nunca devias ter aqui vindo esta noite.

– Não podes fazer-me esquecer?

– Uma parte de ti lembrar-se-ia sempre – disse ele, em tom pesaroso. – Eu sei disso melhor do que ninguém.

Maya afundou-se mais. Frank tinha razão: ele ganhara. Mas estava enganado se pensava que ela era igual a Cristina. Maya podia partilhar a afinidade de Cristina por mundos imaginários e, sim, pelo consumo de substâncias psicotrópicas, e talvez fosse verdade que ambas andavam à procura de uma forma de escapar. Mas se havia uma coisa que Maya sabia – ainda que só o tivesse compreendido nesse preciso momento –, era que o seu lugar era junto de Dan e da mãe e de todas as pessoas que amara e que alguma vez amaria. O seu lugar nunca seria noutro mundo, o seu lar nunca seria uma cabana perfeita nas nuvens; e Maya só esperava recordar-se disso para sempre, se conseguisse voltar ao lugar aonde pertencia.

– Tens estado em sofrimento – disse ele. – Sabes que é verdade, eu consigo vê-lo. Estás cansada de lutar.

Ela estava cansada de lutar. Sentiu o corpo começar a abrandar.

– Fecha os olhos.

As suas pálpebras baixaram com um estremecimento.

– Ouve – disse ele.

E ela ouviu. O crepitar da lareira. O gorgolejar do riacho. O som da água a correr sobre as pedras. E por trás desses sons ouviu outra coisa, um som no qual nunca reparara antes. Quase como um pica-pau a bicar um tronco de árvore, mas mais rápido, e havia algo de estranho na sua cadência. No seu estado mental normal, Maya teria reconhecido de imediato o som, embora com a sua idade só o tivesse ouvido em filmes. Naquele momento, contudo, deixou-a perplexa e distraiu-a da voz que gritava dentro de si. Abafou-a.

– Olha – disse Frank.

A palavra era uma ordem. Ela abriu os olhos. Levantou o queixo. Ele sorria-lhe e era como se os últimos sete anos não tivessem acontecido. Frank parecia de novo atraente e cheio de vida, banhado naquela luz maravilhosa que ela vira apenas na cabana dele e no último quadro de Cristina.

A porta por trás dele encontrava-se agora aberta e o luar entrava pela fresta. O som vinha do exterior. Algo a atraiu para lá, um anseio que não conseguia explicar nem satisfazer no estado atual.

– Podes ir – indicou ele, com ternura.

O peso sobre ela dissipou-se e Maya levantou-se da cadeira. Sentia-se a flutuar enquanto se dirigia para a porta, passando por Frank, que continuou sentado à mesa. Deixou-o para trás. O luar chamava-a, prismático, vivo. Não sentiu medo quando alcançou a entrada da cabana. O som tornou-se mais próximo.

O alpendre de madeira rangeu sob os seus pés quando saiu para o luar. A neve desaparecera, a floresta em torno dela estava verdejante. Uma brisa estival agitou as folhas. Viu duas cadeiras de baloiço feitas do mesmo pinho nodoso que o resto da cabana. Um homem estava sentado numa delas, com uma máquina de escrever equilibrada sobre os joelhos.

A pressionar as teclas com os dedos.

Maya não sabia que era possível ter saudades de alguém que não conhecera, mas nesse momento sentiu em pleno o peso da falta que o pai lhe fizera ao longo de toda a vida. E foi como se esse peso lhe fosse retirado de cima. Caminhou lentamente para ele. Reconheceu-lhe o rosto, das poucas fotografias que tinha e porque era parecido com o dela. As maçãs do rosto altas e os olhos escuros e amendoados. As rugas aos cantos dos olhos e os cabelos grisalhos faziam com que ele parecesse ter a idade que teria se fosse vivo.

Estendeu a mão, meio à espera de o atravessar, mas não foi o que aconteceu. O ombro era sólido. O pai ergueu os olhos para ela e franziu a testa, como se tentasse identificá-la.

Depois, o seu rosto inundou-se de assombro, felicidade e pesar.

Com as mãos a tremer, pousou a máquina de escrever no chão e levantou-se para a abraçar.

As pernas de Maya ameaçaram ceder, mas os braços do pai estavam ali para a amparar. Era poucos centímetros mais alto do que ela. Maya apoiou a cabeça cansada no seu ombro e chorou, com o rosto escondido na manga dele. A pele do pai cheirava a sabão e tinta.

– *Mija* – disse ele.

– Pai...

– *Bienvenida a casa.*

Um soluço escapou-lhe dos lábios. Perguntou-se se estaria morta.

– Senta-te – disse ele, apontando para uma das cadeiras de baloiço.

Apenas uma palavra.

Senta-te.

Uma simples ordem, mas atingiu-a como um tijolo. O seu verdadeiro pai teria sotaque. Não diria *senta-te* daquela maneira. Era apenas uma palavra, uma falha na ilusão, mas foi quanto bastou para ela perceber que era com *Frank* que estava a falar. Era Frank que se dirigia a ela na voz do pai. Frank a manipulá-la, uma vez mais. E isso enfureceu-a de tal forma que conseguiu rejeitar a voz dele, aquelas palavras que lhe colocavam imagens na cabeça, palavras que a haviam rodeado, que se tinham introduzido nela. Rastejado através do seu ser. Virou-se e desceu do alpendre, cambaleante. Fugiu da cabana. Fugiu dele.

Correu na direção da floresta escura, mas as suas pernas moviam-se como se caminhasse dentro de água e as árvores pareciam cada vez mais distantes – *Maya* – a cada passo que dava, por isso agachou-se – *Maya!* –

como um animal e continuou de gatas – *Maya?! –*, como só fizera até então nos seus sonhos.

O que é que se passa com ela?

A voz abriu caminho à força através das trevas.

Não, acalme-se você, repeliu a voz. Que diabo se passa aqui? Era-lhe familiar. Maya, anda lá. Vamos embora.

A mãe!

A mãe estava no bar.

Maya susteve a respiração com uma exclamação abafada. Piscou os olhos algumas vezes e depois olhou para cima e viu a mãe de pé ao lado da mesa, com as mãos nas ancas. Toda a gente no bar – o empregado, o bêbado, os três homens sentados ao pé da porta – estava de olhos postos nelas. O cheiro a cerveja azeda encheu-lhe o nariz. Nas colunas, tocava uma banda de *jam*.

A mãe parecia zangada e assustada.

– Estás a ouvir-me?

Maya soltou um suspiro trémulo.

Frank, do outro lado da mesa, fulminou-a com o olhar, furioso.

– Olá? – chamou a mãe.

– Sim, mãe. Estou a ouvir.

– Levanta-te. Vamos embora.

Maya tocou no rosto. Estava seco e, no entanto, sentia-se como se tivesse estado a chorar. Uma esponja espremida. Muito mais leve, subitamente. Mais leve, apesar de saber que devia sentir medo. Frank voltara a fazê-lo. Sabia-o, embora não se conseguisse lembrar.

Levantou-se rapidamente, pôs a mala ao ombro e lançou um olhar cortante e, ao mesmo tempo, curioso a Frank enquanto saía do bar atrás da mãe.

TRINTA E QUATRO

– Se há alguma coisa que ainda não me contaste, esta é a altura de o fazeres – pede o detetive Donnelly. Está sentado em frente de Maya e da mãe numa salinha branca na esquadra.

Brenda lança um olhar penetrante à filha.

Maya abana a cabeça. Explicou-se o melhor que pôde, mas parece que não foi suficiente. Disse-lhes tudo o que podia sobre Frank.

O detetive Donnelly parece ter vinte e tal anos, com bigode e braços musculados. Está sentado, de costas muito direitas, e inclina-se para a frente quando fala.

– Tem alguma substância controlada em casa, senhora Edwards? Comprimidos sujeitos a receita médica? Medicamentos para dormir?

– Nada mais forte do que ibuprofeno. – Brenda tem a voz embargada. Chegou da sua corrida há duas horas, pouco depois de Frank ter arrancado, e encontrou Maya agarrada ao corpo de Aubrey no degrau da sua casa. Brenda tentou ressuscitá-la até a ambulância chegar com dois dos seus colegas. Mas não conseguiu fazer com que o coração de Aubrey voltasse a bater.

– A minha parceira está com o Frank na sala ao lado – diz Donnelly. Frank foi chamado depois de Maya ter dito à Polícia que ele fugira do local. – Disseste-nos que ele fez qualquer coisa à Aubrey, que é possível que a tenha matado... – olha para o bloco de notas para citar as palavras dela – ... só por falar com ela.

Maya engole em seco. Acena afirmativamente.

– É uma acusação muito grave que estás a fazer. A culpar um homem de homicídio. Sabes que podes ter problemas por mentir em relação a uma coisa dessas.

– A minha filha não mente – intervém Brenda com firmeza.

– A minha parceira está a interrogá-lo – continua Donnelly, ignorando-a –, mas se não sabes dizer-nos o que ele fez, teremos de o deixar ir em liberdade.

Os olhos de Maya ardem de frustração.

– Vou falar com a detetive Hunt – diz Donnelly. – Aguardem aqui, por favor.

Maya vira-se para a mãe.

– Acreditas em mim, não acreditas?

– Estou a tentar, bolachinha, mas tens de me contar o que aconteceu. Se há alguma coisa que estás a esconder, que tens medo de dizer ao detetive, podes dizer-me a mim.

– Estou a tentar! – Maya limpa os olhos com as costas da mão. – É como se... como se ele nos tivesse lançado um feitiço.

A mãe fita-a, incrédula.

Maya vê o detetive Donnelly a falar com a parceira através do vidro da porta. A detetive Hunt, uma mulher na casa dos quarenta, parece cética. Abana a cabeça.

– Eu sei o que isto parece – diz Maya. – Não consigo explicar como ele o fez, mas acho que sei *porquê*. O Frank apanhou-nos a falar dele. Apareceu precisamente quando a Aubrey estava a contar-me uma coisa que aconteceu no Dunkin’ Donuts. Ele tinha-lhe dito que lhe ia mostrar um truque de magia... – Maya lembra-se da expressão no rosto de Aubrey enquanto lhe contava, como se tivesse percebido de repente alguma coisa. Mas o quê? A chave não levitara, mas acontecera *alguma coisa*, não acontecera? Outro truque qualquer?

– Um truque de magia? – repetiu a mãe. Tem lágrimas nos olhos, mas a sua voz é forte. – Ouve, se o Frank te fez alguma coisa... a ti ou a ela... tens de me contar. Mas aquilo que estás a dizer, Maya, não faz sentido.

O detetive Donnelly volta. Senta-se em frente delas.

– A minha parceira diz que a versão do Frank está confirmada, e que bate certo, mais ou menos, com o que tu me contaste.

Mais ou menos? Maya sente um aperto no estômago. O tom de voz do detetive faz com que ela sinta que fez algo errado.

– Vocês os dois tiveram um desentendimento anteontem – diz Donnelly.
– O Frank foi a tua casa para esclarecerem as coisas. Tu não quiseste falar com ele, mas não houve nenhuma discussão... ambos dizem o mesmo. Ninguém levantou a voz. Depois tu saíste da cozinha... dizes que foste ligar para a Polícia, mas o Frank diz que não sabia que era essa a tua intenção.

– Está a mentir... eu disse-lhe que ia chamar a Polícia. Ambos me ouviram. – No entanto, assim que o profere, Maya lembra-se de que ninguém saberá alguma vez o que Aubrey ouviu ou não, ou o que pensou, ou se tinha realmente percebido o que Frank andava a fazer-lhes.

– Certo – diz Donnelly. – É aqui que os vossos relatos começam a divergir. Tu afirmas que foste chamar a Polícia porque estavas com medo de que o Frank te fizesse mal. Mas não consegues explicar *como* pensaste que ele ia fazer isso. E não chegaste a ligar para a Polícia. Está a escapar-me alguma coisa?

De ombros abatidos, Maya abana a cabeça.

– O Frank e a Aubrey continuaram a falar através da rede da porta – continua Donnelly –, e a dada altura ela decidiu sair e juntar-se a ele. Sentaram-se nos degraus, conversaram e, uma vez mais, ninguém gritou, não houve qualquer contacto físico, que tu tenhas visto.

Maya confirma com um aceno.

– Eles os dois tinham estado a tomar café juntos pouco tempo antes – disse Donnelly –, e foi isso que causou a discussão entre ti e o Frank.

– Não! Quer dizer... sim, mais ou menos... mas não teve nada a ver com o que aconteceu.

– Não o apanhaste com a Aubrey no Dunkin' Donuts?

– Sim, mas...

– E não ficaste aborrecida com isso?

– Na altura, sim, mas depois passou-me.

O detetive Donnelly consulta as suas notas para se certificar de que não se engana na parte seguinte; depois, fita Maya diretamente nos olhos.

– Porque é que não me falaste da faca?

A faca. Esquecera-se.

– Isso não teve nada a ver com nada.

Uma sombra passa pelo rosto da mãe dela.

– Então porque é que a tinhas? – pergunta o detetive.

– Eu só... peguei-lhe porque estava assustada... *sabia* que ele ia fazer-lhe mal. Queria proteger-nos às duas de...

– De quê?

– Peço desculpa – interrompe Brenda –, mas acho que a minha filha está em estado de choque. Precisamos de algum tempo, por favor.

– Compreendo, minha senhora... tenho apenas mais algumas perguntas...

– Chega de perguntas – interrompe a mãe. – Só na presença de um advogado. A minha filha, ela... é evidente que ela não está bem.

TRINTA E CINCO

A detetive Diaz era diferente do detetive Donnelly.

Era mais velha e não falava muito e, embora Maya nunca a tenha visto sorrir, o seu rosto era mais amável do que o de Donnelly. Tinha o cabelo grisalho preso numa trança comprida. Escutara tudo o que Maya tinha para dizer sem dar quaisquer indicações do que pensava, se acreditava nela ou não. Mas anotara tudo, incluindo a data e a hora dos telefonemas efetuados para o telefone fixo de casa de Brenda. Estava sentada em frente de Maya e da mãe numa pequena sala branca muito parecida com aquela em que se tinham sentado com o detetive Donnelly, sete anos antes.

Ouviram a gravação. O som captado pelo telefone de Maya não era tão bom como ela esperava – Frank falara em voz baixa e a maior parte das suas palavras não se percebia, graças ao barulho da música do bar –, mas parte da conversa era audível.

Depois da parte que Maya recordava, ouviu-se a si própria a silenciar-se na gravação. Frank assumiu o controlo. A voz dele começou a mudar. Ficou cada vez mais baixa, como se alguém estivesse a baixar-lhe o volume.

Começou a falar naquela cadência que ela recordava do dia em que Aubrey morrera. O ritmo de cantigas de embalar. De encantamentos. Mesmo agora, sabendo o que sabia, a voz dele enfeitiçava. Ouviu *braços e pernas e cabeça*. Entre duas canções, ouviram-no dizer que os membros dela eram demasiado pesados para Maya os conseguir mover. Depois ele lançou-se numa descrição vívida do local que considerava o seu lar – *mesa, lareira, sótão* – e Maya compreendeu que, embora nunca tivesse estado na cabana de Frank, parte dela estivera lá.

A detetive Diaz tirou apontamentos enquanto ouvia, anotando as estranhas palavras que enchiam o ar. O seu rosto calmo não revelou nada.

Frank continuou durante alguns minutos, depois calou-se e ouviu-se apenas a música. Um homem riu à distância. Alguém pousou um copo. Por fim, Maya recomeçou a falar na gravação, mas a sua voz era quase irreconhecível. As suas palavras escorriam do telefone como xarope, lentas e arrastadas. Ininteligíveis. Parecia que estava a babar-se.

A mãe abriu a boca.

– É a sua voz, Maya? – perguntou a detetive Diaz.

– Deve ser, mas não me lembro disto.

Continuaram a ouvir enquanto ela e Frank trocavam algumas palavras – e Maya julgou ouvir-se a dizer *Cristina*. Inclinou-se para a frente, na esperança de apanhar a resposta dele, mas a música abafou-a.

– Deve ser possível limpar a gravação, recuperar parte do áudio – disse Diaz.

Frank ainda estava a falar quando a canção terminou, e ouviram *relaxa e devagar e respira* numa voz ainda mais melodiosa. Maya tremeu de medo. Brenda e Diaz olhavam para o telefone, concentradas na gravação – e, de súbito, Maya teve a certeza de que as palavras de Frank as tinham apanhado a todas na sua magia. Passou-lhe pela mente o rosto inexpressivo de Aubrey, depois o de Cristina. Ele colocara-as a todas em transe.

– *Deixa-te ir* – ouve-se na gravação. – *Relaxa o coração*.

Maya olhou para a mãe. Para a detetive. Os rostos delas pareciam vazios.

Esticou bruscamente a mão por cima da mesa e interrompeu a gravação.

– Mãe – chamou, em pânico, aterrorizada com a possibilidade de a voz de Frank fazer parar o coração da mãe, tal como fizera com o de Aubrey, o de Ruby, o de Cristina... tal como quase havia feito parar o dela.

Brenda olhou para ela.

– Estás bem? – perguntou Maya.

A mãe piscou os olhos.

– Eu é que estou preocupada contigo. Está tudo bem?

Maya soltou a respiração.

– Quer fazer uma pausa? – perguntou Diaz.

– Não – respondeu Maya. – Estou bem. – Voltou a ligar a gravação e pouco depois ouviram a chegada da mãe dela.

– *O que é que se passa com ela?* – A voz de Brenda ouvia-se nitidamente, bem alto. – *Não, acalme-se você...*

– *Sim, mãe. Estou a ouvir.* – Maya parecia novamente normal. A gravação terminou segundos depois.

Diaz olhou para os seus apontamentos. Nos cantos dos olhos castanhos surgiram-lhe rugas pensativas, embora fosse impossível perceber o que ela estava a pensar.

– Bebeu uma cerveja no bar, certo? – perguntou a detetive. – E bebeu mais alguma coisa?

Maya sentiu o coração afundar-se. *Aqui vamos nós outra vez.*

– Bebi *gin*. Uns dois *shots*, mas isso foi antes. Não estava embriagada.

– E toma alguma medicação?

Cada vez mais desanimada, Maya sabia o que a situação parecia. A paranoia era um dos sintomas da abstinência de benzodiazepinas. Não conseguiu olhar para nenhuma das duas mulheres mais velhas.

– Tomava clonazepam, mas parei.

– Há quanto tempo? – indagou Diaz.

– A semana passada.

A detetive apontou a informação. Depois recostou-se, a tamborilar com a caneta no bloco distraidamente.

Maya não ficou magoada nem zangada por perceber que Diaz podia não acreditar nela. Estava demasiado exausta para isso. Desta vez, não tencionava discutir. Se ninguém acreditasse nela, tomaria alegremente todos os comprimidos que o doutor Barry lhe receitasse – quantos mais, melhor.

Enquanto Diaz tamborilava com a caneta, Maya imaginou como seria passar o resto da vida escondida de Frank. Mudar de nome. Mudar-se para outro estado. Imaginou-se a dizer a Dan por que razão já não era seguro continuar a viver com ela. Imaginou a dor que sentiria, mas pelo menos estaria medicada. Teria de estar.

– Gostaria de ficar com uma cópia dessa gravação – disse a detetive, por fim.

Maya levantou a cabeça. Engoliu as lágrimas.

– Claro.

– Há vinte anos que faço este trabalho. Nunca ouvi nada assim. – Abanou a cabeça. – Não sei bem o que pensar, por enquanto. Mas vou tentar limpar o som, ver que mais se consegue ouvir. E vou investigar esse centro que mencionou, o Horizontes Claros. Gostaria também que a Maya falasse com alguém, um psicólogo, sobre o medicamento que estava a tomar. Para fazer uma avaliação.

– Não há problema – disse Maya, começando a sentir-se mais esperançada. Diaz parecia estar a levá-la a sério. A detetive fez mais algumas perguntas e depois acompanhou Maya e a mãe até ao átrio vazio da esquadra. Eram quase duas da manhã e estava tudo sossegado. Em cima do balcão, havia um tabuleiro com bolachas em forma de árvore de Natal.

– Avise-me imediatamente se ele tentar entrar em contacto consigo – pediu Diaz.

– Assim farei – prometeu Maya. – Obrigada.

Um raio de sol cortou através da neutralidade de Diaz.

– Lamento muito aquilo por que passou – disse ela.

Brenda pôs o carro a trabalhar, ligou o aquecimento no máximo e soprou nos dedos para os aquecer, enquanto esperava que o vidro desembaciasse. Ainda estava em pijama, pois saía de casa a correr mal vira o bilhete de Maya. Sempre fizera os possíveis para proteger a filha; Maya sabia-o. Brenda tinha simplesmente medo das coisas erradas. Julgara estar a ajudar quando encontrara o doutor Barry e marcara a primeira consulta para Maya, e depois quando trouxera para casa os remédios que ele receitara.

Esta noite, porém, salvara a vida da filha. Mesmo que não o soubesse – mesmo que julgasse apenas ter interrompido uma conversa –, Maya sabia-o, e estava-lhe grata. E viva.

– Amanhã fico em casa – disse a mãe. – Não devias ficar sozinha.

– Eu estou bem.

Estava a ser mais ou menos sincera. Talvez fosse o alívio, ou o facto de estar acordada há muito tempo, ou o ar quente que saía dos respiradouros do *tablier*, que a fazia sentir-se como se conseguisse finalmente afundar-se naquele tipo de sono que lhe fugia desde que deixara de tomar o clonazepam. O sono de um bebé na sua cadeirinha no carro. Piscou os olhos e quando deu por isso estavam em casa.

Só ao entrar é que Maya reparou que a mãe estava a chorar, com as lágrimas a pingarem-lhe do queixo para as botas quando se ajoelhou para as descalçar. Maya raramente a vira chorar e ficou alarmada.

– O que é? – perguntou.

– Eu devia ter acreditado em ti.

Maya sentou-se no sofá. Não chorara na esquadra, mas chorou agora. Abraçaram-se num pranto, rindo de si próprias. A mãe pôs-lhe uma manta pelos ombros e fitou-a com tanto amor e pesar que Maya quase teve vontade de a consolar. Porque a mãe também fora uma vítima de Frank. Nada a feria mais do que ver a filha em sofrimento.

– Não te culpo – garantiu Maya. – As coisas que eu disse não faziam sentido... – Ela falara em truques de magia. Em feitiços.

– Podia ter-me esforçado mais por compreender. E mesmo que não compreendesse... podia ter aceitado que ele... – Uma vaga de raiva ameaçou explodir-lhe da boca. – Ele *magoou-te*. E eu não aguentava pensar que alguém te magoara. Pensar que eu... – Nunca parecera tão arrasada. – Não consegui proteger-te.

– Salvaste-me a vida, mãe.

Uma sombra passou pelos olhos de Brenda enquanto apreendia tudo o que acontecera. Acreditar na filha significava admitir que Frank matara Aubrey e que quase matara Maya. Significava acreditar que ele ainda podia fazê-lo.

TRINTA E SEIS

– Não lhe vou passar uma receita de clonazepam – disse o médico no serviço de urgência.

– Nem eu lhe estou a pedir que o faça – retorquiu Maya. Acabara de explicar por que motivo se encontrava ali e o médico tinha os braços cruzados sobre o peito. Fitou-a com severidade, como se a tivesse apanhado a roubar-lhe a carteira. Ela queria afiançar-lhe que não voltaria ao clonazepam nem que ele lhe pagasse. Porém, como não tinha médico de família, nem seguro de saúde, conteve a indignação. Precisava dos cuidados dele. – Estava a pensar que talvez pudéssemos experimentar outra coisa qualquer? Algo que me ajudasse a dormir?

O médico passou-lhe uma receita de mirtazapina, um antidepressivo que, segundo ele, devia deixá-la sonolenta.

Dan ficou aliviado ao saber que ela fora ao médico e Maya sentiu o mesmo ao ouvir que ele sentia falta dela.

– Não parece um lar sem ti – disse-lhe Dan ao telefone. Fizeram planos para ele a ir buscar no dia a seguir ao Natal.

Maya regressava ao trabalho no dia 27 e estava quase desejosa disso, ansiosa por voltar à normalidade, às plantas, até mesmo aos clientes, alguns dos quais se tinham tornado quase amigos ao longo dos anos. O patrão fora compreensivo em relação aos dias em que ela faltara, e o peso que Maya perdera daria credibilidade à sua história de ter estado doente.

Dormiu doze horas seguidas nessa noite, na cama nova no seu velho quarto. O médico estava certo quanto à mirtazapina. Deitara-a abaixo como uma pancada na cabeça. Os seus sonhos foram vívidos, mas, como habitualmente, não se lembrava deles ao acordar, restando-lhe apenas a memória do medo no corpo. O maxilar contraído. Pernas doridas, como se

tivesse corrido. Era meio-dia quando acordou, a babar-se na almofada. Arrastou-se para fora da cama.

Ao descer, reparou pela primeira vez como estava bonito o pequeno pinheiro de Natal ao canto da sala. Maya reconheceu todos os enfeites brilhantes e os ornamentos feitos por ela. O anjo de plástico. Um pequeno boneco de neve que ela fizera aos oito anos. Enquanto crescia, ela e a mãe costumavam enfeitar a árvore juntas, mas desde que Maya saíra de casa, essa tradição perdera-se. Disse a si própria que não era demasiado tarde para recomeçar.

O seu apetite despertou com um rugido mal sentiu o cheiro a *bacon*. Além de a deixar ensonada, a mirtazapina deixava-a esfomeada. Era véspera de Natal e cobriram as panquecas de banana com xarope de ácer. O sol do outro lado da janela estava quente. Depois do pequeno-almoço, Maya atirou-se para o sofá e começou a querer adormecer outra vez.

– Vamos dar um passeio – sugeriu a mãe. – Está um dia tão bonito.

O ar fresco dissipou algum do nevoeiro na cabeça de Maya. Cristais de gelo cintilavam na neve. Passaram pelas casas dos vizinhos, acenando a Joe Delaney, que limpava a neve cá fora, e a Angela Russo, de quem Maya fora em tempos *baby-sitter*, e que andava a correr com o cão. Passaram pela oficina do mecânico, com os carros velhos no parque de estacionamento, e por alguns edifícios industriais antigos, e por fim por baixo da ponte ferroviária, até ao bairro onde os avós de Maya ainda viviam.

Chegaram ao lago Silver e começaram a caminhar ao longo da margem norte, pelo trilho construído depois de Maya se ter mudado. O lago fora alvo de uma operação de limpeza imensa em 2013 e, embora ainda não fosse seguro tomar banho nele nem comer os peixes que lá viviam, as pessoas já podiam andar de barco, ou caminhar à beira de água naquele trilho pavimentado. Tinham plantado árvores novas e flores silvestres.

Maya perguntou a si própria o que teria a tia Lisa achado de ver o famoso lago regressar aos poucos ao seu estado natural.

Ainda assim, era estranho caminhar tão perto da água, ver os velhos sinais de aviso substituídos por bancos de jardim e não ter de sustentar a respiração ao passar. Cada passo, tanto no lago como na cidade, era como um ato de fé.

– Li aquele hino esta manhã – disse a mãe. – O «Hino da Pérola».

– O que achaste?

A mãe ficou algum tempo em silêncio. A sua respiração formava nuvens brancas no ar.

– Francamente? Gostava mais da história quando não sabia em que se baseava.

– Porquê?

– Suponho que prefiro histórias que não me querem ensinar nada.

Maya não pensara muito sobre o contexto religioso do hino, mas compreendia que a mãe, que resistira a tentar converter fosse quem fosse durante a sua viagem de missionária, o visse dessa forma.

– O que achas que está a tentar ensinar-te? – perguntou.

A mãe parecia pensativa. Depois sorriu.

– O que é que *tu* achas?

Maya lutou através do torpor da mirtazapina para se lembrar do que lera *online*, que o hino fora adotado por várias religiões.

– Dizem que é sobre a alma – começou. – Que a alma nasce num outro lugar... onde estávamos antes de nascer, suponho. Mas depois nascemos e esquecemo-nos do lar e dos nossos pais originais. – Enquanto articulava os seus pensamentos, tanto para a mãe como para si própria, a reação de Maya foi oposta à de Brenda. Conhecer o significado do hino fazia com que o apreciasse ainda mais. Compreendia por que razão perdurara tanto tempo.

– Exato – concordou a mãe. Todavia, disse-o como se fosse uma coisa má. Contornaram uma curva do lago. – E eu não concordo com isso. Não acredito que o meu verdadeiro lar seja noutro lugar qualquer. Acho que é aqui.

As palavras tocaram Maya de uma forma que não conseguiria explicar, como se ela própria as tivesse dito ou pensado em tempos.

– Olha! – exclamou a mãe.

Maya virou-se e viu que uma dúzia de gansos pousara no lago. As aves deslizaram silenciosamente sobre a água num V gracioso.

– Uau – exclamou. Nunca vira gansos, nem qualquer tipo de vida selvagem, no lago Silver. – Achas mesmo que é seguro para eles?

– Acho – retorquiu a mãe. – Acho que até nós poderemos nadar aqui, um dia.

TRINTA E SETE

Dan abraçou Maya com tanta força que a levantou do chão da sala de estar na casa da mãe. Ela enfiou o nariz no pescoço dele. Sentira falta do cheiro almiscarado da sua pele, misturado com o aroma de cedro e pinho do desodorizante natural que usava.

– Lamento muito – murmurou Dan contra o cabelo dela.

Maya contara-lhe tudo por telefone e enviara-lhe a gravação do *pub*. Tal como todas as pessoas que a haviam ouvido, Dan achara profundamente sinistra a cadência estranhamente rítmica da voz de Frank.

– Eu também – respondeu ela. Por ter violado a confiança dele. Pelo que acontecera no jantar com os seus pais.

Ele pousou-a e olharam um para o outro. Maya tomara duche, lavara o cabelo e vestira a camisola amarela que os avós lhe tinham oferecido na véspera, como presente de Natal. Dan parecia não ter dormido bem, e tinha uma expressão preocupada.

– Ele não tentou contactar-te, pois não?

– Não.

– Há notícias da detetive?

– Está a investigar o Centro de Bem-Estar Horizontes Claros e a tal terapia que o pai dele desenvolveu. – Era tão bom poder contar-lhe isso: que a detetive Diaz a levava a sério, e à sua teoria, e a ia mantendo a par da investigação.

A gravação do telefone fora limpa e analisada e, embora a maior parte das palavras de Frank continuasse a não se conseguir perceber por causa da música, a detetive ouvira o suficiente para ficar convencida de que ele tivera algo a ver com a morte de Cristina. *Foi ela que teve a ideia de morrer no restaurante, em frente da câmara*, dissera ele, uma das poucas frases

completas que a gravação apanhara. Não se tratava propriamente de uma confissão, mas era sem dúvida uma afirmação suspeita.

Diaz identificara também a origem dos telefonemas noturnos para o número fixo da casa de Brenda. Tinham sido feitos da casa do pai de Frank, que agora lhe pertencia – e que era igualmente a localização do Centro de Bem-Estar Horizontes Claros. A detetive ajudara Maya a pedir uma proibição de contacto contra Frank.

Dan abanou a cabeça, estupefacto.

– Não acredito que te deixei enfrentar esse psicopata sozinha.

– Não sabias que ele era perigoso.

– Mas devia ter percebido. – Parecia furioso consigo próprio. – Tu tentaste explicar-me.

Maya afastou o olhar.

Compreendia que fora complicado. Dan teria mentido se lhe dissesse que acreditara nela. A acusação de homicídio parecera-lhe caída do céu, e a única evidência que ela apresentara fora o vídeo do restaurante – que parecera, quando muito, prova de que Frank *não* matara Cristina. De que ele fora um mero espectador. Já para não mencionar que Maya andava a comportar-se de forma estranha muito antes disso.

Racionalmente, fazia sentido que Dan tivesse duvidado dela.

Mas alguma vez faria sentido de outra forma? Da forma como ela se sentia? O silêncio solidificou-se no ar entre eles. A mãe de Maya estava a trabalhar. A casa arrefecera e Maya apagara as luzes todas porque ia sair. Dan pegou-lhe nas mãos e depositou-lhe um beijo leve nos dedos. E Maya recordou a si mesma as mentiras que lhe contara. As omissões. Na realidade, talvez nunca tivesse sido merecedora da confiança dele.

Olhou para os olhos azuis e ternos de Dan, tão repletos de preocupação e amor, e perguntou-se se a relação conseguiria sobreviver a todos os danos que lhe haviam causado.

Esperava que sim.

*

Brenda deixara uma fatia de tarte de noz-pecã da ceia de Natal para Dan, embrulhada em papel de alumínio, com um bilhete: *Boas Festas, Dan! Parabéns pelos exames! Espero ver-te em breve!* Assinara o seu nome e uma carinha sorridente.

Maya insistiu para que passassem pela casa dos pais dele no regresso a Boston. Quanto mais tempo decorresse sem esclarecer a situação, mais confrangedor seria quando os voltasse a ver. Sabia-o agora. Gostava demasiado de Dan para deixar que os pais dele pensassem que ela não tinha salvação.

O pai de Dan, ainda de férias, estava sentado à mesa da cozinha a ler o jornal quando eles entraram.

– Maya! – exclamou em tom caloroso, levantando-se para a cumprimentar. Parecia quase tão preocupado como o filho. – O Dan contou-nos por alto o que aconteceu. Lamento muito. Estás bem?

– Muito melhor – disse ela. – Obrigada.

Não sabia bem como Dan explicara a situação de Frank, mas sabia que ele não contara aos pais o verdadeiro motivo para ela ter ficado maldisposta durante o jantar. Eles ainda não sabiam porque é que ela fugira naquela manhã sem se despedir, e Maya temia que pensassem que fora por vergonha.

No entanto, se era isso que Carl pensava, não o demonstrou.

– Estamos de regresso a Boston e lembrámo-nos de passar por cá, já que fica em caminho – disse Dan.

Carl ofereceu-lhes café e *biscotti*, que Maya aceitou de boa vontade.

– É o Danny que estou a ouvir? – A mãe dele entrou na cozinha, vinda do seu escritório ao fundo do corredor, envolta numa *écharpe* turquesa. O deleite na sua voz deu lugar a um franzir de sobrolho fugaz e involuntário ao ver Maya, mas Greta recuperou rapidamente.

»– Que surpresa! – exclamou, lançando um olhar interrogativo ao filho. Depois virou-se para Maya, com os olhos esverdeados ampliados pelas lentes dos óculos de leitura. – Como estás?

– Muito melhor – respondeu Maya.

– Ainda bem – disse Greta. – Ainda bem. – Tanto a sua voz como a expressão do seu rosto eram tensas. Fez uma chávena de chá verde para si e juntou-se a eles à mesa. Quando Carl lhe ofereceu o prato de *biscotti*, recusou com um gesto.

Os quatro estavam sentados nas mesmas posições da semana anterior, com Greta de frente para Maya, e embora parecesse terem passado anos e não dias, e o facto de ter estado tão perto da morte colocasse realmente as coisas em perspetiva, ainda assim, Maya sentiu-se nervosa. Pegou no seu *biscotto*.

– Isto é mesmo bom – disse.

– Quem me dera poder ficar com os louvores – disse Carl –, mas comprei-os no Black Sheep.

– Estás com muito melhor aspeto – disse Greta, observando Maya por cima da beira da chávena, com todas as outras perguntas que era demasiado educada para fazer a escorrerem-lhe da voz. Tal como o marido, parecia preocupada, mas talvez menos com o bem-estar de Maya e mais com Maya de uma maneira geral. Com o facto de ela ter uma relação com o seu filho. Com a perspetiva de Dan se ver arrastado para as complicações da vida dela.

– Obrigada – agradeceu Maya. – Peço desculpa por ter saído tão à pressa da última vez.

– Não te preocupes com isso – disse Carl. – O importante é que estás melhor.

Maya sorriu, grata. Via em Carl o mesmo instinto do filho para apaziguar as coisas. Agora sabia a quem Dan o fora buscar.

Não saía à mãe, nesse aspeto.

– Conseguieste falar com um médico? – perguntou Greta.

– Sim – respondeu Maya. Viu Dan endireitar-se, preparado para encerrar o assunto se tivesse de o fazer.

– Então o que era? Se não te importas que pergunte...

Maya estava com esperança de que Greta não perguntasse. Queria apenas pedir desculpa, que não ficasse mau ambiente entre eles, mas claro que sabia que os pais dele podiam ter algumas questões. Especialmente a mãe. Maya olhou de relance para Dan, que a fitava de olhos muito abertos, com uma expressão que dizia: *Não és obrigada a fazer isto*.

– É o que acontece quando se para de tomar clonazepam – respondeu Maya.

– Clonazepam? – Greta não sabia o que era.

– Um medicamento ansiolítico. Eu tomava-o há alguns anos e depois... tive de parar. E foi bastante difícil. Tive insónias, ansiedade, esse tipo de coisas. Era por isso que não estava a sentir-me bem nessa noite.

– Ah – disse Greta. – Tive receio de que tivesse sido por causa dos daiquiris.

– Mãe... – interveio Dan.

– O que foi? O teu pai faz uns daiquiris muito fortes.

– É verdade – disse Maya, com o rosto a arder. – Provavelmente também não devia ter bebido tanto.

Dan saltou em sua defesa.

– A Maya tem passado por muito, ultimamente.

Carl bebeu um gole de café. Molhou o *biscotto*.

– Claro – disse Greta. – Imagino... O que é que o teu ex-namorado fez, exatamente?

– Vá lá, querida – interrompeu Carl. – Talvez ela não queira falar sobre o assunto.

– Não faz mal – disse Maya. E era verdade. Compreendia por que razão Greta ficara alarmada e, embora as perguntas fossem desconfortáveis, não eram nada em comparação com o sofrimento esmagador de tentar guardar tudo só para si. De fingir que estava tudo bem.

– Quando eu tinha dezassete anos – começou, de olhos postos nos de Greta –, namorei durante pouco tempo com um homem mais velho chamado Frank, e ele... – Quase lhe faltou a voz. – Ele assassinou a minha melhor amiga. – Era difícil de proferir aquela frase, mas, depois de o ter feito, Maya sentiu-se mais leve. Havia algo de libertador em fazer aquela declaração sem rodeios.

A expressão de Greta suavizou-se.

– Lamento muito que isso te tenha acontecido, Maya. A sério.

Dan esticou o braço e pegou na mão de Maya. Era um momento tenso, mas, ainda assim, estava a correr melhor do que o jantar de aniversário de Greta.

– Só espero – continuou Greta – que o meu filho...

– Muito bem – interrompeu Dan. – Já chega.

– Só quero que ele esteja em segurança.

Dan e o pai suspiraram ambos ao mesmo tempo, como se Greta tivesse ido longe de mais.

– A minha mãe diz o mesmo em relação a mim – respondeu Maya.

Greta fez um ligeiro aceno com a cabeça e os seus olhos duros suavizaram-se um pouco, até se parecerem com os do filho.

– Eu sei – disse. A sua voz encheu-se de ternura. – Eu sei.

TRINTA E OITO

Maya queria saber mais sobre o estudo de investigação que o pai de Frank conduzira nos anos oitenta, aquele que lhe causara tantos problemas. E agora tinha Dan do seu lado. Ele pediu um favor a um amigo que estava a trabalhar no ministério público, e uma semana depois entregou a Maya um relatório policial datado de 1984. Oren não chegara a ser detido, mas fora interrogado devido a algo que acontecera durante a sua investigação – o motivo pelo qual o estudo fora cancelado e a sua carreira arruinada.

O objetivo do estudo – segundo o resumo do agente Finley, que redigira o relatório – era testar um método experimental de hipnoterapia proposto pelo doutor Bellamy. O método baseava-se na investigação já existente sobre hipnose clínica para gestão da dor, mas desenvolvia-a, tendo potencial para ser muito mais eficaz. O doutor Bellamy afirmava que teria sido um progresso extraordinário para a ciência médica.

Funcionava através da utilização de uma série de sugestões subperceptuais, tanto verbais como não-verbais, com o objetivo de ir além da percepção consciente do paciente, alcançando a parte do sistema nervoso que regula os processos que, normalmente, não são controlados pela pessoa. A parte que pega na informação apreendida pelos sentidos – uma mão queimada, por exemplo –, decide o que fazer com essa informação e envia uma mensagem para a mão – *Não toques mais no fogão* –, sem que seja necessário pensar nisso conscientemente.

O método do doutor Bellamy, tanto quanto o agente Finley compreendia, assumia o controlo de todo esse sistema. Deixava a mente e o corpo do paciente – especificamente, o sistema nervoso involuntário – abertos à manipulação, de formas que a hipnose tradicional não conseguia. Era, segundo o doutor Bellamy, um estado semelhante ao do transe, «com um potencial extraordinário para tratar maleitas tanto da mente como do

corpo». Provavelmente, ele julgara estar a ajudar o filho quando o sujeitara a esse método, mas estava também a apurar as suas técnicas, colocando Frank em transe de que ele não estava consciente, e implantando sugestões com o objetivo de controlar o comportamento dele.

Tal como a hipnose tradicional, não funcionava com toda a gente. A percentagem de pessoas que são altamente suscetíveis à hipnose é baixa – apenas um dos participantes no estudo conduzido por Oren se qualificara como tal. Russell DeLuca, de quarenta e dois anos de idade, tivera a classificação mais elevada naquilo a que se chamava a Escala de Avaliação de Suscetibilidade Hipnótica de Stanford. DeLuca era altamente suscetível à hipnose.

Maya teve uma mau pressentimento quando leu aquilo. Procurou no Google «Escala de Avaliação de Suscetibilidade Hipnótica de Stanford», e ficou a saber que as pessoas altamente hipnotizáveis têm tendência a partilhar também outros atributos. Costumam ser pessoas imaginativas. Capazes de se perder em filmes e livros. De sonhar acordadas.

Russell DeLuca morreu durante uma sessão de hipnose com o doutor Bellamy. Foi posteriormente determinado que a causa da morte fora um AVC. Uma vez que era impossível provar que o AVC resultara diretamente do transe hipnótico em que ele se encontrava na altura, o doutor Bellamy não fora acusado da morte, mas perdera o emprego e a licença de psicólogo.

Dan concordou com Maya: esta podia vir a revelar-se a prova mais forte contra Frank. Em 1984, não fora possível provar que o método do doutor Bellamy causara a morte de DeLuca – mas a pesquisa na área da hipnose avançara muito desde então. Estudos imagiológicos podiam agora confirmar que a hipnose causa alterações em certas partes do cérebro que, por sua vez, podem influenciar funções corporais, como a tensão arterial e a respiração. Agora que médicos em grandes hospitais recorriam à hipnose para tratar problemas gastrointestinais, a ideia de algo tão eficaz poder ser

usado para fazer mal, até mesmo para matar, parecia muito menos rebuscada.

O que era preciso, na opinião de Maya e Dan, era mostrar que Frank tinha experiência na aplicação do método do pai, e que o usara sobre ela.

Era aqui que entrava em cena o Centro de Bem-Estar Horizontes Claros. Tal como Maya suspeitara, o «centro» era na realidade composto por um único funcionário, o doutor David Hart. Era esta a razão pela qual Maya nunca conseguira encontrar nada sobre Frank ao longo dos últimos anos. Ele assumira outro nome e fazia-se passar por médico.

O único nome e rosto que apareciam no *website* do centro pertenciam ao doutor Oren Bellamy. O centro era o único local onde o seu «método terapêutico exclusivo» era praticado. A página dos testemunhos, todos os clientes satisfeitos, demonstravam a competência de Frank na aplicação da «técnica» do pai.

Frank eliminara entretanto o *site*, mas Maya tinha capturas de ecrã de todas as páginas e enviara-as para a detetive Diaz.

Assim, esperou.

*

A detetive não demorou muito tempo a encontrar a mãe de Frank.

Maya tentara procurá-la no passado, sem sucesso, e percebia agora porquê: Sharon Bellamy mudara de nome, não apenas uma, mas quatro vezes desde que se divorciara de Oren e levava o filho consigo para Hood River. Sharon – que era atualmente conhecida como Dana Wilson – parecia continuar escondida. Ao longo dos últimos vinte anos mudara-se muitas vezes, estivera institucionalizada e fora-lhe diagnosticada esquizofrenia paranoica.

Maya, porém, duvidava que a mãe de Frank fosse paranoica. E compreendia por que razão a ex-Sharon Bellamy se recusara a prestar declarações à detetive Diaz. Esperava que, com o tempo, Dana Wilson conseguisse falar abertamente sobre os maus tratos que quase certamente sofrera às mãos do ex-marido, mas não podia censurá-la se não o fizesse. Sabia como era ser considerada louca por todos.

*

A nova cadelinha chamava-se *Toto*, porque se parecia com o *terrier* de Dorothy, mas a sua *Toto* era menos aventureira do que o seu homónimo de *O Feiticeiro de Oz*. Esta *Toto* tremia de medo com barulhos altos. Os seus pequenos ossos chocalhavam com tal intensidade, da primeira vez que Maya lhe pegou, que julgou que ela estava a ter algum ataque, mas depois, quando encostou a cadelinha de meia-idade ao peito, *Toto* acalmara-se.

«Ela gosta de si», dissera a funcionária do canil.

– Não! – exclamou Maya agora, enquanto *Toto* ladrava e arreganhava os dentes à correspondência que o carteiro enfiara na ranhura e caíra para o chão, atrás da porta. Era sábado à tarde, três semanas depois de Maya ter regressado ao trabalho. Ela e Dan tinham estado a ler no sofá, com as pernas juntas no meio, debaixo de uma manta azul macia que ela comprara há pouco tempo.

Toto começou a tremer.

Maya pegou-lhe e levou-a para o sofá de veludo verde que era como um paraíso num dia de inverno ocioso. Pôs a correspondência em cima da mesinha e acariciou o corpo trémulo da cadela, murmurando-lhe que estava tudo bem.

Toto estava com eles há cerca de uma semana e era já evidente que Maya tinha mais jeito para a acalmar do que Dan. A brincar, ele dizia que

Maya era a humana de terapia da cadela. Esticou agora a mão e fez-lhe uma festa atrás das orelhas. *Toto* bufou.

Maya reparou num envelope grande castanho entre as circulares publicitárias e os catálogos de decoração em cima da mesa. Pegou-lhe, abriu-o e retirou uma publicação académica de aspeto antigo.

Neuropsychologia Experimental, Volume 17, outubro de 1983. O seu corpo ficou tenso. Quase se esquecera de que encomendara a publicação *online*. A capa era laranja-escuro, com letras brancas ao estilo de outra era. No interior, a meio da lista de contribuidores, encontrou o pai de Frank. Pousou a revista na mesinha para que ela e Dan conseguissem lê-la ao mesmo tempo. *Toto* aninhou-se ao lado dela. O apartamento estava silencioso; os únicos sons eram o ruído habitual da rua, o zumbido do frigorífico e, após alguns momentos, *Toto* a ressonar.

Oren publicara o artigo um ano antes do estudo de investigação que acabara com a morte de Russell DeLuca. Não estava relacionado com o estudo, mas era também sobre hipnose. Falava daquilo que denominara como a «Indução de Bellamy», uma forma de induzir um transe hipnótico em sujeitos que nunca tinham sido hipnotizados. Era mais rápido, afirmava Oren, do que a popular Indução de Elman, que muitos hipnotistas utilizavam pela sua capacidade de induzir um estado de transe em menos de quatro minutos.

A Indução de Bellamy tinha por base o condicionamento clássico. Tal como Pavlov treinara cães a associar comida com o som de uma campainha, Oren propunha que um sujeito, depois de induzido o transe, podia ser treinado para associar esse estado de consciência a um objeto.

Qualquer objeto. Uma moeda. Um relógio. Um lápis.

Maya acenou com a cabeça.

– Uma chave – disse.

Toto agitou-se no sono.

Assim que o objeto e o transe estivessem associados na mente do paciente, a visão do objeto induziria o transe. Era praticamente instantâneo. O doutor Bellamy ressaltava a importância de selecionar um objeto suficientemente comum para que não se tornasse uma distração e, ao mesmo tempo, distinto a nível visual o bastante para não se confundir com outros objetos do mesmo tipo.

Concluía sugerindo uma possível aplicação para o seu método. Podia ser utilizado, dizia ele, para exercer controlo sobre populações potencialmente voláteis, como prisioneiros ou pacientes psicóticos. Os sujeitos podiam ser contidos sem recurso à força. A Indução de Bellamy era apresentada como uma «teoria», mas Maya tinha a certeza de que era mais do que isso. Oren utilizara a indução no filho, tal como sujeitara Frank ao seu método hipnoterapêutico.

E, tal como com o método, Frank aprendera a indução. Aperfeiçoara-a até se tornar melhor do que o pai. Depois, combinara os dois processos naquilo que era, na prática, um poder enorme sobre qualquer pessoa que fosse possível hipnotizar.

Talvez Maya não estivesse tão longe da verdade quando chamara *magia* àquilo que ele lhes fizera. Frank agitara à frente dela uma chave esquisita e ela mergulhara num transe. E fizera-o não só a ela, mas também a Aubrey. E a Cristina. E ao próprio pai. Era como se Frank tivesse lançado um feitiço sobre todos eles.

*

Maya começou a partir os comprimidos de mirtazapina ao meio quando se aproximou do fim do frasco que lhe fora receitado; depois, partiu-os em quatro. Pouco a pouco, reaprendeu a adormecer naturalmente, embora ainda

faltasse algum tempo para que o seu cérebro estivesse completamente recuperado.

Frequentava reuniões dos Alcoólicos Anônimos há quase um mês e não sabia se eram as reuniões que estavam a ajudar, ou se era a mirtazapina, ou se, na realidade, não era alcoólica. Mas a verdade era que não bebia uma gota de álcool desde a noite em que enfrentara Frank no Whistling Pig, e a única altura em que sentia realmente falta da bebida, a única ocasião em que sentia que ia enlouquecer se não bebesse um *gin* tónico, era de madrugada, quando acordava de outro sonho que não recordava e não conseguia voltar a adormecer.

Quando isso acontecia, os seus pensamentos iam parar a Frank. Podia dizer a si própria que ele seria detido mais cedo ou mais tarde – Diaz praticamente dera-lhe essa certeza –, mas em manhãs como aquela, tão cedo que ainda era quase noite, Maya imaginava que outras sugestões pós-hipnóticas existiriam, adormecidas, na sua mente. Um ovo perverso à espera da deixa certa, da palavra ou imagem indicadas, para chocar e se apoderar da sua mente. Imaginava-se a entrar em transe no supermercado. A falar com um cliente no trabalho. A conduzir.

Ou então, uma tábua do soalho no corredor rangia e ela tinha a certeza de que era ele. Sempre fora imaginativa. Imaginava-o a entrar sorrateiramente por uma janela enquanto ela e Dan dormiam. Via-o parado ao lado da cama deles. Frank nem precisaria de lhes tocar; as suas palavras invadiriam o quarto como gás venenoso.

Em manhãs assim, Maya sabia que não valia a pena ficar na cama a matutar, por isso levantou-se e foi até à cozinha. Acendeu a luz. Fez um café e adicionou-lhe um pouco de leite. Era nessas alturas que ficava mais agradecida por ter *Toto*. Ouviu as unhas da cadela sobre o chão da cozinha.

Toto olhou para ela, de cabeça inclinada, como que a perguntar o que se passava.

Maya acariciou-lhe a cabeça macia.

– Chiu... – murmurou. – Não se passa nada.

Toto seguiu-a, colada aos seus calcanhares, quando ela entrou no quarto anteriormente ocupado pelo colega de Dan. O parapeito da janela estava coberto de vasos com plantas. Tinha um divã, para as visitas. A bicicleta de exercício a um canto.

A secretária de Maya estava junto da janela. Era a secretária em que escrevera as suas primeiras histórias, na escola. Tirara-a da cave da mãe e trouxera-a para ali, para o espaço que era agora o seu escritório.

Sentou-se na cadeira confortável, fofa e perto do chão, e *Toto* enroscou-se aos pés dela, aquecendo-os com o seu calor.

O manuscrito inacabado do pai estava a um canto da secretária, com o caderno sarapintado que continha a tradução que ela escrevera, à mão, quando tinha dezassete anos.

Por cima, um segundo caderno. Este tinha uma capa verde-escura. Cor de musgo, cor da selva. O novo caderno estava escrito na caligrafia irregular de Maya com, na sua maioria, nessa fase, apontamentos e ideias para cenas. Tinha as bases do enredo, mas estava a aprender que isso era apenas a estrutura. O esqueleto. O resto – os pormenores, a carne – teria de partir dela. Havia muita pesquisa para fazer. Queria ter tudo correto. Começara a poupar dinheiro para a viagem à Guatemala que planeava fazer na primavera. Ficaria em casa da tia Carolina. Maya ia escrever a história de Pixán até ele estar de regresso a casa. *Toto* ressonava aos seus pés quando ela abriu o caderno verde e começou a escrever onde o pai parara.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a Jenni Ferrari-Adler por me ter sugerido que transformasse a minha tese de mestrado num *thriller*. Sempre adorei ler livros de *suspense*, mas não estava certa de conseguir escrever um antes de ela me ter sugerido que tentasse. Obrigada a Maya Ziv pelo seu brilhantismo enquanto contadora de histórias e pela perspectiva profunda das personagens. Este livro cresceu tanto nas suas mãos. Obrigada a Lexy Cassola pelas excelentes observações, a Mary Beth Constant pela revisão mágica, e a Sarah Oberrender pela capa maravilhosa. Obrigada a Christine Ball, John Parsley, Emily Canders, Stephanie Cooper, Nicole Jarvis, Isabel DaSilva, Alice Dalrymple, e a todos na Dutton por terem ajudado a dar vida a este livro.

Obrigada a todos os que leram páginas dos primeiros rascunhos em oficinas de escrita na Universidade Estatal do Luisiana. Um obrigada especial a Danielle Lea Buchanan e a Hannah Reed por se terem juntado a mim num pacto de escrever quinhentas palavras por dia, e por me obrigarem a cumpri-lo. Obrigada aos meus professores e orientadores de tese, Jennifer Davis, Mari Kornhauser e Jim Wilcox, pela vossa orientação com aquele primeiro rascunho rudimentar.

Obrigada a Jim Krusoe pelo exemplo, pelos famosos parêntesis cirúrgicos em volta de frases desnecessárias e, acima de tudo, pela maravilhosa comunidade de escritores que fomentou na Universidade de Santa Monica. Obrigada a todos na 30B que ouviram e comentaram a minha escrita, e a Monona Wali, que me trouxe para o mundo de ensinar escritores adultos no Colégio Emérito da Universidade de Santa Monica.

Obrigada ao meu fabuloso grupo de escrita: Catie Disabato, Anna Dorn, Jon Doyle, Maggie Murray, Robin Tung e KK Wootton. Estou tão grata por todo o *feedback* e pela vossa amizade.

Obrigada à minha família. Do lado Reyes: *Gracias a mis abuelos, Hilda y Guillermo Reyes, por todo lo que han hecho para que sus hijos, nietos, y bisnietos puedan tener oportunidades como la que yo he tenido.* Para a minha tia Hilda Reyes, em cujo quarto de hóspedes passei muito tempo a rever este livro: obrigada por me fazer sentir sempre em casa. Obrigada aos meus tios. *Gracias a Ana María Ordóñez Aldana, Gabriela Villagrán Ordóñez, Juan Pablo Villagrán Ordóñez, Jose Alberto Villagrán Ordóñez, Blanca Rosa Aldana De Alvarez, Wilfredo Alvarez, Carlos Muñoz Ordóñez, y toda la familia por hacerme sentir como en casa en Guatemala.*

Obrigada ao meu pai, Paul Reyes, por partilhar comigo o seu amor por História, e por ser uma das melhores pessoas que conheço.

Do lado Carey, obrigada aos meus falecidos avós, Patricia e William Carey. Vários dos cenários em Pittsfield mencionados neste livro são locais que visitei com eles quando era pequena. Obrigada às minhas tias e tios por me incentivarem sempre, e à cidade de Pittsfield, onde vivi quando andava no quarto e no quinto anos.

Obrigada à minha mãe, Mary Carey, por falar comigo da sua cidade natal, por ler múltiplos rascunhos deste livro e por me ter ensinado, desde pequena, a dar valor à linguagem e à escrita. Obrigada a Brian Schultz por se ter juntado a nós em Pittsfield quando lá estive para a minha pesquisa, e por me conduzir a todo o lado.

Obrigada ao meu irmão, Nicolas Reyes, por discutir ideias comigo e por ser hilariante.

Obrigada, leitor, por ter lido este livro.

E obrigada, Adam D’Alba, por tudo. Não há lugar nenhum no mundo inteiro em que eu preferisse estar do que no sofá, contigo, a falar de

histórias.